

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

**A DIVULGAÇÃO:
(re)leituras do Paraná e periodismo social/feminino (1947-1965)**

ASSIS

2017

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

**A DIVULGAÇÃO:
(re)leituras do Paraná e periodismo social/feminino (1947-1965)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador(a): Tânia Regina de Luca

Bolsista: CAPES

ASSIS

2017

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

G633d Gomes, Gilvana de Fátima Figueiredo
 A Divulgação: (re)leituras do Paraná e periodismo social/feminino / Gilvana de
 Fátima Figueiredo Gomes. -- Assis (SP), 2017
 186 f. : il. ; 28 cm

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de
 Ciências e Letras de Assis, Programa de Pós-Graduação em História. Área de
 Conhecimento: História e Sociedade, 2017

 Orientadora: Tânia Regina de Luca
 Banca examinadora: Tânia Regina de Luca, Rosane Kaminski, Zélia Lopes da
 Silva

Bibliografia

 1. História. 2. Imprensa. 3. Imprensa feminina. 4. Paranismo. 5. Periodismo -
 Paraná. 6. Periodismo social - Paraná. 7. Periodismo feminino - Paraná. I. Título. II.
 Programa de Pós-Graduação em História.

CDD 981.62

GILVANA DE FÁTIMA FIGUEIREDO GOMES

A DIVULGAÇÃO (PARANAENSE): (re)leituras do Paraná e
periodismo social/feminino (1947-1965)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para a
obtenção do título de Mestrado Acadêmico em
HISTÓRIA (Área de Conhecimento: HISTÓRIA
E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 30/03/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Tânia Regina de Luca - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. Rosane Kaminski - UFPR/CURITIBA



Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva - UNESP/ASSIS

A Ester, Regina e Helena.

AGRADECIMENTOS

Nos agradecimentos de mestrado e doutorado, frequentemente, faz-se menção à ausência e solidão da pesquisa, sobretudo, no momento da escrita. No final desta primeira etapa, penso exatamente o contrário, afinal, foi o trabalho colaborativo que distinguiu esta fase de minha vida: dos apoios profissionais àqueles mais afetivos, todo o meu tempo de mestrado foi absolutamente coletivo e compartilhado. Gostaria, portanto, de agradecer àqueles que estiveram comigo.

Agradeço, notadamente, à professora Tânia Regina de Luca - cuja generosidade em acolher este trabalho foi proporcional à precisão e ao cuidado nas orientações. Agradeço por me ensinar que pesquisar e escrever história nada têm de espontâneo, pois se trata sempre de trabalho duro e consciencioso. Ao professor Milton Carlos Costa por me receber na Unesp/Assis, em um primeiro momento, e à professora Zélia Lopes da Silva pelas considerações na banca de qualificação.

À Isa Maria Carnascialli Velloso e Maria Amélia Jungiger. A primeira é herdeira dos arquivos aqui analisados e os cedeu para a pesquisa, garantindo que eu tivesse autonomia sobre o trabalho, cujos objetivos correspondem às demandas da pesquisa histórica e não aos anseios de uma filha. A segunda, uma mulher familiarizada com os arquivos históricos paranaenses que aceitou receber em sua casa uma desconhecida, compartilhando valiosas informações sobre o objeto de análise.

Aos professores/amigos da graduação em História na UNICENTRO: Maria Paula, Carmem, André Ulysses, Beatriz e Rosemeri. De início, interlocutores de pesquisa; com o passar dos anos, tornaram-se modelares e emprestaram perspectivas à análise que se segue.

À Grazi e Daiane, que iniciaram na pós-graduação em história quando eu era uma caloura e, por alguma razão, apesar de todos os percalços, foram inspiradoras. À Lahis, por aceitar dividir comigo um quarto, um trajeto, muitas conversas e o início dessa experiência. À Aline, uma raridade de pessoa - gentil e acolhedora – por ter me orientado em Assis nos primeiros meses.

Aos componentes desajustados da minha vida que, com certeza, estão mais cansados desta dissertação do que eu: Suelem, por ler meus textos em busca de palavras repetidas e por ter cuidado de Helena durante minhas viagens; Renilson, pelo companheirismo no início da vida acadêmica e por ter tido coragem antes de mim; Rodolfo, pela amizade mais honesta que

alguém pode ter e pelos melhores e menos seguidos conselhos; Marcelo, por dizer sim às experiências inesperadas e me incentivar à mudança.

Às minhas duas famílias: aos Gomes, Regina, Jeferson, Agnaldo e Joaquim, não há palavras para descrever nossa trajetória juntos, mas, por certo, tem sido infinitamente mais difícil sem vocês. Aos Teo: Nedi, Júlio, Pedro e Emeline, por me substituírem nas funções maternas quando o mestrado me distanciou e por estarem ao meu lado, incondicionalmente, há quase dez anos.

Às três pessoas mais presentes e importantes desta pesquisa: Gilvan, por compartilhar - além do nome - o interesse pela história, o gosto pelas coisas simples de sexta à noite e as tabelas - só nós sabemos o que essas páginas significam e logo será a sua vez; Victor, por me acompanhar da adolescência à vida adulta, errar e aprender no caminho, mas, principalmente, por não me deixar desistir e acreditar em mim mais do que eu mesma; Helena, que aprendeu a caminhar enquanto eu aprendia o que era História e, mesmo sem entender direito, foi a melhor parceira de pesquisa que alguém pode ter. Vocês três vão comigo, sempre.

À CAPES, pelo incentivo financeiro indispensável. Em tempos de crise, é preciso enfatizar que pesquisa em História no Brasil não se faz sem auxílio público.

“Tarefa difícil é escrever para o público, de maneira a satisfazer o gosto de uns e as exigências de outros.”

Arnauld Ferreira Velloso

(Diário pessoal, 01 de agosto de 1939).

GOMES, Gilvana de Fátima Figueiredo. 2017. **A Divulgação: (re)leituras do Paraná e periodismo social/feminino (1947-1965)**. f. 190. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RESUMO

A pesquisa teve como objeto de análise o percurso editorial da revista paranaense *A Divulgação*, que circulou entre 1947 e 1965, sob a batuta do militar e jornalista Arnould Ferreira Velloso. A investigação foi desenvolvida a partir da perspectiva da História da imprensa e procurou analisar as transformações pelas quais o periódico passou, relacionando-as à conjuntura da imprensa nacional, ao ambiente cultural paranaense e aos anseios daqueles que publicaram em suas páginas. Com base em uma minuciosa análise dos aspectos materiais, dos conteúdos e das principais colaborações mobilizadas pela revista tornou-se possível estabelecer três distintas fases editoriais para *A Divulgação*, que correspondiam ora às demandas do mercado dos impressos, ora aos interesses intelectuais regionais, ou ainda, às posições pessoais de seus dirigentes. As transformações no programa editorial d'*A Divulgação* permitiram avaliar outras temporalidades culturais do periodismo nacional, em meados do século XX.

Palavras-chave: História; Imprensa; Imprensa feminina; paranismo.

GOMES, Gilvana de Fátima Figueiredo. 2017. **A Divulgação: (re)leituras do Paraná e periodismo social/feminino (1947-1965)**. f. 190. Dissertation (au Maîtrise en histoire) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RÉSUMÉ

La recherche a eu le but d'analyser le cadre de la rédaction du magazine paranaense *A Divulgação*, qui a circulé entre 1947 et 1965, sous la direction du militaire et journaliste Arnould Ferreira Velloso. La recherche a été développée à partir du point de vue de l'Histoire des médias et a cherché à analyser les changements que la revue a souffert en concernant à des situations de la presse nationale, bien que l'environnement culturel paranaense et aussi les souhaits de ceux qui ont publié sur leurs pages. Basé sur une analyse approfondie des aspects matériels, du contenu et des contributions importantes mobilisées par le magazine est devenu possible d'établir trois phases éditoriales distinctes pour *A Divulgação*, qui correspondent soit aux exigences du marché de l'impression, soit aux intérêts intellectuels régionaux, ou même, aux positions personnelles de leurs dirigeants. Les changements dans le programme de l'édition de l'*A Divulgação* ont permis d'évaluer d'autres temporalités culturelles du journalisme national dans le milieu du XXe siècle.

Mots-clés: Histoire; Presse; Presse féminine; Paranismo.

GOMES, Gilvana de Fátima Figueiredo. 2017. **A Divulgação: Re-readings from Parana and female/social journalism (1947-1965)**. f. 190. MSc Dissertation – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

ABSTRACT

The research had as its object of analysis the editorial course of the Paraná's journal, A Divulgação which circulated between 1947 and 1965, under the editorial management of the military and journalist Arnould Ferreira Velloso. The research was developed from the perspective of the history of the press and sought to analyze the transformations that the journal went through, relating them to the context of the national press, with the cultural environment of Paraná and to the anxieties of those who published in its pages. Based on a thorough analysis of the material aspects, contents and main collaborations mobilized by the journal, it was possible to establish three different editorial phases for A Divulgação, which corresponded in certain times to the demands of the print market, in other times to interests of the regional intellectuals or, at last, to the personal positions of their leaders. The transformations in the editorial program of Divulgação allowed to evaluate other cultural temporalities of the national journalism in the middle of century XX.

Keywords: History; Press; Women's press; Paranismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Depoimento de Romário Martins sobre a fundação da revista <i>A Divulgação</i> , preservado no diário de Arnould Ferreira Velloso, Out. 1947.	41
Figura 2: Reprodução do depoimento de Romário Martins publicado no primeiro número da revista <i>A Divulgação</i> . <i>A Divulgação</i> , Ano I, p.17, Nov.-Dez. 1947.	41
Figura 3: Layout do projeto da página de editorial da revista <i>A Divulgação</i> , preservado no diário de Arnould Ferreira Velloso.	43
Figura 4: Páginas do expediente publicadas no primeiro número de <i>A Divulgação</i>	45
Figura 5: Capa. <i>A Divulgação</i> , ano I, nº. 01-02, Nov.-Dez. 1947.	48
Figura 6: Capa. <i>A Divulgação</i> , nº. 26-27, 1949.	49
Figura 7: Capa. <i>A Divulgação</i> , Jul. 1955.	51
Figura 8: Capa. <i>A Divulgação</i> , Dez. 1955.	52
Figura 9: Capa. <i>A Divulgação</i> , Mar. 1956.	52
Figura 10: Capa. <i>A Divulgação</i> , Fev. 1956.	53
Figura 11: Capa. <i>A Divulgação</i> , Maio 1956.	54
Figura 12: Página do primeiro artigo publicado pela revista <i>A Divulgação</i> , sob a responsabilidade gráfica da Imprensa Paranaense; a distribuição do conteúdo foi racionalizada causando efeito organizado e limpo. <i>A Divulgação</i> , ano I, nº. 01-02, p. 03, Nov.-Dez. 19.	57
Figura 13: Detalhe da diagramação de imagens no último volume de 1951. É interessante observar o recorte manual das imagens para a composição da imagem, sugerindo um trabalho amador. <i>A Divulgação</i> , p. 23, Nov.-Dez. 1951.	58
Figura 14: Em primeiro plano, Eugenio Tósca, o profissional homenageado. Ao fundo, indivíduo jovem, não identificado pela legenda ou pela reportagem. <i>A Divulgação</i> , p. 39, Set.-Out. 1952.	61
Figura 15: Gilberto Riedel manipulando seu instrumento de trabalho. <i>A Divulgação</i> , p. 39, Set.-Out. 1952.	62
Figura 16: Estefano Harrazyn no trabalho de montar os elementos imagéticos e textuais da revista <i>A Divulgação</i> . <i>A Divulgação</i> , p. 39, Set.-Out. 1952.	62
Figura 17: Página de expediente do primeiro número da revista <i>Panorama</i> , 1951.	71
Figura 18: Página de expediente do primeiro número da revista <i>A Divulgação</i>	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 O PARANÁ PRECISA DE <i>DIVULGAÇÃO</i> : periodismo impresso no Paraná e caracterização d' <i>A Divulgação</i>	23
1.1 O Impresso revista no Paraná	23
1.2 Trajetória do projeto <i>paranista</i>	30
1.3 O <i>Joaquim</i> e o enfrentamento aos <i>paranistas</i>	35
1.4 <i>A Divulgação</i> : a fundação e uma breve descrição	40
1.5 <i>Panorama</i> : concorrente para <i>A Divulgação</i>	69
2 PROPAGAR AS REALIZAÇÕES PARANISTAS NA METADE DO SÉCULO XX: PAUTAS DO PRESENTE E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO (PRIMEIRA FASE - 1947-1955)	82
2.1 Política, território e população: <i>A Divulgação</i> e o “alto interesse coletivo”	83
2.2 <i>A Divulgação</i> e as narrativas do passado paranaense.....	107
3. “ESFORÇAMO-NOS POR ACOMPANHAR O RITMO VERTIGINOSO DO PROGRESSO”: CRÍTICA POLÍTICA, COLUNISMO SOCIAL E IMPRENSA FEMININA (SEGUNDA E TERCEIRA FASE - 1955-1965)	125
3.1 <i>A Divulgação</i> e a crítica política.....	126
3.2 Rumo ao periodismo social e feminino	139
3.3 <i>A Divulgação</i> feminina: temas abordados na diacronia	149
3.3 Do auge à crise: os anos finais.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
FONTES CITADAS.....	176
REFERÊNCIAS	183

INTRODUÇÃO

A *Divulgação* surgiu em novembro de 1947, na capital paranaense, com a proposta de *divulgar os feitos paranistas* por meio de um intercâmbio cultural, econômico, financeiro, conforme sugestão do seu subtítulo; em novembro de 1965, data de seu último número e passadas quase duas décadas de seu lançamento, a revista, ainda sob o comando da mesma pessoa, já não seguia as características de seu projeto editorial original e se apresentava como periódico social, direcionado eminentemente ao público feminino. Analisar a trajetória desse projeto e suas transformações ao longo dos anos, compreendendo o afastamento dos debates intelectuais e a reorganização de sua linha editorial, é o objetivo deste trabalho.

O lançamento d'A *Divulgação* coincidiu com um momento de profundas transformações políticas, econômicas e culturais, em âmbito internacional e nacional. Na história da imprensa brasileira, esses anos conheceram mudanças em diferentes aspectos da produção periódica: o fim da censura, a introdução de incentivos técnicos, a profissionalização dos envolvidos com a prática jornalística e o estabelecimento dos grandes conglomerados de comunicação distinguem o periodismo de meados do século XX. No que diz respeito ao impresso revista, foi nesse quartel que periódicos com projetos editoriais amplos, e mais afinados com o mundo do consumo, conseguiram se afirmar, sendo *O Cruzeiro* um exemplo paradigmático.

No entanto, o quadro descrito acima, não foi regra para toda a imprensa brasileira entre as décadas de 1940 e 1960, afinal, em um país de grandes dimensões, com regiões culturalmente diversas, era de se esperar que não houvesse uniformização, no que se refere tanto aos aspectos técnicos quanto às demandas de conteúdo, pois ambas correspondiam a interesses culturais específicos. Dessa forma, para as mais diversas regiões do país, não obstante as experiências cada vez mais regulares no mundo dos impressos periódicos, o perfil apresentado acima não pode ser generalizado, sendo necessária uma investigação aprofundada, que dê conta das singularidades locais.

A trajetória d'A *Divulgação* oferece a oportunidade de analisar como distintas temporalidades se confrontavam, ora aproximando-se, ora distanciando-se, nos impressos periódicos. Não era raro que um projeto moderno, do ponto de vista tipográfico, difundisse discursos tidos, em certas áreas e/ou camadas sociais, como retrógrado. O periódico que veio a público em 1947 tinha esmerado acabamento gráfico,

capas coloridas, diagramação caprichada e pretendia circular nacionalmente; no entanto, sua linha editorial tinha como proposta recolocar em circulação um movimento de construção identitária paranaense datado dos anos 1920, a saber: o paranista, que ocupava lugar dos mais relevantes na pauta inicial d'*A Divulgação*. Pode-se perguntar até que ponto essa temática era do interesse do público brasileiro, tomado na sua acepção ampla, e mesmo se tal conteúdo tinha ressonância na esfera local.

Durante seus anos de circulação, *A Divulgação* teve como diretor-proprietário e principal editorialista o coronel do exército Arnauld Ferreira Velloso, que se mudou para o Paraná em 1939, momento em que o paranismo, enquanto movimento articulado, já havia se esfacelado. Ainda assim, e sem contar com o reconhecimento de que gozavam os primeiros paranistas, Velloso lançou sua revista que encontrou simpatia em certos círculos intelectuais locais, promovendo releituras acerca do estado.

O cuidado com que preservou seus escritos em diários, com recortes das suas publicações em jornais e revistas, além de um conjunto de correspondências com diversos intelectuais, paranaenses ou não, sugere que Velloso percebia sua produção como algo digno de ser conservado. Contribui para essa interpretação o arquivo que organizou com todos os exemplares d'*A Divulgação*.¹ Entretanto, tais medidas não foram suficientes para que se notabilizasse, pois sua produção intelectual, publicada na revista ou fora dela, não resistiu ao tempo, tampouco, sua atuação como empresário do periodismo gozou de reconhecimento. O silêncio sobre Arnauld Ferreira Velloso estende-se à sua revista, pois, a despeito da larga circulação, das lutas que travou, das causas que defendeu, dos jovens que se iniciaram na sua redação, *A Divulgação* permanece no ostracismo, mesmo entre os que pesquisam o periodismo paranaense ao longo do século XX.

Das raras menções feitas por jornalistas que tomaram algum contato com o periódico, destaca-se a avaliação negativa. Assim, Aroldo Murá lembra que a revista,

¹ Parte do material preservado por Velloso - especificamente, dois diários (um com recortes dos trabalhos publicados e outro com correspondências), alguns manuscritos reunidos para publicação em *A Divulgação*, o layout do projeto da revista e o acervo quase completo de números publicados do periódico – foram-nos cedidos por Iza Maria Carnascialli Velloso, filha do Coronel Velloso. Em contrapartida, a senhora Iza Maria nos solicitou que, após a pesquisa, o acervo fosse disponibilizado em um arquivo público. Por essa razão e para não tornar o texto cansativo, somente mencionaremos a fonte do material citado quando esta não pertencer ao acervo sob nossa responsabilidade. Ainda por inventariar, há a documentação fotográfica preservada por Velloso, desde o período que atuou como militar até as fotografias publicadas ao longo dos anos n'*A Divulgação* e outros documentos ainda desconhecidos. O acervo epistolar, com cartas de leitores e colaboradores da revista de Velloso, e o maquinário foram vendidos junto com o prédio que sediava a, então, *Editora A Divulgação* em 1980 para a Igreja Universal e perderam-se.

embora apelasse para o mundo intelectual e social, era uma publicação oficioso, que não se furtava a fazer a publicidade dos governos paranaenses.² Talvez mais grave foi a observação de Aramis Millarch, no jornal *Estado do Paraná*, em 1984, que ao descrever o estabelecimento do colunismo social no Paraná, lembrou: “[...] entre outras revistas sociais, a que foi mais duradoura - mas também a mais contestada em termos de critérios ético-comerciais - foi *A Divulgação* [...]”.³ Os controversos critérios ético-comerciais não foram explicitados, mas há a sugestão de que os mecanismos utilizados pela revista para manter-se ativa não eram bem vistos por aqueles que militavam na imprensa do período.

Nos trabalhos acadêmicos, há sintomática ausência de análises a respeito do periódico, ainda que os depoimentos acima, por si só, já indiquem potenciais questões a serem investigadas. Andréa Beatriz Wosniak Giménez⁴ avaliou a atuação do periódico curitibano na campanha anticomunista no contexto da Guerra Fria, especialmente entre os anos de 1947 e 1964. Sem ter como preocupação estabelecer o perfil d’*A Divulgação*, a autora destaca a filiação ao paranismo e as principais contribuições intelectuais; contudo, não precisa que esses dados referem-se somente aos primeiros anos de circulação da revista.

Interessada na trajetória de David Carneiro, intelectual de renome no Paraná, Daiane Vaiz Machado⁵ mapeou os principais espaços de atuação do seu personagem e apontou a importância d’*A Divulgação* como promotora da *cultura paranaense*. Destacou a longevidade da publicação, mas, em função de seu objeto, deteve-se somente no período 1947 a 1955. As ligações com o paranismo são, uma vez mais, sublinhadas, mas sem que a revista assumisse papel privilegiado, aliás, prática recorrente. Em outras pesquisas, no geral, destacam-se temas políticos e o estudo de

² HAYGERT, Aroldo Murá G. O Paraná em Revista. *Revista Ideias*: política, economia e cultura do Paraná. Disponível em: <http://revistaideias.com.br/ideias/content/o-parana-em-revista> Acesso em: 12 de abril de 2014.

³ MILLARCH, Aramis. *Colunismo III*: quando chegou a hora das sociedades de bairros. Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/colunismo-iii-quando-chegou-hora-das-sociedades-de-bairros> Acesso em: 05 Jan. 2016.

⁴ GIMÉNEZ, Andréa Beatriz Wosniak. *O medo da “Revolução social” na “Terra dos Pinheirais”*: Imaginário anticomunista na sociedade curitibana, 1947-1964. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2003.

⁵ MACHADO, Daiane Vaiz. *O percurso intelectual de uma personalidade curitibana*: David Carneiro. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2012.

certos intelectuais, mas as citações ficam restritas aos primeiros anos de circulação da revista, principalmente antes de 1953.⁶

Diante desse quadro, optou-se por seguir o caminho pouco explorado e responder à questão: qual foi o perfil editorial, ou melhor, quais foram os perfis editoriais da revista ao longo de sua trajetória, entre 1947 e 1965? A questão insere a pesquisa no campo da História da imprensa; nesse sentido, segue percursos metodológicos e teóricos já percorridos por outros pesquisadores, notadamente, a partir de 1980 quando, favorecidos pelos deslocamentos epistemológicos, surgiram trabalhos como *O Bravo Matutino*, de Maria Helena Capelatto e Maria Ligia Coelho Prado que apontavam para a necessidade de tomar a imprensa como fonte/objeto, colocando em relevo seu papel ativo e atuação como ator político.⁷ Impressos periódicos – assim como quaisquer outras fontes – participam dos jogos de interesse que atravessam as sociedades responsáveis por sua produção, o que não afasta desafios específicos para a análise desse tipo de documentação.

No caso da imprensa nacional, a relevância de jornais e revistas como objeto/fonte ganha importância, na medida em que se desvela o papel destacado que desempenharam na vida intelectual, política, econômica e social do país desde suas primeiras aparições; espaços antepostos do debate sobre a compreensão do passado, intérpretes do presente e planejadores incansáveis do futuro, os responsáveis pelos periódicos e suas criações fizeram da “[...] história da imprensa [a] irmã siamesa da cidadania, do espaço público compartilhado e da democracia. [...] não há como escrever sobre a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país. [...]”.⁸

⁶ Cito apenas alguns dos trabalhos, em ordem cronológica, indício de que a fonte tem servido para constante renovação investigativa: PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Dissertação (Mestrado em História) – Curitiba: UFPR, 1996. SOUZA, Fabricio Leal de. *Nação e Herói: A trajetória dos intelectuais paranistas*. Dissertação (Mestrado em História) - Assis, UNESP, 2002. OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares. *Joaquim contra o paranismo*. Dissertação (Mestrado em Estudos literários). Curitiba: UFPR, 2005. BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. *A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense*. Tese (Doutorado em História) – Curitiba: UFPR, 2007. SALTURI, Luis Afonso. *Gerações de artistas plásticos e suas práticas: sociologia da arte paranaense das primeiras décadas do século XX*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Curitiba, UFPR, 2007. MARCHETE, Tatiana Dantas. *A trajetória de Brasil Pinheiro Machado e a construção da historiografia regional do Paraná no território acadêmico; 1928-1953: do poema ao modelo historiográfico*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2013.

⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. PRADO, Maria Ligia Coelho. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo. Alfa-Ômega, 1980.

⁸ MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo. Contexto, 2008, p. 08.

As revistas guardam ainda outras particularidades, pois, a partir da segunda metade do século XIX, quando a distinção entre elas, os jornais e os livros se tornou mais nítida, suas páginas transformaram-se em espaço de reflexões sobre temas densos da contemporaneidade, afinal, não precisavam lidar necessariamente com as novidades do dia anterior e, ainda que em muitos casos trouxessem reflexões sofisticadas, há especificidades que as separam claramente dos livros.⁹ Aos poucos, recursos imagéticos, gêneros textuais múltiplos, técnicas de impressão, posições intelectuais vanguardistas, entre outros, foram sendo acrescentados e funcionam, hoje, como indicativos da historicidade que pesa sobre esse documento.¹⁰

O papel estruturador do campo intelectual atribuído às revistas culturais indica que, em suas páginas, é possível encontrar uma polifonia de discursos, que sustentam posições intelectuais, sem que se restrinja a isso sua função, posto que:

[...] abrieron vasos comunicantes con una sociedad que en más de un momento abrevó en la cultura para encontrar bases identitarias, contenidos integracionistas y nuevos fundamentos de valor. Dinamizadoras, en su mayoría, de las instancias de modernización y democratización de un campo cultural, han sido decisivas en la expansión del circuito restringido en el que se ubican sus miembros.¹¹

Espaços de associação, locais de florescimento cultural, ponto de unificação de forças públicas, muitas revistas serviram de palco para lutas vistas como dignas e nobres, ao longo dos dois últimos séculos.¹² Registraram também as transformações

⁹ “Nesse sentido, pode-se dizer que a definição do objeto revista só é possível se comparado ao jornal e ao livro. A primeira distinção, portanto, refere-se à sua relação com o tempo. O jornal, cotidiano, factual, tem seu raio de informação restrito ao tempo de mais ou menos 24 horas; a revista, por seu turno, meio de sociabilidade por excelência é, a priori, um espaço de confrontação de autores, de homens, de um pensador com seu tempo. O artigo de revista procura apreender a atualidade para fazer dela seu objeto de reflexão e também de ação. De outro está o livro, expressão da personalidade de seu autor e que relata, em geral, uma trajetória ímpar, singular.” CAMARGO, Kátia Aily Franco de. *A revista como fonte de pesquisa*. In: BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Editora UFPB, 2014. p. 152-153.

¹⁰ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: EDUSP/FAPESP. 2001, p. 17.

¹¹ SCHWARTZ, Jorge. PATIÑO. Roxana. Introducción. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, pp. 647-650, jul./dez. 2004. p. 648.

¹² “Uma revista – escrita plural e coletiva – veiculava, ao ser publicada, uma proposta singular e reivindicava, em oposição a outras, uma ‘[...] nova cultura, uma nova estética ou uma nova orientação científica que ela significa[va] ou não sob a forma de um manifesto ou de um artigo fundador’. Ao tornar-se pública, a revista tomava a aparência de um projeto consolidado, unido, minimizado, ou mesmo fazendo desaparecer, todo o processo que levava à sua organização e que nos ‘bastidores’, se caracteriza por disputas intelectuais e políticas. O exemplar publicado mascarava, de certa forma, o processo de criação e de elaboração da ‘mensagem’ veiculada.” VENÂNCIO, Giselle Martins. Da escrita de “bastidores” à mensagem publicada: revistas culturais e correspondências na trajetória editorial Francisco José de Oliveira Viana. *Revista de História Regional*. v. 12, n.º 2, p. 10, Inverno, 2007.

profissionais que tornavam cada vez mais relevante a competição pelo público consumidor e contribuíram para a emergência de toda a sorte de produtos segmentados.

Indício plural do passado, o impresso revista é muito procurado por pesquisadores, sendo tão atraente quanto perigoso. Quando observado em conjunto, fornece a – perigosa – sensação de que basta uma rápida leitura para que se domine o quadro histórico ali mobilizado. Quando seccionado e analisado em partes, perde-se aquilo que o singulariza, pois é somente no conjunto das informações – materiais, técnicas, pessoais e de conteúdo – que se pode apreender sua historicidade.¹³ Assim, o exame profundo e articulado – do todo e das partes – é imprescindível para a problematização de revistas.

No caso da análise aqui proposta, tais orientações foram sobremaneira proveitosas, pois se tratava de um extensivo rol documental (aproximadamente, dez mil páginas), com diversos gêneros textuais, contribuições as mais variadas, amplo repertório iconográfico, linhas editoriais cambiantes. Para que se chegasse aos resultados apresentados nas páginas seguintes, a análise de forma e conteúdo, a identificação dos responsáveis pela revista e pelos textos nela publicados, a caracterização dos recursos materiais, a exploração da natureza das transformações editoriais ocorridas ao longo dos anos e a investigação sobre pontos de destaque no periódico foram mobilizados.

No primeiro capítulo, será delineada a investigação do processo de fundação da revista *A Divulgação*, com vistas a localizá-la no quadro da imprensa paranaense e nacional. Na primeira parte, baseada em dados bibliográficos, a atenção se concentrará nas relações entre o projeto editorial da revista e outros que circulavam no mesmo período e influenciaram, em maior ou menor grau, o programa de Arnould Ferreira Velloso. As correspondências e especificidades do periódico serão evidenciadas, com destaque para a retomada do paranismo que se constitui em ponto fundamental, pois fornecerá chaves que elucidam algumas escolhas da equipe responsável pelo projeto.

Ainda no primeiro capítulo, a série de capas e páginas de expediente - publicados entre 1947 e 1965 – será analisada e proverá indícios de que a trajetória da revista *A Divulgação* poderia ser dividida em fases. O esforço de análise seguirá no sentido de avaliar a historicidade do impresso, considerando aspectos técnicos como

¹³ MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, São Paulo, v. 22, n. 01, 59-79, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso: 20 Dez. 2016.

procedimento de impressão, o papel utilizado, os padrões de diagramação, os conhecimentos profissionais envolvidos neste trabalho, assim como o perfil de capas e a forma de organização do material iconográfico presente no periódico, além dos usos de material publicitário. Ademais, serão consideradas as colaborações administrativas, sua existência, regularidade e o impacto no perfil do impresso.

A partir do trabalho empregado para a escrita do primeiro capítulo, tornou-se evidente que as alterações ocorridas no projeto fundamentavam a divisão da trajetória da revista em fases, colocando o periódico em perspectiva diacrônica e destacando as mudanças na linha editorial.

A primeira fase, entre 1947 e 1955, permite identificar *A Divulgação* como uma publicação cultural, como se verá no segundo capítulo. Importante frisar: trata-se de uma publicação da metade do século XX; em períodos anteriores, quando o impresso revista tinha possibilidades técnicas restritas, a predominância do textual justificava a definição *cultural* dada a diversos projetos. Ao longo do século XX, as tecnologias para a inserção de imagem nos impressos foram vulgarizadas, tornando perigosa uma definição que tomasse como preceito a predominância do textual:

Noutros termos, não é a presença ou a ausência de certos elementos invariáveis que define a natureza da publicação, mas a análise articulada dos objetivos, conteúdo e estruturação interna, relações entre o textual e o icônico, bem como suas formas de utilização e sentidos adquiridos no interior do periódico. Tais características, associadas ao perfil dos responsáveis diretos e dos colaboradores, é que permitem discernir o lugar ocupado pela publicação, seja na história da imprensa, seja em relação aos demais veículos contemporâneos.¹⁴

N’*A Divulgação*, a presença de imagens, desde o primeiro número, longe de sugerir uma publicação leve, será avaliada como indício da subordinação do icônico ao textual. Este último reunia artigos, reportagens e produções literárias, além de seções e textos breves. Da análise do material produzido pelos articulistas – responsáveis pelo grosso da publicação – evidenciar-se-á que o interesse primeiro repousava sobre os temas: política, território e população, todos profundamente imbricados à administração pública do período e ligados às transformações sociais que então se processavam. Além disso, as constantes menções à sensação de crise associada às mudanças do período motivaram um estrato coeso de colaboradores a construir narrativas históricas com vistas a produzir um antídoto para as modificações sociais que ameaçavam a unidade

¹⁴ DE LUCA, Tania. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo, Editora Unesp, 2011, p. 03.

local. Os relatos sobre o passado, com forte inspiração paranista, tinham ainda a intenção de evitar a destruição dos registros materiais e promover pesquisas sobre o tema História do Paraná.

De 1955 em diante – recorte privilegiado no terceiro capítulo –, os artigos densos e longos cederam espaço às seções que dinamizavam o periódico. O esforço da equipe sugere que *A Divulgação* estava menos preocupada com os debates caros aos intelectuais paranistas e mais atenta aos interesses do público consumidor, tendo em mira o mercado. Em um primeiro instante, a crítica política se destacou, mas não tardou para que o colonismo social e as pautas destinadas às mulheres ocupassem a maior parte da revista. As transições serão analisadas com o intuito de compreender em que medida *A Divulgação* acompanhava as transformações ocorridas na imprensa do período, de maneira geral, e quais dessas mudanças correspondiam à singularidade do periódico. Merecerá destaque a experiência de imprensa feminina observada no periódico a partir de 1958, quando Isolda Carnascialli Velloso – esposa do proprietário – passou a participar da fatura da revista. As transformações visavam garantir renda suficiente para manter *A Divulgação* e suportar a concorrência com outros periódicos, no entanto, não se pode deixar de notar que aquelas páginas registraram mudanças de ordem cultural.

Por fim, além de analisar *A Divulgação* entre 1947 e 1965, acompanha-se a História da imprensa brasileira, a partir de um periódico de menor impacto em âmbito nacional, mas que, à sua maneira, contribuiu para processos históricos específicos, difundindo questões, interesses e formas próprias de se fazer imprensa, objeto marcado pela pluralidade.

A DIVULGAÇÃO



“O Paraná precisa de *Divulgação*”:
periodismo impresso no Paraná e
caracterização d’*A Divulgação*

1 O PARANÁ PRECISA DE *DIVULGAÇÃO*:¹⁵ periodismo impresso no Paraná e caracterização d'A *Divulgação*

Este primeiro capítulo tem por objetivo analisar algumas circunstâncias essenciais para a compreensão do projeto da revista *A Divulgação*, objeto privilegiado nesta pesquisa. Todas as questões tratadas tem como fio condutor a imprensa periódica, com ênfase na imprensa paranaense. O texto encontra-se dividido em partes, sucintamente descritas a seguir.

Na primeira, o foco é a especificidade da imprensa paranaense em sua relação com a imprensa nacional, razão pela qual se percorre, a partir da bibliografia, o processo de constituição dessa no estado, relacionando-o com as práticas então em voga em outros centros culturais brasileiros, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro.

Na sequência, acompanha-se o delinear de um projeto intelectual próprio do Paraná, ancorado no paranismo, ou seja, projeto de construção identitária local, que ganhou força na década de 1920 e teve forte atuação na imprensa periódica do estado, além de influenciar a produção de diversos intelectuais.

Foi justamente em oposição ao paranismo e aos periódicos relacionados com esse movimento que a revista *O Joaquim*, de Dalton Trevisan, surgiu. *O Joaquim* e *A Divulgação* foram lançados no mesmo período e tinham objetivos distintos: o primeiro repelia o paranismo, enquanto a segunda se vinculava ao movimento. A partir dessa ampla conjuntura é, possível compreender a fundação da revista *A Divulgação*, descrever e analisar algumas de suas escolhas editoriais.

1.1 O Impresso revista no Paraná

No Paraná, o mercado de revistas era, e continua sendo, modesto. Embora se registre, desde meados do século XIX, a presença de periódicos que aspiravam circular nacionalmente, os resultados foram limitados. A fórmula nacional de revistas e jornais surgida entre os séculos XIX e XX, a partir de projetos individuais (e, até mesmo, pessoais), sem planejamento de longo prazo e que acabavam sucumbindo aos custos de manutenção, repetiu-se no Paraná. Além disso, a segmentação no setor de revistas era

¹⁵ VELLOSO, Arnould F. Nosso primeiro aniversário. *A Divulgação*, Ano II, n.º 14-15-16, Jan.-Fev.-Mar. 1949.

muito forte: revistas médicas, de comerciantes e industriais, literárias, educacionais, religiosas, entre outras, eram os projetos mais recorrentes. Parecia não haver mercado para uma revista que tratasse de temas gerais, ou de variedades, que fosse fundada e tivesse suas atividades voltadas para o estado.

Em setembro de 1976, o *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná* (IHGEPR) lançou o primeiro volume da coleção *Estante Paranaense*, cuja intenção era a de divulgar diversas atividades paranaenses e facilitar pesquisas relacionadas ao estado. O primeiro volume abriu-se com texto assinado por Luiz Carlos Pereira Tourinho, no qual resumia os objetivos do projeto:

(...) faz[er] desfilar ante os nossos olhos os diários ou semanários, aqueles que tiveram vida estável ou vida efêmera, não importa, muitos dos quais nascidos ao calor das pugnas políticas, com dificuldades financeiras e, conseqüentemente, de equipamento apropriado, mas sempre convencidos de exercerem a árdua e difícil missão de informar, educar, esclarecer, criticar, polemizar e até elogiar, funções precípuas da imprensa sadia.¹⁶

O texto, embora escrito há quase quatro décadas, mantém-se como fonte essencial para pesquisadores da imprensa paranaense, uma vez que procurava fornecer um vasto panorama dos impressos no estado, com recorte temporal amplo. Pilotto começa o trabalho discorrendo brevemente sobre os impressos oficiais que circularam antes da emancipação política do Estado, mas que eram elaborados sob a responsabilidade do governo centralizado em São Paulo. A emancipação ocorreu em 1853. O surgimento do jornal *O Dezenove de Dezembro*, primeiro periódico impresso na província do Paraná, ocorreu no ano seguinte. O texto prossegue acompanhando a criação de jornais em cidades como Paranaguá, Morretes, Antonina e, especialmente, Curitiba.

Entre 1854 e 1900, o perfil da imprensa periódica paranaense era uma mescla de projetos relacionados à atuação política e iniciativas voltadas ao debate literário, em geral efêmeros e com periodicidade alargada, tanto que somente em 1884 o *Dezenove de Dezembro* passou a sair diariamente.¹⁷ O primeiro periódico a utilizar o termo revista no título foi a *Revista Paranaense de Letras, Ciências e Artes*, que circulou a partir de 1881, cuja numeração de páginas sequencial convidava o leitor a encaderná-la e preservar o material, compondo uma coleção.

¹⁶ TOURINHO, Luiz Carlos Pereira. Introdução. In: PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. 1. Curitiba: IHGEP, 1976.

¹⁷ Nesse momento, o jornal já não apresentava o artigo definido masculino no título.

Apesar dos resultados minguaados, novos projetos periódicos continuaram a ser fundados e, em 1900, foi lançada a revista curitibana *O Sapo*,¹⁸ responsável por publicar um número especial em comemoração ao descobrimento do Brasil, no qual louvava as iniciativas no campo da cultura escrita no estado. O número continha, nas últimas páginas, uma tabela intitulada *Jornais e revistas publicados no Paraná (1854-1900)* que evidenciava a importância de Curitiba, cidade onde se concentrava o maior número de títulos. De 1854, ano do surgimento de *O Dezenove de Dezembro*, a 1900 surgiram na cidade 179 títulos, dos quais 160 foram fundados entre 1881 e 1900, indicação de que os meios técnicos progrediam e que escrever para a imprensa tornava-se algo corriqueiro na vida de jovens intelectuais – no geral, o grupo mais envolvido com a fundação de periódicos. Os dados ganham outro sentido se contrapostos à situação vigente em São Paulo onde, de 1808 a 1897, surgiram cerca de 1536 jornais e revistas, conforme o registro comentado publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*.¹⁹

Mesmo que modestos, os números registrados no Paraná indicam a melhoria das técnicas de impressão, com o registro da organização da *Tipografia Paranaense* em 1880, empresa pioneira do setor e alvo de incentivos financeiros do Barão de Cerro Azul que, interessado em otimizar a produção de rótulos para os barris de erva-mate de suas propriedades, contribuiu para melhorar e baratear a produção de impressos, de maneira geral. Acrescente-se a efervescência intelectual no estado, nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, em sintonia com as questões que marcaram o final do regime escravista e a passagem do Império para a República, problemas que mobilizaram os intelectuais do país. No Paraná, não foi diferente e, nas décadas seguintes, pode-se destacar o caleidoscópio de manifestações intelectuais: anticlericalismo, republicanismo, positivismo, esoterismo, simbolismo e paranismo, todos valendo-se da imprensa para se fazer ouvir. Segundo pontua a historiografia:

Curitiba materializava-se, assim, como uma cidade plural e diversificada em opções. [...] Constituía-se, assim, uma cidade na qual os suportes da escrita se faziam cada vez mais necessários: a proliferação das notícias através dos jornais, bem como das novidades e do entretenimento através de revistas e livros. O periodismo local ganhava fôlego, com significativa proliferação de novos títulos. Por outro lado, livros, jornais e revistas de outras regiões chegavam ao Paraná de

¹⁸ Jornais e revistas publicados no Paraná (1854-1900). *O Sapo*, ano III, nº. 17, maio 1900.

¹⁹ TOLEDO, Lafayette de. Imprensa paulista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. III, p. 301-521, 1898.

maneira mais fácil que em décadas anteriores e essas leituras agiam no espírito da mocidade.²⁰

Entre 1900 e 1920, foram lançados em Curitiba aproximadamente sessenta títulos de revistas ilustradas, números que não diferem do panorama nacional, marcado pela transformação da imprensa em empresa.²¹ Afinal, ficavam para trás os tempos em que literatos e ativistas políticos utilizavam-se desse meio com a finalidade de promover seus projetos culturais e políticos. Ana Luiza Martins, especificamente para as revistas, aponta: “Desde 1900 nota-se o desenho de novas configurações nesse universo do periódico revista. Publicações, não mais a serviço e de iniciativa de literatos que se valiam desse espaço tão-só para se colocar e legitimar-se, mas revistas de dimensões múltiplas, concebidas por homens de negócio e voltadas para públicos já delineados”.²²

Ilka Stern Cohen, por seu turno, insiste na segmentação dos periódicos e no aumento considerável no número de publicações, mudança também registrada por contemporâneos. Analisando um relatório publicado no período, a autora aponta que surgiam:

[...] periódicos noticiosos, literários, esportivos, oficiais, religiosos, comerciais, agrícolas, almanaques, infantis e assim por diante. O relatório chama a atenção para o constante aumento do número de publicações entre 1912 e 1930, especialmente de revistas semanais; os estados de São Paulo e Rio de Janeiro destacam-se pelo lançamento do maior número de títulos, de modo que, do total de 2.959 títulos registrados em 1930, o Rio de Janeiro (Distrito Federal) tem 524 e São Paulo, 702, dos quais 249 apenas na capital.²³

Embora haja alguma sintonia entre impressos periódicos do Paraná e de outros centros culturais do país, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro, persistia a diferença em termos qualitativos, uma vez que o mercado local era, no começo dos novecentos, abastecido por revistas segmentadas, que circulavam entre sócios de clubes e agremiações intelectuais, enquanto eram raras as revistas de temática ampla, exatamente o oposto do que ocorria em São Paulo. Nessa cidade, segundo Ana Luiza Martins, em busca da ampliação do público leitor, os responsáveis incrementavam ao máximo as temáticas abordadas e consolidavam a fama das revistas de *variedades*.

²⁰ MELLO, Silvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná... Livre circulação da palavra nos albores da República*. Tese de Doutorado (História) – Florianópolis: UFSC, 2008, p. 52.

²¹ Conforme levantamento do projeto Revistas Curitibanas: 1900-1920. Sobre isso ver o website do projeto: <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/apresentacao.php>

²² MARTINS, Ana Luiza. 2008. *Op. Cit.* p. 144.

²³ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103.

Na década de 1930, a situação política nacional influenciou na criação de folhas periódicas no Paraná, em sintonia com o novo projeto político, que Elide Rugai denomina "organização da cultura".²⁴ A partir de 1937, com o Estado Novo, e de 1939, com a criação *Departamento de Imprensa e Propaganda* (DIP), “a concessão de isenções fiscais, prêmios, favores e subvenções aos jornais”²⁵ limitavam a pauta dos impressos periódicos. Evidentemente, por mais estritos que fossem os limites impostos pelo governo, sempre havia possibilidade de resistir, embora tal postura representasse uma série de riscos para aqueles que ousassem manter-se na contramão. No Paraná, tais restrições podem ter sido, em parte, responsáveis pela diminuição nos lançamentos de novos jornais e revistas, conforme registrado por Osvaldo Pilotto. Contudo, os primeiros anos da década de 1940 anunciavam um período difícil para o governo Vargas e a imprensa foi um dos primeiros setores a contribuir para a derrocada do regime;²⁶ consumada a queda do governo, os títulos de periódicos pulularam.

No final dos anos 1930 e ao longo da década seguinte, a imprensa passou por novas mudanças, com destaque para os processos de profissionalização dos impressos periódicos, acompanhados da ênfase na administração racional das empresas, com a formação dos primeiros complexos de comunicação e grandes revistas de consumo. A inspiração para essas mudanças vinha principalmente da imprensa norte-americana e imprimiu, no periodismo nacional, novas características gráficas e linguísticas. A introdução da técnica de *lead* ou “pirâmide invertida”, a elaboração de manuais de redação para jornalistas e editores, a criação de equipes de *copy-desk*, a organização gráfica das páginas em novas técnicas de *design*, davam nova aparência aos jornais e

²⁴ Para essa a autora, desde o início dos anos de 1930, o governo Vargas criou mecanismos que atuavam em setores culturais já com indicativos de uma intencionalidade nacionalista e de conformação identitária. Sobre isso ver: BASTOS, Elide Rugai. *Cultura Política e o projeto do Estado Novo*. Intelectuais e Estado. Disponível : <http://books.google.com.br/books?id=gYHXn86OQ9cC&pg=PA123&lpg=PA123&dq=elide+rugai+bast>

Acesso: 16 Dez. 2013.

²⁵ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Clientelismo, corrupção e publicidade: Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?* Disponível: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/336/217> Acesso: 27 Jul. 2014.

²⁶ Exemplar são as reportagens de David Nasser para a revista *O Cruzeiro*, nas quais denunciou as torturas ocorridas no governo varguista. A respeito, ver: CAMPOS, Paulo Jorge Corrêa. *Repressão e tortura no lead: A participação dos Diários Associados contra o consenso de uma memória oficial do primeiro governo Vargas (1945-1950)*. Disponível: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300362459_ARQUIVO_PauloJorgeCorreaCampos.pdf Acesso: 08 Ago. 2014.

revistas, permitindo aos sujeitos que dominassem essas técnicas a oportunidade de ocuparem maior espaço no mercado.²⁷

Era o momento da profissionalização das atividades ligadas à imprensa. Afinal, se o final do século XIX e o início do século XX ensaiaram a transformação de jornais e revistas em empresas rentáveis, ainda eram frequentes as propostas marcadas pela paixão do proprietário pela temática central da revista ou, no caso dos jornais, as posições defendidas publicamente pelo grupo responsável pelo periódico. No decurso da última centúria, aceleraram-se as transformações no setor e, conforme destacou Juarez Bahia, a "esterilidade política" dos anos ditatoriais comportou aprimoramento material, mudanças no campo da linguagem e investimentos técnicos, mantendo as produções atualizadas.²⁸ Portanto, no que se refere à imprensa, o período do Estado Novo foi complexo: ao mesmo tempo em que se observa a renovação técnica, os impressos periódicos foram obrigados a conviver com a censura e a falta de liberdade de expressão.

No Paraná, a imprensa apresentou poucas inovações no período do primeiro governo Vargas, pois o processo de profissionalização e os avanços técnicos chegaram lentamente. Apenas em fins dos anos 1950 e início da década seguinte, houve investimento significativo em revistas e jornais que, nos decênios subsequentes, tiveram repercussão em âmbito nacional:

Em 1950, contava o Paraná com 81 órgãos de periodismo. 42 na capital e 39 nos municípios do interior. Desses, 38 eram jornais; 22 eram revistas; 17 boletins e folhetos; 2 almanaques e anuários. 10 desses eram diários, 28 bissemanais, trissemanais ou semanais; 24 quinzenais ou mensais; 14 bimestrais, trimestrais ou semestrais; 5 eram anuais; 5 de publicação irregular ou não declarada²⁹.

Além do modesto número de periódicos, o maquinário utilizado em jornais e revistas tornava-se cada vez mais ultrapassado, mesmo em empresas tradicionais e estáveis, como *A Gazeta do Povo*, fundada em 1919, cuja impressão era feita por rotoplana da marca Müller que, desgastada pelo tempo de uso, emperrava em dias de

²⁷ Sobre isso ver: RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Jornalismo, literatura e política*. Estudos Históricos, n. 31, p. 147-160, Rio de Janeiro, 2003. Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2186/1325>
Acesso em: 12 Fev. 2014.

²⁸ BAHIA, Benedito Juarez. *História da imprensa brasileira: Jornal, história e técnica*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

²⁹ PILOTTO, Osvaldo. *Op. cit.*, p.72.

frio.³⁰ No mais, as palavras dos contemporâneos atestam a profissionalização insipiente, já que escrever para jornais e revistas era “[...] ‘bico’ para estudantes de direito, medicina e outras áreas [...]”.³¹

No que respeita às revistas de grande circulação do período, cabe destacar *O Cruzeiro*, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, lançada em 1928 e que conseguiu se firmar no mercado, com a tiragem chegando a 850 mil exemplares. Ou seja, quatro milhões de leitores, tendo em vista que o mesmo exemplar passava por várias mãos. Símbolo de uma época, ficou conhecida como a revista “contemporânea dos arranha-céus,” uma das marcas da modernidade urbana. A publicação comportou inovações temáticas e técnicas, como o uso amplo de fotografias que, difundido ao longo dos anos 1950, modificou a noção de revista ilustrada e inaugurou as fotorreportagens no periodismo nacional.

Capas coloridas, diagramação caprichada, textos copidescados - ainda que persistissem os incômodos cortes que remetiam a outras páginas - maquinário moderno e variedade temática, além da estabilidade conferida pela renda proveniente da publicidade, fizeram o sucesso de *O Cruzeiro* nos seus primeiros trinta anos de funcionamento. Há que se notar a perda de vitalidade do projeto, na medida em que não acompanhou as mudanças vigentes na segunda metade do século passado. A tradução para países da América Latina não se concretizou, a redação perdeu profissionais, a estagnação do processo de produção e o surgimento de concorrentes mais contemporâneas das demandas sociais que, afinal, já haviam mudado, foram afastando *O Cruzeiro* da sua melhor fase. Nos anos de 1960, *Manchete*, lançada em 1952, desfrutava da preferência do público e o golpe derradeiro veio com as diversas iniciativas de Victor Civita, fundador da *Abril*.³²

No entanto, importa destacar que a proposta de *O Cruzeiro* construiu uma espécie de matriz para esse gênero de impresso.³³ A opção por fotorreportagens, a

³⁰FERNANDES, José Carlos. *Quando os jornais mudam de roupa*. Disponível: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/quando-os-jornais-mudam-de-roupa-bme9c4jt6ihmfnp4fwnpfwsn6>. Acesso: 10 Jun. 2015.

³¹CASTRO, Emerson. *Meio século de História a ser contada*. Jornal Alcar, Ano 3, n. 14, Abril de 2014. Disponível: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-13/mais-de-meio-seculo-de-historia-a-ser-contada>. Acesso: 27 Dez. 2015.

³²CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina. 2008. *Op. Cit.*

³³ Arnald Ferreira Velloso e seus primeiros colaboradores tinham na *Cruzeiro* uma inspiração, pois, colecionavam exemplares da revista e procuravam reproduzir sua organização interna na diagramação d’ *A Divulgação* (parte dos primeiros projetos de diagramação da revista de Velloso, feitos de maneira manual, foi preservada pela família Esmanhoto, no entanto, em condições que impedem sua reprodução).

amplitude temática, a relação com os anunciantes foram objetivos também perseguidos por outros periódicos; a estética das capas, ocupadas por figuras femininas, tidas como exemplos mais acabados de beleza nacional – recurso já utilizado em outras propostas, tornou-se um modelo repetido por muitos outros periódicos. Em um país com altas taxas de analfabetismo e baixo poder aquisitivo, *O Cruzeiro* constituiu-se num padrão que parecia assegurar o caminho para o sucesso e, apropriar-se do projeto de Chateaubriand, tornou-se prática recorrente.

Mesmo em regiões com pouca tradição no periodismo impresso, o exemplo da revista servia de incentivo para empreendimentos similares, a exemplo do que ocorreu no Paraná com *A Divulgação*. Esse impresso abordava temas diversos, que iam da política à economia, passando por temáticas tipicamente femininas e colunas sociais, além de se valer de receita de publicidade e investir em parques gráficos, inovando, localmente, o segmento das revistas ilustradas.

Contudo, antes de adentrar nas páginas de *A Divulgação*, é importante compreender o contexto cultural do estado e a importância assumida pelo paranismo, movimento intelectual que tinha por meta a construção da identidade paranaense e influenciou a produção de artes plásticas, projetos de urbanização, atividades políticas, literárias, bem como a imprensa.

1.2 Trajetória do projeto *paranista*

O projeto paranista teve seu auge na década de 1920 e seu representante máximo foi Romário Martins, figura com significativa fortuna crítica na história, sociologia e nas artes.³⁴ O movimento³⁵ em si pode ser definido como um projeto que tinha em mira a criação de uma identidade para o estado do Paraná, o que destarte, coloca uma série de questões, uma vez que identidade é um conceito relacional, com fronteiras e contornos sempre mutantes e, não se presta a definições fixas, aliás, como tem sido apontado pela historiografia especializada no tema:³⁶

Além disso, Velloso menciona na primeira versão do editorial inaugural o desejo de reproduzir no sul do Brasil, o sucesso de público alcançado pelo periódico de Chateaubriand no sudeste.

³⁴ Ver, sobretudo: SALTURI, Luis Afonso. 2007. *Op. Cit.*; BARONE, Luciana Estevam Bueno. *O paranismo e as artes visuais*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Florianópolis: UFSC, 2009.

³⁵ Esclareço que o termo movimento é mobilizado não como um conceito cuja utilização, especialmente, na análise das vanguardas artísticas leva a outras questões investigativas. Aqui, o termo refere-se somente ao fato de havia uma atividade local identificada com o paranismo.

³⁶ Uma análise que prioriza os conceitos de identidade e memória na produção *paranista* pode ser encontrada em: BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. 2007. *Op. Cit.*

As atribuições são tão vagas quanto repletas de sentidos: toada não apenas para expressar um regionalismo paranaense, mas também sua brasilidade, seu cosmopolitismo e ausência de nativismo. É imaginário cultural ou ideologia dominante; figuração de uma identidade coletiva ou negação de homogeneidade. Buscam-se suas origens nas mais belas e intrépidas aventuras dos tropeiros ou nas patrióticas batalhas da Guerra do Paraguai, Revolução Federalista e Contestado; já o seu desenvolvimento com a redefinição da República ou a partir de 1930, 40, 50 e 80.³⁷

Longe de debater cada um dos pontos levantados acima, a pretensão aqui é demonstrar que as possibilidades de compreensão do paranismo são amplas e que as divergências sobre a sua definição ressurgem quando se altera o recorte temporal. A maioria dos estudos limita-se aos anos de 1920, período de sua formulação e no qual destacava-se a figura de Romário Martins. Não há, entretanto, consenso sobre as origens, havendo os que retrocedem à emancipação política do Estado,³⁸ ou enfatizam as ações levadas a cabo nas décadas de 1940 e 1950.³⁹ Tampouco há consenso sobre o seu campo de ação, que tanto pode ser restrito às artes,⁴⁰ ou interpretado como algo muito mais amplo.

É evidente que somente a partir de fins de 1853, com a emancipação política do Paraná, tornou-se possível conceber uma identidade para o estado, ou melhor, surge o problema de definir o novo recorte espacial, agora separado de São Paulo, e seus habitantes; questão que ganhou corpo, de fato, nos primeiras décadas do século XX, compondo a agenda do movimento paranista, termo, aliás, que só se consagrou em 1927, quando Romário Martins o utilizou não apenas para definir o nativo do Paraná, mas “todo aquele que tem, pelo Paraná, uma afeição sincera, e que notadamente a demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense”.⁴¹ Isso não significa a inexistência de questões identitárias em produções

³⁷ SOUZA, Fabricio Leal de. 2002. *Op. Cit.*, p. 04.

³⁸ BATISTELLA, Alessandro. O Paranismo e a invenção da identidade paranaense. *Revista História em Reflexão*, Dourados, UFGD, v. 6, n. 11, p. 01-13, jan.-jun, 2012.

³⁹ SZESZ, Christiane Marques. O conceito de região: discurso e representações do Paraná. In: IV Encontro Regional de História, 1995, Londrina, *Anais do IV Encontro Regional da Associação Nacional de História*. s.l.: s.n. p.293-323.

⁴⁰ SALTURI, Luis Afonso. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. *Revista Periféria: revista de recerca i formació em antropologia*, nº. 11, p. 11-22, Dez. 2009.

⁴¹ MARTINS, Romário. Apud SOUZA, Fabrício LEAL. *Op.cit.*, p. 75. A oportunidade da definição foi destacada por DUDEQUE, Irã Taborda. *Espirais de Madeira: Uma história da arquitetura em Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, 2001, p. 60: "O neologismo fez com que todos muito folgassem. A definição era tão vaga, tão abrangente, que a alcunha de paranista podia ser distribuída, sem contradições, ao criador de um bezerro-campeão, ao presidente da República, às burguesas que espantavam o tédio em associações beneficentes, aos operários mais comportados, aos fabricantes de bolachas amanteigadas, aos excelentíssimos senhores ministros e às demais autoridades militares e civis".

anteriores, mas elas não se constituíam num todo articulado como ocorreu no citado período. É fato que a questão não era nova, como bem indicam os esforços do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), conforme analisa Manoel Luís Salgado Guimarães:

Assim, é no bojo do processo de consolidação do Estado Nacional que se viabiliza um projeto de pensar a história brasileira de uma forma sistematizada. A criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) vem apontar em direção à materialização deste empreendimento, que mantém profundas relações com a proposta ideológica em curso. Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX. Entretanto, a gestação de um processo nacional para uma sociedade marcada pelo trabalho escravo e pela existência de populações indígenas envolvia dificuldades específicas [...].⁴²

A separação do Paraná coloca o problema em termos regionais e há uma corrente interpretativa que insiste na necessidade dos intelectuais paranaenses tinham, não de afirmar a superioridade da região, mas de dotá-la do mesmo estatuto desfrutado por províncias do restante do Império.⁴³ Cabe lembrar que Romário Martins integrou a última geração de simbolistas paranaenses,⁴⁴ formada por intelectuais nascidos entre 1874 e 1879 e, de certa forma, pioneiros no enfrentamento da questão a respeito da especificidade da região.⁴⁵

O movimento paranista inseria-se no âmbito das demandas do Estado nos anos de 1920 e foi fértil na produção de documentos que davam conta de seus objetivos, com destaque para o *Manifesto Paranista* e o *Programa do Centro Paranista*, elaborados por Romário Martins em outubro de 1927, para a revista *Ilustração Paranaense*, lançada no mês seguinte, e, finalmente, para as propostas da *União Paranista*, de 1932. Evidenciava-se o desejo de criar símbolos para o Paraná, tarefa ingrata, afinal o estado

⁴² GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*, v. 01, n.º 01, p. 05-27, Rio de Janeiro, 1988.

⁴³ Este ponto é ressaltado por DUDEQUE, Irá Taborda. 2001. *Op. cit.*, que analisa a questão a partir do ponto de vista da arquitetura.

⁴⁴ Não é simples distinguir simbolistas e paranistas, razão pela qual se optou por seguir a proposta segundo a qual “Os paranistas se destacam, a partir da década de 1920, em função de uma melancólica - mais que exacerbada - exaltação da terra criando um conjunto de atividades visando o desenvolvimento e integração da sociedade paranaense; já os simbolistas, em fins do século XIX, destacam-se enquanto primeiro movimento coeso e que promoveu as primeiras discussões sobre a realidade da recém-criada Província, lançando os caminhos que esta deveria seguir no conjunto da nacionalidade.” SOUZA, Fabrício Leal. 2002, *Op. cit.*, p.42.

⁴⁵ BEGA, Maria Tarcisa. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção da identidade regional*. Tese (Doutorado em Sociologia) – São Paulo: USP, 2001.

era jovem, com uma história pouco pujante e formado por diferentes grupos étnicos, o que lhe dotava de aspectos culturais muito diversos e que dificilmente poderiam ser homogeneizados. Assim:

A solução da equação foi fornecida pela geografia, pela flora e por novas definições verbais. Foi estipulado que o diferencial do homem do Paraná estaria não nele próprio, mas no seu entorno. O clima que o submetia ao gelo das geadas era ‘europeu’, mas era também o elemento que unia o novo homem do Paraná à força do índio que o antecederá, que andava nu pelo planalto de Curitiba, a cultivar um sadio desprezo pelo clima.⁴⁶

Ao trabalhar com elementos da natureza, a proposta do paranismo pretendia ultrapassar as dificuldades trazidas pela multiplicidade étnica que, aliás, repetia-se no país como um todo. A opção por valorizar um ou outro elemento cultural poderia acarretar um sentimento de exclusão entre indivíduos e comunidades que não se percebessem como parte daquela projeção; por outro lado, os elementos da natureza representavam, ao mesmo tempo, as dificuldades vencidas por todos e as qualidades adquiridas ao longo desse período. Cabe pontuar, no entanto, que os cuidados para que o movimento paranista não fosse excludente tinham sua atenção voltada para os grupos de imigrantes europeus residentes no Paraná desde meados do século XIX. Populações autóctones foram apagadas dessa construção identitária através, principalmente, dos discursos de “vazio demográfico”. Já a presença de populações negras escravizadas foi tratada como de menor importância na formação histórica do Paraná.⁴⁷

Foi na *Ilustração Paranaense* que se tornou perceptível um primeiro momento de retração do discurso paranista, uma vez que a revista não conseguiu manter seu perfil editorial – conforme análise de Dudeque, e o debate em torno das características dos paranaenses recebeu um último golpe em 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder:

(...) o paranismo esfacelou-se antes mesmo do fim da República Velha. A *Ilustração Paranaense* começou a circular como um mensário paranista, com fartas louvações aos pinheirais, tais como as fotografias da Miss Paraná recitando poemas sob as ‘sombras majestosas dos pinheiros’. Ao longo de 1929, a revista deixou de ser um mensário paranista, tornou-se uma revista de mundanidades e desandou a estampar fotografias de formandos, debutantes, damas da sociedade, crianças e ‘operosos’ industriais. Em 1930, extinguiu-se em insignificância.⁴⁸

⁴⁶ DUDEQUE, Irã Taborda. 2001. *Op. cit.*, p. 59.

⁴⁷ As interpretações paranistas sobre as populações autóctones e de negros escravizados pode ser acompanhada na seguinte obra: SVARÇA, Décio Roberto. *O Forjador: ruínas de um mito, Romário Martins (1893-1944)*. Dissertação (Mestrado em História) - Curitiba: UFPR, 1993.

⁴⁸ DUDEQUE, Irã Taborda. 2001. *Op. cit.*, p. 66.

A revista deixou de circular no início dos anos de 1930 e o paranismo perdeu sua principal porta voz, mas nem por isso Romário Martins deu-se por vencido, tanto que consagrou à “ação cívica”, a *União Paranista*, fundada em 1932 e cujo intento era reunir colaboradores das mais diversas áreas em prol da grandeza do Paraná. Assim como *Ilustração Paranaense* e o *Centro Paranista*, também a *União* teve vida curta, mas suficiente para a fundação do periódico intitulado *Paranista*, hoje raro e que circulou por um breve intervalo de tempo.

As dificuldades enfrentadas pelos veículos difusores do discurso paranista e a posição antirregionalista de Getúlio Vargas contribuíram para o declínio do movimento, ainda que, de acordo com Dudeque:

[...] algumas ideias básicas do paranismo atravessaram o governo ‘provisório’ de Getúlio Vargas e, no Estado Novo, foram reconhecidas. Este é um tema que ainda não foi estudado, mas pode-se formular a hipótese de que o culto ao pinheiro permaneceu, transcendeu o Paraná e, durante o Estado Novo, foi aceito pelo poderoso Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) como um dos itens que engrandeceriam o Brasil.⁴⁹

Como evidenciado em trabalhos recentes, seria simplista apostar no desaparecimento do movimento,⁵⁰ que esteve subjacente em ações que permitem identificar a marca paranista, no primeiro período Vargas, embora sem o protagonismo de antes. Após a queda do Estado Novo, a temática voltou a ocupar espaço nas novas gerações intelectuais paranaenses,⁵¹ em certo sentido, continuadores de Romário Martins, ainda que em resposta a interesses e demandas contemporâneos, uma vez que os tempos não eram os mesmos e os paranistas dos anos de 1940 enfrentaram oposição declarada.

⁴⁹ DUDEQUE, Irã Taborda. 2001. *Op. cit.* p. 66.

⁵⁰ SOUZA, Fabrício Leal. 2002, *Op. cit.* cuja análise volta-se para as discussões políticas em torno do Monumento Guairacá, no período do Estado Novo. O Monumento era, ao mesmo tempo, um elogio à proteção do território nacional e uma valorização de um “herói” regional do Paraná e foi encabeçado por Romário Martins.

⁵¹ A noção de geração utilizada é a de SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. (org). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 255, para quem: “[...] esses efeitos de idade são às vezes suficientemente poderosos para desembocar em verdadeiros fenômenos de geração, compreendida no sentido de estrato demográfico unido por um acontecimento fundador que por isso mesmo adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. Mas uma geração dada extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto ao mesmo tempo o inato e o adquirido, que a marcam por toda a vida.” Este autor compreende por geração a “solidariedade de idade”, sugerindo que tal definição não seja tomada de maneira determinante, muito embora possa servir de chave para a compreensão de fenômenos do mundo intelectual, sujeitos aos efeitos da idade.

Dessa forma, em 1947, Dalton Trevisan escreveu: “Fortalece-se assim certa mentalidade reacionária (disfarçada pelo lindo adjetivo ‘*paranista*’), que, em nome de santas tradições, amputou as mãos e furou os olhos dos jovens artistas”.⁵² A acusação, em termos duros, tinha como alvo principal os intelectuais ligados ao paranismo e foi publicada na revista cultural *O Joaquim*, integrando uma série de outros ataques de Trevisan e outros jovens face às tentativas de ressurgimento do projeto de Romário Martins.

1.3 *O Joaquim* e o enfrentamento aos *paranistas*

Fundada em 1946, *O Joaquim* era propriedade de Dalton Trevisan, que com vinte anos, na época, não desfrutava de prestígio no mundo letrado.⁵³ A proposta explícita do periódico, onde predominava a literatura, era combater as perspectivas paranistas que, na visão de Dalton, haviam sufocado tudo de potencialmente novo, renovado ou moderno no Paraná. Cabe assinalar que o lançamento de uma revista cultural liderada por jovens não era exclusividade paranaense, pois propostas similares pululavam em outras regiões do país, não apenas nos grandes centros urbanos, mas também em regiões ditas provincianas:

O crédito aos jovens também se estende às periferias da cultura que ainda não tinham atingido uma relevância humana e artística. Elas representam a juventude numa cultura nacional marcada por discrepâncias de desenvolvimento. Havia, pois, em função deste quadro, um clima favorável para o surgimento de obras relevantes e inovadoras produzidas nas províncias.⁵⁴

Além disso, o autor entende que a universalização dos problemas humanos, em um mundo sacudido pelos acontecimentos da II Guerra Mundial, com episódios muito bem sintetizados sob a expressão “colapso da civilização”⁵⁵ articulada, em termos locais, às discussões em torno do nacionalismo, com ênfase na fragmentada identidade nacional, fizeram da produção literária regional um conjunto que podia ser reconhecido, ao mesmo tempo, como nacional e se relacionar a problemas universais.

⁵² TREVISAN, Dalton. A Geração dos vinte anos na ilha. *O Joaquim*, p. 03, n.º 9, 1947.

⁵³ É válido destacar que *O Joaquim* apresentava um discurso visto como moderno em um suporte gráfico menos elaborado.

⁵⁴ SANCHES NETO, Miguel. *A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Campinas: UNICAMP, 1998. p. 63.

⁵⁵ Toma-se o título de um capítulo de livro de Norbet Elias que, ao analisar a constituição do *habitus* do povo alemão através dos séculos, considera a II Guerra Mundial como o colapso da civilização, tendo em vista a suspensão dos valores morais e éticos, tão caros aos europeus, e exemplificado pelo antissemitismo, levado a extremos neste conflito. Ver: Norbert ELIAS. *Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Em oposição à Geração de 45, mais conservadora e reconhecida como o norte da produção literária e intelectual no pós II Guerra e Estado Novo, Sanches Neto aponta para as produções fragmentadas, levadas a cabo em espaços como Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza e Belo Horizonte, nas quais identifica o potencial crítico desses jovens, ainda desconhecidos como autores, mas promotores de intenso debate em torno do ofício da crítica, linha de interpretação que permite inserir *O Joaquim* em quadro mais amplo.

Note-se, também, a especificidade da revista de Trevisan que caminhava ao lado da diversidade e receptividade a outras formas de expressão, num território intelectual marcado pelo fechamento às novidades. Se não havia um caminho claro para o *fazer* literário, a revista divisava o que não poderia mais ser usado para produzir literatura. Sobre o projeto de lançamento de *O Joaquim*, os depoimentos de contemporâneos e as pesquisas sobre a trajetória da revista indicam que o periódico não reuniu um grupo fechado:

Dalton Trevisan procurou Erasmo Pilotto, propondo-lhe o plano de criar uma revista [...]. Erasmo Pilotto acatou com simpatia a ideia. Ambos se reuniram em casa do professor Erasmo [...]. Como se vê, a revista não surgiu de um grupo, mas de uma ideia de Dalton, cuja experiência de literato teve início com o jornal Tinguí. [...]Do Tinguí amadureceu a ideia Joaquim[...]. Foram buscar Antônio Walger, antigo colaborador, e formaram, assim, a direção da revista [...] Não partindo de um grupo, as produções não aglutinaram, eram realizadas individualmente e, se eram discutidas, o eram rapidamente, no local já citado ou no atelier de Guido Viaro.⁵⁶

Wilson Martins, crítico literário e colaborador assíduo da revista, também afirma que não havia um grupo *a priori*, lembrando que “em certo sentido foi a revista que criou o grupo e não o contrário,”⁵⁷ o que explica a opção por propostas amplas, que retomavam autores do modernismo, faziam apropriações de literatos estrangeiros, traduziam obras desconhecidas localmente e, ponto crucial, pretendiam destruir a tradição literária estabelecida no Paraná.

⁵⁶ SAMWAYS, Marilda Binder. Apud. SANCHES NETO, Miguel. *Op. cit.* p.71-72.

⁵⁷ Wilson Martins, em entrevista para Luiz Cláudio Soares de Oliveira, afirma: "**Pergunta:** Mas foi uma tese do próprio Dalton? Não teve um grupo de pessoas que se reuniu para formar a *O Joaquim*? **Resposta:** Não, não. Foi do próprio Dalton que apareceu assim e nós aderimos. Foi uma espécie de constelação que se formou, porque nós éramos amigos dele e ele nosso, então automaticamente nós entramos na mesma briga. Por isso que eu digo, o Erasmo Pilotto é um pouquinho como Pilatos no credo. Ele era amigo do Dalton, e escreveu na *Joaquim*, mas não era um espírito moderno, ao contrário, era um espírito bem mais conservador, clássico e, como mencionei há pouco, muito mais ligado espiritualmente ao parnismo do que a qualquer reforma estética. Tanto que saiu logo. Diria que foi mais como amigo do Dalton que ele aceitou colaborar para a fundação da revista." OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares. *Op. Cit.*, 2005, p. 217.

O surgimento da *O Joaquim* coincidiu com a retomada dos projetos regionalistas no Paraná. A queda do Estado Novo forneceu a autorização oficial para que diversos setores, incluindo o governo e agremiações intelectuais, se movimentassem buscando retomar o tema do paranismo - pouco afeito à literatura renovada, tal como proposta pelos mais jovens. Não se deve subestimar a força do movimento, que se desdobrou e se infiltrou profundamente nas produções intelectuais do estado, sendo difícil avaliar a extensão de sua área de atuação.

Na literatura, o paranismo firmou pé e produziu um sem fim de textos cantando pinheirais, indígenas civilizados, lírios e uma Curitiba perfeita. Ocupando cadeiras no *Centro Paranaense de Letras*, na *Academia Paranaense de Letras*, no *Centro de Estudos Bandeirantes*, no *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* e no *Centro de Letras José de Alencar*, intelectuais vinculados ao ideário dominaram as instâncias de legitimação locais. Houve incentivo à produção de escritores locais, a exemplo do *Grupo Editor Renascimento do Paraná* (GERPA), fundado em 1944 por Raul Gomes que, nos anos de 1920, comandou a *Editora Novella Paranaense*. Ele editou obras de Nestor de Castro e Emiliano Perneta, ambos ligados ao simbolismo, adotados pelos paranistas e mortos há mais de vinte anos.

Em outros termos, iniciativas que buscavam o renascer literário do Paraná o faziam a partir de um passado supostamente glorioso, sem que se reconhecesse no presente um grande valor. A proposta do GERPA era buscar o talento dos paranaenses, independente de onde fosse, afinal, se tratava de seguir o exemplo paranista e considerar tudo o que foi feito com boas intenções e, especialmente, intenções regionalistas.

Embora a fórmula nunca tenha se mostrado muito produtiva, a insistência em recorrer ao paranismo revela um tipo de afeição ou filiação que ultrapassa o sucesso imediato. Se todos pretendiam o fortalecimento da unidade do Estado, ou se estavam mais interessados em manter as posições de destaque que ocupavam, é difícil saber. No entanto, a aderência ao paranismo era tida como um caminho eficaz para alcançar tais objetivos.

Na contramão dessa insistência e com viés vanguardista, *O Joaquim* pretendia ultrapassar as fronteiras do Paraná, tanto que propunha uma literatura para além dos limites da Rua XV, que não fosse saturada de pinheiros, lírios, paranismos, ufanismos, e enfim, que deixasse para trás as cansativas e repetitivas temáticas das décadas anteriores. *O Joaquim* desejava, pois, desconstruir a tradição e, para tanto, não poupou os grandes representantes do paranismo, vivos ou mortos.

Os ataques tomavam forma curta e irônica ou surgiam em longos e bem elaborado textos argumentativos. Os mais comuns eram encontrados na seção *Oh! As ideias da província...*, na qual os editores selecionavam na imprensa local trechos de notícias, artigos e reportagens que evidenciavam o quão ultrapassados estavam as ideias em circulação no Paraná. Além de extrair estes excertos, era comum que os jovens da *O Joaquim* acrescentassem, aqui e ali, sinais de pontuação ou expressões que sugeriam, de forma irônica, outros sentidos para os textos e autores citados. Assim, um comentário positivo a respeito do livro *Dentinho de Ouro*, de Didi Fonseca, foi apropriado da seguinte maneira: “O que mais assinala o êxito (sic) do escrito da sra. Didi Fonseca é essa porção de interesse, que ele consegue despertar. Quem começa a ler o ‘Dentinho de Ouro’, vai ao fim (!). Isso, talvez, seja o maior elogio que se possa fazer... apareceu um escritor, a quem eu saúdo”.⁵⁸ O original, publicado na *Gazeta do Povo*, não tinha os elementos entre parêntesis, que conferem outra possibilidade interpretativa ao texto.

A seção surgia na revista *O Joaquim* sempre que sobrava espaço numa página,⁵⁹ razão suficiente para alguém se tornar vítima das brincadeiras de Trevisan e seus colegas. Obviamente, muitos reagiam via manifestação nos jornais, especialmente *A Gazeta do Povo*, sempre clamando por maior respeito.

Raul Gomes, proprietário e idealizador do GERPA, embora não tenha sido atacado diretamente, defendeu os seus autores em artigo de junho de 1946, publicado pelo matutino *O Dia*, nos seguintes termos: “Que nos cabe fazer diante desse trabalho de destruição e desmoralização de nossas glórias?”, perguntava-se o homem que tanto havia investido exatamente nos que eram alvo de chacota e, ao se defender, concluía: “Um esteta francês costumava dizer: ‘*Ce verre c’est à verre c’est moi!*’ – este copo é de vidro mas é meu... assim os nossos literatos: - maus, mas nossos!”⁶⁰ A crítica da revista, que insistia no baixo nível das produções literárias paranaenses, era corroborada por aqueles que deveriam defender a qualidade dessas produções: podiam ser maus literatos, sendo paranaenses (melhor ainda, paranistas) era suficiente.

Além das brincadeiras da seção *Oh! As ideias da província...*, entrevistas, críticas literárias, traduções e artigos também procuravam construir uma nova

⁵⁸ TREVISAN, Dalton. *Oh! As Ideias da Província. O Joaquim*, n.º 1, p. 09, Abr. 1946.

⁵⁹ Para Sanches Neto essa seção foi criada com fins práticos e facilitava a diagramação da revista. Embora se reconheça essa possibilidade de explicação, vale lembrar que accidental ou planejada, a seção tinha um objetivo coerente dentro da revista e, portanto, o que vale destacar são seus efeitos no interior da publicação.

⁶⁰ GOMES, Raul. Apud. OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares. *Op. cit.*, p.153. O trecho foi reproduzido conforme citação do autor referenciado.

perspectiva literária para o Paraná. Merece destaque o artigo, publicado no segundo número da revista, assinado por Trevisan e intitulado *Emiliano, poeta medíocre*. O alvo não era o nomeado no título do artigo, Emiliano Pernet, poeta menor da geração simbolista nacional e que, anos mais tarde, foi reclamado pelo grupo paranista como exemplar da produção literária estadual; a crítica voltava-se, mais uma vez, para as “ideias da província”, como se vê logo nas primeiras linhas do texto: “Emiliano Pernet foi uma vítima da província, em vida e na morte. Em vida, a província não permitiu que ele fosse o grande poeta que podia ser, e, na morte, o cultua como sendo o poeta que não foi.” Na sequência, Trevisan continua diminuindo a importância do simbolismo na literatura nacional e creditando o sucesso póstumo de Pernet à sua personalidade cativante e, para comprovar o não lugar do *grande* poeta, recorreu à história literária, que dele não se ocupou, para concluir:

Me entendam bem os chauvinistas. Porque, em arte, não há prata de casa, é-se Dostoiewski ou L. Romanowski, é-se Rimbaud ou ... e pobre de quem lê Ciúme da morte, em vez de Dostoiewski, por causa que um é comunista russo e, o outro, nasceu em Mal. Mallet... E, pois, hélas! Não se perca tempo, vamos aos valores supremos, a essas experiências decisivas de Rilke, Aragon, Drummond de Andrade. ‘Ilusão’ é, porventura, o melhor livro de poesia escrito no Paraná, grato ao nosso coração por um laço afetivo, mas nem por isso é um livro que ultrapasse as fronteiras da rua 15 e, pra nós, neste instante, são fronteiras do mundo, e não as da rua 15, que procuramos atingir.⁶¹

Com a crítica ao passado, lançavam-se as bases para o futuro, pois superar Pernet, Andersen, Valfrido Piloto, Romário Martins e quem mais o *paranismo* tivesse selecionado segundo os seus critérios, exigia que o Paraná e sua literatura abandonassem a postura ensimesmada. A proposta de *O Joaquim* gerou tensões, como se observa na resposta publicada no jornal *O Dia*, agora relativa à outra glória do estado:

Ninguém aqui jamais agrediu JOAQUIM. Discutiu JOAQUIM. Ridicularizou JOAQUIM.

JOAQUIM é quem tem investido, até aqui não contra os velhos mas contra os mortos!

Para o intrépido autor de SONATA AO LUAR, precisamos arrasar os nossos desencarnados. Daí suas investidas contra Emiliano Pernet, Andersen e naturalmente contra outros.

Parece estar o ardente moço a perder seu tempo nessas agressões contra os que já passaram para a outra margem principalmente quando um deles é Alfredo

⁶¹ *Idem*.

Andersen e produziu cerca de 2000 obras, espalhadas pelo mundo e que nem bombas atômicas serão capazes de destruir!⁶²

Eis a resposta ao ataque de Trevisan ao pintor Alfred Andersen, radicado no Paraná no início do século, publicado no número 7 de *O Joaquim*. Andersen fez sucesso entre alguns jovens dos anos de 1920 e produziu diversas pinturas com motivos caros ao paranismo. Em 1933, uniu-se a Romário Martins e respondeu pelo visual da revista *Paranista*. Na análise de Trevisan, intitulada *Viaro, hélas... e abaixo Andersen*, o autor propõe derrubar o pintor do seu pedestal e substituí-lo por Guido Viaro, pintor italiano, mais afinado com as vanguardas europeias do início do século XX, que deveria orientar a trajetória de jovens artistas. Para Trevisan, o grau de institucionalização de Andersen comprometeu a sua produção e, longe promover o avanço do homem, atendeu demandas pré-estabelecidas. E pior, embora morta, era essa obra ultrapassada que ainda guiava o gosto e a produção paranaenses.

A resposta elaborada pelo jornal *O Dia* demonstra que, de fato, Andersen era um dos “mitos intocáveis” e, depois de responder a Trevisan, o jornal nunca mais mencionaria *O Joaquim*, quer para o bem quer para o mal. O silêncio atestava a grande resistência aos temas propostos por *O Joaquim* e o quanto o paranismo ainda resistia, era uma força influente e se defendia dos ataques. Romper com a tradição parecia um equívoco para aqueles que assinaram o artigo no jornal *O Dia* (e para muitos outros autores do período). Nem os anos de política antirregionalista, comandada pelo ex-ditador Vargas, foram suficientes para abalar tal propósito e, frente ao fervilhar de novas ideias, era preciso reforçar o movimento, o que de fato ocorreu.

1.4 A Divulgação: a fundação e uma breve descrição

Em dia incerto do mês de outubro de 1947, Romário Martins rabiscou à mão um texto, com pouco mais de cinco linhas, no qual se lê: “A ideia da fundação de uma revista divulgadora de assuntos da nossa terra, e que no caso será A DIVULGAÇÃO a ser lançada pelo ilustre escritor e jornalista Major Arnauld F. Velloso, é sobremaneira feliz. Nós precisamos dizer o que somos, o que valem os e o que pretendemos ser”.

⁶² *O Dia*, p. 4, jan. 1947.

Figura 1: Depoimento de Romário Martins sobre a fundação da revista *A Divulgação*, preservado no diário de Arnould Ferreira Velloso, Out. 1947.

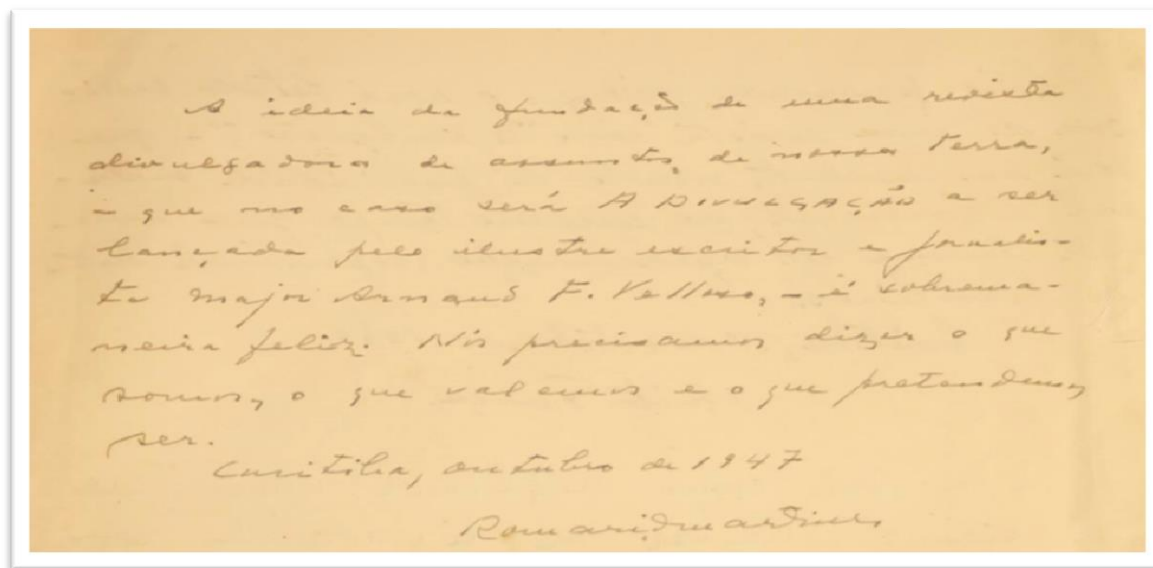
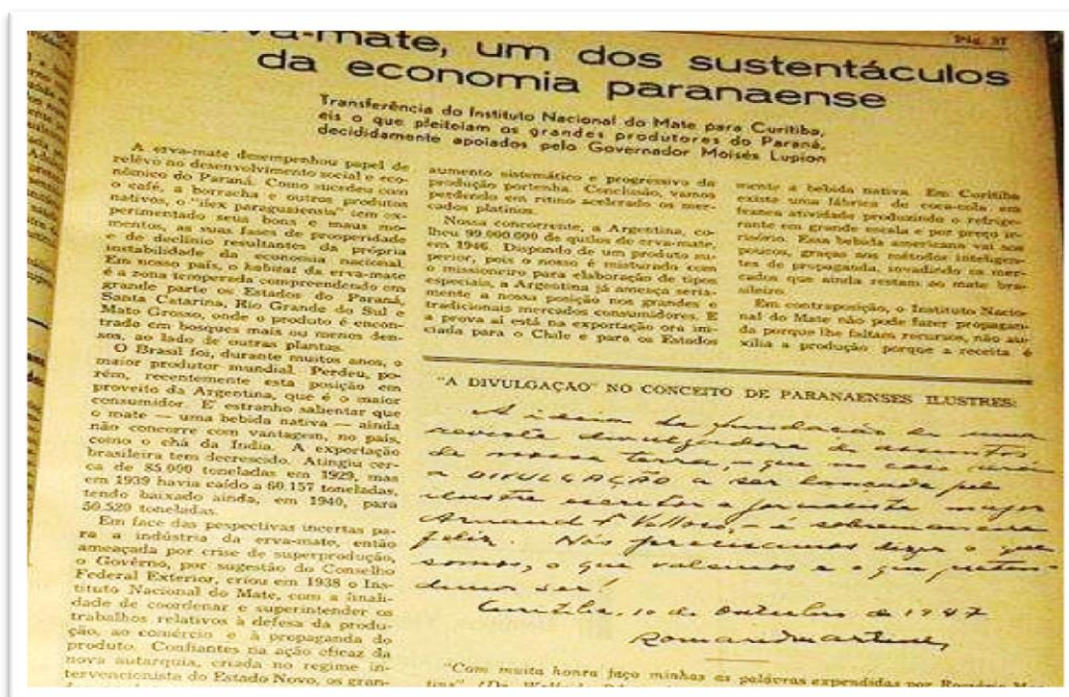


Figura 2: Reprodução do depoimento de Romário Martins publicado no primeiro número da revista *A Divulgação*. *A Divulgação*, Ano I, p.17, Nov.-Dez. 1947.



A frase foi reproduzida na íntegra e com a letra do autor nas páginas do primeiro número da revista *A Divulgação*, em novembro de 1947. O original foi preservado pelo proprietário da revista, Arnould Ferreira Velloso, dentro de uma espécie de diário, acompanhado de outros breves depoimentos colhidos entre personalidades locais, todas

manifestando seu entusiasmo com o lançamento da revista. Em algum momento, esses textos foram publicados nas páginas do periódico na seção *A Divulgação no conceito de paranaenses ilustres*. Nomes como Romário Martins, Dicesar Plaisant, David Carneiro, Marita França, Heitor Stockler França e outros tantos se pronunciariam sempre de forma positiva, enaltecendo a iniciativa de Velloso.

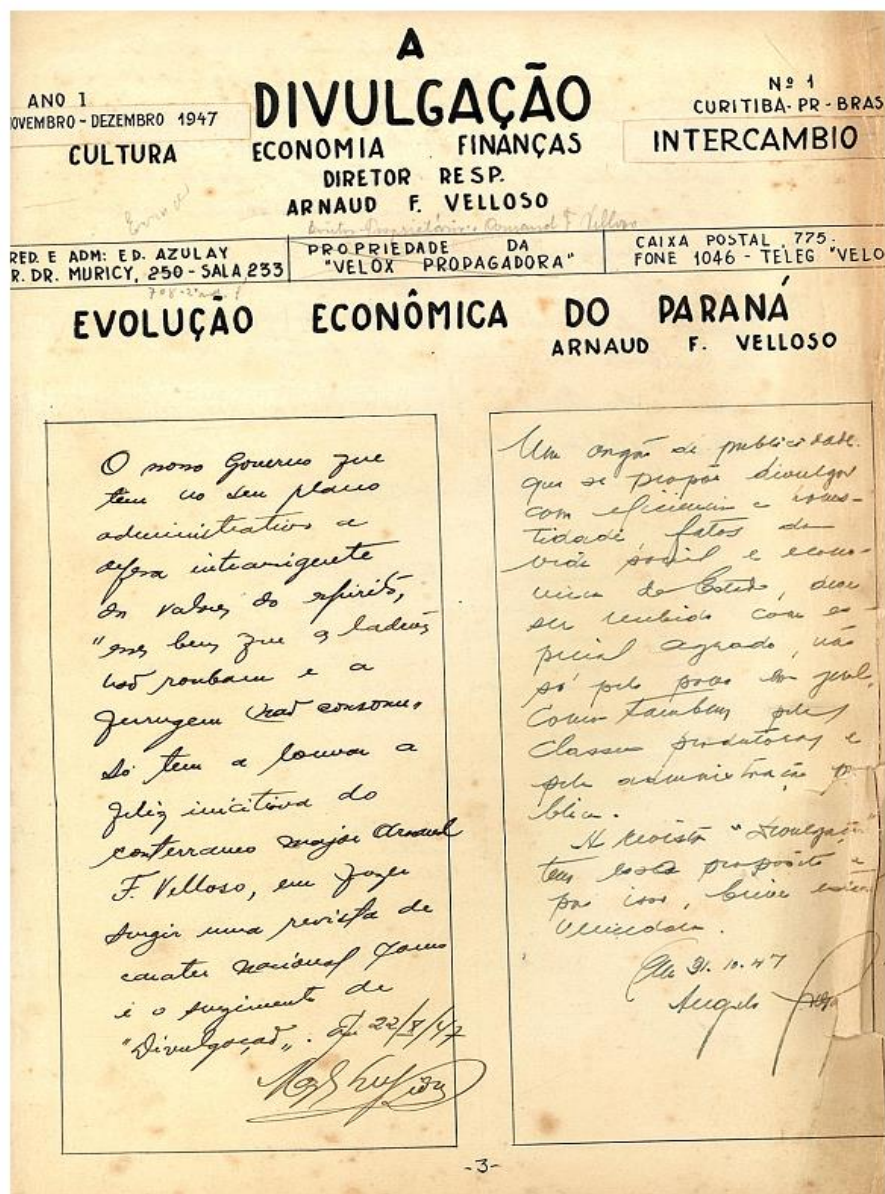
Além dos nomes já citados, a seção contou com muitos depoimentos, que ultrapassavam largamente os quinze preservados no diário pessoal de Arnould Ferreira Velloso. É interessante observar, no entanto, que nesse reduzido conjunto existem pistas sobre o projeto da revista. É bem provável que Velloso tenha procurado os depoentes, na expectativa que se tornassem colaboradores, afinal, vários assinaram artigos em *A Divulgação*. A maioria dos textos-depoimento data de outubro de 1947, um mês antes de a revista vir a público e estão reunidos em quatro páginas, já bastante deterioradas, indicando que cada um dos ‘paranaenses ilustres’ escreveu o que lhe sugeriu a proposta de fundação de uma revista às vésperas do lançamento d’*A Divulgação*. É mesmo possível que Velloso ainda não tivesse delineado a integralidade do projeto e que as opiniões possam ter contribuído para o formato em construção.

Ao ser lançada, *A Divulgação* apresentava qualidade gráfica razoável, capas bem feitas e coloridas, *layout* interno limpo e bem organizado, um conjunto seletivo de colaboradores, boa recepção entre grupos intelectuais e circulando em todas as capitais do país, a confiar nos dados do expediente.⁶³ Esses aspectos contribuíram para infundir confiança nos futuros compradores. E, de fato, ao longo de dez anos, a revista veio a público sem dar sinais das dificuldades enfrentadas para sua efetiva circulação, como revela a análise cuidadosa do impresso e dos documentos do seu proprietário.

A imagem sequente, que também compõe o diário de Velloso, é o *layout* do projeto do espaço destinado ao editorial da revista, estipulando-se a distribuição das informações na primeira página.

⁶³ Na página de expediente pode-se ler: “Representantes em todas as capitais do País”. *A Divulgação*, Ano I, n. 01-02, Nov. - Dez. 1947.

Figura 3: Layout do projeto da página de editorial da revista *A Divulgação*, preservado no diário de Arnald Ferreira Velloso.



Anotações feitas a lápis e colagens assinalam o processo de construção do periódico. No alto da página, há um filete de papel colado com a data de lançamento da revista (novembro – dezembro de 1947); ao se observar contra a luz, é possível perceber que este filete encobre outra data, abril de 1947, o que permite supor considerável atraso para o efetivo lançamento, cuja causa não foi possível precisar. Contudo, é fato que houve um longo período de preparação, pelo menos oito meses.

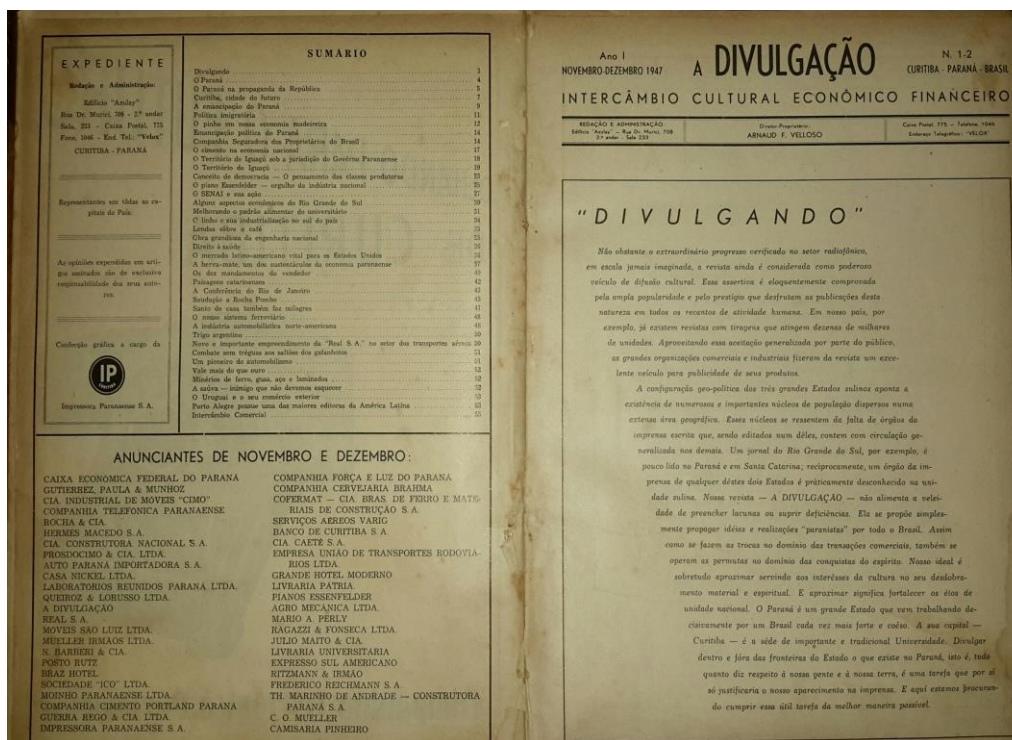
O documento apresenta outros elementos importantes como, por exemplo, o espaço onde figuram as informações administrativas do periódico, especificamente, o item central onde se lê “Propriedade da ‘Velox propagadora’”. A *Velox Propagadora* -

apresentada como agência de publicidade - foi fundada por Velloso no início de 1940, sediada no Edifício Azulay, Rua Dr. Muricy, 233, o mesmo endereço da revista. A publicidade “profissional”, naqueles anos, era feita pelo rádio e pela imprensa e contava com poucos especialistas. Com a agência, Velloso garantia, por um lado, um grupo de clientes, entre empresários de médio e grande porte que não contava com tal serviço e, por outro lado, conseguia na própria agência de publicidade uma parte considerável da renda necessária para a manutenção do periódico, garantida pelos constantes anunciantes. Tal situação evidencia-se quando se observa que, no seu primeiro número, *A Divulgação* contou com 45 anúncios publicitários, número alto para um periódico que apenas iniciava suas atividades. Assim, os anunciantes propiciavam uma renda que lhe garantia certa autonomia financeira, uma vez que a *Velox Propagadora* era, em origem, a maior cliente da revista no que diz respeito aos espaços de anúncio e Velloso, o proprietário de ambas as empresas.

Contudo, ao ser lançada, *A Divulgação* não se apresentava como propriedade da *Velox Propagadora*; o espaço administrativo informava somente que o diretor-proprietário era Arnould Ferreira Velloso. Ao suprimir os vínculos entre a *Velox Propagadora* e *A Divulgação*, Velloso impedia ou, ao menos, retardava a relação direta entre seus dois empreendimentos.

Além da mudança na data do primeiro número, há outra colagem indicando alterações no subtítulo. No projeto original, o título viria seguido dos termos *cultura, economia, finanças, trabalho*; sabe-se que o termo trabalho foi substituído por *intercâmbio*, com uso de outro filete de papel. Mudança que não se efetivou, pois, no número inaugural, a revista saiu com o subtítulo: *Intercâmbio cultural, econômico, financeiro*. De qualquer maneira, esse subtítulo persistiu somente até os números 07-08 de 1948, quando foi alterado para *A Divulgação: Ilustrada, noticiosa, social e comercial*; finalmente o subtítulo desapareceu a partir de abril e maio de 1949.

Figura 4: Páginas do expediente publicadas no primeiro número de *A Divulgação*.



A instabilidade que marcou o subtítulo jamais chegou a afetar o nome do periódico que, de 1947 a 1965, foi sempre *A Divulgação*, embora, em 1959, tenha ocorrido o acréscimo do termo “*paranaense*”.⁶⁴ O adjetivo, acrescentado depois de mais de uma década de circulação da revista, não significou alterações na linha editorial, consagrando uma situação já então estabelecida e que foi se tornando progressivamente mais evidente. Das razões que levaram a escolha do título, pouco se falou nos primeiros números. Somente em julho de 1956, ao avaliar o caminho já trilhado, Velloso rememora e compartilha a dúvida em relação ao nome:

Divulgação é um nome que bem define o caráter desta revista e a obra que ela vem realizando, com desprendimento e determinação, a favor do nosso Paraná. Quando, há cerca de um decênio, nos propusemos lançar, no setor da imprensa, uma publicação deste tipo, o nome da mesma foi um dos temas que mais nos preocuparam. Alguns de nossos colaboradores, que conosco participaram da arrancada inicial, julgavam que tal detalhe não deveria merecer tanta

⁶⁴ A preocupação com o título ancora-se em discussão já antiga a respeito da sua importância para as revistas, especialmente, as culturais. “O título é como lhe chama Leo Hoek, a marca do texto (lat. *Titulus*, ‘marca’, inscrição). É a primeira sequência do texto, a sua marca inaugural, o seu “estado civil”, cuja importância em termos culturais e psicossociais devemos reconhecer. Efetivamente, o título de uma publicação, por si só, é uma forma de captação do leitor, podendo constituir uma motivação da compra – pelo seu poder de sedução (prazer estético que provoca no público) ou pelo seu poder de choque (sucesso pelo inesperado). É pelo título que o leitor começa a travar relações com uma revista nos pontos de venda e de leitura. Daí que, com Leo Hoek, possamos falar de suas múltiplas funções: identificadora, informativa, persuasiva, aperitiva, publicitária e ainda mítica – pois o título pode deter uma espécie de poder mágico, ser um “abre-te Sésamo” da publicação, predizer o co-texto (*nomen numen*)”. ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: IN-CM, 1985, p. 154

importância. Sim, pensavam eles, bastaria um nome sugestivo e que ficasse na lembrança de todos. Para nós outros, porém, o nome da publicação seria uma legenda de trabalho e de ação, mais do que um simples insinuante e fácil de gravar. Imaginávamos um retrato sem retoques do Paraná da atualidade, nesta fase decisiva de seu crescimento material e de sua projeção estupenda no cenário nacional. Foi assim que surgiu *Divulgação* porquanto, como o próprio nome indica, a revista teria por finalidade primordial, divulgar os acontecimentos marcantes da vida paranaense, dentro e fora das fronteiras do estado.⁶⁵

Assim, o nome do periódico não tinha nada de aleatório, sua escolha vinculava-se à proposta de projeção do estado no cenário nacional e, note-se, que o momento era de valorização dos meios publicitários, portanto, nada mais lógico do que fazer para o Paraná uma “campanha publicitária”. Além disso, a posição elogiosa assumida pelo periódico combinava muito bem com a proposta paranista, sempre confiante nas vantagens de ser paranaense; o “retrato sem retoques,”⁶⁶ prometido por Velloso, tinha um enquadramento, o que por si só já demonstrava a lateralização do periódico.

O conflito, muito tênue, em relação ao nome da revista apareceu apenas nesse editorial e quem folheia a periódico não o toma como espaço em disputa, pelo contrário, *A Divulgação* se apresentava como espaço acabado, que não pareceu necessitar de alterações ou reelaborações. As raras mudanças nos aspectos externos da revista são sintomáticas desse perfil estático, já as mudanças internas, conforme se verá, foram feitas a partir de negociação peculiar, em que pese o poder de influência de pessoas ligadas afetivamente a Velloso.

É possível perceber estabilidade no perfil das capas, ainda que se possa distinguir três momentos na seleção dos seus elementos visuais e textuais. No primeiro, que se estende do lançamento ao número 93, de julho de 1955, as capas eram elaboradas a partir de fotos ou ilustrações em que se alternavam pontos turísticos, obras consideradas significativas para o estado ou composições alegóricas, conforme nomenclatura atribuída pela própria equipe editorial da revista a um conjunto variado de imagens com diversas temáticas. Até abril de 1956, portanto, por curto período, configura-se um momento de transição e testes, quando predominavam chamadas nas

⁶⁵ VELLOSO, Arnould Ferreira. Divulgando. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Jul. 1956.

⁶⁶ Esse editorial é de 1956, uma década depois de *A Divulgação* ser lançada, mas é interessante observar que, ao comentar o projeto da revista, Velloso diz que pretende fazer um “retrato sem retoques” do Paraná. Note-se que *Paraná vivo: um retrato sem retoques* era o título de livro publicado em 1953 por Temístocles Linhares, colaborador assíduo de *O Joaquim*. A proposta do livro era menos ufanista do que a d’*A Divulgação*, mas oferecia igualmente, uma visão positiva do Estado. Embora careça de análise mais detida, esse detalhe na trajetória de Linhares permite atentar para a polifonia de um mesmo intelectual, que ocupa diversos espaços em sua trajetória e muda de posição, o que pode permitir a aproximação com grupos que, a princípio, não concordava.

capas e ilustrações de baixa qualidade, se comparadas às anteriores. A partir de maio do citado ano, as capas d'*A Divulgação* passaram a estampar fotos de moças da alta sociedade paranaense, acompanhando aquilo que ocorria em revistas como *O Cruzeiro* e *Manchete* que, como se viu, eram modelos de sucesso apropriados por outros periódicos. De maneira geral, as capas recebiam poucos elementos: a imagem principal e o título da revista, localizado em função da imagem selecionada.

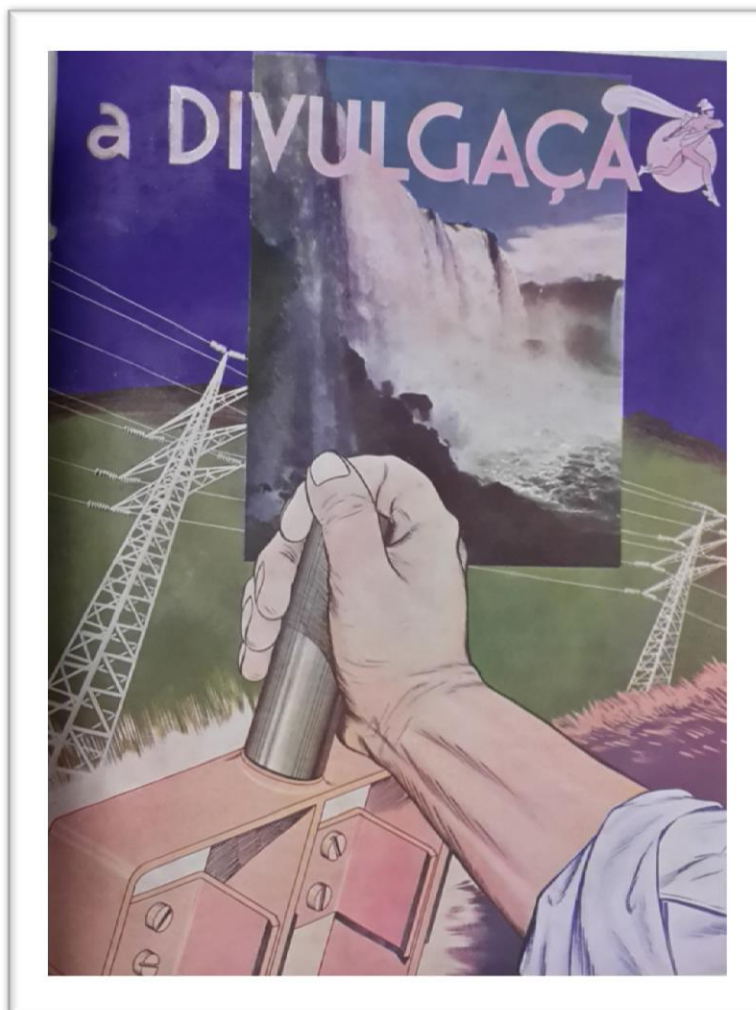
Era hábito publicar nota explicativa intitulada *Nossa Capa*, na qual se explicitavam as razões que levaram à escolha da imagem, ausente apenas em duas oportunidades: no número inaugural e no de maio de 1956. Na primeira capa - reproduzida a seguir - há, de um lado, engrenagens e locomotivas ladeadas por edifícios imponentes e, de outro, o campo arado não mais pela tração animal, mas pelo maquinário moderno. Ao centro há um rosto humano indistinguível, exceto pela sua função de pensador e escritor, conforme indicam a expressão reflexiva e o lápis que segura diante do rosto. A capa sintetizava, do ponto de vista dos idealizadores do periódico, a um só tempo, as experiências pela quais passavam alguns setores do Paraná daquele período e o lugar que *A Divulgação* se auto atribuía, a saber, o de refletir sobre estes novos tempos.

Figura 5: Capa. *A Divulgação*, ano I, nº. 01-02, Nov.-Dez. 1947.



A primeira capa é possivelmente a alegoria mais elaborada utilizada n'A *Divulgação*, pois, depois dela, os elementos tornaram-se por demais óbvios e, além disso, a compreensão do público era guiada pela nota explicativa. Nem por isso, pode-se deixar de considerar alguns pontos interessantes observados no conjunto das capas, como no caso do número 26-27, de janeiro e fevereiro de 1949, em cuja montagem vê-se, ao centro, a foto de uma das quedas d'água do Rio Iguaçu e, ao redor da imagem, a ilustração das torres de transmissão de energia elétrica, além da mão de indivíduo não identificado, movendo uma alavanca que, supõe-se, colocará em funcionamento toda estrutura necessária para a geração e distribuição de energia hidrelétrica.

Figura 6: Capa. *A Divulgação*, nº. 26-27, 1949.



Sabe-se que, nesse período, o governo do Paraná elaborou um amplo programa de intervenção estatal em rios com potencial hidrelétrico, o que se constituía em inflexão na área de energia, pois, até então, poucas eram as usinas construídas por iniciativa pública, já que a rede fluvial era encarada como um desafio ao avanço da civilização e não como uma vantagem.

Foi no final da década de 1940, durante o mandato de Moysés Lupion, que a situação alterou-se:

A partir dessa gestão, o Estado passou a intervir diretamente na organização, produção e distribuição de energia elétrica, com a criação do Serviço de Energia Elétrica do Estado em 1947, transformado em Departamento de Águas e Energia Elétrica em 1948, como "pessoa jurídica, autonomia administrativa e financeira", o que seria a origem da COPEL – Companhia Paranaense de Energia Elétrica.⁶⁷

⁶⁷ ARRUDA, Gilmar. Rios e governos no Estado do Paraná – pontes, "força hidráulica" e a era das barragens (1853-1940). *Varia História*, v.24 n. 39, Belo Horizonte Jan. – Jun. 2008.

Contudo, projetos de racionalização dos potenciais energéticos regionais não eram uma especificidade do Paraná e seguiam, na verdade, as recomendações da *Comissão Técnica do Planejamento de Energia Elétrica* que, no 2º Congresso Brasileiro de Energia e Indústria, sugeriu aos estados da Federação, uma atuação mais efetiva na operacionalização da produção de energia através de fontes renováveis indicando que a capa d'*A Divulgação* estava em harmonia com a situação vigente em âmbito nacional. Porém, quando se lê a nota, é o tom regional que ganha força:

A capa simboliza uma homenagem alegórica ao patrono do Plano Hidroelétrico em execução em nosso Estado, sr. Moysés Lupion. A concretização dessa importante e já vitoriosa iniciativa está a cargo do engenheiro Luiz Orlando a cuja capacidade realizadora rendemos preito de admiração. Já passou a fase lírica em que se cantavam em prosa e verso as riquezas naturais da Terra das Araucárias, até então dormitando em estado potencial. Estamos vivendo a época em que os problemas prementes de interesse coletivo são planejados e solvidos de modo prático e racional. O aproveitamento do potencial Hidroelétrico do Paraná é um fato real e comprovado. Essa vitoriosa iniciativa marcará uma nova era para o progresso social e econômico do nosso Estado.⁶⁸

Além da relação entre o desenvolvimento hidrelétrico e progresso, que eram moles políticos do período, é interessante observar o enaltecimento da figura do governador Moysés Lupion. Não há menção ao fato de que o investimento nesse tipo de projeto era um processo nacional e, assim, Lupion tornou-se o patrono do progresso, o administrador racional, aquele que conduziu as riquezas naturais da condição de motivos para poemas à condição de realidade melhorada e comprovada. É válido ressaltar que *A Divulgação* sempre se definiu como neutra, sem firmar pactos políticos ou defender interesses partidários.

Também houve espaço, nas capas da primeira fase, para os projetos rodoviários do Estado (n. 17-18), para o café, visto como motor econômico do período (n. 24-25) e para uma infinidade de pontos turísticos, como Vila Velha (Mar.-Abr.1952), Guaratuba (Nov.-Dez.1951), Praça Tiradentes e Praça Santos Andrade (n. 31-32-33 e Mar.-Abr.1951, respectivamente). Em síntese, todas as capas lembravam ao leitor as grandezas do Paraná e reforçavam uma visão positiva do estado, seguindo um modelo de enaltecimento já usado em outros momentos. Além disso, essas capas construía um padrão estético e uma identidade visual marcada pelo regionalismo ufanista que tinha

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752008000100008&script=sci_arttext
Acesso: 18 maio 2015.

⁶⁸ Nossa Capa. *A Divulgação*, n.º 26-27, Jan.-Fev, 1949.

em mira identificar os leitores paranaenses com a região, indício de que a revista não tinha vocação para ir além das fronteiras locais.

Depois de julho de 1955, aumentam as informações contidas nas capas, que passaram a exibir chamadas para as principais reportagens e seções da revista. Essa estratégia relacionava-se com a reestruturação do periódico, com vistas a atrair a atenção do público a partir da capa, e guarda relação com um processo interno da revista, que passava por mudanças na diagramação e administração. Nesse momento, embora as capas mantivessem como motivo principal imagens relacionadas ao estado do Paraná, as chamadas demonstravam um interesse em renovar o perfil da revista que, há quase dez anos, mantinha, ao menos aparentemente, o mesmo aspecto.

Figura 7: Capa. *A Divulgação*, Jul. 1955.

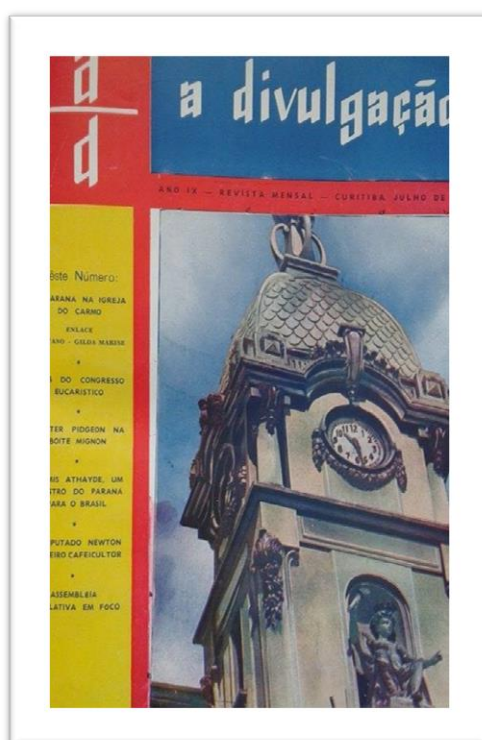
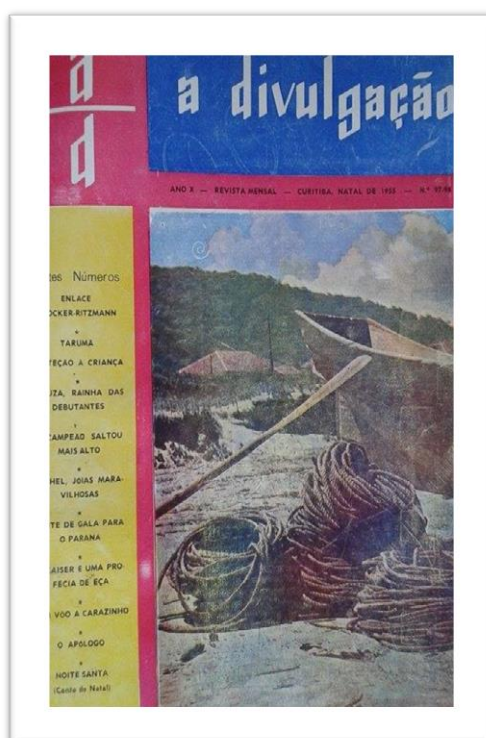


Figura 8: Capa. *A Divulgação*, Dez. 1955.



Entre fevereiro e abril de 1956, as ilustrações voltaram a ocupar todo o espaço da capa, mas a qualidade já não era a mesma das anteriores. Somente a capa de abril de 1956 é assinada por um colaborador da revista, L. Esmanhoto, primeiro diagramador do periódico.

Figura 9: Capa. *A Divulgação*, Mar. 1956.



Figura 10: Capa. *A Divulgação*, Fev. 1956



Em maio de 1956, *A Divulgação* surgiu com uma capa bastante diferente, já que, pela primeira vez, ao invés de belezas naturais, construções consideradas significativas ou ilustrações que sugerem interesses contemporâneos, apresentou o rosto de uma jovem. Nesse número, não houve nenhuma explicação para mudança tão brusca, mas é provável que tivesse sido mais um dos frequentes testes que vinham ocorrendo nos meses anteriores.

Figura 11: Capa. *A Divulgação*, Maio 1956.



No número de junho, a nota *Nossa Capa* reapareceu com a seguinte explicação:

Obteve extraordinário êxito a modificação operada na capa do exemplar de maio de *A Divulgação* a qual apresentou sugestivo clichê do lindo e gracioso rosto de Ivony Lour, Miss Paraná 1956. Diante da excelente acolhida dispensada à inovação, resolvemos insistir na apresentação de outros tipos de beleza selecionados dentre as figuras representativas da sociedade paranaense.⁶⁹

Não havia qualquer prognóstico de que as capas seguiriam o modelo daquele mês e a trajetória dos números anteriores reforça a interpretação de que a direção da revista tateava novas possibilidades. A menção à “recepção positiva” obtida pela capa

⁶⁹ Nossa capa. *A Divulgação*, Jun. 1956.

com a foto da *Miss Paraná 1956* sugere que as mudanças anteriores não teriam sido tão bem recebidas pelo público ou, pelo menos, não causaram o impacto esperado. E, de fato, as capas em que jovens pertencentes à elite do estado eram apresentadas como símbolos das belezas locais vinham a calhar, especialmente num momento em que *A Divulgação* procurava se aproximar do perfil das revistas ilustradas de centros como o Rio de Janeiro e São Paulo. Essa terceira fase manteve-se até novembro de 1965 quando, sem aviso, a revista deixou de circular.

Marcada pela estabilidade nos aspectos materiais, as alterações d'*A Divulgação* foram poucas, lentas e, no geral, feitas sem alarde. Surgida em novembro de 1947, a primeira proposta da revista era circular bimestralmente, com análises dos principais pontos de interesse relativos aos dois meses anteriores. Em 1948, contudo, ocorreu um atraso e o volume único, que trouxe os números 09-10-11, foi publicado três meses depois da saída do número imediatamente anterior. A equipe editorial explicou a mudança na periodicidade:

Reunimos no presente exemplar os números 9, 10, 11 abrangendo os meses de Agosto, Setembro e Outubro do corrente ano. Sendo “*A Divulgação*” uma revista bimestral, isto é, que deve circular de dois em dois meses, é natural que devemos por esse fato uma explicação aos numerosos leitores deste e outros Estados que nos vêm honrando com sua preferência. Ninguém desconhece os óbices que somos obrigados a enfrentar para imprimir uma revista do estilo e feitio de *A Divulgação*, mormente no Paraná onde existem poucas gráficas e todas extremamente sobrecarregadas de serviço. Pois bem, não desejando reduzir a matéria noticiosa e nem rebaixar o nível gráfico da revista, requisitos que inegavelmente têm contribuído para que cresça de exemplar para exemplar, a nossa corrente de leitores, resolvemos incluir o mês de Outubro na presente edição que apenas devia abranger os de Agosto e Setembro, circunstância que nos permitirá pôr em dia as nossa publicações do ano em curso.⁷⁰

A partir dessa breve explicação, tem-se noção das dificuldades que permeavam o setor de imprensa no Paraná daquele período. Sem gráficas de qualidade em quantidade, revistas e jornais precisavam optar entre imprimir seus números com qualidade baixa ou entrar na fila das poucas gráficas de melhor qualidade. Embora não se conte com estudo sobre as condições do setor gráfico no Paraná naqueles anos, dados tangenciais sugerem que a grande gráfica do período foi a *Impressora Paranaense*, fundada no século XIX sob o título *Tipografia Paranaense*, que durante muitos anos liderou o mercado em termos de tecnologia e de clientes, entre os quais estava *A Divulgação*. A escolha dos serviços dessa empresa combinava a busca por qualidade com a atenção a leitores de

⁷⁰ Explicação. *A Divulgação*, n.º 09-10-11, p. 01, Ago.-Set.- Out.1948.

fora do Paraná, pois há indícios de que a empresa do setor enviava as revistas e jornais que imprimia para outros estados do país, garantindo circulação ampliada desses impressos.

Os primeiros números (1-2 até 12-13) da revista foram impressos pela *Impressora Paranaense*,⁷¹ empresa comandada por uma equipe experiente, o que garantiu a qualidade material do periódico já no início da sua circulação. Os números 9-10-11 romperam com a periodicidade bimestral e marcaram também a troca do impressor, cuja primeira consequência foi a queda na qualidade da diagramação. Tal efeito pode ser percebido nos tipos utilizados, no enquadramento das imagens em relação ao texto, nas margens ultrapassadas e no papel mais claro, que diminuiu a qualidade da leitura. Não se sabe as razões da mudança, embora se possa levantar como hipótese o preço dos serviços, que deveriam ser elevados para uma revista em fase inicial, sem descartar um rompimento entre a direção da revista e a *Impressora Paranaense*.

Os efeitos da mudança no serviço de impressão podem ser percebidos ao se comparar a diagramação das páginas apresentadas a seguir. Ressalte-se que, na primeira imagem, a diagramação especializada causa um efeito organizado e limpo, enquanto, na segunda imagem, a página foi carregada de elementos visuais diversos comprometendo, inclusive, a qualidade da leitura, a deterioração da qualidade gráfica fica evidente na utilização de uma técnica manual de recorte das imagens.

⁷¹ Sobre a *Impressora Paranaense*, na virada do século XIX para o XX, ver: MYSKIW, Antônio Marcos. Curitiba, “*República das Letras*” (1870/1920). Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 2, n. 3, Dourados Jan. – Jun. 2008. Disponível: http://www.historiaemreflexao.ufgd.edu.br/historiaemreflexao_ed3/Curitiba_republica_das_letras.pdf Acesso: 21 maio 2015.

Figura 12: Página do primeiro artigo publicado pela revista *A Divulgação*, sob a responsabilidade gráfica da Imprensa Paranaense; a distribuição do conteúdo foi racionalizada causando efeito organizado e limpo. *A Divulgação*, ano I, nº. 01-02, p. 03, Nov.-Dez. 19

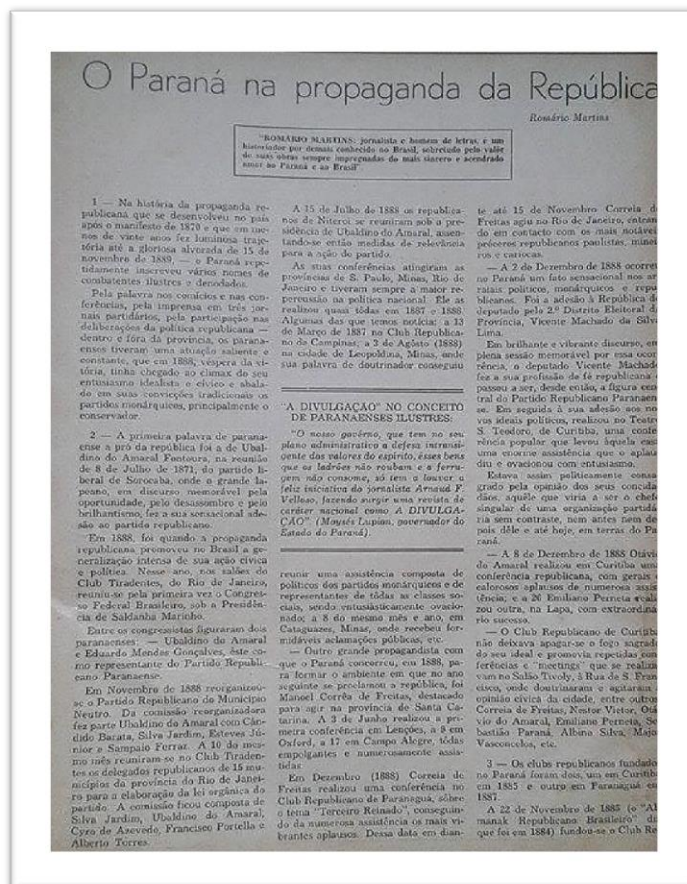


Figura 13: Detalhe da diagramação de imagens no último volume de 1951. É interessante observar o recorte manual das imagens para a composição da imagem, sugerindo um trabalho amador. *A Divulgação*, p. 23, Nov.-Dez. 1951.



O número 15-16 retomou a periodicidade bimestral, mas não apresentou melhorias gráficas. Entre o segundo semestre de 1948 e julho de 1953, houve esforço para recuperar a qualidade da revista, embora alguns de seus exemplares contivessem textos ilegíveis. Com a fundação de um parque gráfico próprio, por volta de maio de 1953, a editoria da revista entrou em nova fase de testes, contudo, sem os percalços anteriores.

Segundo depoimento de Iza Maria Carnascialli Velloso,⁷² filha do fundador da revista, o pai comprou todos os equipamentos da oficina na Alemanha, com a ajuda da esposa, Isolda Carnascialli Velloso, que dominava o idioma e conduziu as negociações. Na falta de profissionais aptos para lidar com o novo maquinário, o casal trouxe Germano Molke,⁷³ que se tornou chefe da tipografia. Entre Arnauld e seu novo funcionário, estava Isolda, que fazia a função de tradutora e se aproximava, cada vez

⁷² VELLOSO, Iza Maria Carnascialli. Entrevista concedida, por e-mail, a Gilvana Gomes. 03 de fevereiro de 2015.

⁷³ Para complementar a pesquisa buscaram-se informações a respeito da trajetória de Germano Molke, no entanto, não foi possível localizá-lo, tampouco seus familiares.

mais, do trabalho administrativo da revista. No entanto, não se pode supor que o investimento no maquinário tinha como intenção apenas a melhoria na apresentação gráfica d' *A Divulgação*, afinal, todo o parque gráfico foi anunciado, também, como propriedade da *Velox Propagadora*, o que interessava às suas duas empresas.

Somente em março de 1958, na estreia da seção intitulada *Revista em revista*, há comentário a respeito do maquinário: “[...] *A Divulgação* é impressa tipograficamente, com o emprego de clichês, dispondo de maquinaria própria abrangendo tipografia, linotipo, clicheria e instalações correlatas.”⁷⁴ A respeito das técnicas empregadas para impressão dos números anteriores da revista pouco se sabe. No entanto, o uso de clichês é anterior à aquisição do parque gráfico. No número de Set.-Out. de 1952, cerca de um ano antes de a revista noticiar a autonomia em termos de impressão, reportagem intitulada *Um extenso apostolado e uma primorosa clicheria* apresenta a trajetória Eugênio Tósca que, na época, ocupava o cargo de chefe do Departamento de Clichês da *Velox Propagadora*.

Eugênio Tósca iniciou a carreira na Editora de Músicas da firma Eugênio Bivilaqua & Cia, localizada na Rua dos Ourives, Rio de Janeiro, por volta de 1902. Nas primeiras décadas de trabalho, prestou serviços para diversos impressos, entre eles *Jornal do Brasil*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *A Tribuna*, *O Malho*, *Revista da Semana*, *Careta*, entre outros. A partir dessa experiência, Tósca foi convidado em 1939 para trabalhar na “[...] maior gráfica do Paraná – a Impressora Paranaense [...]”,⁷⁵ permanecendo no Paraná até 1942. Na sequência, passou um período trabalhando em São Paulo e, nas palavras do fotografoador:

Volvi a Curitiba, iniciando novas atividades gráficas em estabelecimentos particulares, completando por fim, o meio século de fotografoador nesta Velox Propagadora – Empresa de Publicidade e a revista “*A Divulgação*”, onde darei como terminada a missão que, com orgulho, desde os áureos tempos atuei com incansável dedicação. 1902-1952! Não tenho parceiro nem na idade nem na profissão. Estou só. Os outros vieram bem depois. Que sejam bem-vindos e procedam como seu mestre.⁷⁶

A reportagem tinha como objetivo homenagear Tósca pelos cinquenta anos de trabalho e, ao fazê-lo, ofereceu dados sobre o funcionamento tanto da *Velox Propagadora* como da revista. Na foto apresentada a seguir, Eugênio Tósca,

⁷⁴ *Revista em revista. A Divulgação*, p. 39, Mar. 1958.

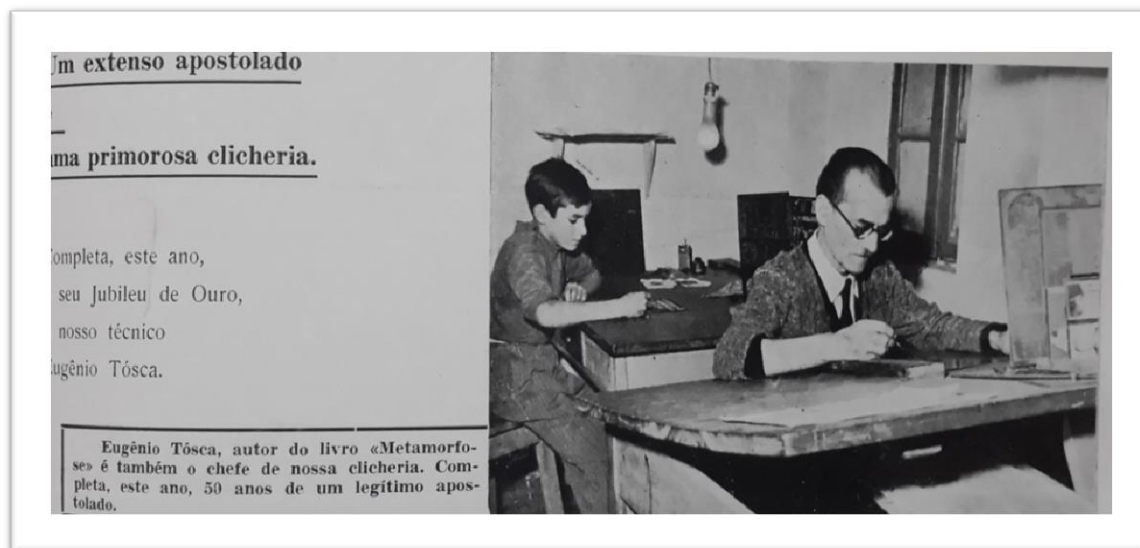
⁷⁵ TÓSICA, Eugênio. Um extenso apostolado e uma primorosa clicheria. *A Divulgação*, p. 39, Set.-Out. 1952.

⁷⁶ Idem.

concentrado, faz retoques em um clichê, a peça única de metal, trabalhada a partir de uma mescla de trabalho mecânico e manual que se tornou base para reprodução em papel. Essa característica manual, que individualizava cada peça, fazia com que os colegas reconhecessem em Tósca um artista. Atrás do protagonista da reportagem, aparece outro sujeito, bastante jovem e não nomeado na legenda da foto, possivelmente um aprendiz que procura, a partir da iniciação na profissão, alcançar posição social melhor do que a então ocupada.

A interpretação acima carece de maiores evidências, mas permite questionar se os modelos de funcionamento da imprensa foram ultrapassados de maneira homogênea. O século XIX é rico em relatos de personagens que ocuparam, em início de carreira, funções de aprendizes em gráficas e que, mais tarde, alcançaram destaque em setores políticos, intelectuais, artísticos, literários etc; o próprio Romário Martins, no Paraná, exemplifica essa trajetória. No século XX, novas circunstâncias marcaram a produção e a circulação de impressos, notadamente, a chegada de um maquinário cada vez mais potente que afastou o olhar desses sujeitos ordinários no fazer periódico; em lugar do aprendiz, a *off set*, as grandes rotativas, os processos de fixação de imagem e os grandes empresários do setor saturam as análises a respeito desse fazer. A foto, ainda que não comprove que os aprendizes ocupavam funções na imprensa dos anos de 1950, permite questionar se a temporalidade cultural dos impressos é homogênea; se a forma de fazer circular um periódico consagrada nos grandes jornais e revistas era a única existente no período ou se esse fazer mesclava práticas consideradas esquecidas e outras contemporâneas.

Figura 14: Em primeiro plano, Eugenio Tósca, o profissional homenageado. Ao fundo, indivíduo jovem, não identificado pela legenda ou pela reportagem. *A Divulgação*, p. 39, Set.-Out. 1952.



Nas imagens seguintes, outros profissionais surgem. O primeiro, Gilberto Riedel é anunciado como fotógrafo de grande qualidade e aparece manipulando seu instrumento de trabalho; logo abaixo, Estefano Harrazin, montador e copiador, também trabalhando. Os dois ocupam-se da clichéria que, ao que tudo indica, funcionava para as composições imagéticas da revista e para produzir material publicitário da *Velox Propagadora*. Riedel, o fotógrafo, manipula uma câmara fotomecânica que, pela qualidade da imagem, não pode ser mais detalhadamente identificada. A máquina era utilizada para fotografar outras fotografias e gerar fotolitos que, então, eram transferidos para uma matriz chamada de clichê. Harrazin, o copiador e montador, organiza as imagens provavelmente em função da distribuição prévia do texto, pois em alguns momentos é possível identificar, na revista, imagens que foram recortadas para dar conta do fechamento da diagramação da página. Ao clichérista restava transferir o material elaborado pelo montador para as placas metálicas (clichês) que, na sequência, eram transmitidas para o papel. O clichê final resultava de trabalho coletivo, em termos técnicos, mas a forma em relevo das fotos e imagens, que seriam reproduzidas indefinidamente, era única. Um novo clichê elaborado a partir da mesma composição, com as mesmas imagens, era diferente de todos os outros produzidos.

Figura 15: Gilberto Riedel manipulando seu instrumento de trabalho. *A Divulgação*, p. 39, Set.-Out. 1952.

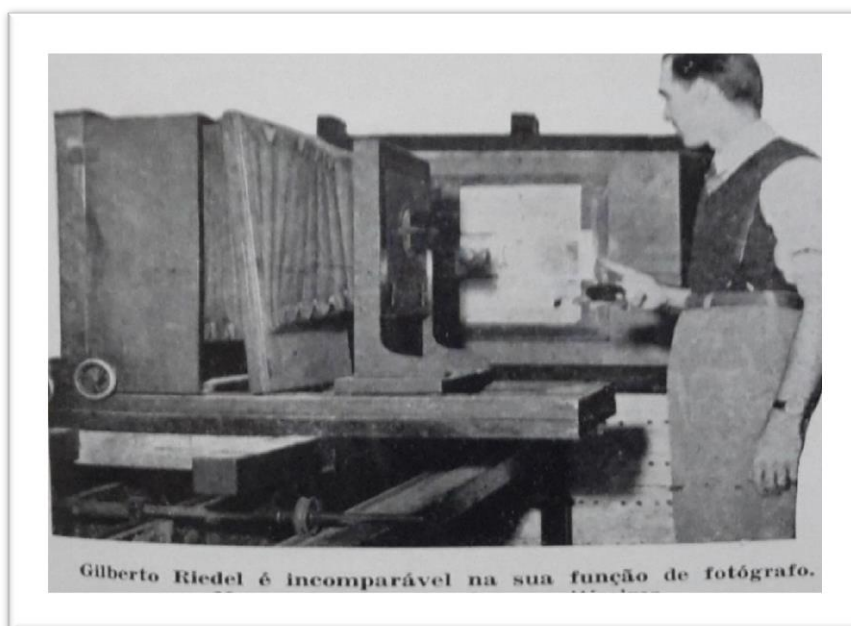


Figura 16: Estefano Harrazyn no trabalho de montar os elementos imagéticos e textuais da revista *A Divulgação*. *A Divulgação*, p. 39, Set.-Out. 1952.



A qualidade gráfica da revista era um elemento constantemente assinalado. Em editorial de julho de 1956, quando a revista começou a planejar a comemoração de seu décimo aniversário, Velloso apontava:

Ela [a revista] é, hoje, graças a Deus, a expressão robusta de um pensamento vigoroso no setor da imprensa nativa. Pensamento e ação, obra sólida e definitiva. Tem seu feito delineado, seu programa de trabalho, seu rumo certo. A matéria noticiosa que encerra, de nítido cunho educativo e espiritual, abrange os mais variados temas de palpitante atualidade. Por isso mesmo, cresce dia por

dia a corrente volumosa de seus leitores dentro e fora das lindes do Estado. Num simples confronto entre o primeiro e o último exemplar, ressaltam os imensuráveis melhoramentos introduzidos, frutos da técnica e da experiência. Seu feitio gráfico é assaz atraente, mercê da boa qualidade do papel de procedência estrangeira. A paginação moderna e sugestiva. Os clichês excelentes.⁷⁷

A Divulgação, dez anos após seu lançamento, era positivamente caracterizada pelo aspecto gráfico de qualidade que, para o editor, era creditado não somente aos elementos como paginação, clichês excelentes, papel importado (material que mais tarde trará problemas para a manutenção da revista), mas também à experiência da equipe que trabalhou na produção do periódico e utilizava os conhecimentos adquiridos na prática para solucionar problemas surgidos no cotidiano da revista. Nesse quesito, o editor, autor do texto mencionado, diagramador, colaborador, proprietário e idealizador da revista foi, provavelmente, quem mais acumulou experiência ao longo dos anos de circulação de *A Divulgação*.

Arnauld Ferreira Velloso dirigiu *A Divulgação* ao longo das suas duas décadas de circulação. Embora suas participações autorais na revista tenham se limitado aos editoriais e a pouco mais de uma dezena de artigos assinados, ele acumulava múltiplas funções. Seus editoriais, em torno de 200 textos, escritos e publicados entre 1947 e 1965, permitem acompanhar momentos importantes da revista, bem como algumas das posições pessoais de Velloso a respeito de temas em debate na época.

No primeiro deles, intitulado *Divulgando*, o diretor-proprietário lembrava que, embora a tecnologia radiofônica anunciasse um novo tempo para a ‘difusão cultural’, as revistas ainda ocupavam um papel importante na vida cotidiana das sociedades modernas. Acrescentava, porém, que no Brasil somente algumas revistas gozavam de uma tiragem de milhares e, problema mais grave, neste conjunto, poucas eram as que circulavam por todo o território nacional. Do seu ponto de vista, o problema era mais evidente na região sul onde pouco do que se imprimia circulava nos três estados. Afirmava:

Nossa revista – *A Divulgação* – não alimenta a veleidade de preencher lacunas ou suprir deficiências. Ela se propõe simplesmente propagar ideias e realizações “paranistas” por todo o Brasil. Assim como se fazem as trocas no domínio das transações comerciais, também se operam permutas no domínio das conquistas do espírito. Nosso ideal é sobretudo aproximar servindo aos interesses da cultura

⁷⁷ VELLOSO, Arnauld Ferreira. *Divulgando*. *A Divulgação*, p. 01, Jul. 1956.

no seu desdobramento material e espiritual. E aproximar significa fortalecer os elos de unidade nacional⁷⁸.

O possível choque de interesses ao se apelar, ao mesmo tempo, para os ‘elos da unidade nacional’ e para o movimento paranista, notadamente regionalista, foi superado ao longo dos primeiros anos e a revista acabou se fixando em torno do Paraná, inclusive, reclamando nos primeiros anos de circulação a herança do movimento paranista. Contudo, permanece obscuro o contato de Arnould Ferreira Velloso com o movimento paranista, afinal, a trajetória de Velloso e a do movimento liderado por Romário Martins cruzaram-se somente quando o primeiro estava com mais de trinta anos e o velho líder já havia perdido boa parte do apoio institucional.

Nascido em Alagoinhas, na Bahia, em 10 de abril de 1909, Velloso pertencia a uma família de militares. O pai, Joaquim Ferreira Velloso era advogado, político e jornalista, e mantinha relações próximas com J. J. Seabra, que ocupou diversos ministérios na Primeira República⁷⁹ e tinha cacife político no seu estado natal. Foi Seabra quem trouxe a família Velloso para o Rio de Janeiro e facilitou a vida profissional de Velloso, o pai, que exerceu advocacia e, mais tarde, atividades de titular cartorário na capital fluminense. O filho seguiu o pai e, na capital federal, entrou para a *Academia Brasileira das Agulhas Negras*, onde se graduou tenente. Concomitante às suas atividades no exército, Velloso contribuiu para diversos veículos de imprensa de projeção nacional: *A Noite*, *Noite Ilustrada*, *Observador econômico e Financeiro*, *Nação Armada* e *Cultura Política* eram alguns dos espaços nos quais atuava. Porém, suas obrigações profissionais o ligavam diretamente ao exército e, em 1939, foi enviado ao Paraná para servir no Quartel General da 5ª Missão Militar.

Teve oportunidade de participar da Comissão responsável por obter rações de reserva para tropas brasileiras durante a II Guerra Mundial. Esse trabalho lhe trouxe reconhecimento, tanto que foi promovido a capitão e assumiu o Comando da 5ª Companhia de Intendência da Região e, mais tarde, a Chefia do Estabelecimento de Subsistência Militar. Passada a guerra, foi promovido a Tenente-Coronel e convidado a compor comissão fora do Paraná, situação que possivelmente motivou seu afastamento do exército. Foi também durante esse período que ele graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná.

⁷⁸ VELLOSO, Arnould Ferreira. Divulgando. *A Divulgação*, n.º 01-02, p. 03, Nov.-Dez. 1947.

⁷⁹ Um sucinta biografia de Seabra pode ser acessada no link a seguir: Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-polemico-j-j-seabra/9952> Acesso em: 02 fev. 2015.

Ao receber a proposta para sair do estado, Velloso já estava casado com Isolda Maria Werstemann Carnascialli, membro de tradicional família no Paraná e que mantinha boas relações com diversos grupos intelectuais. Seu irmão, Arnaldo Werstemann Carnascialli, era casado com Juril de Plácido e Silva, filha de Oscar Joseph de Plácido e Silva, fundador do jornal *A Gazeta do Povo* (1919). O círculo de relações da família Werstemann Carnascialli comportava setores empresariais, clubes de lazer e associações intelectuais. Possivelmente, foi por meio da esposa que Arnald entrou em contato com as propostas disseminadas em espaços culturais paranaenses e, muito provavelmente, nessas relações, inteirou-se dos debates paranistas.

Antes de fundar *A Divulgação*, colaborou com os jornais *Diário da Tarde* e *O Dia*. Embora seus dados biográficos⁸⁰ indiquem que sua família mantinha relações com o mundo da imprensa há gerações, ao fundar *A Divulgação*, Velloso não dava mostras de acumular experiência no ramo, exceto pela publicação de textos em jornais e revistas, o que pouco o qualificava para a administração da nova empresa, que assumiu quando contava com cerca de 40 anos e da qual se ocupou pessoalmente. Foram raros os momentos em que outras pessoas tomaram parte na administração da revista.

O número de Mar.-Abri. de 1951 apresentou Cícero Camargo de Oliveira como diretor secretário d'*A Divulgação*, cargo ocupado por um ano, pois o número de Mar.-Abr. de 1952 só nomeia o de diretor-proprietário, ainda que ele fosse colaborador desde o número 26-27 e assinasse a seção *Curitiba Eterna*; tal seção deixou de ser publicada quando ele deixou o cargo de diretor-secretário. Além desses, Oliveira assinava poemas e notas breves, também cessadas na data de sua saída.

Cícero Camargo de Oliveira,⁸¹ natural de Curitiba e nascido em novembro de 1926, manteve, desde muito cedo, vínculos com o teatro, sendo que suas primeiras atuações deram-se quando tinha apenas três anos. Formou-se Bacharel pela UFPR, mas não existem registros de que ele tenha atuado na área. Registradas foram suas participações, durante a adolescência, em grupos de teatro do Colégio Estadual, do SESI e em radionovelas da *Rádio Cultura*. Em 1950, fundou o *Grupo Experimental Opereta Paranaense* e, em 1954, trabalhou com a organização do elenco do teatro *Guaíra*, tendo alcançado notoriedade com as montagens de suas peças teatrais, sucesso que o

⁸⁰ Os dados biográficos foram colhidos na revista *A Divulgação* e no projeto de Lei 175/62, processo 215/62 aprovado pela Câmara Municipal de Curitiba, que lhe concedeu o título de cidadão honorário da cidade. O processo é composto por oito páginas, sete das quais dedicadas à sua vida.

⁸¹ Sobre Cícero Camargo de Oliveira ver: TEIXEIRA, Selma Suely. *Teatro em Curitiba na década de 50: História e significação*. Dissertação (Mestrado em Letras). Curitiba: UFPR, 1992.

aproximou de companhias de São Paulo, além de ter recebido proposta para transformar seus textos em obras cinematográficas.

A partir dessa breve trajetória, é possível perceber que Camargo de Oliveira iniciava suas atividades à frente do *Grupo Experimental Opereta Paranaense* ao mesmo tempo em que assumiu o cargo na revista, cabendo a hipótese de incompatibilidade entre as atividades, razão pela qual ele teria optado pelo teatro, não sendo de se descartar, ainda, alguma incompatibilidade com Velloso. Interessante observar que *A Divulgação*, abriu pouco espaço para o teatro amador paranaense, novidade promovida por grupos jovens a partir da segunda metade da década de 1950. Somente quando esses grupos ganharam certo reconhecimento fora do estado, a imprensa local, incluindo *A Divulgação*, louvou o feito em suas páginas, sem defender, porém, as eventuais inovações.

Em julho de 1953, criou-se o cargo de diretor-redator, então ocupado por Taborda de Taborda que, assim como Cícero Camargo de Oliveira, já contribuía na revista desde o número 7-8 de 1948. O fato foi assim anunciado:

Desde maio último, conta a direção desta revista com a colaboração esclarecida do distinto escritor paranaense Prof. Vasco José Taborda (Taborda de Taborda), autor de inúmeros trabalhos e grande incentivador do intercâmbio cultural existente entre nossa cidade, os estados da União e países estrangeiros. Pertencendo ao brilhante quadro da Academia de Letras José de Alencar, à qual tem prestado relevantes serviços, o nosso diretor-redator, espírito evoluído e personalidade das mais cativantes, por certo fará com que “*A Divulgação*”, a revista dos paranaenses, continue a ser esplêndido veículo difundidor[sic] de nosso progresso, das ideias de nossos homens e da vida social de nossa gente.⁸²

A despeito da apresentação, Taborda de Taborda não imprimiu um novo perfil para a revista, que manteve as características anteriores. Em agosto de 1954, ele publicou o conto *O Espelho* e, depois de janeiro de 1955, data em que deixou o cargo, seu nome não figurou mais entre os colaboradores. Mesmo que a presença de Taborda não tenha causado mudanças no periódico, o momento em que atuou como diretor-redator da revista foi muito importante na trajetória do periódico, pois, pela primeira vez, desde que havia sido fundada, *A Divulgação* passou a ser impressa em oficinas próprias, novidade que se concretizou no número de Maio e Julho de 1953.

Apesar do fato de a revista concentrar todas as etapas de produção numa só empresa, dos conteúdos à impressão, a parte administrativa continuava instável, tanto

⁸² Sem autor. *A Divulgação*, p. 32, Jul. 1953.

que ainda no início de 1955 surgem os cargos de Redator-chefe e de Secretário, ocupados respectivamente, por Valfrido Piloto e Almir H. de Lara. Em março de 1955, o último foi substituído por João Régis F. Teixeira. No mês seguinte, a função de secretário desaparece em prol da de redator, ocupada pelo ex-secretário João Régis F. Teixeira e por E. D. Moniz de Aragão. O número de Ago.- Set. de 1955 não indica nenhum cargo exceto o de Diretor-proprietário, sempre nas mãos de Arnould Ferreira Velloso.

Taborda de Taborda, João Régis F. Teixeira e E. D. Moniz de Aragão tinham em comum, além das breves contribuições à administração da revista *A Divulgação*, o fato de estarem no início de suas carreiras, todos na área do Direito. O primeiro exerceu cargos de promotoria na Justiça Militar e de secretaria no Tribunal de Contas do Paraná, atuando, segundo consta, como diretor de diversos jornais e revistas, mas fez fama como escritor de textos literários e memorialistas. João Régis F. Teixeira e E. D. Moniz de Aragão foram professores na UFPR e tiveram, nos anos de 1980 e 1990, atuações destacadas como advogados, tanto que o primeiro empresta seu nome a um importante prêmio oferecido pela OAB/Paraná para pesquisas na área de justiça de trabalho.

Valfrido Piloto foi, entre aqueles que assinaram o expediente administrativo d'*A Divulgação*, a exceção à regra. Nos anos de 1920, vinculou-se aos ensaios paranaenses de modernismo, publicando charges satíricas na imprensa. Em 1930, defendeu a revolução liberal em Curitiba e, em 1935, publicou o primeiro livro, *Humilde*. Daí em diante, produziu um livro por ano, somando cerca de 50 obras, além de contribuir para diversos jornais e revistas. Na revista *A Divulgação*, passou brevemente pela administração e, com mais frequência e constância, assinou artigos.

Não se admira que todos convivessem nos mesmos ambientes intelectuais: Piloto, Régis, Aragão, Taborda e Velloso eram membros da *Academia de Letras José de Alencar*, do *Círculo de Estudos Bandeirantes*, do *Centro Paranaense de Letras*. Todos, exceto Velloso, também pertenciam à *Academia Paranaense de Letras*.

Sobre Almir H. de Lara não foi possível encontrar maiores informações, embora exista menção a uma revista intitulada *Alta Sociedade*, editada por uma editora homônima, dirigida por ele e Dino Almeida. Este foi colaborador na última década de circulação da revista *A Divulgação* e respondia pela seção *Dino informa*, em que dava conta dos principais acontecimentos da alta sociedade. Dino Almeida também foi colunista social da *Gazeta do Povo* quando do fechamento da revista *A Divulgação*. A relação de Almir H. de Lara com Dino Almeida e seu vínculo com a revista *Alta*

Sociedade sugerem que ele exercia, exclusivamente, a profissão de jornalista naquele período.

É importante observar, também, que os indivíduos que contribuíram com *A Divulgação* no setor administrativo, estavam quase todos em início de carreira. A exceção é Valfrido Pilloto que já estava razoavelmente estabelecido como escritor. No entanto, para além de Pilloto, todos estavam iniciando suas atividades em outras áreas: o teatro, o direito e, possivelmente, o jornalismo. De tal maneira que *A Divulgação* aparece como uma oportunidade inicial para que esses jovens adentrem certos grupos; a atividade poderia oferecer alguma vantagem financeira necessária para o período, mas não o bastante para torná-la uma atividade fixa. Além disso, o fato de jovens, em início de carreira, administrarem a revista, reforça a ideia de que a profissionalização da imprensa ainda engatinhava no Paraná, afinal, mesmo as funções administrativas eram um “bico” para jovens. A ausência de colaborações administrativas duráveis sugere que esses cargos eram dispensáveis ou, o mais provável, que Velloso centralizava as funções e delegava tarefas a empregados, responsáveis por atividades similares, sob sua estrita vigilância, e que não tinham seu nome mencionado nas páginas de expediente.

Em julho de 1957, Isa Carnascialli Velloso,⁸³ esposa do coronel Velloso, assumiu a Supervisão Artística e Social de *A Divulgação*. Quais funções correspondiam exatamente a este cargo é uma questão aberta, mas é possível supor que Isa deliberasse sobre temas de interesse nas áreas social e artística da revista, atuando como uma editora desses conteúdos. A alteração poderia ser entendida como algo menor, ou ainda, como mais uma das variações fugazes no corpo diretivo da revista. Entretanto, o fato adquire novos significados quando localizada em meio às demais alterações do periódico. Isa manteve-se na função até os momentos finais da publicação e foi durante este período que a revista tomou um rumo impensável nos seus primeiros anos de circulação.

A linha editorial da revista teve dois momentos bem distintos: o primeiro, voltado para debates intelectuais, mais ou menos densos, mas sempre ancorados no que se entendia por culto, filiando-se ao gênero *revista cultural*. A partir de 1955, cedeu cada vez mais espaço a reportagens sociais, notícias de festas de debutantes, jantares, casamentos, batizados, recepções oficiais. O periódico tornou-se uma revista de coluna social e, ainda que eventualmente apresentasse textos similares aos publicados nos

⁸³ Isolda era o seu nome, mas preferia ser chamada pelo diminutivo e, assim, foi apresentada na página de expediente da revista.

primeiros anos, era óbvio que esse não era mais o seu foco. Com o passar dos anos, *A Divulgação* estabeleceu-se como uma revista social e feminina, e dedicou-se a cobrir temas políticos e econômicos de maneira leve e curta, enfatizando questões relacionadas à casa, família, filhos, trabalho feminino, participação feminina na política. Enquanto Arnould F. Velloso respondia pelos espaços de política e economia, Isa tocava as notícias atreladas a temas sociais e femininos. Esses últimos ocupavam, em termos quantitativos, a maior parte das páginas e, a despeito de Isa figurar como supervisora, assumia, em termos práticos, a editoria da revista.

Não é, portanto, por acaso que desde a entrada oficial de Isa na revista, em 1957, mudanças cada vez mais constantes ocorreram no perfil da revista. Em março de 1958, surgiu a seção *Revista em revista* que, já na sua estreia, apresentava aos leitores os projetos para a comemoração do décimo ano de circulação: aumento na tiragem, uma vez que o periódico estava “[...] melhor aquinhado com cota de dólares, para importação de papel para a revista [...]”,⁸⁴ lançamento de uma edição especial, com amplo noticiário sobre os dez anos de progresso em Curitiba e, ainda:

Como parte das programações previstas para as festividades do 10º aniversário da revista, homenagearemos aqueles que deram decidido apoio a esta obra, desde seus primórdios, para que ela pudesse transpor naturais obstáculos iniciais, chegando, nos dias da atualidade, ao ponto de evolução gráfica e técnica hoje, sem favor, reconhecido e louvado por seus inúmeros leitores e apreciadores. A natureza dessas homenagens será divulgada oportunamente.⁸⁵

Tais homenagens nunca se concretizaram, restando como mentor e executor Arnould Ferreira Velloso. A reflexão sobre os anos de publicação e sobre os projetos futuros, publicados na seção *Revista em revista*, fazem parte de um refazer do próprio periódico, uma vez que de revista cultural, com forte caráter regionalista, ela passou ser um impresso no qual os debates paranistas tornaram-se coisas do passado.

1.5 Panorama: concorrente para *A Divulgação*

Diferentemente do que se observou para *O Joaquim*, que disputava o direito de legitimar outro discurso e visão de mundo, a nova concorrente tinha os mesmos

⁸⁴ Revista em revista. *A Divulgação*, p. 39, Mar. 1958.

⁸⁵ *Idem*.

interesses de mercado e propostas muito semelhantes.⁸⁶ Fundada em Londrina, norte do Paraná, em 1951, a revista *Panorama* encerrava como objetivo tratar da “cultura geral” e, de fato, era possível encontrar em suas páginas discussões relacionadas à política, sociedade, cinema, rádio, turismo, moda, além de uma infinidade de outras temáticas, o que não lhe impedia de ter alvos claros. Seu primeiro editorial tratou de esclarecer suas propostas, apontando para o papel educador que o periódico pretendia ocupar: “Numa época tão amalucada e de tanta falta de critério como a nossa, em que qualquer demagogo ou falso profeta se alça às alturas de orientador da turba, principalmente da mocidade, é necessário que algo se faça afim de que não se confundam os eternos e verdadeiros valores com os efêmeros efeitos de quimeras ideológicas.”⁸⁷

Organizar as ideias ‘amalucadas’ daqueles tempos envolvia, do ponto de vista dos responsáveis, incursões pelo terreno da política e a revista promoveu uma ampla campanha anticomunista na década de 1950, deixando bem claro quem eram os perigosos ‘orientadores da turba’. Além disso, era notável seu vínculo com as elites políticas de São Paulo, provavelmente, em função da expansão da produção cafeeira no norte do Paraná, das fortes relações culturais estabelecidas com as migrações entre os dois estados e da precariedade das vias de transporte entre o norte e a capital paranaense.

Nos seus primeiros anos, *Panorama* chegou até Curitiba somente em um pequeno número e a entrega dessas edições, longe de tentar atrair público, tinham, via de regra, destinatários já estabelecidos, conforme pontua a bibliografia.⁸⁸ Já nos primeiros anos, *Panorama* recebeu propostas de empresários interessados em adquirir o título, e, em outubro de 1954, a revista transferiu-se para Curitiba, como propriedade da *Sociedade Comercial e Representações Gráficas LTDA*. Em seguida, Oscar Sharappe Sobrinho, proprietário da empresa mencionada e da *Impressora Paranaense*, transferiu grandes investimentos para a revista *Panorama*, tornou-se seu diretor-responsável e

⁸⁶ Destaca-se *Panorama* como a grande concorrente de *A Divulgação*, pois foi no período em que a primeira passou a se notabilizar na capital paranaense que a segunda apresentou os primeiros sinais de mudança. Além disso, *Panorama* era uma das poucas revistas paranaenses que circulava entre o grande público, sem ser produzida no interior de clubes e associações intelectuais ou empresariais; além de *Panorama* e *A Divulgação*, a *Revista da Guaíra* poderia ser mencionada, no entanto, o periódico fundado por De Plácido e Silva no início de 1950 tinha como principal preocupação o debate literário e, destacou-se por representar a Editora Guaíra. Ver: BUFREM, Leilah Santiago. *A Editora Guaíra: contribuições ao debate*. In: Ass. Cultural Avelino Vieira. (Org.). *História da literatura no Palácio*. Curitiba: Ass. Cultural Avelino Vieira, 1995.

⁸⁷ Editorial. *Panorama*, p. 01, n.º 01, 1951.

⁸⁸ Sobre os primeiros anos de circulação da revista *Panorama* ver: ALVES, Luiz Felipe. *Os anos 50 e 60 nas páginas de Panorama e Paraná em Páginas: o conservadorismo da imprensa paranaense no contexto da guerra Fria*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2009.

elevou as tiragens do periódico de 5000 exemplares (em 1955) para 25.000 mil exemplares (1959). *A Divulgação*, sua concorrente direta, fez circular no auge de sua trajetória cerca de oito mil exemplares. Adolfo Soethe, seu primeiro diretor-responsável e um dos seus principais colaboradores, continuou a atuar como editor até 1964.

Entre as duas, *A Divulgação* e *Panorama*, existiram diversos pontos de convergência. Além da linha editorial similar, a apresentação material também era semelhante, como se observa nas páginas de expediente de ambas as revistas, evidenciando que compartilhavam as mesmas opções gráficas no que diz respeito à distribuição das informações. O expediente de *Panorama* é de junho de 1951, d'A *Divulgação* é de novembro de 1947, o que sugere que a existência de uma cultura visual que orientava a forma de construir um periódico.⁸⁹

Figura 17: Página de expediente do primeiro número da revista *Panorama*, 1951.

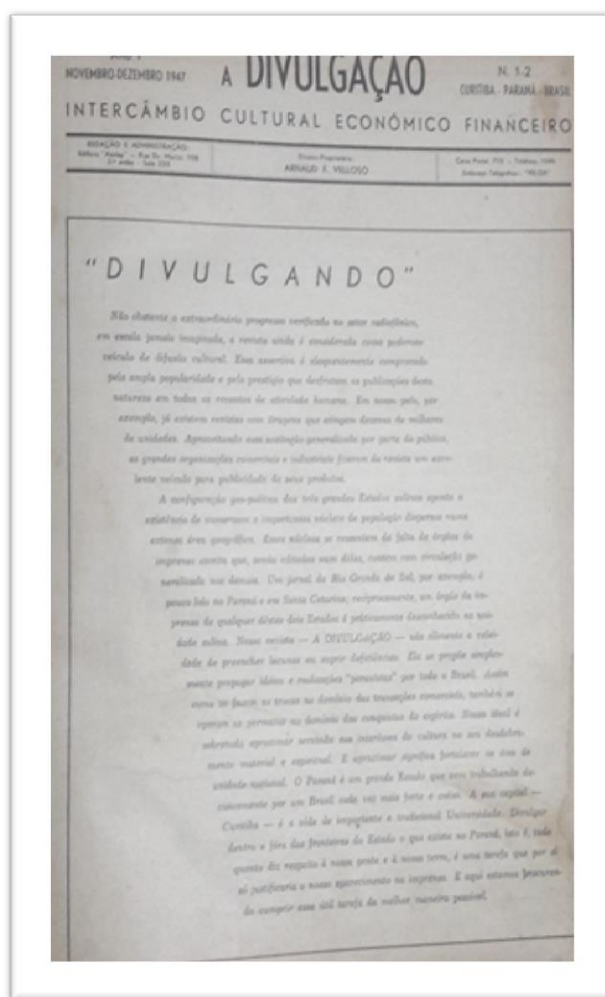


⁸⁹ Sobre a noção de cultura visual ver: MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, nº45, pp. 11-36, 2003.

Fonte:

http://www.panorama.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18&Itemid=16

Figura 18: Página de expediente do primeiro número da revista *A Divulgação*.



Panorama não tinha o lastro paranista arrogado pela *Divulgação*, o que atraiu colaborações valiosas, tanto que escreveram para a revista Samuel Guimarães da Costa, Valmor Marcelino, Ivar Feijó, Adherbal Stresser, Araken Távora, Bacilla Neto, Aramis Millarch, José Cury, Dino Almeida, Silvio Back e o romancista Dalton Trevisan, antigo proprietário da revista *O Joaquim*. O corpo de colaboradores atraía leitores interessados em debates modernos que ultrapassassem o enaltecimento gratuito do Paraná e trouxessem reportagens investigativas.

Entre 1954 e 1955, enquanto *Panorama* contratava os melhores jornalistas da capital⁹⁰ e dobrava sua tiragem, *A Divulgação* oscilava entre 3500 e 5000 exemplares,

⁹⁰ Segundo ALVES, Luiz Felipe, 2009, *Op. Cit.* p. 26. “Com o prestígio em alta e alcançando a elite letrada do estado e de outros estados da região sul, a revista *PANORAMA* passaria a abrigar importantes jornalistas do Estado [...]”, em seguida, em nota de rodapé, o autor informa quem seriam esses jornalistas: “Samuel Guimarães da Costa, Valmor Marcelino, Ivar Feijó, Adherbal Stresser, Araken Távora, Bacilla Neto, Aramis Millarch, José Cury, Dino Almeida, além do romancista Dalton Trevisan, e do cineasta Silvio Back”. É necessário relativizar o termo “jornalistas” empregado pelo autor, pois, muitos dos nomes citados tinham destaque em outras atuações profissionais e escreviam na imprensa não como “jornalistas”

lançados a cada dois meses. Quando *Panorama* chegou a Curitiba, *A Divulgação* não pareceu se abalar, talvez por crer que a nova revista não se manteria ou, quem sabe, por confiar em demasia na experiência adquirida desde 1947. Em janeiro de 1955, os testes nas capas e as mudanças internas, que serão discutidas em momento oportuno, indicam que a revista de Arnould Velloso havia sentido o abalo.

Seguindo a fórmula já empregada por revistas como *O Cruzeiro* e *Manchete*, e a partir de sua mudança de Londrina para a capital, *Panorama* trouxe capas com fotos de moças da elite curitibana e divulgou eventos da elite da cidade. A tendência das capas logo foi incorporada pela *A Divulgação*, que alterava o seu rumo e aproximava-se das revistas de sociedade. No entanto, *Panorama* estava mais interessada no combate ao comunismo e nas questões de política nacional e estadual do que em divulgar a elite; suas páginas eram recheadas de textos com posições definidas o que, vez por outra, colocava os editores da revista contra nomes poderosos. Em 1956, já em Curitiba, a revista manifestou-se contra o governo JK e sua forma de lidar com as manifestações grevistas do período. Para Adolfo Soethe, era evidente que os movimentos eram manipulados por setores da esquerda e mais: “Vamos declarar greve à greve (...) A greve tornou-se uma verdadeira praga (...) Na opinião pública não passa de um verdadeiro aborto provocado por agitadores demagógicos ou charlatões incompetentes da economia nacional”⁹¹

Por seu turno, *A Divulgação* contemporizava potenciais conflitos e fazia a publicidade de ações governamentais, especialmente, as de Moysés Lupion, à frente do governo entre 1947 e 1951. Em 1956, sempre com a revista do seu lado, ele assumiu o executivo pela segunda vez e *A Divulgação* saudou-o com a reportagem *O Paraná recuperou Moysés Lupion*. O texto trata do momento político que antecedeu o retorno de Lupion e apresenta as qualidades do novo chefe do executivo que permitem afirmar: “Moisés Lupion é estadista dotado de grande acuidade. Conhece como a palma da mão todos os meandros da vida administrativa. Ele não decepcionará o eleitorado. Saberá cumprir com o seu dever, com serenidade, sem ódios e ressentimentos, graças ao seu reconhecido espírito público.”⁹²

A cumplicidade de *A Divulgação* com governador Lupion foi além das longas reportagens repletas de elogios. Seus silêncios também eram significativos. Em 1957,

profissionais, mas como analistas de suas respectivas especialidades, daí, talvez, decorra a legitimidade que tinham diante dos leitores.

⁹¹ *Panorama*, p. 31-32, Jun.1956.

⁹² O Paraná recuperou Moysés Lupion. *A Divulgação*, p. 04-08, Fev.1956.

quando no sudoeste paranaense a questão da posse de terras viveu um dos seus períodos mais violentos após décadas de tensão,⁹³ a figura do governador Lupion foi negativamente avaliada por veículos impressos de todo o Paraná, que lembravam o papel controverso do dirigente público. *A Divulgação* silenciou-se e não houve menção alguma ao conflito no periódico.

Panorama, ao contrário, empreendeu uma campanha contra Lupion a partir de 1956. Além de atentar para as truculentas ações do governo e apresentá-las ao público frequentemente, *Panorama* destacou Ivar Feijó, um de seus mais importantes nomes, para analisar o chefe do executivo:

Ninguém ignora que do atual governador do Paraná falam mal no Parlamento, nas antecâmaras ministeriais, nos ouvidos do presidente JK, na imprensa do país, nos salões, nas repartições, nas esquinas e nos botequins. Mas este governo está surdo a tudo. Surdo, cego e mudo. Seu titular dá parte de doente, licencia-se e passa o governo, com um secreto desejo de não mais voltar ao posto diante das ingratidões, omissões, traições ou ações condenáveis dos auxiliares que o rodeiam. O autor intelectual do crime transforma-se na grande vítima, no político que perdeu-se pelo coração, pela tolerância e pela bondade. É o princípio do fim.⁹⁴

Em 1962, quando Lupion já havia perdido o governo para Ney Braga, *Panorama* sepultava a reputação do ex-governador: “Lupion e Lampião – os dois nomes parecem na sonoridade o que dá uma aparente sugestão de que um é a tradução do outro.”⁹⁵ Ainda que atacasse Lupion, os políticos que mais frequentemente eram vítimas de *Panorama* ligavam-se a setores da esquerda.

A firmeza de sua posição, marcadamente conservadora e católica, o cuidado que matérias e séries de reportagens recebiam e a posição mais realista em relação às condições do Paraná parecem ter atraído o público para a *Panorama*. No início de 1957, a revista fundou um setor de vendas para anúncios e, no mesmo ano, iniciaram-se estudos para novo projeto gráfico; a tiragem passou de dez mil exemplares por mês, em 1957, para 20 mil no ano seguinte.⁹⁶ Em 1959, o montante alcançou 37 mil e, em 1960, a 40 mil exemplares, ano em que a revista obteve a maior tiragem entre congêneres no Paraná.

⁹³ PRIORI, Ângelo et al. *História do Paraná: Séculos XIX e XX*. Maringá: EDUEM, 2012. Disponível: <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-1.pdf>. Acesso: 13 jun. 2015.

⁹⁴ *Panorama*, p. 43, Fev. 1960.

⁹⁵ *Panorama*, p. 90, Jul. 1962.

⁹⁶ Conforme dados de ALVES, Luiz Felipe. 2009. *Op. cit.*

A Divulgação, embora tentasse fazer páreo à *Panorama*, não tinha mais como manter a disputa pelo mercado. Desistir não parece ter sido uma possibilidade; optou-se por seguir um caminho que *Panorama* pouco explorava: seções femininas e notas sociais, ficando a cobertura política restrita a espaços específicos e a textos oficiosos que costumavam aparecer vez por outra.

As mudanças, de acordo com os indícios, foram forçadas pela circunstância de concorrência e não faziam parte de um projeto previamente estipulado. O que a revista de Velloso sempre fizera e que havia funcionado até metade de 1950 passou a ser feito com mais tecnologia, incentivo financeiro e criticidade por *Panorama*. Ainda que *A Divulgação* e *Panorama* compartilhassem as mesmas opções gráficas, a discussão interna as distanciava e o público, segundo os números de tiragem de ambas, não comprava uma revista somente pela capa.

Embora *A Divulgação* contasse, naquela altura, com quase uma década de experiência, *Panorama* a ultrapassou rapidamente - em termos de qualidade e de sucesso de público - obrigando a equipe liderada por Velloso a mudar sua trajetória. Assinalam essa guinada no projeto de Velloso, as experimentações visuais feitas nas capas em 1956, as mudanças na equipe editorial entre 1955 e 1956 e as alterações de conteúdo.

Analisando a trajetória gráfica e empresarial de *A Divulgação*, é possível perceber que em algumas escolhas, sua matriz era a revista que circulava nacionalmente desde 1928: *O Cruzeiro* fez escola. Seus acertos foram apropriados por diversos projetos periódicos, dirigidos por interessados em alcançar sucesso similar. Com o passar dos anos, no entanto, a fórmula da revista de Assis Chateaubriand esgotou-se e propostas inspiradas em *O Cruzeiro*, porém atualizadas e contemporâneas, em questões técnicas e de conteúdo, surgiram. *Manchete* é representativa desse momento.

Além de *O Cruzeiro*, *O Joaquim* também serviu como incentivo para *A Divulgação*, embora funcionasse como projeto a ser negado. Seus (des)encontros deviam-se às diferentes visões de mundo que abraçavam. *A Divulgação* retomava o paranismo; *O Joaquim* queria sua destruição completa. O responsável pela *O Joaquim*, no entanto, não queria combater aquilo que entendia como negativo na produção intelectual do Paraná apenas via imprensa e foi, na produção de obras literárias inovadoras e questionadoras do *status quo*, que Dalton Trevisan promoveu sua revolução. Enquanto isso, *A Divulgação* firmava-se como empresa e, sem concorrentes locais, fazia uma trajetória de sucesso no Paraná.

Já adiantava a década de 1950 e *A Divulgação* encontrava-se em situação paradoxal: ela era representativa de uma experiência editorial bem sucedida no Paraná, mas *Panorama*, sua grande concorrente, evidenciava que a revista de Velloso precisava ser ultrapassada - e foi. Os anos de 1960 abriram-se incertos para *A Divulgação*. Por um momento, é possível crer que não houve fase melhor para a revista, afinal, em junho de 1959, a direção da revista fechou contrato para construção de sua sede própria com a *Thá Construtora*, em cerimônia que reuniu intelectuais, políticos e industriais do Estado. Naquela ocasião, o então prefeito de Curitiba cimentou a pedra fundamental da obra e deu início ao projeto há tempos anunciado no periódico.⁹⁷ Mas a revista que ganhava sede própria já não guardava semelhanças com aquela fundada há mais de uma década.

Na década de 1960, o perfil externo da revista *A Divulgação* manteve-se estável, mas internamente consolidava-se a revista de notas sociais e de temática feminina, que eventualmente insistia na velha fórmula de aproximação com o poder. Contudo, o governador Ney Braga – dirigente no período - fez carreira e fama opondo-se a Moysés Lupion e a estratégia d’*A Divulgação* não foi bem sucedida. Em setembro daquele ano, Velloso lastimava em editorial a falta de apoio às revistas no estado. Na primeira parte do texto, abordava-se o trabalho empresarial e intelectual demandado na sua produção e lamentava o diminuto apoio e reconhecimento que a atividade recebia no Paraná: “Mas essas considerações de nada adiantam aos imperturbáveis e intransigentes ‘fecha revista’, que deturpam os fatos, dão curso a inverdades e até assacam, sorrateiramente contra a reputação alheia. Esquecem que somente as obras sadias e honestas conseguem vingar, a despeito da incredulidade, da malícia e da calúnia”.

O desabafo, aparentemente contra um anônimo, ganha outro significado quando se lê a segunda parte do editorial:

É sabido que medravam, por este planalto afora, durante o reinado de Lupion numerosos veículos de imprensa falada e escrita, absolutamente destituídos de qualquer valor, de origem duvidosa e efêmera. Eram sustentados exclusivamente com o dinheiro do erário. Centenas de milhões se diluíram em intermináveis cascatas. Um pequeno grupo, plantado na crista da organização politico-administrativa, manuseava verbas e auferia lucros fabulosos. A boa imprensa ficava para trás e era sistematicamente preterida. Logo que o Governador Ney Braga subiu ao poder veio fulminante a reação impiedosa contra os que haviam recebido matéria paga do Governo anterior. Não foi feita a triagem, não houve a

⁹⁷ Em reportagem intitulada *Nova fase* para a revista *Divulgação*, o leitor do periódico pode observar fotografias e descrições da cerimônia acima mencionada. *Nova fase para a revista A Divulgação*. *A Divulgação*, ano XII, nº. 136, p. 10-12, jun. 1959.

preocupação de separar o joio do trigo, pagando o justo pelo pecador por falta de um critério imparcial. Resultado: a imprensa subvencionada por interesse político desapareceu e as boas obras foram prejudicadas, inclusive com o cancelamento sumário e arbitrário de requisições revestidas de todas as formalidades legais. Não acreditamos tenha partido do Governador uma providência lesiva aos interesses de publicações honestas, tanto mais que ele sempre contou e teve ao seu lado, nos diferentes estágios de sua vida de homem público, a colaboração eficiente e espontânea da boa imprensa. Somos um órgão independente e nunca tivemos ligação com grupos políticos, partidos ou indivíduos eventualmente no exercício do poder. Sempre seguimos à risca essa orientação, a despeito das antipatias gratuitas, inflexivelmente dentro do critério de vender livremente o espaço desde que a matéria não contenha ofensa moral e se enquadre no estilo dessa publicação.⁹⁸

O texto revelava os jogos entre a imprensa e os governantes do Estado e, embora pretendesse afastar possíveis acusações que recaíam sobre *A Divulgação*, permite levantar como hipótese que as amplas e elogiosas reportagens feitas a respeito do governo Lupion foram realizadas dentro do esquema destruído por Ney Braga. A menção ao fato de que *A Divulgação* aceitava matérias pagas autoriza a interpretação de que pessoas dotadas de poder econômico e político teriam melhores condições de arcar com os custos de publicar frequentemente no periódico e, portanto, mesmo que na revista se afirme a independência face a partidos e governos, evidencia-se a troca de favores. Ainda que procure isentar o governador da responsabilidade sobre os cortes de subvenção sofridos pelos periódicos paranaenses, Velloso não hesitou e cobrou o fato de que Ney Braga já havia contado com o apoio da boa imprensa, representada provavelmente, pelo periódico que ele, Velloso, dirigia.

Nos anos subsequentes ao editorial, *A Divulgação* afastou-se de temas políticos e voltou a atuar quase que exclusivamente na área de eventos sociais, com algumas reportagens pontuais a respeito do governo Ney Braga, mantendo a discussão política restrita às seções específicas. Entretanto, a crise econômica nacional e as relações distantes com o governo do Estado lançaram o periódico em um ritmo incerto de periodicidade, número reduzido de páginas e repetição de textos. Em junho de 1964, o governo militar cortou a subvenção do Estado para importação do papel; Velloso escreveu dois editoriais reclamando da situação, afinal, *A Divulgação* era impressa em papel importado. No primeiro texto, publicado em junho de 1964, avaliou o impacto negativo de tal medida para a circulação de impressos, fossem livros, jornais ou revistas:

⁹⁸ VELLOSO, Arnould Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, ano XIV, n.º 162, p. 01, Set. 1961.

Convém frisar que em numerosos países do mais alto nível de civilização os respectivos governos concedem, sob a forma de ajuda ou subvenção, certas facilidades aos jornais visando a redução dos preços de venda avulsa, possibilitando assim sua maior circulação. Tudo quanto o governo venha a investir a favor da educação do povo deve ser considerado como capital colocado a juros excelentes. Ainda mais em nosso país, que apresenta impressionante índice de analfabetos, mal crônico que vem se agravando através de sucessivos presidenciais, sem esperanças de uma solução radical e definitiva. Há flagrante contradição na atitude dos homens de governo, pois se de um lado se procura impedir que a imprensa cumpra a sua missão fundamental, consubstanciada na educação das massas, de outro surgem campanhas de alfabetização, objetivando reduzir o número de brasileiros que vegetam à sombra da ignorância.⁹⁹

Velloso, ao defender seu projeto de quase duas décadas, leu a situação de maneira exata e equivocada, ao mesmo tempo. Antecipou o controle que o governo recentemente estabelecido, em fins de março de 1964, exerceria sobre imprensa limitando o papel social desse setor e, ao fazer a leitura exata da situação, cometeu o equívoco de desconsiderar o potencial problema que tal texto lhe traria. Em julho, um novo editorial relia, de maneira bem mais moderada, a medida da ditadura civil-militar de cortar as subvenções para importação de papel. O estrago, porém, já estava feito.

A periodicidade estável da revista *A Divulgação* passou a sofrer abalos: de junho de 1964 até novembro de 1965 deveriam ter saído dezessete números, mas o público recebeu somente nove. Em novembro de 1965, ao invés do tradicional texto de editorial assinado por Velloso, a revista reproduziu uma entrevista que o seu proprietário concedeu ao jornal paranaense *A Gazeta do Povo*. Os dois periódicos, *A Gazeta* e *A Divulgação*, embora contemporâneas e localizadas na mesma cidade, mantinham distância. Até 1962, o jornal pertencia à família Plácido e Silva e, como já se viu, a filha do então proprietário Oscar Joseph de Plácido e Silva, Juril de Plácido e Silva, era cunhada de Isolda Carnascialli Velloso. As duas, porém, não se relacionavam e haviam rompido relações por ocasião do casamento de Isolda com Arnauld Ferreira Velloso, então um nome desconhecido no Paraná e, além do mais, um afrodescendente.¹⁰⁰

Em 1962, Francisco Cunha Pereira Filho adquiriu a *Gazeta do Povo*, que passava por uma crise econômica, e reformulou o jornal. Pereira Filho era próximo de Velloso e, em 1965, o jornal abriu, finalmente, suas páginas para o colega de profissão.

⁹⁹ VELLOSO, Arnauld Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, ano XVII, n.º 195, p. 01, jun. 1964.

¹⁰⁰ É importante ressaltar que Velloso jamais mencionou dificuldades sociais em função de sua cor de pele e, embora seja possível supor que ele – assim como muitos outros – sofreu preconceito por ser negro, não existem fontes que sustentem uma investigação aprofundada a esse respeito.

A entrevista foi reproduzida no local normalmente ocupado pelos editoriais de Velloso e apresenta os projetos d'*A Divulgação* para o futuro: remodelação gráfica, a ampliação da circulação e a retomada do regionalismo abalado pela crise econômica. Contudo, tais projetos não saíram do papel. Esse número de novembro de 1965, sem maiores explicações, marca o encerramento das atividades da revista *A Divulgação*.

Até este momento, a análise raramente ultrapassou a página de expediente e, ainda assim, foi possível revelar a riqueza da trajetória do periódico. A seguir, a atenção recairá sobre o conteúdo do periódico, a partir das temáticas e colaborações, em consonância com suas fases.

a DIVULGAÇÃO

LABOR

OMNIA

VINCIT



APPLICATA

"Propagar as realizações paranistas" na metade do século XX: Pautas do presente e narrativas sobre o passado (primeira fase- 1947-1955)

2 PROPAGAR AS REALIZAÇÕES PARANISTAS¹⁰¹ NA METADE DO SÉCULO XX: PAUTAS DO PRESENTE E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO (PRIMEIRA FASE - 1947-1955)

Neste capítulo, inicia-se a articulação entre as três fases delineadas anteriormente e os conteúdos publicados, a fim de que se possa estabelecer a natureza das alterações ocorridas na trajetória do periódico. Conforme se apontou, entre novembro de 1947 e dezembro de 1954, a revista *A Divulgação* apresentou características de uma publicação cultural, com predominância de material textual e discussões caras ao grupo intelectual que aderiu ao projeto, ao que se seguiram dois outros momentos, um de transição, entre 1955 e 1958, seguido da estabilização de um projeto editorial voltado ao público feminino.

A atenção volta-se, neste momento, para os anos iniciais, período no qual foram publicados 1750 textos que tratavam não somente de temas os mais diversos como também comportavam diferentes gêneros.¹⁰² Com base em uma análise minuciosa, foi possível estabelecer que a fração fundamental da publicação nessa primeira fase foram os artigos, afinal, além de formarem a parte mais volumosa da publicação, esse conjunto documental correspondia aos principais objetivos d' *A Divulgação*, naquele quartel, a saber: articular-se aos projetos dos governos paranaenses e estabelecer referenciais para a unidade cultural do estado. Objetivos que não eram excludentes, mas que ora alinhavam-se, ora distanciavam-se.

Na primeira parte do capítulo, os temas território e população, alçados à categoria de interesse coletivo através das plataformas de governo de Moysés Lupion e Bento Munhoz da Rocha Neto são discutidos com recurso à perspectiva defendida pelos articulistas do periódico. Entre prós e contras, destacam-se as incertezas que as transformações operadas no âmbito político geravam na elite cultural participante do programa *A Divulgação*. A segunda parte discute uma das soluções defendidas pelo periódico como forma de enfrentar as angústias que se apresentavam: recorrer ao

¹⁰¹ “Propagar as realizações *paranistas*” é a proposta apresentada pelo primeiro editorial da revista *A Divulgação*, em novembro e dezembro de 1947.

¹⁰² Para analisar uma quantidade tão grande de material, uma primeira estratégia foi mapear a natureza do material textual difundido: artigos e reportagens, produção literária (ficção e poesias), conteúdos alocados em seções, notas da redação, cartas de leitor e o material publicitário foram indexados e passaram por uma análise preambular. Definir gêneros textuais não é tarefa simples. Entretanto, a leitura de cada texto permitiu distinguir artigos, que enunciam opiniões a respeito de determinado assunto; reportagens, com seu cunho investigativo, apresentadas como neutras e cujo objetivo central é a informação, e as produções literárias. Além desse corpo principal, havia um conjunto textual apresentado pela equipe editorial sob o título *Seção* e entrevistas.

passado, como forma de compreender as características do presente e enfrentar o futuro de maneira unificada.

2.1 Política, território e população: A Divulgação e o “alto interesse coletivo”¹⁰³

Anunciada como um novo momento, a virada de 1940 para a década seguinte, com efeito, apresentava-se como propícia ao otimismo. O fim do Estado Novo e a implantação de um projeto democrático nacional, a possibilidade de estabilização da economia e de um parque industrial, o encerramento do segundo conflito mundial, a urbanização do país, entre outros fatores, concorriam para difundir certa euforia em relação ao futuro, que teve parte na revista *A Divulgação*:

O Brasil inteiro, como que impulsionado por uma força que o faz entrar vigorosamente na estrada do progresso, transforma-se num campo de grandes realizações. Em todos os setores da vida brasileira, notam-se iniciativas promissoras, índice eloquente da capacidade dos brasileiros para os empreendimentos de largo alcance. Curitiba, a airosa e atraente capital paranaense, transforma-se magicamente, no decorrer dos últimos anos, sob o influxo dessa verdadeira onda de progresso que se espalha por todo o país. A capital do Paraná representa, nos dias que correm, um dos centros de atração nacional.¹⁰⁴

As expectativas em relação ao futuro, na leitura proposta pela revista, não eram apenas promissoras, mas compartilhadas por todos, principalmente, pelos paranaenses. O estado, naquele período, estaria ingressando em uma nova etapa de sua história, afinal, ultrapassaria a “[...] exaltação patética da fabulosa fortuna com que fomos milagrosamente aquinhoadas pela natureza pródiga” e, alcançaria a “realidade dos fatos”, através, notadamente, da administração pública:

Todos os esforços convergem para a grande obra da valorização do nosso homem. Para a consecução de tão elevado ideal, urge rasgar estradas, sanear populações, abrir escolas, colonizar, amansar a terra, multiplicar os rebanhos, desenvolver o nosso parque industrial insipiente. Essa é a verdadeira política do momento, segundo a qual teremos um Paraná realmente maior dentro da grandeza do Brasil.¹⁰⁵

¹⁰³ Nota que precedia discussões e que, em alguns casos, estava em contradição com o texto seguinte: “Sem qualquer intuito político-partidário, abordamos temas de alto interesse coletivo, intimamente ligados ao destino do Estado do Paraná”. Ouvindo a palavra abalizada do Secretário de Saúde e Assistência Social. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 17, Fev. – Mar. 1948.

¹⁰⁴ Aspectos modernos de Curitiba. *A Divulgação*, Ano I, Nº. 02, p. 11., Fev.Mar. 1948.

¹⁰⁵ VELLOSO, Arnould Ferreira. Do lirismo à realidade dos fatos. *A Divulgação*, Ano I, n.º 05-06, p. 01, Abr. Maio 1948.

Todas essas melhorias só eram possíveis devido à implantação do regime democrático, modelo político defendido por alguns articulistas da revista como necessário para o desenvolvimento pleno da nação, posto que, somente em circunstâncias democráticas às “[...] instituições políticas, econômicas e culturais” estava assegurado “o eficiente cumprimento de seus propósitos”.¹⁰⁶ As expectativas registradas estavam sobremaneira atreladas ao novo momento político, e por isso, o progresso que *se percebia em construção* era visto como da alçada dos administradores públicos.

Em janeiro de 1947, Moysés Lupion foi eleito governador do Paraná com uma plataforma administrativa que tinha como slogan *Um Paraná maior*¹⁰⁷ e propunha medidas consideradas imprescindíveis para o progresso do Paraná.¹⁰⁸ Em seu discurso de posse Lupion conclamou a intelectualidade local a participar de sua gestão: “O que temos para realizar excede minhas forças pessoais, mas eu asseguro que será a hora em que possam falar os capazes de criar uma parcela de bem comum. [...] Peço a

¹⁰⁶ SIMONSEN, Roberto. Conceito de democracia: o pensamento das classes produtoras. *A Divulgação*, Ano I, n.º 01-02, Nov.-Dez. 1947. p. 23.

¹⁰⁷ É interessante observar que a despeito de não possuir vínculos públicos com os paranistas, Moysés Lupion apresentou um programa de governo similar ao decálogo da *União Paranista*, de 1932. O texto, de Romário Martins, propôs dez itens que deveriam merecer atenção destacada de administradores caso se pretendesse o desenvolvimento uniforme do Estado, a saber: Integridade Territorial, Política, Viação, Agricultura, Pecuária, Indústrias, Instrução, Defesa Florestal, Imposto Territorial e Condições de Progresso. Ora, na primeira mensagem do governador paranaense à Assembleia Legislativa do Estado, todos os pontos são retomados. Política econômica voltada à agricultura, pecuária e indústrias e atenta às demandas específicas das regiões do Estado, garantindo a integridade territorial na perspectiva administrativa. Viação e Transportes, Política social, Saúde Pública, Educação e Cultura surgiam como preocupações imprescindíveis para o desenvolvimento econômico e cultural. Colonização era a via privilegiada para adentrar em setores comerciais e garantir (re)ocupação de territórios considerados *vazios demográficos* e suscetíveis de perda. Havia, ainda, projetos de legislação tributária (no item organização Administrativa) e pautas contemporâneas da década de 1940 como Segurança Pública, Energia elétrica, Crédito Organização Administrativa.

¹⁰⁸ Moysés Lupion nasceu em Jaguariaíva, cidade do interior paranaense, em 1908. De família humilde, fez curso ginásial em Curitiba e depois se transferiu para São Paulo, onde trabalhou em serrarias e empresas de exportação de madeira. Foi nesse ramo empresarial que se tornou um dos homens mais ricos do Paraná. Em 1947, assumiu seu primeiro cargo eletivo como governador do Paraná, retornou para uma segunda gestão entre 1956 e 1961. Ao término do mandato no executivo estadual, assumiu cadeira de deputado federal, em 1962. Dois anos depois, com o golpe civil-militar, teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Dados obtidos em: BATISTELLA, Alessandro. *O Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre: UFRGS: 2014. Os dois governos de Lupion foram marcados por interpretações contraditórias: muitos tratam suas gestões como essenciais para o desenvolvimento econômico do Estado; outros o consideram absolutamente corrupto e responsável pelos conflitos agrários ocorridos no Paraná. Algumas dessas interpretações serão tratadas no próximo capítulo.

colaboração imprescindível do espírito público, na crítica à ação do governo, na serenidade das atitudes e no papel de intérprete da opinião geral”.¹⁰⁹

Moysés Lupion, antes mesmo de assumir o cargo no executivo paranaense, manifestava certa consciência do peso que a opinião pública poderia ter na administração do Estado. Afinal, com o fito de promover sua campanha eleitoral, adquiriu os jornais *O Dia* (Curitiba), *Correio do Paraná* (Londrina) e 49% da *Gazeta do Povo* (Curitiba), além de emissoras de rádio como a *Rádio Sociedade Guairacá Ltda* que controlava outras seis emissoras no interior do Paraná.¹¹⁰ Após sua posse, tais veículos de comunicação seriam importantes difusores de suas atividades; o mesmo ocorreu nas páginas da revista *A Divulgação*.

A relação entre o periódico de Arnould Ferreira Velloso e o novo governador era de proximidade e cumplicidade, embora não tão explícita quanto aquela mantida com os periódicos mencionados acima. Na biografia do ex-governador, escrita sob a encomenda de seus familiares, diversos periódicos foram utilizados como fonte para a compreensão do período histórico, alguns foram criticados pelos autores da obra por terem contribuído para a construção da imagem negativa a respeito de Moysés Lupion, principalmente no seu segundo mandato. *A Divulgação*, por seu turno, teve sua primeira capa reproduzida com a legenda:

Fac-símile da capa da revista *Divulgação Paranaense*. A arte é uma homenagem ao empreendedorismo do governo Lupion. Em destaque, o técnico (planificação de obras), a mecanização agrícola, a implantação do parque industrial e construção civil, e a Estrada de Ferro Central do Paraná. Fonte: revista *Divulgação*, janeiro de 1949.¹¹¹

Apesar da incongruência a respeito da data de publicação, a interpretação dada ao projeto gráfico da capa chama a atenção por ligar da maneira direta governador e revista.¹¹² Mais além, entre os documentos do arquivo pessoal de Arnould Ferreira Velloso, há um projeto de *layout* da página de expediente d’ *A Divulgação*; material

¹⁰⁹ Discurso de posse de Moysés Lupion, de 12 de março de 1947, reproduzido na íntegra em: LEITE JÚNIOR, Hor-Meyll. ESCOBEDO, Marcel Luiz. *Moysés Lupion: civilizador do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006. Pp. 57-58.

¹¹⁰ BATISTELLA, Alessandro. *O partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)*. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2016000100257 Acesso: 15 Out. 2016.

¹¹¹ LEITE JÚNIOR, Hor-Meyll. ESCOBEDO, Marcel Luiz. 2006. *Op. Cit.* p. 70.

¹¹² Para acrescentar mais informações à pesquisa, um dos autores da biografia foi procurado. Hor-Mayell Leite Júnior informou que nada sabia a respeito da relação entre a revista e o ex-governador. Segundo ele, nos documentos cedidos a ele pela família Lupion existiam diversos números d’ *A Divulgação* e ele interpretou a capa da maneira que achou mais coerente, considerando as demais informações de que dispunha.

que, além de esclarecer sobre o processo de criação gráfica da revista, informa a respeito dos entrelaçamentos entre o periódico e o poder público. A página, que nunca foi impressa,¹¹³ tinha como proposta abrir o primeiro número da revista com os depoimentos de Ângelo Lopes¹¹⁴ - prefeito de Curitiba - e, Moysés Lupion - já governador: “O nosso governo, que tem no seu plano administrativo a defesa intransigente dos valores do espírito, esses bens que os ladrões não roubam e a ferrugem não consome, só tem a louvar a feliz iniciativa do jornalista Arnauld F. Velloso, fazendo surgir uma revista de caráter nacional como *A Divulgação*.”¹¹⁵ Por razões desconhecidas, o projeto mudou e, ao invés de textos cuja autoria poderia revelar o apadrinhamento político para a publicação, a página de expediente apresentou um editorial assinado por Velloso.

Importante promotor da imagem de *self-made man* atribuída ao empresário de sucesso que se iniciava na política (portanto, sem vícios), o impresso publicava argumentos favoráveis aos projetos de Lupion. No entanto, fazia isso de maneira indireta, pois eram constantes as afirmações de neutralidade política da parte de Velloso e o vínculo com o poder estatal era categoricamente negado: artigos e reportagens que tratavam do tema costumeiramente eram precedidos de uma nota da redação esclarecendo que tal pauta tinha somente “o alto propósito de orientar” os leitores a respeito de “problemas de interesse geral para o nosso Estado”.¹¹⁶

Apesar de ser considerado herdeiro político de Manoel Ribas, antigo interventor getulista, Lupion apresentou um programa de governo inédito na história política do Estado orientado pela planificação de obras. Dentre os principais projetos estavam a ocupação de territórios considerados vazios demográficos, a construção de estradas que ligassem o centro administrativo às regiões mais a oeste e norte, o investimento em

¹¹³ Os depoimentos dos dois políticos não foram descartados e é de se notar o ato editorial que colocou o texto de Moysés Lupion junto ao artigo de abertura da revista, *O Paraná na propaganda da República* assinado pelo maior nome paranista: Romário Martins.

¹¹⁴ “Um órgão de publicidade que se propõe divulgar com eficiência e honestidade os fatos da vida social e econômica do Estado, deve ser recebido com especial agrado, não só pelo povo em geral, como também pelas classes produtoras e pela administração pública. A revista *A Divulgação* tem esse propósito e por isso breve estará vitoriosa”. *A Divulgação* no conceito de paranaenses ilustres: Ângelo Lopes. *A Divulgação*, Ano I, n. 01-02, p. 9, Nov.-Dez. 1947.

¹¹⁵ *A Divulgação* no conceito de paranaenses ilustres: Moysés Lupion. *A Divulgação*, Ano I, n. 01-02, p. 5, Nov.-Dez. 1947.

¹¹⁶ Ouvindo a palavra do Secretário da agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Paraná. *A Divulgação*, Ano I, nº. 1, p. 36, Nov.-Dez. 1947. O cuidado em reforçar a neutralidade da publicação atravessou os anos e em 1961, Velloso afirmava: “*DIVULGAÇÃO*, declaramos alto e bom som, nunca esteve e não está absolutamente vinculada a partidos ou grupos políticos. É uma publicação independente e emancipada. Temos convicção de que as boas obras, de interesse coletivo, pairam acima das paixões momentâneas. Isso porque os políticos passam e a boa imprensa permanece.” VELLOSO, Arnald Ferreira. 1 fato em revista. *A Divulgação*, nº: 153-154. Dezembro de 1960, janeiro de 1961. p. 1.

hidroeletricidade, saúde e educação, e integração do sistema tributário e controle da máquina pública. Em outros momentos, algumas dessas medidas compunham os interesses políticos, mas foi somente com Lupion que todas integraram simultaneamente os projetos administrativos.

O pano de fundo de todas essas medidas era garantir a unificação do território, tanto da perspectiva administrativa quanto cultural. Tal preocupação era uma constante na história paranaense e havia ressurgido com força pouco antes da eleição de Lupion por ocasião da criação do Território Federal do Iguaçu.¹¹⁷ Um dos primeiros artigos d' *A Divulgação* articulava informações contidas em um relatório apresentado ao *Conselho Nacional de Geografia* aos interesses estaduais, de manutenção daquela faixa territorial e de exploração do potencial hidroelétrico. O referido relatório foi produzido por Moacir M. F. Silva, membro da comissão da *Faixa de Fronteira*, ao que tudo indica, pouco depois de setembro de 1943, com a intenção patente de alertar para os riscos que a região corria, caso não fosse ocupada pela administração pública. No dia 13 daquele mês, Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei nº 5.812 e criou cinco territórios federais como medida de proteção às fronteiras nacionais (entre eles, estava o Território Federal do Iguaçu). A ação do então ditador foi recebida de maneira negativa pelas elites curitibanas e houve protestos na imprensa e nas tribunas do Estado; depois da queda do Estado Novo, a medida foi revista e o Território Federal do Iguaçu voltou a integrar o Estado do Paraná.

Composto com a finalidade de justificar a intervenção getulista em zonas que poderiam ser ocupadas por estrangeiros, o relatório foi retomado, integralmente, sem menção aos interesses que perpassavam sua origem pela *A Divulgação*. Acompanhado de gráficos, mapas e fotografias das cataratas do Iguaçu, construiu-se em torno desses dados, um artigo que argumentava que o território pertencia ao Paraná desde a emancipação de 1853 e que, assim, deveria continuar. Cabia à população local lutar pela integridade do Estado e louvar a iniciativa de Lupion ao criar *Departamento Administrativo do Oeste do Paraná*, órgão que tinha como missão primeira fortalecer a presença do governo estadual naquele espaço.

A retomada de textos elaborados em outros recortes históricos também ocorreu com a produção de Coelho Júnior, topógrafo, que realizou a demarcação dos territórios

¹¹⁷ No período do Estado Novo, Getúlio Vargas outorgou a Constituição de 1937 que, entre outros, retirava dos Estados a autonomia em diversos assuntos referentes à fronteira. No artigo 165 da Carta Constitucional, fica estabelecido que as unidades administrativas estaduais precisavam submeter-se ao Conselho Superior de Segurança Nacional para atuar nessas áreas.

no oeste paranaense na década de 1920. Além do material com funções oficiais, Coelho Júnior anotou impressões de viagens e as publicou em livros e periódicos; foi basicamente desse material que surgiram os artigos publicados sob sua autoria na revista de Velloso. As viagens feitas no primeiro quartel do século XX atendiam aos interesses do Estado, então preocupado em conhecer seus territórios; das impressões desses profissionais surgem representações importantes a respeito dos espaços paranaenses, como por exemplo, a de que se tratavam de regiões não povoadas e, por isso, alvos frequentes do assédio das populações estrangeiras - da Argentina e do Paraguai;¹¹⁸ emergiam, assim, novos elementos para a inquietação com a unidade territorial.

Sobre a construção das representações a respeito dos territórios do extremo oeste paranaense, é patente destacar que o território era definido a partir de adjetivos paradoxais, ao mesmo tempo, “sertão abandonado” e “região magnífica”. Ambas as construções concorriam, contudo, para o mesmo objetivo, a saber: ações orientadas de ocupação daqueles espaços deveriam ser incentivadas. Essas produções encontraram guarida em esforços governamentais, em nível federal e estadual, que visavam à proteção das fronteiras da nação.¹¹⁹ Como exemplo dos esforços federais, têm-se a *Marcha para o Oeste* getulista e a criação dos territórios federais. A partir da queda do Estado Novo, os governadores paranaenses, notadamente, Moysés Lupion e Bento Munhoz da Rocha Neto, continuaram o trabalho de ocupar esses “vazios demográficos” e de proteger as riquezas existentes naqueles espaços.

Em documentos oficiais, pesquisas de geógrafos e historiadores, essas áreas eram tratadas como *vazios demográficos*,¹²⁰ regiões que tinham uma lógica cultural distinta daquela que priorizava a urbanização e a economia monetária e, mais preocupante, comportavam uma população heterogênea formada por imigrantes,

¹¹⁸ HAHN, Fábio André. MORIGI, Josimari de Brito. A fronteira em questão: estudo da ocupação de Mamborê/PR. *Revista Território & Fronteira*, v. 08, n°. 01, p. 256-275, Jan.-Jun. 2015.

¹¹⁹ Sobre isso ver: FREITAG, Liliane da Costa. *Extremo - Oeste paranaense*: história territorial, região, identidade e (re)ocupação. Tese (Doutorado em História) – Franca: Unesp, 2007.

¹²⁰ A expressão “vazios demográficos” não era de uso exclusivo dos articulistas envolvidos com a editoria d’A *Divulgação*. Trata-se de uma justificativa histórica para diversos projetos governamentais cuja intenção era ultrapassar lógicas culturais não identificadas com modelos de progresso e modernidade. Lúcio Tadeu Mota aponta que tal concepção está presente nas produções de diversos intelectuais paranaenses e atravessa o século XX, com algumas variações – como, por exemplo, o uso do termo sertão – que não modificam a leitura predominante e responsável pelo apagamento histórico da presença de nacionais, estrangeiros, indígenas e outros antigos habitantes daquela região. Sobre isso ver: MOTA, Lúcio Tadeu. A construção do “vazio demográfico” e a retirada da presença indígena da história social do Paraná. Disponível: file:///C:/Users/User/Downloads/A_Construcao_do_Vazio_Demografico_e_a_re.pdf Acesso: 13 Dez. 2016.

migrantes e estrangeiros (argentinos e paraguaios) que desviavam os recursos locais.

Em *A Divulgação*, a situação era interpretada a partir da história nacional:

Desde os primórdios de nossa formação histórica, o desenvolvimento social e econômico operou-se lentamente da periferia para as regiões centrais. É justamente ao longo da orla marítima que se aglutinam os grandes centros populosos, transformados em consumidores vorazes de matérias-primas e alimentos que são produzidos nos núcleos agropecuários do interior. A região mais rica do Brasil, a parte substancial do território pátrio, continua praticamente inexplorada, à espera da ação civilizadora do homem. O “hinterland” reclama o braço e o capital – os dois fatores essenciais indispensáveis ao aproveitamento dos recursos da natureza.¹²¹

A expressão *hinterland* era frequentemente utilizada e servia tanto para se referir à região sudoeste, mais próxima da fronteira nacional e marcada pela heterogeneidade cultural, quanto à região norte, cujo potencial econômico estava em destaque no período: “Como sucedeu a São Paulo, o fator preponderante e responsável por esse admirável surto de progresso reside no café. O ouro verde encontrou seu genuíno habitat nas privilegiadas terras roxas do cinturão cafeeiro araucariano. A economia nacional está sentindo o influxo da crescente produção *cafeeira do setentrião paranaense*.¹²²” São Paulo era, ao mesmo tempo, um modelo de metrópole a ser imitado e um risco à economia do Paraná, afinal, boa parte da produção cafeeira era escoada para o Estado vizinho. Além disso, muitos paulistas adquiriram terras na faixa norte no estado e eram vistos como ameaças potenciais à riqueza local, razão pela qual “[...] o Governo procurou solucionar os problemas dos intrusos do Norte, muitos dos quais foram localizados definitivamente nas áreas determinadas pelo governo estadual”.¹²³

Diante dessa situação preocupante, toda e qualquer medida tomada por Lupion para integrar administrativamente e economicamente esses *outros Paranás*¹²⁴ era saudada. O número de março de 1948 d’*A Divulgação* comemorou o primeiro ano de governo de Moysés Lupion¹²⁵ e publicou a *Súmula das principais realizações do Governo do Estado do Paraná, no primeiro ano de sua administração*, síntese da

¹²¹ O norte do Paraná em revista. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 45, Fev.-Mar. 1948.

¹²² VELLOSO, Arnaud F. Café e urbanismo, *A Divulgação*, p. 01, Nov.-Dez. 1952.

¹²³ Súmula das principais realizações do Governo do Estado do Paraná, no primeiro ano de sua administração. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 07, Fev.-Mar. 1948.

¹²⁴ Naquele período havia uma concepção de que existiam três Paranás: “[...] o Paraná Tradicional, de ocupação antiga e genuinamente paranaense; a região Norte, vista como um prolongamento da economia paulista; e, por último, a região Sudoeste, povoada pelo fluxo migratório originado principalmente no Rio Grande do Sul.” COLNAGHI, Maria Cristina, 1984, p. 55. Apud. MARCHETE, Tatiana Dantas. 2013. *Op. Cit.*, p. 85.

¹²⁵ Um ano de labor fecundo. *A Divulgação*, Ano I, n.º 02-03, p. 05, 1948.

mensagem enviada pelo governador à Assembleia Legislativa do Estado. Atribuiu-se especial relevo às medidas que visavam desenvolver e diversificar a economia local, vista como demasiadamente agrícola e concentrada em algumas regiões. Subjacente, estava a ideia de que com o desenvolvimento econômico de outras regiões do Paraná, ocorreria a integração cultural, política, tributária e, por fim, a unidade do território ficava afiançada.

A situação econômica estadual era analisada de maneira contraditória, ora como absolutamente vantajosa ora em crise. A erva-mate, produto que puxava a economia desde a Guerra do Paraguai, vinha perdendo mercado a partir da década de 1930. Para os articulistas d'*A Divulgação*¹²⁶ a perda da liderança paranaense no mercado ervateiro, alcançada a partir da Guerra do Paraguai, era creditada tanto à administração nacional em vigor a partir dos anos 1930, quanto à falta de esforço para difundir o produto econômico no mercado externo. O plano SALTE, concebido na esfera federal para superar o problema da inflação, foi recebido com descrença e críticas violentas: “Com efeito, os milhões e bilhões de cruzeiros são alinhados na literatura do plano com uma precisão impressionante. Tudo será fácil, estará resolvido num abrir e fechar de olhos, como os singelos contos de fada. Os recursos serão fornecidos pelas dotações orçamentárias. Pouco importa que elas sejam deficitárias, etc”.¹²⁷

Enquanto o governo federal era caracterizado como apático em relação aos interesses paranaenses, o governo Lupion era apontado como “[...] coordenador, diretor de normas administrativas, anulando ações dispersivas, ferindo interesses individuais em benefício da coletividade.”¹²⁸

À medida que o interesse econômico pelo mate decaía, outras plantas passaram a ocupar a pauta econômica da revista, com destaque para o café e o trigo. No primeiro caso, as vantagens estavam assinaladas na trajetória de sucesso alcançada pelo produto em São Paulo.¹²⁹ O trigo, por outro lado, necessitava de uma campanha que o favorecesse diante da opinião pública. Inicialmente de maneira tímida – uma nota no primeiro número da publicação –, a temática voltou a aparecer em artigo de três páginas

¹²⁶ Entre 1947 e 1950, sete artigos da temática *Economia* tratavam do mercado de erva-mate, tema que não mais foi tratado pela revista. Em compensação, seis artigos e diversas reportagens trataram da ascensão da produção cafeeira.

¹²⁷ LINHARES, Temístocles. O mate diante do plano SALTE. *A Divulgação*, Ano I, n.º 12-13, p. 09, Nov. Dez. 1948.

¹²⁸ Plano Hidroelétrico paranaense Moysés Lupion. *A Divulgação*, Ano II, n.º 17-18, p. 25, Abr.-Maio 1949.

¹²⁹ PÉRICLES, Raul. O sentido paulista de produção. *A Divulgação*, Ano II, n.º 17-18, p. 15, 1949.

no número seguinte.¹³⁰ O argumento central era a necessidade de superar a dependência de importação do produto e o Paraná seria, naquela perspectiva, a região ideal para a produção do cereal devido ao seu “esplêndido ar europeu”.¹³¹

As defesas da necessidade de aumentar a produção local de trigo eram acompanhadas do que se apontava como entraves a tal procedimento: falta de estradas para escoar a produção, ausência histórica de auxílio governamental e o mais premente de todos: a falta de mão de obra: “A nossa lavoura se ressentia da falta de braços. A crise é provocada, sobretudo pelo êxodo das populações rumo aos grandes centros industriais.”¹³²

Em outro artigo, argumentava-se que o aumento do custo de vida nas áreas urbanas estava diretamente relacionado ao êxodo rural, fator que comprometia a produção de gêneros alimentícios, e que havia necessidade urgente de atrair para as áreas agricultáveis populações dispostas a atuar no campo e que dominassem técnicas de produção de itens diversificados.¹³³ De um lado, defendia-se que a ocupação das “glebas virgens” ou “vazios demográficos” deveria ser feita por nacionais: “Todos os esforços devem convergir para um só fim: a valorização do homem nacional! O êxito que vem alcançando a colonização basta para comprovar esta grande verdade: o Brasil deve ser povoado, desbravado e cultivado pelos brasileiros”.¹³⁴

De outro lado, tomava corpo a defesa de projetos voltados à imigração estrangeira. A produção de cereais - como o trigo - era utilizada como argumento para defender a entrada de imigrantes de origem europeia, populações caracterizadas como absolutamente capacitadas ao trabalho no campo e ao trato com este tipo de produto,¹³⁵ postura similar era encontrada em projetos oficiais que medraram logo após o fim da II Guerra Mundial. No período diversas organizações internacionais se mobilizaram com vistas à transferência de populações em situação de risco. O Brasil foi um dos primeiros signatários do acordo proposto pela ONU que visava o auxílio e realocação desses grupos, além disso, antes mesmo do fim do Estado Novo a imigração dirigida – aquela

¹³⁰ O trigo paranaense na economia nacional. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 23, Fev.- Mar. 1948.

¹³¹ CALMON, Pedro. Curitiba: cidade única. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 04, Fev.- Mar. 1948.

¹³² O trigo paranaense na economia nacional. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 26, Fev.- Mar. 1948.

¹³³ Política imigratória. *A Divulgação*, Ano I, n.º 01-02, p. 11, Nov.- Dez. 1947.

¹³⁴ VELLOSO, Arnould F. Colonização do Norte. *A Divulgação*, Ano I, n.º 07-08, p. 02, Jun.-Juç. 1948.

¹³⁵ “O mais velho celeiro de trigo do mundo fica ao redor do Mediterrâneo. Na Europa, o país mais rico em trigo é a França. Do ponto de vista técnico a França do Norte ocupa o primeiro lugar. Na Itália, tal como na França, a produção de trigo é grande, mas apesar disso insuficiente para as necessidades do país. O grande cinto de trigo da Europa começa no Danúbio (Hungria) e dali se desdobra até o mar negro.” O trigo paranaense na economia nacional. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 23, Fev.- Mar. 1948.

que conta com auxílio direto dos poderes públicos – havia sido sancionada pelo Decreto 7.967 de setembro de 1945.¹³⁶

Em *A Divulgação*, eram frequentes os apelos para se tratar a questão da imigração de maneira legalista, afinal, a única forma “[...] de [o Brasil] corrigir sua estrutura econômica seria pela prática tenaz e esclarecida duma política demográfica fundamentada na imigração”. O texto segue com os dispositivos legais que norteavam a prática imigratória no país desde 1945, para então apontar as ações do governo Moysés Lupion que tornaram a entrada de estrangeiros no Paraná um projeto factível, postura que é enaltecida. No entanto, reforça-se, ao final, o dever dos poderes públicos de intervir na seleção dos homens e das mulheres que entrariam no estado:

Queremos homens válidos e laboriosos e repudiamos os elementos moral e fisicamente indesejáveis, os de atividade parasitária, os sem ofício, os desenraizados e incapazes de fixar-se. No mundo contemporâneo há clima propício a todas as ideologias. Não devem procurar o Brasil os que professam convicções em desacordo com as nossas, os que pretendem infiltrar no espírito brasileiro o falso e cômodo internacionalismo que dissolve as energias patrióticas e pode servir a tudo e a todos conforme o preço e as ocasiões... Esses não terão mais entrada no país.¹³⁷

O artigo não é assinado, mas se sabe que o excerto citado é parte de discurso feito por Getúlio Vargas em 31 de dezembro de 1940, em um jantar oferecido às Instituições Militares no *Automóvel Club*. A hipótese é que Velloso, o possível autor do artigo e Coronel do Exército, esteve no evento ou se valeu dos volumes que reuniam os pronunciamentos de Vargas, e lhe garantiram acento na *Academia Brasileira de Letras*. De toda forma, importa destacar que diante da eminente entrada de imigrantes sobreviventes da II Guerra Mundial, o editor retomou o tema a partir de argumentos getulistas. Por outro lado, o cuidado em não mencionar a autoria revela a preocupação de não se afirmar a partir das ideias do ex-ditador.¹³⁸

¹³⁶ Sobre a postura do governo brasileiro em relação aos refugiados da II Guerra Mundial ver: ANDRADE, José H. Fischel. O Brasil e organização internacional para os refugiados. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Vol. 48, n.º 01, pp. 60-96, Brasília, 2005.

¹³⁷ Política imigratória. *A Divulgação*, Ano I, p. 11-12, Nov.- Dez. 1947.

¹³⁸ A posição de Velloso é mais surpreendente se considerarmos que ele atuou junto à revista *Cultura Política* e gozava de algum nível de acesso ao presidente Vargas, no período do Estado Novo. Por entre as muitas correspondências preservadas por Velloso, há um telegrama de 09 de março de 1940, enviado por Luiz Vergara, secretário da presidência, onde se lê: “Tenho o prazer de comunicar que o presidente Getúlio Vargas leu com o devido apreço o artigo que lhe enviaste junto com vossa carta”. A relação de Velloso como as propostas de Vargas é interessante e, entre aproximações e distanciamentos, o proprietário da revista *A Divulgação* assumia posições oscilantes entre regionalista e nacionalista, apoiando-se, em alguns momentos, em argumentos utilizados por Vargas e, em outros, criticando-o.

A situação internacional fomentou a criação de estereótipos a respeito de alguns grupos, notadamente, os de origem russa e alemã. No primeiro caso, o medo era do comunismo, descrito como perigo real à democracia no continente americano, deveria ser combatido com força pelas autoridades brasileiras.¹³⁹ Conquanto a preocupação central fosse o debate da política local, o avanço do comunismo no pós II Guerra Mundial preocupou os intelectuais paranaenses e *A Divulgação* não se escusou de marcar posição nesse tópico com críticas ao avanço do *credo moscovita* ao redor do mundo. Nos primeiros anos, a principal preocupação do periódico era evitar que a “propaganda subterrânea” feita por “tiranos usurpadores da democracia” se infiltrasse no Paraná:

O comunismo no Brasil vem sendo infelizmente subestimado. As expressões de nossa cultura e inteligência, certamente pouco afeitas ao trato direto e constante com os movimentos políticos sociais que devem ser profundamente sentidos e observados com suas ramificações nas massas colocam-se em posição pouco realista, pretendendo permanecer ortodoxamente liberais, esquecidos de que as circunstâncias modernas em face do comunismo internacionalmente organizado precisa de uma política realista de defesa social, para a preservação das liberdades legítimas.¹⁴⁰

Essa posição do periódico ficou mais evidente nos anos de 1960, quando a revista já não tinha o mesmo perfil desse primeiro momento, mas insistia em atacar países ligados ao comunismo, principalmente Cuba, alcunhada de *Ilha Sangrenta* em editorial de 1962. Foi a partir do final de 1950, que a revista demonstrou alguma preocupação com a situação internacional *per se*, pois nos primeiros anos predominava um filtro absolutamente regionalista na publicação.

Para além dessa questão, os cuidados em relação à imigração se avolumaram na imprensa paranaense, especialmente no início de 1950, quando um grupo de imigrantes *suábios* chegou ao país. A discussão em jornais paranaenses do período foi mapeada e analisada por Marcos Nestor Stein.¹⁴¹ O autor aponta a prevalência do tom otimista em relação aos novos colonos, encarregados de trazer o conhecimento necessário para a

¹³⁹ MCMAHON, Francis. A catholic looks at the world. *A Divulgação*, Ano I, n.º 05-06, p. 36, Abr.-Maio 1948. O texto original foi publicado em 1946, no Journal Cambridge. A tradução foi feita por Arnould F. Velloso que, além desse material, traduziu outras tantas obras para publicação na Revista do Círculo Militar. Como deter o credo moscovita. *A Divulgação*, Ano IV, p. 49, Set.- Out. 1951. Definição da URSS traduzido do The Ukrainian Bulletin (publicado em 01 de Maio de 1948). *A Divulgação*, Ano I, n.º 05-06, p. 34, Abr.- Maio 1948. Definição da URSS traduzido do The Ukrainian Bulletin (publicado em 01 de Maio de 1948). *A Divulgação*, Ano I, n.º 05-06, p. 34, Abr.- Maio 1948.

¹⁴⁰ Página anticomunista. *A Divulgação*, Ano I, n.º 05-06, p. 36, Abr. Maio 1948.

¹⁴¹ STEIN, Marcos Nestor. “*O oitavo dia*”: produção de sentidos identitários na colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Tese (Doutorado em História) – Florianópolis: UFSC, 2008.

elevação da produção de trigo no estado. Já as mazelas da guerra e a condição de apátridas dessas populações não eram assuntos mencionados na época.

Em 1950, durante a *1ª Conferência Nacional de Imigração e Colonização*, o presidente Getúlio Vargas posicionou-se a favor da entrada do grupo *suábio* no Brasil e informou que o poder federal não dispunha de condições financeiras para organizar as colônias no Paraná. Foi graças ao acordo entre o governo federal, o estadual e a organização humanitária *Ajuda Suíça à Europa* que se viabilizaram as acomodações para cerca de 500 famílias *suábias* no Paraná.

A preocupação com a suposta origem alemã dessa população tomou conta da imprensa paranaense. Diferente de outros imigrantes europeus, os alemães eram encarados com receio em função dos eventos da década anterior e, segundo os articulistas d' *A Divulgação*, eram necessárias provas de que esses indivíduos poderiam ser assimilados à cultura nacional. Preocupado com a situação, o médico Homero Braga escreveu:

Pouco se tem lembrado que os imigrantes tão desejados serão os troncos de futuras gerações de brasileiros. No processo natural de aculturação eles e seus descendentes serão fatores de miscigenação ao se cruzarem com os nacionais, cruzamento esse que é até preconizado para evitar a formação de “quistos” cuja existência causa tanto alarme aos que pouco confiam nas nossas organizações policiais. E incorporando-se à família brasileira para ela trarão suas taras, suas deficiências e defeitos hereditários [...].¹⁴²

Novamente, a defesa das características nacionais surgia como critério na seleção dos imigrantes que deveriam entrar no país. Destaca-se, ainda, a preocupação com as características transmitidas geneticamente, que poderiam comprometer o futuro do país, tema abordado por diversos intelectuais brasileiros desde 1822. No Paraná, a imigração esbarrava na frágil construção identitária que, ao que indica a preocupação dos articulistas, não era percebida como sedimentada pelos intelectuais que a promoviam.¹⁴³ O médico Homero Braga articulava a preocupação com a entrada dos

¹⁴² BRAGA, Homero. O melhor imigrante. *A Divulgação*, Ano II, p. 08, Jun.-Jul.-Ago. 1950.

¹⁴³ As reflexões de Stuart Hall são elucidativas. Para o autor, as construções identitárias reclamam “[...] locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.” Além disso, quando colocadas em análise devem ser esmiuçadas a partir de procedimentos de historicização radical, para que se revelem os fragmentos e fraturas, a multiplicidade e os antagonismos de projetos que tem como pretensão fixar um “eu” ou um “nós”; além disso, quanto mais instável, mais as construções identitárias convocam recursos da história, da linguagem e da cultura, ou seja, mais procuram se afirmar. Sobre o tema ver: HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

imigrantes às “rotas para futuro”,¹⁴⁴ mas havia questionamentos que reclamavam a perspectiva histórica.

David Carneiro argumentava contra a entrada de imigrantes, principalmente de origem alemã, pois *a história já havia mostrado* os equívocos dessa opção. O ranço cultural dos imigrantes, comparável a “alimentos pesados”, havia sido resistente à assimilação, razão pela qual se comprometeu a identidade local. Práticas culturais diversas sobreviviam na imprensa, em clubes, na língua, nos projetos e formas de organização social dos imigrantes e comprometiam os interesses do Estado.

É que o Paraná com as suas correntes imigratórias, perde cada vez mais, o seu real civismo. Já não é mais o Paraná do início do século, vibrando a todo instante por assuntos vários da questão dos limites com Santa Catarina. Vai lhe faltando o contato com seu próprio passado. Decrescem-lhe[sic] as vibrações anímicas, consonantes e sincrônicas aos grandes movimentos nacionais e locais. Perde em profundidade, em coração, em ardor patriótico, tudo aquilo que ganha em aparência. Cresce-lhe a hipocrisia e tartufismo[sic] vence-o. Passa a ser um soldado de paradas, bem vestido, muito garbo, com capacidade duvidosa e bravura de interesse... Hoje falta nas famílias, o relembrar de tradições. Falta nas escolas primárias, que as mestras ensinem os nomes dos que derramaram seu sangue, pelo bem coletivo, afim de que tais lições sejam códigos de civismo.¹⁴⁵

Os debates relativos à imigração representam um dos raros momentos, na primeira fase d’*A Divulgação*, em que se publicam opiniões contrárias às propostas dos governadores locais. Moysés Lupion e seu sucessor, Bento Munhoz da Rocha Neto, preocuparam-se sobremaneira com o desenvolvimento de políticas imigratórias que dessem conta de ocupar os territórios vistos como não civilizados no e pelo Estado, valendo-se principalmente da imigração. A despeito da discussão, em dezembro de 1951, as famílias *suábias* já estavam instaladas na colônia de Entre Rios e *A Divulgação* acompanhou a comitiva do então governador Bento Munhoz da Rocha Neto ao interior para conhecer seus novos habitantes. Em oito páginas, avaliou as ações governamentais para o sucesso da imigração e concluiu:

Esses elementos arregimentados com rigorosa seleção, trazidos ao Brasil mediante entendimento com o Governo do Estado do Paraná pela Organização Suíça de Ajuda à Europa, em colaboração direta com Departamento Nacional de

¹⁴⁴ Os processos de identificação “[...] têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como ‘o mesmo que se transforma’; não o assim chamado ‘retorno às raízes’, mas uma negociação com nossas rotas.” HALL, Stuart. 2014, *Op. Cit.* p. 109.

¹⁴⁵ CARNEIRO, David. Ângelo Sampaio: ilustre vítima de Canudos. *A Divulgação*, Ano III, p. 03, Jun.-Jul.- Ago. 1950.

Imigração, muito contribuirão para nossa estabilidade econômica, mercê de suas aptidões pessoais e físicas adaptadas às nossas condições ecológicas.¹⁴⁶

Assim, entre as angústias anteriores referentes à chegada dos imigrantes e sua efetiva alocação, os artigos d' *A Divulgação* espelham as oscilações marcadas por posturas nacionalistas, quando atentas à integridade do país, e, ao mesmo tempo, regionalistas, quando a questão era a identidade do estado.

Contudo, ocupar os territórios não era viável com apelo apenas à imigração dirigida. Era necessário atrair, também, populações brasileiras de outras regiões que tivessem interesse em adquirir propriedades nos municípios que surgiam a todo o momento. No segundo número d' *A Divulgação* noticiava-se: “Como fruto do desenvolvimento social e econômico que apresentaram, vários distritos fizeram jus à categoria de municípios. Dessa forma, 28 novos municípios foram criados, nas mais diversas regiões do Paraná.”¹⁴⁷

Campanhas de publicidade das empresas responsáveis pela demarcação de lotes nos municípios recém-emancipados ocupavam a última capa de muitos números da revista. Mas, mais notáveis eram as peças publicitárias internas como a que se refere à cidade de Alto Paraná publicada no n.º 12-13 de 1948: seis páginas de texto que se assemelha a um artigo pelos recursos textuais utilizados – histórico da região, mapeamento das condições climáticas e de produção, das possibilidades comerciais e financeiras, conjunto fotográfico que destaca o centro da cidade com automóveis e concentração de transeuntes. Ao final indicava-se a disponibilidade de lotes para vendas no que se caracterizava como o “marco do vertiginoso desenvolvimento da região mais rica do País: o norte do Paraná”.¹⁴⁸ No mesmo número, lotes na cidade de Tupinambá eram anunciados como pertencentes à Cidade Milagre, onde “Lote comprado... dinheiro dobrado!”.¹⁴⁹ É curioso notar que somente para essas campanhas a revista utilizava cores na impressão final, procedimento que não se repetia em outras ocasiões.

Conquanto as campanhas publicitárias indicassem que os novos municípios contavam com estrutura desenvolvida, outras produções sugeriam que havia muitos problemas a serem resolvidos principalmente no que respeita à saúde, educação e vias de acesso às regiões mais distantes.

¹⁴⁶ Terra do Paraná: dádiva de deus para o Brasil. *A Divulgação*, Ano IV, p. 49, Nov.-Dez. 1951.

¹⁴⁷ Súmula das principais realizações do Governo do Estado do Paraná, no primeiro ano de sua administração. *A Divulgação*, Ano I, n.º 01-02, p. 07, Fev.-Mar. 1948.

¹⁴⁸ Cidade Alto Paraná. *A Divulgação*, Ano I, n.º 12-13, p. 24, Nov.- Dez. 1948.

¹⁴⁹ Tupinambá. *A Divulgação*, Ano I, n.º 12-13, p. 30, Nov.- Dez. 1948.

O tema da *Educação* (09) era debatido raramente, mas sempre com vistas à ocupação o território: “O combate ao mal do analfabetismo só poderá iniciar-se de fato quando a marcha para o oeste rasgar estradas por esse interior a fora e uma sólida base econômica facultar a nossos sertanejos uma vida mais humana.”¹⁵⁰ Para Arlindo Vieira, o autor, os muitos doutores que gritavam contra o analfabetismo haviam esquecido ou ignoravam que o Brasil tinha problemas maiores - como a fome, por exemplo - e insistia para que, antes de se pensar em educação, se incentivasse a ocupação de todos os territórios nacionais, pois de nada adiantaria escolas para populações esparsas.

Por outro lado, a saúde da população era vista como essencial ao desenvolvimento do Paraná e do país. Na revista *A Divulgação*, o tema era tratado em linguagem mais simples, permitindo que o leitor não especializado acompanhasse o raciocínio proposto; dessa forma, o periódico alinhavava-se aos projetos políticos e médicos que pretendiam, via profilaxia, melhorar as condições de saúde das populações. Textos com orientações sobre higiene pessoal, alimentação e, principalmente, cuidados com a infância eram frequentes e a revista chegou a ter contribuições fixas assinadas por médicos que, a cada número, publicavam seus abalizados conselhos.¹⁵¹

Mais preocupante do que o acesso à educação, a saúde infantil mobilizava os articulistas d’*A Divulgação* que pressionavam o governo com a finalidade de garantir a qualidade de vida das crianças paranaenses. A temática *Infância* (09) foi tratada por dois autores: Homero Braga e Oriente Franco de Godoy. O primeiro era um médico reconhecido no Paraná nos anos de 1950. Formado em medicina pela UFPR em 1929, sua primeira ocupação profissional foi em um Sanatório e Preventório Infantil do Paraná. Dessa primeira aproximação com a infância, surgiu um interesse no qual o médico/autor se especializou no decurso dos anos de 1930. É importante lembrar que, com o Estado Novo, práticas de puericultura foram incentivadas com vistas ao futuro da nação, que seria bem sucedido desde que se investisse nas populações jovens.

¹⁵⁰ VIEIRA, Arlindo. O problema do analfabetismo. *A Divulgação*, n°. 05-06, p. 43-46. 1948.

¹⁵¹ Embora pareçam positivas, as ações de profilaxia no Paraná não podem ser avaliadas somente pela ótica do progresso. Os choques culturais entre médicos e populações rurais e as narrativas desses especialistas, sobre as situações que se deveriam combater no sertão, são sintomáticos de um processo arbitrário, levado a cabo à revelia daqueles que eram os principais alvos dessas ações. Sobre isso ver: RIZZO, Deise das Graças. *Saneamento e sertão: discursos médicos, política sanitária e colonização no Paraná*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2012.

As recomendações varguistas tiveram como ponto de articulação no Paraná dois projetos¹⁵² intitulados *Postos de Puericultura - Fundação O Dia*, surgidos em 1940 e 1942. Homero Braga foi fundador, ao lado de Caio Machado, desses empreendimentos. Ao que tudo indica, já neste período, Homero Braga tinha ciência de que os projetos de puericultura seriam melhores sucedidos, na medida em que ultrapassassem os espaços médicos, afinal, entre 1940 e 1942, comandou o programa de rádio *A Hora da Mulher*, na Rádio Clube Paranaense. No programa, Homero Braga aconselhava as mães a respeito da prevenção das doenças infantis com uma linguagem acessível e todas as suas falas eram então transcritas e publicadas pelo jornal *O Dia*, de propriedade de Caio Machado.

Quando, a partir de 1945, os projetos do Estado Novo perderam sua força política, a puericultura continuou tendo apoio governamental na figura de Moysés Lupion e alinhou-se aos projetos de profilaxia desenvolvidos no interior do estado. Homero Braga, naquele momento, já era reconhecido pelo seu programa de rádio e seu nome estava atrelado aos cuidados com a infância. Assim, não é de se surpreender que o autor continuasse seu trabalho pela saúde infantil, também, em *A Divulgação*.

No primeiro ano de circulação d'*A Divulgação*, Homero Braga publicou três textos: no primeiro fazia duras críticas ao Ministério da Fazenda do presidente Dutra, em função dos impostos que incidiam sobre a importação de leite em pó e que acabavam por comprometer a aquisição desse alimento por famílias carentes e postos de saúde.¹⁵³ No segundo texto, conclamava:

[...] legisladores e professores, comerciantes e industriais, jornalistas e estudantes, operários e doutores, agricultores e funcionários públicos, sacerdotes e militares, todos os que têm capacidade para compreender em sua exata significação o que representa para o país a sangria que estamos sofrendo com a mortalidade infantil e a inferioridade a que nos condenará, frente a outras nações mais previdentes, a formação de um povo desnutridos.¹⁵⁴

Em outro momento, ainda no primeiro ano de circulação d'*A Divulgação*, o tom crítico permaneceu e, dessa vez, o alvo foi a ausência governamental nos *rincões* nacionais que, a despeito do avanço nas técnicas de saúde, submetia crianças a condições de saúde ultrapassadas.¹⁵⁵ Por razões não determinadas, Homero Braga não

¹⁵² Sobre a puericultura no Paraná na década de 1940 e atuação de Homero Braga, ver: RODRIGUES, Jaqueline do Santos. *Postos de Puericultura – Fundação O Dia: Educação das mães, saúde dos filhos* (Curitiba 1940-1942). Dissertação (Mestrado em Educação) – Curitiba: UFPR, 2013.

¹⁵³ BRAGA, Homero. Cavando pequeninas sepulturas. *A Divulgação*, p. 15, Fev.-Mar. 1948.

¹⁵⁴ BRAGA, Homero. Criança: o problema número um. *A Divulgação*, n.º. 05-06, p. 19-20, 1948.

¹⁵⁵ BRAGA, Homero. Cem anos de atraso. *A Divulgação*, n.º. 12-13, p. 07, 1948.

tratou mais de temáticas relacionadas à infância, depois dessas ocorrências. O autor escreveu somente mais um texto, em 1950, tratando de imigração, citado anteriormente.

Oriente Franco de Godoy, médico pediatra de menos renome que Homero Braga, teve uma atuação mais perene. Seu primeiro texto saiu no número 31-32-33, em meados de 1950, o último em maio de 1959. Entre os textos de Braga e Godoy havia uma diferença fundamental. Braga se preocupava com a infância carente e, possivelmente, estava atento ao fato de que seus textos dificilmente seriam lidos nos sertões paranaenses. Portanto, seu trabalho em *A Divulgação* tinha como destinatárias as elites políticas que detinham condições de intervir na realidade daquelas regiões. Godoy, ao contrário, dirigia-se às mães pertencentes a grupos letrados e fazia alertas sobre vacinação, peculiaridades da primeira infância, a importância da amamentação e os estágios regulares do desenvolvimento infantil; os conteúdos eram didaticamente explicados com um passo-a-passo que facilitava transformar os conselhos em prática cotidiana, o que talvez explique a perenidade de sua atuação. Na primeira fase da revista, quando prevalecia o perfil cultural, o discurso da coluna aproximava-se aos projetos políticos, quando da transição e terceira fase, com *A Divulgação* assemelhando-se aos periódicos destinados ao público feminino, a coluna de Godoy continuava coerente com o programa.

Tanto os textos voltados à educação quanto os textos preocupados com a saúde infantil forneciam argumentos para a atuação governamental nas regiões mais distantes do Paraná. À ocupação do território deveria estar articulada a representatividade do executivo estadual, o que garantiria a almejada unidade territorial. Por outro lado, esses registros evidenciavam uma tensão na propalada modernidade que o Paraná parecia estar experimentando. Sugestões de que o governo não alcançava a todos, de que a fome imperava em algumas regiões ou que o progresso não chegava aos rincões mais distantes permitem inferir que a despeito do tom otimista que prevalecia, haviam problemas a serem superados.

Em 1951, Moysés Lupion deixou o poder em favor de Bento Munhoz da Rocha Neto, eleito em 1950.¹⁵⁶ Diferente de seu antecessor, Rocha Neto era herdeiro político

¹⁵⁶ Bento Munhoz da Rocha Netto nasceu em 17 de dezembro de 1905. Diplomou-se engenheiro pela Universidade do Paraná, exerceu diversas atividades no magistério, entre elas, a de professor de História da América na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, desde a criação dessa instituição, em 1938, até a sua aposentadoria, no ano de 1970. Foi engenheiro chefe da Caixa Econômica Federal do Paraná, governador do estado, entre 1951 e 1954, mas havia inaugurado funções eletivas já ao final do Estado Novo, quando assumiu, em 1946, cadeira de deputado federal na Assembleia Nacional Constituinte. Durante a única gestão à frente do governo do estado do Paraná, renunciou ao cargo, em 02

de uma das mais tradicionais famílias paranaenses e desde a juventude filiava-se aos grupos da elite curitibana. Seu governo, ainda que antagonista de Lupion, deu continuidade aos projetos de colonização e expansão da fronteira agrícola nas regiões oeste/sudoeste e norte do estado; além disso, manteve como prioridade, projetos rodoviários, que além de escoar a produção, visavam integrar o território.¹⁵⁷ Eleito com a promessa de moralizar a administração estatal que, segundo sua defesa, estava comprometida com a tendenciosidade de Lupion, o governo Rocha Neto alcançou pouca popularidade, particularmente, no interior do Paraná onde o político era visto como elitista e concentrado em demasia no centro cultural do Estado: Curitiba.

Na passagem de um governador para outro, *A Divulgação* não demonstrou favorecimentos, exceção feita ao artigo *Ângelo Lopes: candidato do povo*, publicado em agosto de 1950, no qual se elencava os predicados do candidato ao executivo paranaense indicado por Moysés Lupion;¹⁵⁸ assim que o pleito se encerrou, a revista teve pautas que comentavam as ações governamentais, mas com menor frequência do que ocorria quando Lupion era governador. Entre os assuntos abordados nesse período, a cidade de Curitiba merece destaque graças às ações de Rocha Neto voltadas para a construção de marcos do centenário paranaense naquele espaço. *A Divulgação* abriu espaço em seções e artigos para debater as profundas transformações que se processavam na capital paranaense.

Entre as medidas propostas pelo governador, havia a intenção de transformar Curitiba em um centro cultural e administrativo não somente do Paraná, mais do país.¹⁵⁹

de abril de 1955, para candidatar-se a vice-presidente da República na chapa de Juarez Távora. Foi, ainda, ministro da Agricultura no governo Café Filho, entre abril e novembro de 1955, e mais uma vez deputado federal, de 1959 a 1963. Antes da instalação do bipartidarismo pelo governo militar, Bento ainda concorreu às eleições para governador do Paraná, tendo sido derrotado e marcando o final da sua jornada em cargos políticos eletivos. Apesar de ter governado em pouco menos de um mandato, seu nome ficou fortemente atrelado ao centenário e às comemorações daquela data.

¹⁵⁷ BATISTELLA, Alessandro. *Op. Cit.*, 2014. Sobre tudo, o capítulo 3 que focaliza a administração de Bento Munhoz da Rocha Neto.

¹⁵⁸ *Ângelo Lopes: candidato do povo. A Divulgação*, Ano III, n.º 31-32-33, p. 23, Jun.-Jul.Ago. 1950. Uma passagem do artigo exemplifica a postura do periódico: “O sr. Moysés Lupion que vem indicar o Dr. Ângelo Ferrário Lopes à Governança do estado, quando deseja que alguém prossiga sua obra já começada, não tem em vista uma mera campanha demagógica, que é o mal da democracia.[...] E quem ainda desconhecer, por incrível que pareça, o que foi feito na administração Lupion, é ir ver as escolas primárias novas, arejadas e construídas a rigor da técnica, que abrigam 32.000 crianças em idade escolar; é ir ver os milhares de alunos que frequentam os ginásios e escolas normais, livres de qualquer ônus, graças ao benefício da gratuidade do ensino em que o Paraná é o único da Federação; é ir conhecer de perto as melhores estradas que o Paraná já teve, onde se pode viajar descansado com a certeza de chegar ao destino. [...] graças a elas, poderão os produtores escoar seus produtos e poderá o progresso ir encontrar zonas praticamente abandonadas de nosso ‘hinterland’.”

¹⁵⁹ MARCHETE, Tatiana Dantas. 2013. *Op. Cit.* sugere que havia, nas propostas do governador Rocha Neto, uma percepção própria de quem se dedicava a estudar e escrever a história paranaense. Para a

Para tanto, e aproveitando-se dos recursos públicos obtidos mediante o desenvolvimento da cultura do café, foi proposta a construção de um conjunto arquitetônico na capital que teria como marco uma estética moderna. A obra simbolizaria o alto índice cultural paranaense e, mormente, seria um monumento do centenário. A construção de maior vulto era o Centro Cívico, cuja data de inauguração seria tão grandiosa quanto a da emancipação política do Paraná:

Pela primeira vez, talvez, na América Latina teremos a oportunidade de apreciar a montagem e o funcionamento de uma engrenagem dessa natureza. [...] Sob o ponto de vista técnico, a obra é perfeitamente viável e está fadada ao sucesso completo. Sob o ponto de vista econômico, o orçamento condiz com as possibilidades presentes e futuras do erário, cujos recursos crescem em função das cifras ascendentes no domínio da produção cafeeira. Sob o aspecto cívico, será o monumento marcante de uma época, o marco assinalador do crescimento espantoso do Estado caçula da federação, em 100 anos de emancipação política. Teremos dois distintos na futura história da terra araucariana: antes e depois de 19 de dezembro de 1953.¹⁶⁰

A preocupação com as características de Curitiba, notadamente, o interesse em urbanizar a cidade paranaense nos mesmos moldes de outros grandes centros, manifestou-se desde o início do século XX e em 1940, Alfred Agache foi chamado para planejar a remodelação da cidade.¹⁶¹ O Plano Agache, no entanto, não foi concluído e os debates sobre a remodelação urbana continuaram. No início da década de 1950, devido

autora, a maneira de escrever a história do Paraná dominante naquele período tinha em Brasil Pinheiro Machado um notável representante. “Machado propôs o entendimento da história regional do Paraná enquanto um movimento histórico inserido em outro maior, o da expansão das ‘células fundamentais’ por meio de “múltiplos estímulos”, expressões ambas tomadas emprestadas da obra de Ribeiro. Ao historiador regional, assim, caberia identificar, em primeiro lugar, quais seriam as células fundamentais formadoras de uma determinada região. Essas células seriam assim caracterizadas pela sua capacidade de engendrar os núcleos principais a partir dos quais se distribuía a expansão demográfica até a fixação da população em um espaço delimitado, muitas vezes tendo por eixo uma bacia hidrográfica, ou outro espaço geográfico que permitisse a sobrevivência desse grande grupo; em segundo lugar, seria preciso ao estudioso da história regional diferenciar o tipo dessa expansão demográfica: se espontânea, ou popular, ou se obra oficial do Estado.” (p. 56) Em seguida, a autora esclarece que foi na gestão de Bento Munhoz que Curitiba ascendeu, definitivamente, ao *status* de “célula fundamental”. “Curitiba era a sede de um governo estadual que se colocava, portanto, na “[...] vanguarda da vida econômica brasileira [...]”, conforme anunciou Bento Munhoz da Rocha Neto na revista *A Divulgação*. O estado, assim, visou, de maneira definitiva, consolidar a imagem de uma unidade federativa forte, com a memória e a história refeitas, as quais dissessem respeito a um território já delimitado em suas fronteiras definidas e sem espaço para novas expansões ou reivindicações por parte de terceiros; um estado plenamente realizado. A capital, que ganhou diversos signos da modernidade, como a construção do Centro Cívico, se consolidou como o núcleo irradiador a partir do qual as demais regiões se subordinariam social e politicamente. Era, enfim, a consolidação da célula fundamental da história do Paraná, de acordo com a conceituação de João Ribeiro lançada mão por Brasil Pinheiro Machado em sua sinopse; era o auge do processo de formação de uma comunidade cultural a partir do núcleo político principal”(p. 75).

¹⁶⁰ VELLOSO, Arnould Ferreira. Centro cívico: marco de uma época. *A Divulgação*, Ano IV, p. 01, Maio-Jun. 1952.

¹⁶¹ CAROLLO, Bráulio. *Alfredo Agache e sua visão de urbanismo*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Porto Alegre: UFRGS, 2002.

ao suporte técnico-institucional para o planejamento e o controle da urbanização, e a aliança dos poderes municipais e estaduais, o projeto se tornou realidade.¹⁶² A imprensa paranaense, de maneira geral, publicou posições favoráveis às transformações que se efetivavam.¹⁶³

Na medida em que as modificações no espaço físico curitibano ficaram ostensivas, *A Divulgação* procurou construir dados referenciais para o espaço que se transformava. A seção *Como você vê Curitiba?* foi uma das primeiras a analisar a cidade e valorizar o ponto de vista de seus habitantes: estudantes universitários, profissionais da imprensa e do comércio e políticos opinavam sobre os atributos da “Cidade Sorriso”;¹⁶⁴ o tom que prevalecia era aquele que conferia vantagens à cidade vista como portadora de clima privilegiado, local propício ao desenvolvimento econômico e cultural, entre outros.¹⁶⁵ Em abril de 1952, a seção foi substituída por *O que falta em Curitiba?*, que pretendia continuar inquirindo a população sobre os problemas da cidade, no entanto, teve apenas essa ocorrência. Na ocasião, três entrevistados elencaram o que consideravam itens ausentes no progresso curitibano e, ainda que mencionassem problemas de telefonia e de transporte público, o que foi indicado como grande incômodo foi a falta de ventilação nos cinemas da cidade.¹⁶⁶

Nas primeiras análises, havia certa dificuldade em colocar problemas, visto que a maioria procurava exaltar os traços da “cidade sorriso” e estava afinada ao processo de valorização de Curitiba, a partir do enaltecimento de suas “características de uma cidade europeia”,¹⁶⁷ visão que se reforçava desde o início do século XX. No entanto, quando as obras se iniciaram, a remodelação urbana ascendeu como interesse coletivo, principalmente, o que dizia respeito ao centro da cidade, espaço sobre o qual não havia consenso a respeito das transformações.¹⁶⁸ Em *A Divulgação* ora se apoiava as transformações, ora se questionava o impacto que as mudanças traziam para a cidade.

¹⁶² LEITÃO, Sylvia Ramos. Gênese do discurso do planejamento urbano em Curitiba: bases políticas, filosóficas e técnicas. *Paranoá*, n.º 13, p. 129-135, Brasília, 2014.

¹⁶³ A construção da imagem urbana de Curitiba na imprensa local e nacional faz parte da seguinte análise: CARVALHO, André de Souza. *Curitiba: imagem do planejamento ou planejamento da imagem?* Monografia (Graduação em História). Curitiba: UFPR, 2008

¹⁶⁴ A seção *Como você vê Curitiba?* durou de Jan.-Fev. 1950 até Jan. Fev. 1952.

¹⁶⁵ Associadas ao avanço do Ensino Superior em âmbito nacional e estadual, as temáticas de *Saúde*, *Sociologia* e *Contabilidade* eram da responsabilidade de profissionais ligados às universidades, que utilizavam as páginas d’ *A Divulgação* para disseminar os avanços científicos de suas respectivas áreas. VELLOSO, Cleusa Ferreira. Sociologia e literatura. *A Divulgação*, Ano IV, p. 32, Set.-Out 1951. VELLOSO, Cleusa Ferreira. Sociologia e História. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 17-32-46, Jan. 1954.

¹⁶⁶ O que falta em Curitiba? *A Divulgação*, Ano V, p. 24, Mar.- Abr. 1952. Foram entrevistados J. Godofredo Yurk Neto, Nice Mendes e Damásio Vasconcelos.

¹⁶⁷ Aspectos modernos de Curitiba. *A Divulgação*, Ano I, n.º. 03- 04, p. 12, Fev. - Mar. 1948.

¹⁶⁸ PILOTO, Valfrido. Curitiba, a vertiginosa. *A Divulgação*, ano V, p. 32-33, Set.- Out. 1952.

Em um mesmo texto, como o citado a seguir, é possível encontrar incerteza quanto às vantagens das mudanças que se aceleravam.

Dia após dia Curitiba sofre profunda modificação em sua fisionomia urbanística. É uma cidade em franco e acelerado crescimento, em vigorosa marcha para um futuro promissor. Nossa capital já é uma metrópole em miniatura. As construções novas pululam como cogumelos. Os arranha-céus despontam a cada passo. O casario vetusto, sob ação inclemente da picareta, cede lugar aos modernos prédios que impressionam pela beleza arquitetônica. As ruas se alargam descongestionando o tráfego urbano. As desapropriações se multiplicam. O aumento espantoso da população faz surgir problemas prementes que reclamam imediata e radical solução.¹⁶⁹

Entre as mudanças citadas, algumas são da ordem do cotidiano e indicam que as transformações físicas comprometiam as sociabilidades dos habitantes da capital, mais acostumados ao clima provinciano. Assim, havia uma expectativa paradoxal em relação ao futuro da capital que deveria cosmopolita, ou seja, urbanizada e modernizada e, ao mesmo tempo, preservar sua natureza bucólica:

Observam-se alguns fenômenos inéditos cuja incidência jamais teria sido prevista por qualquer munícipe há coisa de uma década atrás. A rua 15, naquela fase tranquila, era considerada a sala de visitas de nossa capital. Todo mundo transitava obrigatoriamente por ela várias vezes ao dia. Saudosos tempos aqueles em que conhecidos se cumprimentavam com a mesma regularidade invariável. Hoje, porém, transcorrem semanas e até meses sem que os amigos se avistem nas ruas centrais da ‘urbs’.¹⁷⁰

Em *Curitiba Eterna*, seção de responsabilidade de Cícero Camargo de Oliveira apresentavam-se outras reflexões sobre os espaços curitibanos - algumas beirando a prosa literária; as mudanças que se concretizavam eram diagnosticadas como inerentes à modernidade para a qual Curitiba estava destinada. O autor, inclusive, atribuía as resistências diante das transformações urbanas à elite tradicional da cidade, pouco afeita àquilo que pudesse comprometer seu *status quo*.

E assim a estética da cidade se renova dia a dia, hora a hora. Uns aceitam essas manifestações da época, outros porém, os do ‘*status quo*’, acham disparates o que se faz com os monumentos, com as praças e ruas, com as casas particulares e instituições, a serem revolvidas continuamente por exigência do século XX. Este grupo contrário ao dinamismo revolta-se com os adornos impróprios da Cidade-Menina. Eles sempre a viram alegre e saudável, criança corada, de cabelos loiros ao sol, correndo em plena campina rodeada de céu azul. Não podem e não querem aceitar os ‘pailetés’[sic] e os ‘cetins’ que o tipo de mulher

¹⁶⁹ VELLOSO, Arnould Ferreira. Uma cidade em marcha. *A Divulgação*, Ano III, p. 01, Set.- Out. Nov. 1951.

¹⁷⁰ VELLOSO, Arnould Ferreira. 1951. *Op. Cit.* p. 01.

fatal exige, para a antiga província que envolve... envolve.... [...] No seu tempo não era assim. Aquilo sim era vida. Poesias, óperas, operetas, e coisas belas do espírito. Hoje é tudo uma miscelânea que envergonha. E o septuagenário, resmunga, resmunga sempre.¹⁷¹

O cosmopolitismo de Curitiba, característica amplamente divulgada e valorizada, continuava a ser importante para alguns analistas.¹⁷² Contudo, havia um filtro que separava o que dessa *miscelânea* era vantajoso e o que deveria ser controlado, evitado e, se necessário, extirpado da sociedade. Ao primeiro grupo, pertenciam os imigrantes atraídos e selecionados pela iniciativa pública, como visto anteriormente; além desses, universitários, jovens vindos de todas as regiões do país dotavam a cidade de aparência tanto renovada quanto intelectual e, tornando-se figuras ordinárias no cenário curitibano em 1950. Em *A Divulgação*, havia considerável espaço para esses sujeitos em seções, reportagens e artigos, textos em que prevalecia a ideia de que a eles se atribuía a responsabilidade pelos avanços culturais ocorridos em Curitiba.¹⁷³

¹⁷¹ Cícero. Curitiba eterna. *A Divulgação*, Ano IV, p. 22, Dez. 1950 Jan.-Fev. 1951.

¹⁷² Luís Fernando Lopes Pereira, ao analisar as propostas paranistas nas primeiras décadas do século XX, aponta o posicionamento de Romário diante das diversas nacionalidades que habitavam a capital paranaense: “ ‘Os Estados cosmopolitas como o nosso, povoados pelas imigrações, vão constituindo sua sociedade por agrupamentos entre si distintos pelas tradições, pelos costumes, pelas tendências espirituais e sentimentais, pelo pensamento e pela linguagem, seguindo os traços característicos de suas origens.’ Neste trecho percebemos como o paranismo acaba projetando a sociedade paranaense para o futuro e como os imigrantes são tidos como elemento fundamental para tal construção. Inclusive Romário Martins prossegue seu relato exatamente destacando que um dos pontos diferenciadores do Paraná em relação ao resto do país seria a presença de imigrantes das mais variadas partes do globo, afirmando inclusive que um sociólogo teria em nosso meio um material etnográfico para estudar a diversidade de usos e costumes que fazem da sociedade paranaense a mais cosmopolita do Brasil. Prossegue afirmando a surpresa que teria um visitante que chegasse a Curitiba pretendendo encontrar na cidade as características gerais das cidades históricas do país, pois apesar de sua colonização ter sido feita por espanhóis, portugueses, índios, negros e mestiços a característica atual era a de uma cidade cosmopolita, onde encontraria austríacos, franceses, alemães, húngaros, belgas, suecos, irlandeses, holandeses, russos, dinamarqueses, italianos, polacos, sírios etc. cujas características não se ajustam em conjunto, mas se agrupam em núcleos distintos. Isto mostra o fato de que Romário Martins não pretendia uma aculturação dos imigrantes mas, ao contrário, contava com tal heterogeneidade para a construção de uma sociedade com características particulares e, especial, exatamente por este aspecto diferenciador...” PEREIRA, Luis Fernando Lopes. 1996. *Op. Cit.*, p. 84.

¹⁷³ No que respeita à vida cultural estadual é possível destacar a presença minguada de artigos sobre artes plásticas, teatro, música e produções radiofônicas (29). A análise provinciana, conservadora e fortemente regionalista dá o tom nesse material em que pouco se comenta a respeito da produção cultural para além do território paranaense, exceção feita a algum comentário com curiosidades a respeito de artistas ou intelectuais. Observa-se a ausência de críticas mais elaboradas das obras de arte ou literárias, o que aponta para as limitações dos próprios colaboradores. É importante ressaltar que tais temas receberam menor atenção e espaço se comparados a outras temáticas, o que talvez se explique pelas características da vida cultural do estado. Os grupos teatrais do Paraná estavam se constituindo e somente em fins dos anos de 1950 ganharam força. As artes plásticas estavam dominadas pela herança de pintores como Alfredo Andersen, falecido em 1935 e os artistas, surgidos nos anos de 1940, estavam iniciando a produção. Alguns tentaram se afastar da estética *paranista* e eram encarados com receio. Assim, não causa espanto que os artigos culturais tivessem espaço restrito no periódico. AUGUSTO, José. Jesus e a caridade. *A Divulgação*, Ano IX, p. 15, Nov.-Dez. 1954. MELLO, Orlando de Oliveira. Senso de equilíbrio. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 45, Jan. 1954. FRANÇA, Serafim. O prestígio da cor. *A Divulgação*, Ano II, n.º

No segundo grupo, na leitura proposta pela *A Divulgação*, estava um contingente populacional heterogêneo, formado por imigrantes e migrantes que ocupavam as periferias da cidade. Aceitar populações de outros estados e países nas regiões onde a predominava o chamado “vazio demográfico” era uma solução viável e recomendável, situação bem distinta era conviver com esses indivíduos em Curitiba, o cartão postal do Paraná, local de produção e circulação da intelectualidade local, centro cultural do estado. Segundo dados do IBGE, entre as décadas de 1940 e 1960, o Paraná teve um dos maiores crescimentos populacionais do país – no início da década de 1950, o Estado contabilizava 2,1 milhões de habitantes e, em 1960, o número chegou a 4,3 milhões, um crescimento de 101%, sendo a década entre 1942 e 1952, o período mais notável no que respeita à imigração estrangeira.¹⁷⁴ Curitiba, no início de 1950, contava 317.442 habitantes; no começo da década seguinte, o número era 524.657.¹⁷⁵

O notável aumento populacional e heterogeneidade do contingente urbano eram anotados também por quem não vivia na capital paranaense. Em setembro de 1953, a cidade recebeu o *V Congresso Nacional de Jornalistas*,¹⁷⁶ ocasião em que profissionais de todo o país tiveram oportunidade de conferir de perto o andamento das obras no Centro Cívico e demais regiões da capital. Jornalistas da *Gazeta de Alagoas* publicaram a seguinte conclusão:

Enquanto estivemos em Curitiba, fomos chamados a apreciar o andamento das obras do Centenário, as quais estão tendo acelerado ritmo, num dos pontos suburbanos da moderna metrópole paranaense. [...] Mais de 400 operários dos principais estados nordestinos estão firmemente empenhados na obra do soerguimento de Curitiba, especialmente nas obras do Centro Cívico [...].¹⁷⁷

Uma visão positiva era defendida pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Para o político, assim como os *paranistas* da década de 1920, a característica

17-18, p. 16, Abr.-Maio 1949. VILLAR, Frederico. A arte de viver. *A Divulgação*, Ano I, n.º 09-10-11, p. 04, Ago.-Set.-Out. 1948. Luz, N. A pintura onírica de Marc Changall. *A Divulgação*, Ano IV, p. 26-27, Maio-Jun. 1951. BROCA, Brito. O Drama de José do Patrocínio. *A Divulgação*, Ano VII, p. 30-32, Out. 1953.

¹⁷⁴ Os dados foram retirados do texto: MAGALHÃES Filho, Francisco de B. B. de. *Da construção ao desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense*. Tese (Doutorado em Sociologia) - São Paulo: USP, 1999.

¹⁷⁵ MOURA, Rosa. ULTRAMARI, Clovis. Retrospectiva demográfica e simulação de tendências: região metropolitana de Curitiba – 1950/2010. Disponível: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1988/T88V02A07.pdf> Acesso: 21 Dez. 2016.

¹⁷⁶ Segundo consta, foram planejados diversos eventos nacionais e internacionais que deveria acontecer em 1953, em Curitiba. A ideia era divulgar a favorável situação paranaense no período. Além do *V Congresso Nacional de Jornalistas*, a *I Exposição Internacional do Café* e a *Feira Internacional de Curitiba* estavam no calendário comemorativo.

¹⁷⁷ Terras Roxas do Paraná. Alagoas em evidencia pelos seus filhos. *Gazeta de Alagoas*, setembro de 1953. Apud. MARCHETE, Tatiana Dantas. 2013, *Op. Cit.*, p. 80.

definidora da identidade paranaense era a capacidade de acolher pessoas de distintas origens culturais e unificar seus esforços em prol do desenvolvimento local. A domesticação do território era um fator fundamental para a estabilização do Paraná e nessa atividade poderia se empregar todo recurso humano disponível, desde que houvesse disposição para tal:

Ouçõ os passos dos brasileiros que convergem para o Paraná, através de todos os caminhos da Pátria grande. Vêm de Minas e de São Paulo, empurrados pela onda verde dos cafeeiros, que desceram para o Sul, vivendo seu ciclo e revolucionando a tradicional economia paranaense. Vêm do Nordeste, ressequido e superpovoado, com a intrepidez e a coragem dos que lutam sempre e se habituaram a lutar sem esmorecer, para abrir sertão e fazer o cafezal avançar. Vêm do Sul, trasbordando do minifúndio colonial e fazendo sobreviver, aqui, os traços humanos que nos são característicos, depois de mais de um século de imigração. Vêm de todas as angústias, de todos os desencantos, de todas as esperanças e de todas as coragens nacionais. ... O Brasil marcou encontro no Paraná, quando festejamos o centenário da Província.¹⁷⁸

Se o governador via com bons olhos o encontro dessas populações no Paraná, em *A Divulgação* o significado da entrada desses indivíduos na capital paranaense era profundamente questionável. Segundo Roseli Boschilia, a resistência às populações da periferia curitibana se fizeram sentir a partir do momento em que ficou evidente que tais grupos não confluíam para imagem projetada para a cidade pela elite local:

A expansão urbana, ocasionada pelo rápido aumento populacional, e a consequente pressão da especulação imobiliária, empurraram para fora da região central da cidade as novas famílias de trabalhadores, vindas principalmente do interior. Essas levas de habitantes provocaram o surgimento de novos bairros que eram habitados, na maior parte, por famílias operárias, e onde a vida estava longe de ser um mar de prosperidade.¹⁷⁹

O contraste entre essa imagem e aquela idealizada era, por si só, um problema.¹⁸⁰ Em *A Divulgação*, as *presenças estranhas* na cidade de Curitiba eram noticiadas com se fossem eventos da última hora:

¹⁷⁸ PARANÁ, Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 4ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Bento Munhoz da Rocha Netto governador do Paraná. Curitiba, 1954, p.11.

¹⁷⁹ BOSCHILIA, Roseli T. *Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) – Curitiba: UFPR, 1996. p. 19.

¹⁸⁰ Dalton Trevisan, por exemplo, oferecia uma leitura paralela àquela ufanista que se construiu para Curitiba. Ainda em 1940, quando comandava *O Joaquim*, o escritor publicou o conto *Minha Cidade* em que distinguia duas *Curitibas*: uma projetada, artificial e propalada como real pela elite política e econômica da cidade; outra, suburbana, não institucional, despreocupada com o mundo a letrado. Esta última é preferida por Trevisan: “Curitiba, que não tem pinheiros, esta Curitiba eu canto. [...] Eu não sei cantar Curitiba, a de Emiliano Perneta, onde o pinheiro é uma taça de luz; de Alberto de Oliveira, onde oh! o céu é azul; de Martins Fontes, que é a cidade sorriso; ou de Moacyr de Las Palmas Chaves, com

De tempos a esta parte vem se agravando, dia a dia, em Curitiba, o problema da infância abandonada. Esmoleres andrajosos, alguns exibindo defeitos físicos e feridas, mulheres esqueléticas, algumas carregando infelizes crianças sujeitas aos rigores da extrema temperatura hibernal, são quadros comuns presenciados por forasteiros oriundos de todos os recantos do país. Urge por cobro a essas cenas que tanto comprometem os nossos foros de povo civilizado.¹⁸¹

Algumas soluções propostas eram de ordem coercitiva, como a reorganização e o aumento da estrutura policial no Estado, o que permitiria maior controle dos ‘forasteiros’, mas nem de longe eliminava-os das vistas públicas. As *feições desconhecidas* que ocupavam as ruas de Curitiba¹⁸² recolocavam a questão primordial dos *paranistas*: definir as características que permitiram unificar a população paranaense e garantir a estabilidade territorial do Estado. Para essa questão, a saída encontrada pela revista *A Divulgação* foi promover um retorno ao passado - tempo seguramente grandioso no qual residiria o elemento unificador da heterogeneidade - através de narrativas históricas.

2.2 A *Divulgação* e as narrativas do passado paranaense

Como se pode avaliar até aqui, o Paraná na virada de 1940 para 1950 passava por uma série de transformações que geravam euforia e otimismo em relação ao futuro, ao mesmo tempo, a sequência de modificações causava dúvidas, angústias e

suas flores, músicas e cristais. Essa Curitiba não é a minha, que eu canto. Eu canto a outra, a do relógio da praça Osório, que indica fielmente a hora errada, - dos sinos da igreja dos Polacos, perto de minha casa, ao entardecer, - das orgias sabatinas no "Operário", onde bailam as pretas mais lindas do mundo, - das procissões nos dias santos, como visões da *Ku klux Klan*, em que as vozes das virgens se abrem entre a noite em rosas místicas, - da antiga dona Nhãnhã, de xale preto à cabeça, que vai à novena, - de uma sirigaita melosa, à porta dos edifícios de escritórios, com ares de quem tem hora marcada no dentista, canto Curitiba do registro policial do "Diário da Tarde", onde só onde as donzelas em gesto tresloucado ingerem formicidas por causa de amores, os maridos dão surras épicas em mulheres prevaricadoras, viúvos que se enforcam de saudades nas bandeiras do banheiro... Curitiba de um ou dois sujeitos com ataques epiléticos nas ruas, - das cargas da Guarda Cívica, a cavalo e sabre desembainhado, nas noites vermelhas de agitação popular - dos comícios do PCB na praça, qual cópia cinematográfica da Revolução Francesa, esta Curitiba eu canto. [...] Curitiba, sem pinheiros ou céu azul, pelo que tu és - província, cárcere, lar - esta Curitiba, e não a outra para turista ver, com amor eu canto." TREVISAN, Dalton. *Minha Cidade. O Joaquim*, n.06, p. 18, 1948.

¹⁸¹ VERGAL, Arnaldo. Problemas da cidade. *A Divulgação*, Curitiba, Ano V, p. 39, Set., 1954.

¹⁸² "Torna-se cosmopolita e desconhecida, ora bela, ora triste. Vêm-se contrastes: No Batel, castelos e barracões de madeira, um em frente ao outro. Ontem não existia pobreza nem riqueza - hoje, um talher a mais na pequena mesa da copa, antes vasta e farta, pesa como chumbo no o bolso do chefe da família. A falta de habitações fez os pobres construírem suas casas de caixões e latas de querosene. Dizem que em Curitiba não existem favelas. Hoje minha Curitiba torna-me pequeno na multidão de feições desconhecidas - é o crescimento, é o progresso, é o morrer da velha Curitiba das rodas boêmias..." GUIMARÃES FILHO, Acir. Curitiba. *A Divulgação*, Ano III, n.º 32-33, p. 25, Jun. - Jul. - Ago. 1950.

questionamentos sobre a estabilidade da identidade paranaense. No caso da revista *A Divulgação*, diante dos debates sobre contemporaneidade, o passado foi reclamado como antídoto. A temática *História* foi a mais frequente no conjunto de artigos, rubrica que comporta um conjunto de textos empenhados em narrar o passado do Paraná ou do país. Abria-se espaço para uma concepção da disciplina marcada pela descrição de grandes fatos, personagens e seus feitos, num registro próximo ao da História como mestra da vida.

Para além das mudanças, narrativas sobre o passado estavam na pauta da intelectualidade paranaense em função do calendário comemorativo do primeiro centenário. Em julho de 1947, com a promulgação da Constituição Estadual do Paraná, ficou definido que ao *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* (IGHEPR) caberia escrever a história paranaense para publicação em 1953. O texto, resultado desse trabalho, seria um dos monumentos à comemoração. Além disso, em 1951, David Carneiro, que então dirigia a *Divisão de História do Centro de Letras do Paraná*, convocou seus confrades a produzir estudos monográficos a respeito do desenvolvimento paranaense nos mais diversos setores, visando, também, comemorar a data que se aproximava.¹⁸³ *A Divulgação*, por sua vez, em dezembro 1953, publicou edição especial intitulada *Álbum do centenário do Paraná*,¹⁸⁴ com pouco mais de 180 páginas, organizadas com a colaboração de Valfrido Piloto e que, além da produção de literatos locais, continha diversos artigos sobre as movimentações que culminaram com a emancipação de 1853.¹⁸⁵ Boa parte do material já havia sido publicada no periódico, em números anteriores.

No conjunto, 70 artigos tratavam de eventos pretéritos, número que supera largamente outras temáticas. É válido ressaltar que tais textos não guardavam preocupação com qualquer método historiográfico vigente naquele quartel, ainda que, os eventos e personagens descritos fossem apresentados como verdades sobre as quais não cabia problematizações; a história¹⁸⁶ era entendida como a descrição pormenorizada dos episódios e não carregava mediações do presente.

¹⁸³ MACHADO, Daiane Vaiz. 2012. *Op. cit.* p. 49.

¹⁸⁴ Durante o ano de 1953, o periódico dedicou além dos artigos, várias reportagens que fizeram a cobertura dos planejamentos para a comemoração.

¹⁸⁵ OSVALDO, Piloto. A Criação da província do Paraná. *A Divulgação*, Ed. especial, p. 07 *Et. Seq.*, Dez. 1953. BARROS, Homero de. Centenário do Paraná. *A Divulgação*, Ed. Especial, p. 129 *Et. Seq.*, Dez. 1953.

¹⁸⁶ Para Caroline Bauer e Fernando Nicolazzi, há uma ambiguidade terminológica que permite compreender como história textos que narram “[...] o tempo e sobre a experiência humana do tempo.” Ainda para os autores, tais narrativas não são monopólio de uma categoria profissional. “Afim, a história

Para a historiografia contemporânea, claro está que toda narrativa histórica corresponde às demandas do presente e os objetos que merecem destaque em determinado período são selecionados não por sua significação *a priori*, mas pelas respostas que oferecem às angústias sociais coetâneas. Portanto, história e historiadores podem ser compreendidos por suas funções sociais. Nessa perspectiva, as narrativas publicadas, os autores favorecidos, os recortes e temas priorizados, entre outros, informam sobre preocupações contemporâneas do periódico e sobre uma interpretação do passado que se considerava digna de nota.

Pontificavam os que eram considerados como grandes historiadores locais, com destaque para David Carneiro, principal colaborador, enquanto Romário Martins escreveu com menos assiduidade, tendo em vista seu falecimento em 1948.¹⁸⁷ Cabe lembrar que Martins tornou-se o historiador oficial do Paraná por conta de sua obra *História do Paraná*, publicada em 1899, que desfrutou de *status* científico ao propor uma análise baseada em conceitos com meio e raça.¹⁸⁸ No mesmo ano da publicação, o Governo do Estado adotou o livro para uso didático em salas de aula, índice do prestígio do autor, que influenciou gerações de intelectuais paranaenses.¹⁸⁹

Martins se tornou o pai da História paranaense e sua filha dileta foi importante instrumento de conformação identitária para o estado. No final do século XIX, a obra recorria ao modelo analítico então em voga e proposto, sob os auspícios do IHGB, por Carl Friedrich Phillip von Martius.¹⁹⁰ A história paranaense, assim como a história

enquanto tal [narrativa] é atravessada por múltiplos discursos que vão desde a literatura até o jornalismo, passando por campos como o direito, a educação, a teologia, a filosofia e, por que não, o mundo dos falsários. Assim, ao se falar d'a história ou d'o historiador, há que se considerar a dimensão contextual destas categorias, ou seja, assumir que a história tem, ela própria, uma historicidade, bem como o entendimento que em diferentes contextos se produz sobre o que é ou quem ocupa o lugar de historiador.” BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea. *Varia história* [online]. V.32, n.º60, p. 819, 2016.

¹⁸⁷ Após a morte de Romário Martins, seus textos continuaram a ser editados pela revista de Arnould F. Velloso, como forma de homenagem ao mestre *paranista*.

¹⁸⁸ “Alfredo Romário Martins nasceu em 8 de dezembro de 1874. Desde cedo trabalhou em jornais, primeiro como auxiliar de tipografia e depois como redator. Na juventude demonstrou gosto pela história, e foi encarregado pelo governo paranaense de pesquisar arquivos sobre a história do Paraná em São Paulo. Em 1902 foi nomeado diretor do museu paranaense, cargo que ocupou durante 25 anos. Foi também diretor do Departamento de Agricultura do estado e deputado estadual em 1904. Para esse cargo foi reeleito mais sete vezes. Ele também organizou congressos e fundou revistas literárias e científicas, e publicou livros; quase todos devotados à grandeza do Paraná. Romário Martins faleceu em Curitiba, no dia 10 de setembro de 1948.” Disponível: <http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/biografia-de-romario-martins/76> Acesso: 03 Jan. 2017.

¹⁸⁹ IRKIV, José Erondy. Romário Martins e a Historiografia paranaense. *Educere. Revista da Educação*, n. 2, p. 123-132, Jul.-Dez. 2002.

¹⁹⁰ MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Disponível: https://umhistoriador.files.wordpress.com/2012/03/martius-carl-friedrich_como-se-deve-escrever-a-

brasileira, se desenvolvia na perspectiva de von Martius - compartilhada por Martins - no imbricado das três raças: brancos de origem europeia, negros e indígenas. A primeira fatalmente suprimiria as outras em favor da civilização, dado o espírito desbravador e conquistador desse “mais poderoso e essencial motor”.¹⁹¹ À narrativa histórica, fundada a partir de documentos variados e oficiais, cumpria a função de ordenar os eventos prescritos, colocando-os no seu devido lugar, dentro desse modelo explicativo.

Ao postular a fraternidade entre os povos no Paraná, mesmo diante de uma *babel de raças*, e construir uma narrativa homogênea que unificava em linearidade, eventos contingentes, Martins fez emergir um objeto de análise que encontrou frutíferos desdobramentos entre pesquisadores de História, e também, contribuiu para a *fabricação* de um certo sentido para os tempos pretéritos. Mais importante que isso, a narrativa proposta sugeria que a despeito da diversidade populacional do Paraná, o progresso do Estado estava assegurado, afinal, sua trajetória histórica era marcada por sacrifícios seguidos de sucesso, ambos executados por indivíduos que compartilhavam, somente, o apreço a terra.

Além disso, a atuação de Martins em defesa do território do Paraná no conflito do Contestado (1912), na formulação do projeto *Paranista* e, em fins do Estado Novo, sua oposição à criação do Território Federal do Iguaçu garantiram a difusão de sua obra e de sua perspectiva no Paraná. Embora seu nome não estivesse entre os responsáveis pelo lançamento d’ *A Divulgação*, a perspectiva de Romário Martins a respeito de como se deveria apreender a trajetória do Paraná encontrou guarida nas páginas do periódico.¹⁹²

Ponto de vista que correspondia claramente às demandas da década de 1950, pois, como se observou anteriormente, o Paraná, embora experimentasse o desenvolvimento econômico e urbano, estava de frente com problemas similares aos que mobilizaram a escrita de Romário Martins: a unidade cultural do território e a diversidade populacional. Assim, o trabalho de inserir a história do Paraná nos momentos cruciais da nação e de forjar um passado de ações grandiosas continuou em A

[histc3b3ria-do-brasil.pdf](#) Acesso: 23 Set. 2016. Uma problematização pode ser encontrada em: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *História e natureza em von Martius: esquadriando o Brasil para construir a nação*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008 Acesso: 24 Set. 2016.

¹⁹¹ MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Op. Cit.*, p. 31.

¹⁹² A produção de Romário Martins, na primeira metade do século XX, foi analisada em: SVARÇA, Décio Roberto. *Op. cit.*

Divulgação,¹⁹³ uma vez que sua produção se articulava perfeitamente ao projeto editorial da revista, que pretendia “propagar ideias e realizações ‘*paranistas*’ por todo o Brasil.” Ao mesmo tempo, sua presença emprestava à revista legitimidade, já que suas páginas acolhiam um intelectual dos mais respeitados, cuja produção deveria inspirar os jovens a continuarem o trabalho em prol da valorização do estado.

David Carneiro, por seu turno, referiu-se a Romário Martins nos seguintes termos: “[...] tenho Romário Martins como meu mestre em assuntos de história local, e tenho com ele em comum o anseio de investigar, deste pedaço paradisíaco da Pátria Brasileira, os fatos pretéritos, desejosos, tanto ele como eu, com o exemplo de antepassados ilustres, aumentar, nos coevos, o amor ao sagrado torrão natal.”¹⁹⁴ Ainda que admitisse a influência do líder *paranista*, os estudos historiográficos apontam que Carneiro se preocupava em analisar a escrita da História, conceituando a prática e os métodos empregados na pesquisa,¹⁹⁵ o que não impediu que ele fosse reconhecido como continuador do projeto *paranista* pelo próprio Romário Martins e, a despeito de não ter participado das movimentações na década de 1920, sua obra, a partir do decênio seguinte, foi importante para reforçar a identidade local nos moldes positivos e similares àqueles do projeto *paranista*. Em *A Divulgação*, David Carneiro foi reconhecido como o “maior historiador vivo”¹⁹⁶ paranaense e, seus estudos foram sintetizados e apresentados ao público sob a justificativa de que o Paraná, sendo “mendigo em tradição,” não deveria jamais cessar de narrar as glórias de seu passado.¹⁹⁷

Além desses dois grandes nomes, outros autores contribuíram para a escrita da história impressa n’ *A Divulgação*. Enquanto que para os articulistas responsáveis por outras temáticas não foi possível estabelecer vínculos que indicassem sociabilidades precedentes à revista, os autores responsáveis pela historiografia compartilhavam trajetórias e vínculos institucionais: sujeitos nascidos na virada do século XIX para o XX, que nutriam interesse dileitante pelo passado, formados a partir da perspectiva uniformizada da história do Paraná, conforme postulado de Romário Martins.¹⁹⁸

¹⁹³ MARTINS, Romário. O Paraná na propaganda da república. *A Divulgação*, Ano I, nº 01-02, p. 05, Nov.- Dez. 1947.

¹⁹⁴ CARNEIRO, David. Discurso em homenagem a Romário. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, V. XXIII, p. 29, 1974.

¹⁹⁵ MACHADO, Daiane Vaiz. *Op. cit.* p. 54.

¹⁹⁶ SILVA, Francisco P. da. David Carneiro. *A Divulgação*, Ano IV, p. 31, Set.-Out. 1951.

¹⁹⁷ Neste texto, Carneiro ataca a falta de conhecimento das elites políticas e intelectuais a respeito dos grandes nomes do passado. CARNEIRO, David. A tradição e Juca Teodoro. *A Divulgação*, Ano IV, p. 07, Maio-Jun. 1951.

¹⁹⁸ O conjunto de colaboradores da revista *A Divulgação* foi pesquisado com a intenção de mapear as interações desses autores para além do periódico. Idade, formação, profissão, atuação em associações

Ademais, frequentavam as mesmas agremiações intelectuais, com destaque inicial¹⁹⁹ para a *Academia Paranaense de Letras* e o *Centro de Letras do Paraná*, instituições notadamente paranistas, que nutriam interesse especial pela produção literária local. Além dessas, os articulistas do periódico estavam envolvidos com *Instituto Histórico e Geográfico do Paraná* (IHGPR) e o *Círculo de Estudos Bandeirantes* (CEB), projetos intelectuais relevantes no estado, principalmente, no que respeita ao fomento de pesquisas sobre o passado.²⁰⁰

O IHGPR congregava pesquisadores locais interessados em história e seguia os moldes do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.²⁰¹ Pertencer aos quadros do IHGPR garantia legitimidade aos autores que se aventurassem a narrar eventos do passado, uma vez que ambas eram instituições norteadoras da produção historiográfica nacional e regional. No período em relevo, é preciso sublinhar que os membros do IHGPR tinham a missão de escrever a *monumental história do Paraná*, como destacado acima, portanto, é provável que muitos dos membros estivessem desenvolvendo pesquisas com vistas a compor a obra final.

Um primeiro passo para a efetivação do projeto foi a elaboração do *Esboço para uma sinopse da História do Paraná* (julho de 1951), de autoria de Brasil Pinheiro Machado, que, à época era, membro do Instituto e, também, atuava na Comissão Central de Comemorações do Centenário da Criação da Província do Paraná. O texto sugeria 22 tópicos que seriam transformados em capítulo graças ao esforço de pesquisa de outros membros da referida associação; no entanto, os documentos do próprio IHGPR dão indícios de que a empreitada não era fácil: circulares reclamavam dos membros mais

intelectuais e publicações foram utilizadas na construção de um perfil desse coletivo. Contudo, o que se averiguou é que História foi a única temática na qual se envolveram escritores com percursos semelhantes.

¹⁹⁹ A importância das sociabilidades intelectuais foi destacada por Jean-François Sirinelli, para quem elas “[...] secretam, na verdade, microclimas à sombra das quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos”. As redes de sociabilidade evidenciam não somente as relações sincrônicas entre intelectuais, mas também permitem, a partir da noção de microclima, compreender o microcosmos intelectual, angariando para a análise relações de outros tempos, de admiração ou recusa frente à posturas intelectuais e, que, no objeto e tempo em análise, são perceptíveis. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. 2003, *Op. Cit.*, p. 252.

²⁰⁰ Dentre os articulistas de História pertencentes ao quadro do IGHPR estavam: Aluizio França, Dulcídio Tavares de Lacerda, Homero de Barros, Osvaldo Pilotto, Romário Martins, Serafim França, Vasco José Taborda; Aos quadros do CEB pertenciam: Aluizio França, Arnould Ferreira Velloso, Homero de Barros, Osvaldo Pilotto, Romário Martins, Temistocles Linhares, Vasco José Taborda. Correspondências de outros autores, não efetivamente associados às duas instituições, indicam trocas culturais não formalizadas e fluídas.

²⁰¹ Sobre o IHGPR, ver: BELTRAMI, Rafael C. de C. *Da Poesia na Ciência*. Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, uma história de suas ideias. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2002; ROSEVICS, Larissa. *O Instituto Histórico e Geographico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: UFPR, 2009.

agilidade na entrega das pesquisas e relatórios indicavam que os textos apresentados poderiam ser usados apenas como subsídios para a versão definitiva do livro.

Cinco textos foram entregues até meados de 1952. Dois deles eram pesquisas desenvolvidas por colaboradores d' *A Divulgação*, David Carneiro e Dulcídio Tavares, cujos trabalhos versavam sobre os caminhos naturais e as estradas utilizadas para desbravamento do território e sobre uma História Geral do Paraná, respectivamente. Embora a obra idealizada não tenha sido concluída, os textos foram publicados no periódico de Arnould Ferreira Velloso.

Já o *Círculo de Estudos Bandeirantes*, por sua vez, apoiado em projetos de cunho religioso, foi formado com o intuito de estimular atividades de pesquisa por parte de seus integrantes e desenvolver a cultura local. Deve-se enfatizar, ainda, o papel destacado do CEB na formação dos primeiros universitários de História.²⁰² O grupo retomava, no nome da instituição, a figura dos bandeirantes, sugestão da interpretação do passado que orientava proposta:

Aos que tomaram um dia a iniciativa de fundar em Curitiba um Círculo de Estudos, espontaneamente lhes acudiu o nome genérico daqueles vanguardeiros da civilização em terras sul-americanas. Bandeirantes! pois não era, acaso, o projetado Círculo uma nova “bandeira” sui generis, que se arrojava para os sertões do saber, à cata das verdes esmeraldas e das áureas pepitas da verdade; [...] Pois que outro mais expressivo título poderia ajustar-se à projetada fundação? [...] Aí está: – somos também Bandeirantes de novo gênero, mas da velha estirpe que nos arrojam, na mais aventurada e na mais venturosa das conquistas à conquista do saber! [...]. Núcleo – que como os Bandeirantes de outrora – ao partir o companheiro querido, aqui fica confiante na eficiência do teu valor humano, mas volve os olhos para o magnífico céu do Brasil invocando a proteção divina para quem sempre soube honrar a cultura e tradição cristãs.²⁰³

É possível compreender que, como ponto de encontro, essas agremiações unificavam as leituras e interpretações dos eventos precedentes e, a um só tempo, construía um *lugar* para o passado e a própria auto legitimidade narrativa. Compenetrados em recolher os registros transatos, narrar os eventos e personagens históricos de maneira positivada e vulgarizar tais interpretações esses homens - e suas respectivas instituições - impulsionavam uma caracterização do passado que respondia ao presente.

²⁰² A respeito, ver: FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *História, historiador e identidade profissional*. Sobre a história do Curso de História da Universidade Federal do Paraná. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 27, nº 54, p. 295-315, jul.-dez. 2014.

²⁰³ FERRARINI, Sebastião. *Círculo de Estudos Bandeirantes documentado*. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 84-85.

Capitaneada por grandes nomes do *paranismo*, a produção historiográfica publicada em *A Divulgação* analisou o processo de conquista dos territórios afastados do litoral, o desenvolvimento urbano de Curitiba; a trajetória de pioneiros da educação, dos transportes, de artistas e intelectuais eram assuntos assiduamente reforçados. Não menos frequentes eram os trabalhos que tomavam a história paranaense enquanto continuação da história paulista, associando o Paraná a um passado de heroicos bandeirantes do período colonial.²⁰⁴

Em franca contradição com o que se narrava em outros textos publicados n' *A Divulgação*, os artigos de cunho histórico mencionavam frequentemente a ideia que havia uma crise social que afetava a todos no período e, portanto, recorria-se ao passado, para encontrar um *antídoto* aos males contemporâneos:

Não há dúvida que é preciso opor alguma coisa a essa debacle. Mas, o que opor, se o exemplo vem das culminâncias e dos que tudo mandam e desmandam? Será que, por vezes, a sugestão de uma leiturazinha a respeito das nossas grandes figuras do passado, daria certo? Poderá, o influxo dessas luzes, chocar proveitosamente? Acreditamos e não acreditamos na eficiência do método. [...] Urge, a despeito de tudo, irmos cooperando para o término do festim de Baltazar. Sejam renitentes e cacetes. Falemos dos nossos valores do pretérito. Há de resultar alguma coisa. Uma fraçãozinha de entusiasmo providencial há de ficar [...].²⁰⁵

Ainda que não se explicita quais são as circunstâncias que caracterizariam a crise apontada, ela era dada como notória. No final de 1950, David Carneiro traçava um quadro da crise cívica que afetava desde estudantes do ensino público até governantes notórios e explicava: “A única verdade para o homem, é sua experiência e a sua cultura. Para as nações é a sua historicidade, porque pensamos com o passado, e, desde onde o passado nos trouxe. Para evitar erros que possam repetidos pelo presente, é que as gerações atuais estudam a história [...]”.²⁰⁶

²⁰⁴ O Capitão povoador de Curitiba. *A Divulgação*, Ano I, nº. 09-10-11, p. 13-14, Ago.-Set.-Out. 1948. FRANÇA, Aluizio. A Fundação de Curitiba. *A Divulgação*, Ano III, nº 28-29-30, p. 06, Mar.-Abri.- Maio 1950. LEITE, Francisco. João Batista Brandão de Proença: o 1º professor do Paraná. *A Divulgação*, Ano I, nº. 05-06, p. 27-30, Abr.-Maio 1948. LACERDA, Dulcídio T. Histórico da Ligação Ferroviária Riozinho – Guarapuava. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 14, Set. 1954. Engenheiro Westermann. *A Divulgação*, Ed. Especial, p. 35, Dez. 1953. GOMES, Raul. Alfredo Andersen, pai da pintura paranaense. *A Divulgação*, Ed. Especial, p.62-63, Dez. 1953. BORGES, Durval. Icílio Saldanha (pequenas notas biográficas). *A Divulgação*, Ano VIII, p. 44, Jan. 1954. CARNEIRO, David. Bandeiras curitibanas e paulistas. *A Divulgação*, Ano V, p. 35-36, Jan.-Fev. 1952.

²⁰⁵ PILOTO, Valfrido. Manoel Eufrásio Correia. *A Divulgação*, Ano V, p. 41, Set.- Out. 1952.

²⁰⁶ CARNEIRO, David. A noção positiva de civismo. *A Divulgação*, Ano III, p. 32, Set. – Out. –Nov. 1950. Grifo no original.

A característica de *antídoto* atribuída aos tempos idos relacionava-se ao fato de que era à ausência de conhecimento sobre os feitos de antanho que se creditavam os “problemas nacionais”. O passado era um dado referencial, nele residiam os parâmetros orientadores que faltavam aos contemporâneos do articulista. Diante da preocupação com os problemas nacionais, no entanto, recorria-se a história paranaense, indício de que o *antídoto* tinha função regional e os problemas que mobilizavam tal recurso eram locais. Como evidenciado acima, a conjuntura paranaense, em meados do século XX, reclamante de discernimento sobre o passado, envolvia os eventos comemorativos do centenário de emancipação política do Estado, ao que se acrescentavam os projetos de remodelação urbana da capital paranaense e a questão da entrada dos imigrantes no estado com o fim da 2ª Guerra.

Para comemorar o centenário, eventos distintos foram inventariados como marcos fundadores do Paraná,²⁰⁷ ponto culminante de um processo em que homens nobres e resistentes se debateram para a concretização de um ideal político;²⁰⁸ as narrativas estabeleciam uma racionalidade etapista para episódios contingentes e atribuíam marcas valorosas não só para os feitos, mas também para os personagens daquele projeto político. Marcavam, ainda, o avanço de uma comunidade, que em detrimento das adversidades geográficas e políticas havia conseguido se estabilizar, ganhar notoriedade e comemorava o seu primeiro centenário. Aos contemporâneos era necessário repetir o arco de avanços daqueles que os precederam, posto que, a despeito das diferenças de origem, todos haviam empregado esforços com vistas ao bem da comunidade.

Os personagens do passado receberam especial atenção nas páginas do periódico. Aqui é válido lembrar uma reflexão de Brasil Pinheiro Machado, elaborada na década de 1930. A passagem, famosa entre historiadores da historiografia paranaense, tensionava todo um repertório produzido por paranistas na década de 1920 e notabilizava a fragilidade do passado local:

O Paraná é um Estado típico desses que não tem um traço que faça dele alguma coisa notável, nem geograficamente como a Amazônia, nem pitorescamente

²⁰⁷ A emancipação do Paraná, na historiografia contemporânea, é interpretada a partir dos interesses monárquicos frente à possível aliança entre São Paulo e Rio Grande do Sul. Autores enfatizam, ainda, que a elite local não tinha força política para articular a emancipação, versão diversa da difundida em *A Divulgação*, na qual o fato é tomado como uma espécie de destino manifesto, no qual indivíduos e eventos do período colonial figuram de forma a criar uma linha de ações que desembocou na separação. A respeito, ver: PRIORI, Ângelo et al. 2012. *Op. Cit.*

²⁰⁸ OSVALDO, Piloto. A criação da província do Paraná. *A Divulgação*, Ed. especial, p. 07-, Dez. 1953. BARROS, Homero de. Centenário do Paraná. *A Divulgação*, Ed. Especial, p. 129-131, Dez. 1953.

como a Bahia ou o Rio Grande do Sul. Sem uma linha vigorosa de história como São Paulo, Minas e Pernambuco, sem uma natureza característica como o Nordeste, sem lendas de primitivismo como Mato Grosso e Goiás. Dentro do Brasil já principiado, o Paraná é um esboço a se iniciar. Falta-lhe o lastro dos séculos. Apesar de ser o Estado do futuro mais próximo, forma nessa retaguarda característica de incaracterísticos. (...) eu poderia afirmar sem errar por muito que o paranaense não existe. O paranaense não existe, dentro do complexo brasileiro (...) O Paraná é um Estado sem relevo humano. Em toda a história do Paraná nada houve que realmente impressionasse a nacionalidade. Nenhum movimento com sentido consciente mais ou menos profundo. Nenhum homem de Estado. Nenhum sertanista. Nenhum intelectual. Nem ao menos um homem de letras, que saindo dele, representasse o Brasil, como o Maranhão teve Gonçalves Dias, a Bahia, Castro Alves, o Ceará, José de Alencar e Minas Gerais, Afonso Arinos, etc. A história e a geografia não tiveram forças bastantes para afirmarem o Estado do Paraná. Ela se resumiu na conquista anônima da terra e na colonização (iniciativa de fora) sobre a selvageria, a semi-civilização ou o deserto. E depois da época dos bandeirantes, ela dormiu até a imigração estrangeira. O aspecto geográfico, de pleno acordo com a história, é formado de trechos de toda a configuração do Sul do Brasil.²⁰⁹

Para dotar o Paraná de *relevo humano* a maior parte dos artigos de *História* publicados no periódico ocuparam-se de avaliar trajetórias individuais na política,²¹⁰ educação,²¹¹ literatura,²¹² atividades militares,²¹³ cultura e desenvolvimento geral do estado.²¹⁴ As narrativas voltadas para personagens com atuações distintas em recortes temporais igualmente diversos (do século XVI ao XX) argumentavam que tais indivíduos representavam a síntese histórica das características do Paraná: resistência às condições geográficas, iniciativa política e econômica, e um inexorável destino rumo ao progresso. Frequentemente retomadas, essas caracterizações formavam linhas de continuidade e colocavam-se de maneira didática.

O episódio do Cerco da Lapa,²¹⁵ ocorrido durante a Revolução Federalista, foi outro assunto mais enfatizado n'*A Divulgação*.²¹⁶ Aqui, não há a pretensão de deter-se

²⁰⁹ MACHADO, Brasil Pinheiro. Instantâneos paranaenses. A Ordem, 1930, p.9. Apud. BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. *Op. Cit.* 2007. p. 131-132.

²¹⁰ CARNEIRO, David. Homens e palavras: as frases do general Carneiro para defini-lo. *A Divulgação*, Ano I, p. 07-08, Ago.-Set.-Out. 1948.

²¹¹ LEITE, Francisco. João Batista Brandão de Proença: o 1º professor do Paraná. *A Divulgação*, Ano I, nº. 05-06, p. 27-30, Abr.-Maio 1948.

²¹² BORGES, Durval; Icílio Saldanha. Pequenas notas biográficas. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 44, Jan. 1954.

²¹³ CARNEIRO, David. O Combate Cormorant. *A Divulgação*, nº. 14-15-16, p. 03-04, Jan.-Fev.-Mar. 1949

²¹⁴ LACERDA, Dulcídio T. Histórico da Ligação Ferroviária Riozinho- Guarapuava. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 14, Set. 1954; Engenheiro Westermann. *A Divulgação*. Ed. Especial, p. 35, Dez. 1953; GOMES, Raul. Alfredo Andersen, pai da pintura paranaense. *A Divulgação*. Ed. Especial, p.62-63, Dez. 1953.

²¹⁵ O episódio do Cerco da Lapa foi um evento militar ocorrido em 1894 e fez parte das batalhas da Revolução Federalista. O avanço das tropas *maragatas*, iniciado em 1893, alcançou a cidade da Lapa e

sobre o episódio em si, ma, é interessante perceber que sua construção como evento fundamental da história paranaense ocorreu por ação de historiadores paranistas na década de 1920,²¹⁷ que o monumentalizaram com a criação, por David Carneiro em 1928, do Museu Coronel David Carneiro.²¹⁸ Assim como os paranistas da primeira hora,²¹⁹ a equipe ligada a *A Divulgação* investiu na construção desse discurso historiográfico que reforçava a identidade heroica dos paranaenses.

Importante notar, que diferente dos textos historiográficos publicados em periódicos como a *Revista do Brasil* nos quais o passado remoto era objeto do historiador,²²⁰ o recorte privilegiado pelos historiadores que publicavam n'A *Divulgação* era o século XIX e, em alguns casos, o XX. Apesar do esforço em ampliar a História do Paraná para antes de 1850, foi somente a partir de 1853 que o Paraná passou, de fato, a existir e não é de se surpreender que o critério temporal se subordinasse às necessidades da elite local, preocupada em reforçar a independência local, inclusive, no que respeita às narrativas históricas.

Frente à quantidade de escritos históricos publicados em *A Divulgação*, evidencia-se que escrever sobre o passado do estado era uma atividade intelectual não apenas valorizada, mas também percebida como necessária, pois, conforme artigo de David Carneiro, o povo paranaense não reconhecia seus grandes heróis, visto que o “Paraná, com suas correntes imigratórias, perde cada vez mais, o seu real civismo. [...] Vai lhe faltando contato com o seu próprio passado. Hoje falta, nas famílias, o relembrar de tradições. Falta nas escolas primárias, que as mestras ensinem os nomes

por 26 dias forças militares e voluntários, aliadas ao Marechal Floriano Peixoto, resistiram à tomada da cidade; esse tempo permitiu que governo central organizasse as tropas que detiveram a marcha dos federalistas. Os objetivos destes últimos, em termos gerais, era derrubar o governo de Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul e descentralizar a administração republicana.

²¹⁶ CARNEIRO, David. Homens e palavras: as frases do general Carneiro para defini-lo. *A Divulgação*, Ano I, p. 07-08, Ago.-Set.-Out. 1948.

²¹⁷ CORDOVA, Maria Julieta Weber. O paranismo e o processo de produção historiográfica paranaense: o episódio do Cerco da Lapa. *Revista de História Regional*, p. 151-190, Inverno 2017.

²¹⁸ Além da organização do museu que homenageava o Coronel David Carneiro, o pai, David Carneiro, o filho, publicou em 1938 o livro *O Cerco da Lapa e seus heróis*.

²¹⁹ De fato, no *paranismo* “[...] um dos campos privilegiados para a construção de uma identidade regional será a construção de um discurso histórico para o Estado do Paraná, a busca de um ponto zero que faça com que a população se identifique com um passado comum. Era preciso forjar as tradições paranaenses e a historiografia será um dos instrumentos para tal construção. PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado*; cultura e imaginário no Paraná da I República. 2 ed. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.p. 99.

²²⁰ Essa característica é destacada por DE LUCA, Tania. *Op. cit.* p. 197 ao tratar da terceira fase da *Revista do Brasil*.

dos que derramaram seu sangue pelo bem coletivo, afim de que tais lições sejam código de civismo. E seria tão simples!?...".²²¹

Além disso, feitos da história de São Paulo foram apropriados e inseridos na homogeneidade do passado paranaense. O foco, nesse caso, foram as atividades de ocupação territorial e ações políticas, que na interpretação do periódico, vaticinavam o futuro grandioso do Estado.

Hoje que somente Curitiba tem dez vezes mais população do que ao tempo tinha a comarca inteira, hoje que não temos índios bravios a perturbar nossa ação de indústria ou de que seja, bem podemos imaginar a montanha de dificuldades desse homem de ferro que se arvorara governador do futuro Paraná [...] Foi um gigante! [...] há duzentos anos, aquele português de fibra, de aço, de ouro tornou possível o trabalho de outros. Devemos-lhe muito, mais do muito, tudo!²²²

Se o paranaense não existia e o Paraná era insignificante no quadro nacional, *A Divulgação* esforçou-se para combater tais interpretações, construindo um passado que inserisse o estado nos eventos inflexíveis da Histórica Nacional. Em outros tempos, o Paraná havia sido lugar de grandes conquistas, ambiente de batalhas espirituais e militares, razão pela qual se construía sua grandeza de outrora e se incentivava ações no presente e no futuro. Contudo, as remodelações urbanas evidenciavam um risco: o passado, esse útil orientador do presente, poderia se perder:

Disse Gustave le Bom em *Psychologie des foules*: “Sem tradição não pode haver cultura, mas sem a lenta destruição das tradições não pode haver progresso” Esses dois elementos da vida das sociedades organizadas, a cultura e o progresso são como dois extremos que procurassem entredevorar-se, mas que não puderam deixar de andar sempre juntos. O nosso país com suas preocupações excessivas de acelerar a evolução, sobretudo no sentido material, descuidava-se demasiadamente de basear sua marcha à frente em elementos estáveis, em fundações definitivas. Por isso mesmo, estamos ficando no ar (especialmente aqui no Paraná), como se fossemos todos membros das gerações atuais, seres humanos sem antepassados, enfeitados marginais da civilização euro-americana, que progredimos sem conhecimento das origens remotas do progresso material realizado. A falta de certo equilíbrio, de ponderação real em quase todos os atos da vida diuturna, quer social quer política que assistimos, só tem explicação no abandono de tradições respeitáveis que, aos poucos vão se tornando, mesmo para uso puramente intelectual, completamente irrestauráveis, além de serem completamente desconhecidos pela massa popular.²²³

²²¹ CARNEIRO, David. Ângelo Sampaio (ilustre vítima de Canudos). *A Divulgação*, Curitiba, ano III, nº 31-32-33, p.03, Jun.-Jul.-Ago. 1950.

²²² CARNEIRO, David. A emancipação política do Paraná: como comemorar o centenário do 19 de dezembro de 1853. *A Divulgação*, Ano I, n.º01-02, p. 10, Nov. – Dez. 1947.

²²³ CARNEIRO, David. Da necessidade de proteção aos monumentos que atestam nossa velha cultura. *A Divulgação*, Ano IV, p. 08, Dez. 1950, Jan. – Fev. 1951.

David Carneiro²²⁴ compartilhava a ideia de que narrar o passado era fundamental para os dilemas do presente. Valorizavam-se, sobretudo, os indícios da presença lusitana diante da destruição iminente dos monumentos via “picareta do progresso”. À ideia de que o passado funcionava como antídoto, defendida nas páginas de *A Divulgação*, acrescentava-se a noção de que era um tempo em perigo.

O passado, a partir de pesquisas e da proteção física dos registros de outros tempos, deveria ser salvo naquele presente e ser usado como forma de resistir ao encontro cultural que traria prejuízos à identidade, vista como estabelecida. Para levar a cabo essa nobre missão, os intelectuais do estado deveriam ocupar-se de salvar os monumentos históricos, produzir narrativas relevantes e vulgarizá-las pelos mais diversos meios, combatendo assim o maior mal paranaense: o “[...] desprezo por [suas] tradições históricas”.²²⁵

É que, onde a História semeia os seus prelecionamentos [sic], aí ela nos deterá sempre, como se nos descerrasse atualidade a mais presente. O indispensável do que é exemplo. Mestra sempre será continuamente atual. Coerente na diversidade, no anacronismo de fatos ou fenômenos contidos em épocas desiguais. A extemporaneidade das evocações desaparece ante a crueza e a utilidade do que nos deixa em sabedoria. Os recursos, os dias, os indivíduos, fica tudo como que exatissimamente igual, a despeito dos giros, por vezes os mais completos, do diferente.²²⁶

As narrativas sobre o passado publicadas em *A Divulgação*, como apontado anteriormente, não estavam preocupadas com o cabedal historiográfico construído ao longo do século XIX e início do XX, embora tivessem como propósito afirmar uma versão verídica dos fatos relatados e, como inspiração, o pensamento histórico de Romário Martins e dos paranistas de primeira hora. Recorriam, ao mesmo tempo, a um modelo norteador da escrita histórica pré-moderna: em *A Divulgação*, em pleno século XX, o passado clareava o presente, a história era mestra da vida. Diante da aceleração das mudanças, ao invés de abandonar essa postura, ela era reforçada e os eventos do pretérito chamados ora como antídoto aos males contemporâneos, ora como indícios de algo que precisava ser salvo do progresso avassalador. História e passado foram apresentados como se fossem, praticamente, sinônimos: o segundo existiria em si e à

²²⁴ David Carneiro assinou 23 artigos, dos 70 que foram identificados como relativos à história. Sobre a trajetória deste autor, ver: MACHADO, Daiane Vaiz. 2012. *Op. Cit.*

²²⁵ CARNEIRO, David. A tradição e Juca Teodoro. *A Divulgação*, Ano IV, p. 11, Maio- Jun. 1951.

²²⁶ PILOTO, Valfrido. Pelas curvas da História do Paraná: A espada e a lei. *A Divulgação*, Ano V, p. 39, Maio-Jun. 1952.

primeira, restava somente transferir para escrita os dramas do pretérito, sem supor qualquer mediação dos interesses contemporâneos.

Retomava-se constantemente o passado porque se entendia que ele estava se perdendo, mas também porque poderia curar o presente. Para alcançar esse objetivo, homens atentos aos acontecimentos que tornavam registros remotos suscetíveis, lançaram-se em campanha para descrevê-lo e convencer a sociedade leitora, via imprensa periódica, da necessidade de proteger a materialidade de outros tempos e fazer sobreviver a grandeza do Paraná; afinal, apenas dessa maneira ela continuaria possível. A homogeneização da contingência de outros tempos era uma necessidade premente do presente, experimentado de maneira complexa e fragmentada. O exercício “[...] que ilumina-obscorece, silencia-exalta, congela-reaquece, mas também oblitera o lugar de onde se fala, transformando permanentemente o passado sob os influxos do presente [...]”²²⁷ não era exclusividade, contudo, de quem publicava em *A Divulgação*, mas um anseio que encontrava homologia na sociedade paranaense daquele período.

No entanto, essa não foi uma pauta presente em toda trajetória d’*A Divulgação*, já que exatamente no período posterior à publicação da edição especial, de 1953, minguiaram os textos sobre História do Paraná na revista. A mudança, mesmo gradual, sugere alterações na linha editorial, posto que tal ausência apontava o afastamento entre o projeto de Velloso e as propostas paranistas. Indicava, além disso, que se nos primeiros anos de circulação do periódico existiram circunstâncias favoráveis às atividades intelectuais voltadas à produção de conteúdos elaborados nos moldes paranistas, tal situação encontrava-se em processo de mudança.

Para além das páginas de *A Divulgação*, a escrita da História Paranaense e a discussão identitária encontraram espaço institucional na Universidade Federal do Paraná, ao longo da década de 1950. Historiadores de ofício, como Romário Martins e David Carneiro, tiveram sua produção confrontada com a proveniente de pesquisadores formados nos bancos universitários e treinados nas correntes historiográficas então em voga, a demografia, a história econômica e a história agrária.²²⁸ A partir dos anos de 1980, a historiografia paranaense inscreveu Romário Martins e David Carneiro no rol de

²²⁷ ARRUDA, José Jobson de Andrade. Cultura histórica: territórios e temporalidades historiográficas. *Saeculum*, V. 16, p. 27, Jan.-Jun, 2007.

²²⁸ Brasil Pinheiro Machado, Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen, ligados ao programa de pós-graduação em História da UFPR serão os grandes debatedores da História paranaense a partir da década de 1960. Da análise da trajetória de Brasil Pinheiro Machado é possível perceber as adesões e os conflitos que a opção desses autores por uma história científica contemporânea gerou. Sobre isso ver: MARCHETE, Tatiana Dantas. 2013. *Op. Cit.*

memorialistas, o que não deixa de ser uma maneira de desqualificar a produção desses intelectuais.

Sinal dessa transformação foi um texto publicado no final da primeira fase editorial da revista. Em oposição a tudo que havia sido publicado em termos historiográficos até então nas páginas d'*A Divulgação*, em abril de 1954, Ulisses de Melo e Silva publicou *A História como ciência*. O argumento central do artigo era que, a exemplo das outras ciências, a História também tinha uma trajetória que poderia e deveria ser problematizada: localizar métodos, objetos, períodos, temas privilegiados seria uma forma de compreender as circunstâncias que motivam o interesse pelo passado. O autor avaliou, então, diversas formas de escrever história – dos gregos aos historicistas do século XIX – e pontificou que a história pertenceria às ciências da cultura, grupo que se distinguia pelo peso conferido ao observador/cientista: a este não era possível se manter indiferente diante dos objetos de sua investigação e a intenção de neutralidade era fundamental para a compressão do que havia sido produzido em termos historiográficos:

A história, uma das muitas disciplinas culturais, está orientada por um valor que permite situar o homem no tempo e, o reduz às suas devidas proporções. Falsas são as teorias que pretendem exaltar os heróis, realçar épocas como se fossem únicas dentro de um panorama geral, dando aos menos avisados concepções imperfeitas, unilaterais e viciosas da realidade.²²⁹

O texto, apesar de ser o único com essa preocupação na primeira fase do periódico, anuncia um novo momento para as narrativas históricas no Paraná; as propostas de cientificização da escrita histórica se iniciaram na segunda metade de 1950 por obra, principalmente, de Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana. Um dado relevante desse processo foi a organização de um seminário em setembro de 1959 com o intento de problematizar a obra de Romário Martins. Na avaliação dos pesquisadores que participaram da discussão, a obra do pai da história do Paraná era anacrônica, carecia de atenção às fontes e servia apenas como hipótese inicial para pesquisas futuras. A institucionalização da pesquisa histórica fomentou a separação entre aqueles que escreviam profissionalmente sobre história, e aqueles que continuariam a produzir em agremiações consideradas amadoras, notadamente, o IHGEPR e o CEB.²³⁰

²²⁹ MELO E SILVA, Ulisses de. *A História como ciência*. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 23, Abr. 1954.

²³⁰ FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *Op. Cit.*

Não é possível sustentar que tal processo tenha sido responsável pelo abandono das narrativas históricas em *A Divulgação*, mas é importante considerar que a mudança acabou por levar a pesquisa sobre o passado para o campo universitário tenha causado efeitos nas sociabilidades intelectuais locais: David Carneiro, por exemplo, em 1954 assumiu a cadeira de *Estatística Metodológica* na UFPR, no ano seguinte, acumulou a *Cátedra de Evolução na Conjuntura Econômica* e, em seguida foi ao exterior ministrar aulas como docente visitante, o que, possivelmente, fez diminuir suas contribuições à imprensa local.²³¹

De outro lado, a imprensa nacional também se transformava com o surgimento de novas empresas, implantação de técnicas mais modernas na elaboração e impressão de jornais e revistas. No caso d'*A Divulgação*, o surgimento de seções que gradativamente ocuparam o lugar dos artigos sugerem o interesse em dinamizar a revista que, desde o início, havia abrigado debates longos e densos. Além disso, no mesmo período e graças ao equipamento adquirido no ano anterior, a *Velox Propagadora*, negócio paralelo de Velloso, deixou de atuar como agência de publicidade e passou a desenvolver trabalhos de gráfica. “Clicheria e tipografia Velox Propagadora confecciona: jornais, livros, teses, folhetos, cartazes, impressos em cores em geral. Publicidade comercial e propaganda política; Desenhos e clichês; Atendemos pedidos do interior”.²³² Adentrar em outros setores do mercado e concorrer com a imprensa local e a grande imprensa nacional implicava transformações mais drásticas, como se verá no próximo capítulo.

De qualquer maneira, é possível estabelecer como marca mais notável, dessa primeira fase, o debate regional, sugestão de que *A Divulgação*, embora tenha apresentado um programa em que manifestava a intenção de aproximar as diversas unidades da federação, acabou se limitando aos temas locais. Atraiu, dessa maneira, colaborações valiosas de intelectuais também preocupados com o Paraná. Com efeito, as escolhas temáticas podem ter afastado potenciais leitores da revista que residiam em outras capitais e, mesmo leitores locais, atentos às inovações que se processavam no debate intelectual. As temáticas e abordagens encontradas nos artigos são indícios de que o público destinatário era a elite local, preocupada com interesses políticos, econômicos e culturais sem articulação mais estreita com o restante do país.

²³¹ MACHADO, Daiane Vaiz. 2012. *Op. Cit.*

²³² Anúncio publicitário da Velox Propagadora. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 49. Mar. 1954.

A escassez de artigos devotados ao contexto nacional²³³ e mesmo internacional,²³⁴ reforça a filiação da revista a projetos regionalistas ensimesmados e permite que se avenge como hipótese que este tenha sido um dos fatores que inibiram a renovação do periódico: debater o Paraná se apresentava como uma obrigação e, até mesmo como uma obsessão. Talvez nesse conservadorismo resida a preferência por outras propostas, como a de *Panorama*, mais ampla e diversificada, o que obrigou a equipe liderada por Velloso a seguir por um caminho completamente diferente de projeto apresentado até então, como se verá no capítulo seguinte.

²³³ Um artigo detalhado com informações sobre as riquezas naturais encontradas em território brasileiro abriu as discussões *Nacionalistas* (08) d'A *Divulgação*. A preocupação centra-se não somente em descrever os potenciais nacionais, mas também em “combater o otimismo viciado, cômodo e estéril, que durante gerações e gerações nos fez ver um Brasil errado, artificial”. O autor defendeu que o país deveria utilizar seu potencial para entrar no círculo das demais nações desenvolvidas. Contudo, tal processo dependia da atenção das elites nacionais, que precisavam dirigir os trabalhos para evitar a perda de riquezas. Outros textos seguiram na contramão da proposta desse primeiro artigo e analisaram as condições nacionais a partir do ufanismo, configurando uma produção laudatória. No entanto, como foi possível perceber até este momento, questões relacionadas aos debates em âmbito nacional não eram prioridade nas análises d'A *Divulgação* e não causa surpresa que os artigos publicados nesta rubrica trouxessem argumentos já largamente utilizados em momentos anteriores. JOBIM, José. O Brasil de hoje e de amanhã. *A Divulgação*, ano I, n.º 03-04, p. 52-54, Fev.- Mar. 1948. ROSA, Laudemiro Lúcio da. Fatores da nacionalidade. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 43, Maio 1954. ANGELO, Sotero. Mocidade do Brasil. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 41, Jun. 1954.

²³⁴ A rubrica *Exterior* reúne sete artigos que tem por matéria outros países. Destaque-se que, desse conjunto, três artigos privilegiaram Portugal e foram assinados por Mário Deslandes, jornalista português que em meados de 1951 passou a residir em Curitiba e aceitou o convite de Arnald Ferreira Velloso para contribuir nas páginas d'A *Divulgação*. O autor examinou as relações entre Brasil e Portugal e enfatizou as proximidades culturais dos “países irmãos”. Em outros casos, os danos materiais, humanos e culturais causados pela II Guerra Mundial motivaram análises a respeito da economia uruguaia após o conflito, assim como, dos “prodigiosos” resultados do plano trienal que objetivava a recuperação da Polônia. A situação da França, considerada um ícone da civilização, também foi analisada. Nos três artigos, os sinais de que os estragos causados pelo conflito mundial foram superados fundamentam o tom otimista utilizado pelos responsáveis. Um artigo a respeito dos pontos turísticos da Sicília também compõe essa lista. DESLANDES, Mário. Lisboa, capital de um grande Império. *A Divulgação*, Ano V, p. 39, Jan.-Fev. 1952. DESLANDES, Mário. Portugal de ontem e de hoje. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 32, Abr. 1954. O Uruguai e o seu comércio exterior. *A Divulgação*, Ano I, n.º 01, p. 53, Nov.-Dez. 1947. A Polônia de hoje. *A Divulgação*, ano II, n.º 19-20-21, p. 11-12, Jun.-Jul.-Ago. 1949. GOMES, Raul. França e uma parada de suas glórias. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 40-41, Jan. 1954. DOMIT, Elias. A Sicília. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 40, Jun. 1954.



illegible

"Esforçamo-nos por acompanhar o ritmo vertiginoso do progresso": crítica política, colonismo social e imprensa feminina (segunda e terceira - 1955-1965)

3. “ESFORÇAMO-NOS POR ACOMPANHAR O RITMO VERTIGINOSO DO PROGRESSO”:²³⁵ CRÍTICA POLÍTICA, COLONISMO SOCIAL E IMPRENSA FEMININA (SEGUNDA E TERCEIRA FASE - 1955-1965)

A revista *A Divulgação*, nos seus primeiros anos de circulação, apresentou uma pauta de debates cujo eixo central era intervir no espaço público. Os temas que preocupavam governantes e a população letrada do Paraná eram tratados sob a forma de um projeto amplo do que deveria ser o estado. A agenda da revista confundia-se com os primeiros esforços paranistas e com os programas de governo dos administradores estaduais; dessa forma, o periódico manteve-se coerente com a defesa de que seu comprometimento maior era com o papel cívico de que imprensa deveria ocupar.

O mesmo não se pode dizer da segunda e terceira fase do periódico. Nesse período, que se estende de 1955 a 1965, delineia-se com mais força o perfil de uma empresa, com intenções de manter-se ativa e competitiva em um mercado cada vez mais concorrido. Destaque-se a busca dos dirigentes d’*A Divulgação* para encontrar um nicho que lhes garantisse a sobrevivência econômica, ainda que sob pena de se afastar das propostas que nortearam o programa inicial da revista.

O distanciamento gradual do projeto paranista pode ser interpretado a partir da busca por um público que garantisse renda suficiente para subsistir, mas indica, também, o esvaziamento do próprio projeto identitário que já não encontrava eco no Paraná. Um primeiro deslocamento no perfil editorial levou a revista para o campo da crítica política, mas foi nos segmentos de colonismo social e da imprensa feminina que *A Divulgação* logrou sobreviver por mais uma década.

Neste capítulo, o objetivo é analisar a trajetória do periódico *A Divulgação* entre 1955 e seus números finais, estabelecer a sua especificidade e as possíveis relações com a conjuntura mais ampla de meados do século XX. As transformações no perfil editorial da revista foram acompanhadas na ordem em que ocorreram. Evidencia-se a influência de fatores diversos nas transformações ocorridas em *A Divulgação*, desde a situação da política nacional atrelada a interesses regionais até novas experiências sociais, como a entrada das mulheres de classe média no mercado de trabalho. O contexto da imprensa nacional naquele período foi igualmente relevante.

²³⁵ VELLOSO, Arnould Ferreira. 2 fatos em revista: exemplar comemorativo. *A Divulgação*, Ano XI, p. 01, Out. 1958.

Na fase da transição, entre 1955 e 1958, houve instabilidade editorial, com seções que desapareceram para retornar pouco depois,²³⁶ artigos republicados, transformações no aspecto material, que romperam drasticamente com a proposta anterior. A análise desses materiais indica que a equipe editorial ensaiava em meio às novas circunstâncias. A estabilidade veio com a opção pelo público feminino a partir da difusão de conteúdos que ora seguiam linha similar a dos periódicos femininos mais conservadores, ora divisavam outras possibilidades para a experiência feminina.

3.1 *A Divulgação e a crítica política*

O ano de 1955 iniciou sob o signo da mudança para a revista *A Divulgação*, como revela a observação do último número de 1954 e o primeiro do ano seguinte, que aponta para um novo projeto editorial. Enquanto, no primeiro, existiam artigos dedicados ao debate sobre política, economia e alguma produção literária, o exemplar seguinte foi dedicado a eventos da elite paranaense. Nos meses que se seguiram, o periódico voltou a apresentar conteúdo intelectual, mas era notável que não se tratava da mesma fórmula utilizada nos anos anteriores.²³⁷ Além disso, alterações formais fortaleciam a ideia de que estava em curso a elaboração de uma nova proposta.²³⁸

A mudança empreendida no perfil editorial da revista *A Divulgação* não foi homogênea, com alguns dos antigos temas resistindo às mudanças que se sucederam. Análises sobre o papel do Paraná no contexto nacional, ações governamentais (estaduais e nacionais), imigração e economia mantiveram algum espaço no periódico. No entanto, os textos que antes levavam assinaturas diversificadas e sugeriam uma pluralidade de visões sobre um mesmo assunto passaram a trazer a assinatura somente de Valfrido Piloto e Arnaldo Vergal: o primeiro, um intelectual reconhecido no Paraná, ocupava naquele período um cargo administrativo no periódico, o segundo deveria ser um

²³⁶ Além disso, no ano de 1955, surgiram diversas seções de vida efêmera, o que reforça a ideia de que a equipe responsável pela revista estava *testando* novas possibilidades. Pode-se citar, como exemplo, Discografia (Jan. de 1955 - Jul. de 1955; Assuntos femininos (Abri - Maio 1955), Edifica tua personalidade (Fev. 1955 – Abr. Maio 1955), Bazar de emoções (Jun. 1955).

²³⁷ Entre janeiro de 1955 e dezembro de 1957, *A Divulgação* publicou 901 textos cujas temáticas mais relevantes, da perspectiva quantitativa, eram: Social: 214, Política e ações governamentais: 131, Economia: 63, Femininas: 46, Infância: 34. Outras temáticas foram abordadas, mas em menor número. Quando se aplica um filtro de gênero textual e evidenciam-se os valores somente para artigos e reportagens publicados no mesmo período, as temáticas sociais (152 ocorrências) e o debate sobre política e atividades do governo (59) continuam a se destacar.

²³⁸ Em janeiro de 1955, o sumário saiu da primeira página e foi para última; no mês seguinte, o sumário foi para a contra página da página de expediente. A diagramação da página de expediente ganhou linhas retas e foi dividida em quatro partes: duas partes menores onde figuravam o nome da revista e o número da publicação; uma terceira parte, um pouco maior, com informações sobre editores, redatores e secretário endereço, valores e fotografos. A maior parte da página era ocupada pelo editorial assinado, como de costume, por Arnaldo F. Velloso.

pseudônimo do próprio Arnould Ferreira Velloso. Havia, no mais, um conjunto de artigos publicados sem assinatura, sob a responsabilidade da equipe editorial da revista.²³⁹

No que respeita ao conteúdo dos textos publicados, percebe-se a construção de uma linha analítica diversa daquela apresentada até então, principalmente, nos textos relacionados à política nacional. Em anos anteriores, *A Divulgação* limitava-se a comentar brevemente acontecimentos significativos da administração nacional,²⁴⁰ sem assumir posições. Uma análise mais atenta revela certo receio por parte da equipe editorial, notadamente Arnould Ferreira Velloso, em relação à ascensão de Vargas à presidência em 1950.²⁴¹ Contudo, mesmo naquelas situações a cautela prevaleceu e, no geral, a política nacional surgia, somente na medida em que se relacionava com questões diretamente ligadas ao Paraná.²⁴²

²³⁹ A questão dos autores é fundamental para entender esse novo momento da revista *A Divulgação*. Dos 901 textos publicados no período, 500 não indicavam autoria e estavam, portanto, sob a responsabilidade da equipe editorial. Arnould Ferreira Velloso, o proprietário do periódico, foi autor de 32 textos, a maioria editoriais de abertura do número publicado. Oriente Franco de Godoy assinou 29 textos, sobre cuidados com a infância; Aloysio Blasi, responsável pela seção *A Divulgação Política*, 27. Arnaldo Vergal, com 27 textos e Valfrido Piloto com 9, também se destacavam. O restante dos autores apareceu em poucas ocasiões e, em muitos casos, tratava-se de textos publicados, originalmente, em outros impressos (revistas, jornais e livros) que eram apropriados pela *A Divulgação*, indício da dificuldade em conseguir colaboradores exclusivos para o periódico.

²⁴⁰ Cumpre evidenciar que em alguns casos - mesmo alguns dramáticos, como, por exemplo, o suicídio de Getúlio Vargas - a revista evitava comentários mantendo-se afastada dos temas mais espinhosos da política nacional. Tal perfil é válido para a primeira fase editorial (1947-1955).

²⁴¹ A eleição e o governo de Vargas, para o mandato de 1950, movimentaram a imprensa, de maneira geral, afinal, tratava-se de uma figura política ambígua cuja trajetória fomentava diversas reações. Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman relatam que a grande imprensa dificultou a campanha presidencial de Vargas de 1950 e, durante 1954, muitos periódicos criticaram o governo, então em crise. Alguns, como o *Tribuna da Imprensa*, do udenista Carlos Lacerda defendiam a supressão da democracia falida em favor de uma reforma que efetivasse os interesses liberais, projeto de alguns oposicionistas de Vargas. Outros, como o *O Globo*, mantinham posição moderada, embora pertencesse ao mesmo grupo que a *Rádio Globo*, que representava uma oposição mais violenta, principalmente, através do radialista Raul Brunini no programa *Parlamento em Ação*. O grupo *Diários Associados* de Assis Chateaubriand era mais fluído. Nas eleições de 1950, Chateaubriand enviou Samuel Wainer à estância gaúcha de Vargas, para colher uma série de reportagens sensacionalistas sobre o ex-ditador. Passadas as eleições, e, principalmente, a partir das teses nacionalistas de Vargas, o conglomerado de comunicação passou a criticar a figura do presidente: negavam-lhe capacidade administrativa, pois Vargas não percebia a impossibilidade técnica de desenvolver a industrialização do país sem recurso ao capital estrangeiro; tratava-se, notadamente, de impedir a criação da Petrobrás. Outros, como o *Diário Carioca*, o *Diário de Notícias*, o *Estado de S. Paulo* e o *Correio da Manhã* mantinham-se ao lado do projeto democrático sem descuidar de atacar o governo estabelecido. Em muitos desses periódicos é possível encontrar o argumento de que Vargas não tinha condições de governar em um regime democrático, posto que sua experiência o qualificava tão somente para ditaduras. Quando colocada nesse quadro amplo, a trajetória d'*A Divulgação* nos seus primeiros anos destoa da pauta de outros periódicos e a mudança registrada a partir de 1955 se destaca. Sobre o tema da imprensa no segundo governo Vargas há ampla bibliografia, sugere-se aqui: ABREU, Alzira Alves de. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco. In: GOMES, Ângela Castro (Org). *Vargas e a crise de 50*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

²⁴² O ano de 1955 é emblemático no que respeita à cobertura de assuntos políticos. Fernando Letterman-Weternan destaca que os desdobramentos do *11 de novembro*, momento em que o General Lott impediu

O interesse em manifestar opiniões claras sobre a situação política nacional pode ser compreendido a partir de dois fatores primordiais, a saber: primeiro, a emergência de uma crítica política conservadora e bem articulada promovida pela revista *Panorama* e, segundo, a situação peculiar da política nacional entre os anos de 1954 e 1956. No primeiro caso, havia uma tentativa da revista *A Divulgação* de fazer frente ao periódico de propriedade da *Impressora Paranaense*, que entrava com força no mercado curitibano; já o segundo fator, o fervilhar político na metade da década de 1950, era pauta importante de grandes jornais e revistas daquele período e interessava aos que se preocupavam com os rumos políticos nacionais. Assim, esse momento de transição, para o periódico, iniciou-se com atenção destacada aos temas políticos, o que se constituía numa peculiaridade na trajetória da revista, de perfil contemporizador, que tentava manter boa relação com políticos locais e nacionais.

No contexto que se seguiu ao suicídio de Vargas, em agosto de 1954, *A Divulgação* abandonou a posição de neutralidade política. Ao que tudo indica, a equipe da revista compreendia que o momento demandava atuação mais efetiva do periódico na defesa e oposição a determinados projetos políticos, afinal, duas corridas eleitorais foram anunciadas: um novo presidente deveria ser eleito para substituir Café Filho no cargo, após o trágico fim do segundo governo Vargas e, no Paraná, após a renúncia de Bento Munhoz da Rocha Neto, em abril de 1955, grupos diversos se movimentavam com vistas à cadeira de governador. *A Divulgação* assumiu, então, a posição de orientadora dos (e)leitores, com o mapeamento de projetos, a defesa de partidos e o silenciamento a respeito de alguns nomes; atendia, dessa maneira, não somente aos interesses do público, mas também seus próprios e aos de políticos com os quais mantinha relações mais próximas, notadamente, Moysés Lupion.

Valfrido Piloto denunciava, em fevereiro de 1955, a realidade desalentadora da nação e questionava a falta de orientação política no país, num contexto de crise e opiniões polarizadas. Tratava-se de marcar posição e conclamar a juventude intelectualizada²⁴³ a cerrar fileiras contra os projetos *personalistas* de políticos que muito prometem e nada cumprem.²⁴⁴ Nas palavras do autor:

o golpe contra a eleição de JK e Jango, motivou uma unificação temática nos grandes jornais nacionais que se dedicaram, exaustivamente, à pauta política. Sobre isso ver: ABREU, Alzira Alves. *A imprensa em transição*. O jornalismo brasileiro em transição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

²⁴³ PILOTO, Valfrido. Uma geração e sua tarefa. *A Divulgação*, Ano IX, p. 09, Jul. 1955.

²⁴⁴ PILOTO, Valfrido. O Cosmorama de sombras. *A Divulgação*, Ano X, p. 07, Out. 1955.

O ruim é que existe indiferença. Ela preocupa, porque auxilia, cada vez mais, a consolidação de um estado de coisas que está exigindo reação imediata e sem tréguas. Sei que um dos profícuos estorvos antepostos a doutrinações como a de que estamos necessitados, é a sentença já feita lugar comum. No caso brasileiro, dizer que o país vai descendo de dignidade e que é preciso usarmos de todos os meios para evitar o nosso suicídio coletivo, parecerá simples chavão. Dá-se conosco aquela história do pinante que vivia a clamar por socorro, afim de meter susto nos outros. Um dia gritou com necessidade mesmo e, como ninguém mais lhe desse crédito, ficou desamparado até que sucumbisse.²⁴⁵

A crise estava posta e para salvar o país era preciso mais do que união. Na mesma página do artigo, estampava-se a escultura *O Grupo de Laocoonte*, Sem narrar a lenda, a equipe editorial propunha, na legenda, uma alusão à situação política então enfrentada:

O grupo famoso de Laocoonte e seus filhos, vitimados por gigantescas serpentes, pode simbolizar, mais do que uma lenda mitológica, a crua realidade da situação do Brasil. As víboras da politicagem e da demagogia, do personalismo e da desonestidade, surgidas da agitação oceânica de uma trágica subversão de valores, estão deixando na praia da desolação cadáveres dos sonhos bem intencionadas.²⁴⁶

Tratava-se de comentários contundentes sobre a política nacional, com o uso de termos como “demagogia” e “personalismo” que expressavam a posição da equipe da revista. No decorrer de 1955, Café Filho definiu novos ministros e iniciou-se a corrida eleitoral, fatos que *A Divulgação* aproveitava para expressar pontos de vista conservadores a respeito do futuro da nação. Assim, quando Bento Munhoz da Rocha Neto assumiu o Ministério da Agricultura, publicou-se o discurso do ex-governador do Paraná que enfatizou posicionamento similar ao defendido pelos militares a respeito das eleições presidenciais, ou seja, a necessidade de se escolher um candidato por acordo partidário, com ‘opiniões ponderáveis’. Destacou-se, ainda, aquilo que Rocha Netto percebia como o nosso maior problema:

Surgem, entretanto, hoje, dois inimigos da democracia a comprometer não apenas a sua veracidade, a sua legitimidade, mas ameaçar-lhe a própria sobrevivência: - o primarismo e a demagogia. O primarismo enfeia os nossos processos políticos, desfigurando os homens e a fazendo-as recuar à agressividade de épocas remotas. Nivela os cultos e os incultos, os bisonhos e os experimentados, dando a todos a mesma marca de ternos principiantes, que nada aprendem nas lições. Primarismo nos conflitos eleitorais em que se desce a todas as infâmias. Primarismo nos métodos de combate ao adversário, desconhecendo-se todas as fronteiras morais. Primarismo que divide a Nação em dois

²⁴⁵ PILOTO, Valfrido. A crua realidade nacional. *A Divulgação*, Ano IX, p. 15, Fev. 1955.

²⁴⁶ *A Divulgação*, Ano IX, p. 15, Fev. 1955.

compartimentos estanques, em que se aninham, de um lado os privilegiados de todas as virtudes, e de outro os réus de todos os crimes. Demagogia que anuncia milagres irrealizáveis e paraísos inatingíveis, burlando, mentindo, traindo e provocando, no mercado eleitoral a corrida desabalada da caça ao voto. Primarismo e demagogia que brincam inconscientemente sobre um drama social que preocupa os mais insensíveis.²⁴⁷

O destaque dado a esse trecho funcionava como argumento em relação ao futuro político da nação, pois se tratava de evitar tanto aqueles não estavam acostumados ao complexo universo político e que tendiam a generalizar a oposição e a nação, quanto os que por não conhecerem as condições reais do país, defendiam projetos irrealizáveis. Jorge Ferreira, preocupado com as distintas interpretações do termo populismo, identifica, no período de 1945 a 1964, caracterizações similares às do discurso publicado em *A Divulgação*:

Assim, na conjuntura da democratização, entre 1942 e 1945, houve a aproximação entre o historiador e o jornalista. Ambos, partindo dos horizontes oferecidos pelo liberalismo, passaram a explicar as relações entre o Estado e classe trabalhadora a partir da manipulação, da propaganda estatal e do “atraso” da cultura política popular brasileira. As palavras “populismo” e “populista” ainda não se encontravam disponíveis no vocabulário da época, mas os fundamentos explicativos do fenômeno estavam lançados. A partir de 1945 até 1964, as palavras foram surgindo muito lentamente através dos anos. No entanto, raramente eram utilizadas, e quando surgiam nas páginas dos jornais, não tinham o objetivo de desmerecer ou insultar o adversário. Mesmo na linguagem virulenta do lacerdismo, estavam ausentes. Getúlio Vargas, por exemplo, em único texto datado de 1954, foi acusado de criminoso, materialista, imoral, desonesto, conivente com ladrões e comparado a uma grande peste. João Goulart, por sua vez, era descrito pela imprensa oposicionista como um homem primário nas letras, de limitados horizontes intelectuais, demagogo, corrupto e manipulador de sindicatos. De criminosos a demagogos, de corruptos a golpistas, de ladrões a ignorantes, as oposições formulavam e disseminavam imagens extremamente negativas acerca dos dois líderes trabalhistas. No entanto, as palavras “populismo” ou “populista” não estavam no rol de acusações a Vargas e a Goulart.²⁴⁸

Na imprensa da época pululavam qualificações negativas a respeito dos líderes políticos mais afinados com os interesses populares.²⁴⁹ Note-se que o primarismo

²⁴⁷ Munhoz da Rocha Netto, no ministério da agricultura. *A Divulgação*, Ano IX, p. 09, Abr. Maio 1955.

²⁴⁸ FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. pp. 112-114.

²⁴⁹ Aqui, novamente, as contribuições de Jorge Ferreira são esclarecedoras: “As violentas críticas a Vargas e a Goulart, veiculadas pela imprensa, escamoteavam os verdadeiros personagens que se queriam atingir: os trabalhadores e o movimento sindical. Não foi casual, assim, que em episódios dramáticos na vida política do país, como o suicídio de Vargas, em 1954, na assim conhecida Campanha da Legalidade, em 1961, ou nos primeiros dias de abril de 1964, a primeira medida tomada pelos governos estaduais

intelectual e a demagogia constituíam-se em argumentos frequentes e, em muitos casos, era desnecessário mencionar nomes, como no caso de *A Divulgação*. Na revista, as críticas eram genéricas e, não por acaso, não se defendia nenhum dos candidatos à presidência.

Juscelino Kubitschek, cuja candidatura foi lançada em novembro de 1954, era o nome evitado pelos opositores do ex-presidente Vargas e pela revista *A Divulgação*. A coligação entre o Partido Social Democrático (PSD)²⁵⁰ - sigla de Kubitschek - e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)²⁵¹ - sigla de João Goulart - causava burburinho entre a UDN,²⁵² os militares da Escola de Guerra e a grande imprensa. Os projetos de Vargas, supostamente encerrados por conta de sua morte, pareciam encontrar guarida no programa desses dois candidatos; além do mais, o apoio de Luiz Carlos Prestes e do Partido Comunista Brasileiro (PCB)²⁵³ à chapa JK-Jango tornava a dupla mais indesejável para grupos de não viam com bons olhos a ascensão da esquerda comunista.

conservadores tenha sido prender líderes e dirigentes sindicais, sempre com o pretexto de resguardar a "ordem pública". FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* p. 118.

²⁵⁰ O PSD iniciou suas atividades em 1945, sob os auspícios de Getúlio Vargas e congregou parte da elite política formada com as nomeações dos interventores estaduais. De orientação centrista, elegeu como presidente, nas primeiras eleições democráticas pós-Estado Novo, Eurico Gaspar Dutra; a força política do partido foi usada por Vargas para garantir sua eleição em 1950 e, no pleito de 1955, a sigla elegeu JK, indício de certo alcance social; no Paraná, o PSD elegeu Moysés Lupion em duas eleições: 1945 e 1955.

²⁵¹ O Partido Trabalhista Brasileiro surgiu em 1945 no bojo do projeto *queremista*, que em meio à crise que levou ao fim do Estado Novo, clamava a continuidade de Vargas no poder. O partido foi articulado por apoiadores de Vargas, como Alexandre Marcondes Filho e Alberto Pasqualine. Exemplificando o que foi dito acima, o PTB é alvo de múltiplas interpretações. Para SKIDEMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 82, o partido representava uma minoria de operários urbanos organizados e significou mais uma manobra do ditador Vargas que, consciente da desconfiança dos trabalhadores para com as velhas organizações políticas, forjou um novo partido; acrescenta, ainda, que o PTB funcionava como forma de atrair os votos que poderiam ir para setores mais à esquerda. Para Michele Reis Macedo, o PTB é indício da capacidade de articulação política das camadas trabalhadoras da população brasileira, que cientes da ineficiência do *queremismo* direcionaram suas ações para o partido recém-surgido e procuraram atrair adeptos dispostos a encarar o novo quadro político. Sobre isso ver: MACEDO, Michele Reis. O "nós queremos" na capital da república: trabalhadores, luta por direitos e transição democrática de 1945. In: FERREIRA, Jorge (Org). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2014.

²⁵¹ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Brasil: 1954 - Prenúncios de 1964*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200013 Acesso em: 23 jun. 2016.

²⁵² A União Democrática Nacional, partido fundado em 1945 reunia segmentos diversos que faziam oposição sistemática aos projetos varguistas e àqueles com ele identificados. No segundo governo Vargas, existiram alguns movimentos conciliatórios entre varguistas e udenistas que não lograram suprimir o caráter oposicionista dos segundos. A partir de 1953, com as reformas ministeriais e ênfase nacionalista do governo Vargas, a UDN arrochou a oposição.

²⁵³ O Partido Comunista Brasileiro tem uma trajetória distinta dos apresentados anteriormente. Fundado em 1922, em um momento de euforia pós-revolução russa, o PCB foi organização partidária mais duradoura da história política brasileira, embora tenha passado boa parte de sua existência na ilegalidade. Na década de 1950, fez oposição ao governo Vargas, exceto nos dias que antecederam o suicídio do então presidente. Nas eleições que seguiram, apoiou JK com vistas a recuperar a legalidade, o que não ocorreu.

A ideia de uma candidatura única entre UDN e PSD, defendida também por setores militares, não se efetivou diante das movimentações partidárias. Além de JK, Plínio Salgado lançou-se pelo Partido da Representação Popular (PRP), Ademar de Barros pelo Partido Social Progressista (PSP), a UDN uniu-se ao Partido Democrata Cristão (PDC), ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e ao Partido Libertador (PL) para defender a candidatura do militar Juarez Távora.

O período anterior à eleição foi marcado por tentativas de afastar Juscelino Kubitschek da cadeira presidencial. O episódio da carta Brandi, publicada pela *Tribuna da Imprensa*, acusava João Goulart, o vice de JK, de manter contato com Juan Domingo Péron, presidente argentino, com a intenção de instaurar uma república sindicalista no Brasil; mencionava, ainda, o contrabando ilegal de armas pela fronteira. A UDN manobrava em nível institucional e propunha que a eleição presidencial fosse transferida para a Câmara dos Deputados, caso o eleito não alcançasse maioria absoluta de votos. No entanto, as acusações contra Jango foram investigadas e consideradas falsas e as propostas da UDN, rejeitadas.

Em setembro de 1955, portanto, um mês antes do pleito eleitoral, *A Divulgação* publicou nota a favor da UDN.²⁵⁴ Sem mencionar a corrida presidencial, o periódico adjetivava como ‘conscientes’ os eleitores que se identificavam com os candidatos da sigla historicamente antigetulista, ou seja, o apoio inicialmente concedido ao projeto de uma candidatura única - defendido pela UDN - era transferido para a candidatura de Távora.

Arnaldo Vergal, inicialmente,²⁵⁵ concentrou sua atenção nos problemas do Paraná, tanto que a sua primeira contribuição, publicada no número de Maio-Jun. de 1952, foi um conto apresentado com representativo das letras paranaenses. Vergal retornou em junho de 1955 para defender a eleição para a prefeitura de Curitiba do Major Ney Braga, louvando a capacidade do novo prefeito, tida como uma vitória do

Partido Comunista Brasileiro. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/PartidoComunista> Acesso: 30 Out. 2016. Jacob Gorender entrevista à Waldir José Rampinelli. *O PCB e sua atuação nos anos 50*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100013 Acesso: 30 Out. 2016.

²⁵⁴ O eleitorado consciente. *A Divulgação*, Ano X, p. 28, Set. 1955.

²⁵⁵ A hipótese de que Arnaldo Vergal era, na verdade, um pseudônimo de Arnaldo F. Velloso está ancorada na identificação de textos cuja autoria era assinada por Velloso em um primeiro momento e, mais tarde, o material era republicado com autoria de Vergal; a semelhança de nome e posições reforçam a ideia. Além disso, em depoimento Isa Carnascialli Velloso, a filha mais velha de proprietário de *A Divulgação*, afirmou que o pai mantinha pseudônimo embora não lembrasse qual era o nome assumido nessas ocasiões.

povo e confiando nas futuras realizações do novo dirigente.²⁵⁶ Ney Braga, então em início de carreira, não possuía vínculo partidário, portanto, sem relação direta com a disputa em curso para a presidência.²⁵⁷ Posteriormente, o título de um texto publicado por Vergal/Velloso com comentários a respeito da urbanização curitibana, tornou-se uma seção: *Problemas da cidade* era espaço de debate sobre a urbanização do Estado, com ênfase nos problemas da cidade de Curitiba. Em outubro de 1955, no entanto, Vergal dedicou o espaço de sua seção para comentar o resultado das eleições presidenciais.

A eleição, no país, é fruto do trabalho pessoal dos candidatos. Ao invés do Partido, entidade suprema representativa de um programa, de uma bandeira a suggestionar o leitor, deixa-se este impressionar pelo candidato que tudo promete em troca de votos. O eleitor se deixa embair, menosprezando um direito soberano que a lei lhe outorga – o voto secreto. [...] É visível a falta de espírito público, a ausência de senso de responsabilidade, o desconhecimento completo da elevada missão atribuída ao legislador.²⁵⁸

A postura de descontentamento frente aos resultados eleitorais não era exclusividade do articulista, pois a oposição movimentou-se, sem sucesso, para evitar a posse do novo presidente, notadamente, militares e a UDN. Logo após os eleitos terem assumido os cargos, um amistoso Arnauld Ferreira Velloso deu-lhes as boas-vindas e teceu incontáveis elogios ao novo presidente:

Esse homem surgiu providencialmente para tentar mais experiência, visando deter a marcha vertiginosa do país para a debacle [sic] financeira. Desde o lançamento de sua candidatura tem se revelado resoluto, tenaz e confiante. Bateu-se galhardamente pela conquista da vitória num pleito renhido contra candidatos apoiados por forças poderosas. Alguém, mais tarde, há de reconhecer em Juscelino um autêntico campeão das práticas democráticas. Defendeu o direito que lhe assistia de ser candidato. E triunfou nas eleições mais livres e concorridas que há memória nos fastos de nossa vida republicana.²⁵⁹

O editorial indicava certa resignação diante do quadro político e pode ter causado alguma estranheza entre os leitores do periódico e eleitores do Paraná, onde um quarto dos votos foi para Plínio Salgado, que perdeu somente para Ademar de Barros.²⁶⁰

²⁵⁶ VERGAL, Arnaldo. Problemas da cidade. *A Divulgação*, Ano IX, p. 41, Jun. 1955.

²⁵⁷ Ao eleitorado consciente. *A Divulgação*, Ano X, p. 28, Ago.-Set. 1955.

²⁵⁸ VERGAL, Arnaldo. Redenção política. *A Divulgação*, Ano X, p. 26, Out. 1955.

²⁵⁹ VELLOSO, Arnauld F. Sorriso e diplomacia. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Jan. 1956.

²⁶⁰ GOMES, Amanda Litzinger. O voto integralista no Paraná: uma análise das eleições presidenciais de 1955. In: CODATO, Adriano Nervo. SANTOS, Fernando José dos (orgs.) *Partidos e eleições no Paraná*:

Conquanto o texto acenasse com a possibilidade de a equipe editorial da revista ter, de fato, abandonado suas ressalvas ao novo presidente, as críticas ressurgiram em abril de 1956 na seção *A Divulgação política*, isso num momento em que os artigos sobre política rareavam no periódico. O responsável, Aloysio Blasi, era colunista social do jornal *A Gazeta do Povo* e na seção, os temas eram tratados de modo superficial: para cada questão da política nacional e estadual dedicava-se um parágrafo que sintetizava o fato, seguido de algumas opiniões, sendo de se notar que era apenas nesse espaço que se concentravam as análises políticas do periódico.

Os elogios ao governo JK minguaram passados pouco mais de quatro meses de sua posse:

Qual um meteoro, o presidente JK chegou, ouviu bastante e foi embora. O chefe do governo nacional que está batendo todos os recordes de turismo oficial, e que pode ser denominado como o ‘presidente mais viajado que o Brasil jamais conheceu’, continua decepcionando aos brasileiros quando de seus pronunciamentos sobre os problemas nacionais. Que o presidente JK conhece os problemas nacionais, ninguém duvida. Que o presidente JK saiba qual o remédio para os males que afligem o Brasil, também ninguém duvida. O que, porém, ninguém entende, é a razão pela qual o presidente JK, em lugar de viajar tanto, não trabalha efetivamente, e não ataca, a fundo, os problemas nacionais, os quais conhece e para os quais sabe a fórmula salvadora.²⁶¹

A mudança de posição em relação a JK, anotada na seção política de *A Divulgação*, não se explica somente a partir do periódico. As opiniões pouco amigáveis publicadas na revista em relação ao novo presidente articulavam-se, em algum nível, à desconfiança que pairava em relação à futura administração de Kubistchek. No entanto, era nas relações políticas paranaenses que se encontravam as causas preponderantes das críticas a JK.

Criticar Juscelino Kubistchek era uma forma de dar sustentação ao governador Moysés Lupion. JK e Lupion pertenciam aos quadros do PSD, mas estavam afastados desde as eleições presidenciais, quando o governador paranaense não apoiou nome de seu partido para a presidência. O intricado político se constituía a partir de interesses diversos: Lupion, presidente do PTB no Paraná, liberou seu diretório do compromisso com a sigla nacional, com vistas a manter o apoio político local; JK, contava com o voto de seus coligados paranaenses para garantir com mais folga a eleição e quando suas

uma abordagem histórica. CURITIBA, Suplemento: PARANÁ ELEITORAL. Edição Comemorativa: 60 anos - Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. 2006.

²⁶¹ BLASI, Aloysio. *A Divulgação política*. *A Divulgação*, Ano X, p. 18, Abr. 1956.

expectativas não se concretizaram, iniciou-se um conflito interno no PSD. Em entrevista, no ano 1983, Rubens da Silva Martins, político paranaense ligado ao PSD e com atuação destacada nos anos de 1950, lembrou que o confronto entre os dois peessedebistas iniciou-se antes mesmo do resultado final das eleições: “As urnas estavam sendo apuradas, não se sabia ainda o resultado, ele (Juscelino) telefonou para o Paraná e disse para o Lupion: ‘eu já estou eleito, depois nós conversaremos.’ Dava conhecimento de que ele já sabia do comportamento do PSD no Paraná; pelo menos foi interpretado assim na época.”²⁶²

Passado esse primeiro conflito, a situação se desenhou de maneira definitiva com prejuízo político claro para Moysés Lupion, que não contava com apoio do governo federal em diversos assuntos, de verbas para projetos até a solução de conflitos locais. *A Divulgação*, cuja aliança com Lupion se iniciou ainda nos primeiros anos de circulação do periódico, como apontado anteriormente, ficou então em situação complexa, posto que precisava fortalecer o governo local e, em consequência, diminuir a administração presidencial. Foi nesse contexto que se intensificaram as críticas a JK no periódico de Velloso e vale sublinhar que a oposição entre os dois peessedebistas era reforçada de maneira direta naquelas páginas.²⁶³ *As contradições argumentativas*²⁶⁴

²⁶² MARTINS, Rubens da Silva. Apud. COLNAGHI, Maria Cristina Colnaghi. *Colonos e Poder: a luta pela terra no sudoeste do Paraná*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR 1984. p. 94-95.

²⁶³ A título de exemplo, sublinha-se a análise elaborada na seção *A Divulgação Política* de Maio de 1956. Referindo-se a JK, o autor atesta: “Como se vê, o presidente da República está completamente tonto e desorientado, principalmente quando tem, dentro de seu próprio governo, personalidade militar cuja força cresce dia a dia. Essa força, que muitos acreditam será utilizada para implantação de um regime ditatorial, constitui um paradoxo. Enquanto, de um lado, sustenta o governo, evitando alterações da ordem, de outro ameaça ao próprio governo que não pode ver com bons olhos a projeção nacional do Gal. Teixeira Lott.” Nas mesmas páginas, o governador paranaense é analisado da seguinte forma: “Aliás, o raciocínio do governador está funcionando normalmente e sua preocupação em refazer a frente parlamentar representa uma ideia bastante lógica. [...] Na Câmara dos Deputados, embora perdendo dois defensores – Franco Sobrinho e Firmann Neto – o sr. Moysés Lupion poderá conseguir boa recuperação. Esse trabalho de recomposição não poderia ter melhor orientador que o Gal. Mário Gomes.” Observa-se que os dois políticos tinham, na perspectiva de Aloysio Blasi características diametralmente opostas: desorientado e tonto para JK e, racional e lógico para Lupion. Talvez por isso, o autor não percebesse como contraditório afirmar que a presença militar na administração nacional era um problema, enquanto que no governo estadual o mesmo procedimento era indício de capacidade de ação. BLASI, Aloysio. *A Divulgação política. A Divulgação*, Ano X, p. 19, Maio 1956.

²⁶⁴ No texto, destaca-se o termo *contradição argumentativa*, pois compreende-se que as práticas evidenciadas nas análises que o mobilizam não representam uma contradição política em si e, só são notadas como tal no bojo das pesquisas preocupadas com o tema. A noção conceitual de cultura política conforme discussão de Sege Berstein ancora esta reflexão. Para o autor, há sempre uma pluralidade de culturas políticas que em determinados períodos alcançam maior reverberação social; assim, o modelo republicano, por exemplo, embora desempenhe papel dominante ao longo do século XX, não elimina outras representações da atividade política e ocorrem interações entre projetos de origem muito distantes – socialismo republicano, democracia cristã, nacionalismo republicano seriam alguns dos resultados dessa interação. A ideia de osmose entre culturas políticas recoloca a característica da dinâmica cultural na sua dimensão mais criativa e evidencia o caráter histórico dos modelos políticos que vão encontrar uma faceta

registradas no periódico servem para exemplificar o quadro complexo da política nacional naqueles anos e que não deixava escapar, sequer, os críticos do tema.

A *Divulgação* publicava um duro conjunto de críticas ao governo de Juscelino Kubistchek, ao mesmo tempo em que enaltecia seu coligado local, Moysés Lupion. As legendas partidárias apesar de unificarem posições similares, não significavam ação homogênea daqueles a elas vinculados. A política partidária, inaugurada sob os auspícios da redemocratização, em 1945, não conseguiu superar os conchavos políticos locais e, ainda que quem quisesse participar das disputas eleitorais precisasse estar atrelado a um partido, não havia necessidade ou condições que exigissem o abandono das redes de poder anteriores à organização partidária. A leitura desse processo feita pela *A Divulgação* surge como indício da multifacetada política do período, em que pesam, ainda, as ligações entre o periódico e o poder político local: afinal, antes de ser um representante do partido do presidente Juscelino Kubitschek, Lupion era o governador do Paraná que nos primeiros anos de circulação de *A Divulgação* ocupou as páginas do periódico com os dossiês de sua primeira administração; a propaganda do governo, obviamente, garantiu dividendos ao periódico de Velloso entre 1947 e 1950.²⁶⁵

Nos meses finais de 1956, as críticas ao governo JK publicadas em *A Divulgação* arrefeceram e, a partir de 1957, a seção *A Divulgação política* limitou-se a comentar acontecimentos como posses, viagens, projetos apresentados e movimentações pré-eleitorais, principalmente, aqueles que se desenvolviam em território paranaense. O crivo que prevaleceu nas primeiras edições da seção desapareceu e as opiniões enfáticas não tinham mais espaço. De tal forma que, se algum interesse era defendido, isso não se fazia mais por meio de argumentos, e, sim, pela presença frequente de determinados personagens naquelas páginas.

No que respeita aos artigos, Valfrido Piloto e Arnaldo Vergal, os dois principais representantes do debate político nas páginas de *A Divulgação*, haviam interrompido suas contribuições em matéria política quando da eleição de JK. A seção *A Divulgação política* era, naquele momento, uma voz isolada não pelos argumentos que defendia, mas pelos temas que abordava. Os textos de uma coluna, meia página, que visavam

específica a cada nova experiência. Dessa forma, aquilo que se compreende como contradição pode ser avaliado enquanto parte do atrito entre culturas políticas diversas. BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Por uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa, 1998. pp. 349-364.

265 No primeiro capítulo deste trabalho há uma discussão a respeito da relação do periódico *A Divulgação* e o governador Moysés Lupion.

debater a situação política nacional se perdiam em meio à cobertura dos eventos da elite curitibana.

Uma das possíveis explicações para o abandono da pauta política pode ser encontrada, novamente, em acontecimentos locais. O conflito agrário na região do sudoeste paranaense movimentou a cena política estadual. Em abril de 1956, o governador eleitor Moysés Lupion, através da Secretaria da Fazenda do Paraná, baixou a Portaria nº 492 que tornava legais as transações financeiras da CITLA (Clevelândia Industrial e Territorial Ltda), empresa que desde a década de 1940 estava no centro de denúncias de corrupção e violência em conflitos agrários paranaenses. Lupion, citado como sócio oculto da referida companhia, cumpria, enquanto governador, promessas feitas em troca de apoio financeiro para sua campanha eleitoral. Como consequência da Portaria nº 492, instalou-se uma tensão entre colonos que viviam na região sudoeste do Paraná (principalmente, nas cidades de Pato Branco e Francisco Beltrão) e empresários interessados em efetivar os negócios de terras, então legalizados. No decorrer de 1956, os colonos denunciaram assassinatos, incêndios criminosos, assaltos, estupros e ameaças; afirmavam, ainda, que as autoridades locais (delegados, todos filiados ao PSD Paraná) nada faziam diante das suas demandas. Diante do parco apoio institucional, pegaram em armas e passaram a combater os jagunços contratados e armados pelas companhias colonizadoras.

Opositores políticos de Lupion denunciaram nas bancadas do Estado a situação naquela região do Paraná. A imprensa não tardou a divulgar o conflito. Colnaghi aponta que entre 12 de setembro e 31 de outubro de 1957, período que registra o ápice do confronto, 209 reportagens trataram do tema em periódicos paranaenses e a maioria dos textos mapeava as relações econômicas entre o governador paranaense e as empresas envolvidas no confronto, sugerindo, ou mesmo afirmando, que as atitudes administrativas de Lupion tinham como intento favorecer as companhias colonizadoras, principalmente a CITLA, cuja certidão de nascimento atestava a paternidade de Moysés Lupion. A imprensa nacional também noticiou a situação e uma campanha pelo *impeachment* de Lupion se avultou, principalmente entre petebistas e udenistas paranaenses.

Nesse quadro, chama a atenção o fato de *A Divulgação*, revista cuja atenção voltava-se sobremaneira *para as coisas do Paraná*, não ter mencionado o conflito, exceção feita à entrevista coletiva de Moysés Lupion publicada na íntegra em outubro

de 1957. Com o sugestivo título *O alvo visado não é o governador*, o texto foi precedido da seguinte apresentação: “O verdadeiro alvo da campanha que a oposição desesperada move, tendo como pretexto as ocorrências do sudoeste, é o esfacelamento do território paranaense.”²⁶⁶ Sem mencionar outros dados, a equipe d’ *A Divulgação* continuava na árdua tarefa de garantir sustentação pública para as atividades políticas do governador Lupion.²⁶⁷

A situação era outra na principal concorrente d’ *A Divulgação*. *Panorama*, a revista de *cultura geral*, tinha em seus quadros profissionais reconhecidos e disponibilizava amplo espaço para situação política nacional e paranaense. Diante da vitória de JK, a equipe de *Panorama* não abandonou a posição crítica que defendeu antes da eleição e apontou a leniência do novo presidente para com grevistas e comunistas. No que respeita à situação paranaense, *Panorama* apresentou perfil editorial que se destacava pela ferrenha oposição a Moysés Lupion.²⁶⁸ No confronto agrário, mencionado anteriormente, a equipe da revista franqueou suas páginas às denúncias contra a administração de Lupion, com frequentes narrativas a respeito dos ocorridos na região em litígio. A posição clara e definida, aliada à sua projeção no mercado nacional e aos investimentos técnicos efetivados pela equipe da *Impressora Paranaense*, rendiam-lhe público e, número após número, divulgava-se o aumento da tiragem. Assim, em 1956, quando se denunciou supostos núcleos comunistas no Paraná (outro tema político caro no período em questão, haja vista a emergência da Guerra

²⁶⁶ O alvo visado não é governador. *A Divulgação*, Ano XI, pp. 03-08, Out. 1957.

²⁶⁷ Além do conflito agrário, outro episódio em que o silêncio na revista *A Divulgação* chama a atenção ocorreu em dezembro de 1959 quando, durante três dias, populares atacaram espaços comerciais curitibanos. A revolta iniciou-se por conta do desentendimento entre um cliente e um vendedor de pentes que se negou a entregar a nota fiscal do produto. Ocorre que naquele período estava em vigência a promoção “Seu cupom vale um milhão” (campanha divulgada nas páginas d’ *A Divulgação*) que incentivava o recolhimento do cupom fiscal por parte dos clientes, a discussão entre os dois acabou se transformando em uma briga, que se espalhou pela cidade; a população, descontente com a situação econômica e a crescente inflação aderiu em grande número à manifestação. A Guerra do Pente, como ficou conhecida, foi destaque na imprensa nacional e não foi mencionada pela revista *A Divulgação* que, mais uma vez, evitou quaisquer comentários que pudessem afetar negativamente o governador Lupion.

²⁶⁸ Em 1968, a revista *Panorama* foi escolhida por Lupion, então com direitos políticos cassados pelo AI-2, para uma entrevista que contemplasse sua trajetória. Lupion não falava à imprensa desde a cassação e a direção do periódico procurou justificar o espaço que concedeu a um dos seus alvos preferidos na década de 1950-60: “Naquela época a revista *Panorama*, fiel ao princípio de informar e formar opinião pública, alinhou-se entre os órgãos que denunciaram com ênfase tais atos. Hoje, esta mesma revista oferece aos seus leitores uma reportagem sobre o ex-governador. [...] Lupion não é mais o político, alvo da fiscalização natural da imprensa, mas um homem que está com seus direitos políticos cassados. Se à primeira vista nossa atitude, realizando tal reportagem, poderia parecer incoerente contraditória em relação à nossa posição no passado recente, compreenderão os leitores que há uma absoluta coerência: ontem preocupa-nos com o homem público. Hoje, nos interessa o homem em sua intimidade. Um e outro, em cada época, representou a notícia. MARANHÃO, Carlos Roberto. Este você já conhece. *Panorama*, Ano XVIII, n. 190, Jul. 1968.

Fria) que, segundo se argumentava, não eram devidamente combatidos, o periódico atingiu a casa dos dez mil exemplares vendidos e passou a circular nas principais capitais do país.²⁶⁹ Técnica e conteúdo aliaram-se de maneira bem-sucedida na trajetória de *Panorama* que, ainda hoje, detém os recordes de tiragem e perenidade dentre as revistas paranaenses.

A situação financeira da revista *Panorama* retirava a necessidade de aliar-se a determinados poderes com vistas a manter-se no mercado. *Panorama* tinha o apoio da *Impressora Paranaense*, empresa de grande porte e, em 1957, organizou setor especializado em publicidade, sinal que contava com boa acolhida entre anunciantes. No mais, mantinha uma análise em que articulava as semelhanças partidárias entre Moysés Lupion e Juscelino Kubitschek aos equívocos específicos de cada um dos dois governantes. Representante da imprensa que via em JK linhas de continuidade com as políticas varguistas, e pior, um aliado das esquerdas (principalmente, em razão das posições de João Goulart), a revista se tornou notória crítica do governo, tanto estadual quanto nacional. Para *A Divulgação*, tornava-se difícil manter a crítica política em suas páginas, afinal, além da concorrência feita pela revista *Panorama*, a situação de Moysés Lupion não favorecia tal pauta. *Panorama* e *A Divulgação* sustentavam a mesma desconfiança em relação a JK, e se distanciavam somente no que se refere ao governo estadual. Talvez evitar o debate político tenha sido uma saída para evitar embaraços nas análises, o que poderia comprometer, se já não havia comprometido, a recepção junto ao público. Pouco a pouco, *A Divulgação* foi se afastando dos debates políticos e, para manter-se no mercado, procurou um setor que estava se fortalecendo na imprensa nacional e não tinha representantes no Paraná.

3.2 Rumo ao periodismo social e feminino

Em julho de 1956, editorial homônimo ao primeiro publicado pela *A Divulgação*, marcava o início das comemorações dos dez anos da revista e dava conta de sua trajetória: “São dificuldades sem conta que embargam nossa caminhada para frente: Curiosos chegam a nos fazer, verbalmente e por escrito, perguntas desconcertantes como esta: ‘Por que *Divulgação* vem se mantendo vitoriosa, até hoje, sempre com o mesmo aspecto interessante e atraente, quando outras publicações desse

269 OLIVEIRA, Osmann de. O perigo vermelho. *Panorama*, n. 56, p. 05-07, Jan. 1957.

tipo fracassaram?”” O segredo residia, de acordo com Arnauld Ferreira Velloso, nos anunciantes e leitores, no parque gráfico, que permitia autonomia no processo de produção, na qualidade do papel, que vinha de fora, no corpo de profissionais e colaboradores, ainda que lhe faltasse uma sede própria.²⁷⁰

A perenidade da publicação, contudo, não pode ser confundida com constância de perfil editorial. Sujeita, assim como os demais periódicos, às condições técnicas e às demandas sociais, *A Divulgação*, dez anos após seu lançamento, havia se transformado. O confronto entre o conteúdo dos editoriais intitulados *Divulgando*, o primeiro publicado em 1947 e o segundo em 1956, permite inferir algumas mudanças, posto que, embora a missão de divulgar as coisas do Paraná continuasse a tônica, no primeiro texto, a proposta era promover o intercâmbio das conquistas materiais e do espírito por meio da divulgação dos feitos paranistas e, no segundo, o paranismo foi deixado de lado em prol da divulgação “dos acontecimentos marcantes da vida paranaense”. Essa mudança que, em primeiro momento, não parece ser drástica – afinal, ainda se reclama o Paraná como pauta - no entanto, fez da revista cultural e intelectual lançada em 1947, um periódico de colunismo social, voltado ao público feminino.

Como visto no capítulo anterior, entre 1947 e 1955, *A Divulgação* era palco de debates densos a respeito de História, Economia, Política e ações governamentais, entre outros, todos desenvolvidos a partir da perspectiva de valorização regional, relacionados aos pressupostos do movimento paranista. Depois de 1953, registrou-se a gradativa diminuição das pautas *paranistas* em favor da cobertura dos eventos sociais e políticos. A partir de 1955, as transformações se aceleraram e suscitaram reflexões por parte de Velloso, que, em agosto de 1957, declarou a intenção de fazer de *A Divulgação* uma revista contemporânea:

Mais ainda, a sua adaptação ao estilo em voga. É evidente que a paginação, sobretudo, constitui ponto capital dessa maravilhosa transmutação. Esse setor exige especial cuidado. A disposição das imagens que acompanham o texto pressupõe acuidade estética. O noticiário, por sua vez, deve obedecer ao senso da medida. Aliás, as publicações congêneres, na atualidade, no país e no exterior, mostram essa vitoriosa exigência do leitor. Todos querem ver imagens atraentes e amplas, com sugestivas legendas, ilustrando descrições em forma de comprimidos. O prolixo foi superado pelo texto breve. A capa para o leitor

²⁷⁰ VELLOSO, Arnauld F. *Divulgando*. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Jul. 1956, que concluía: “Nesta altura de nossa peroração, resta-nos render merecida homenagem aos colegas que abandonaram a liça, vencidos pelas contingências do destino, afirmando, *pari-passu*, a nossa autodeterminação de prosseguirmos a nossa jornada compenetrados de nossa elevada missão, consubstanciada nesta vibrante e sugestiva legenda: *Divulgação*”.

assoberbado, sujeito às contingências da vida estafante, é motivo principal de atração.²⁷¹

As mudanças no periódico foram justificadas por Velloso com base nas supostas demandas do público que, sobrecarregado com os afazeres da vida moderna, não teria tempo para se informar em periódicos de leitura demorada; é de se notar, contudo, que a maior concorrente local d' *A Divulgação*, a revista *Panorama* seguia na contramão da fórmula apresentada por Velloso e, mesmo assim, dominava o mercado, estando à frente d' *A Divulgação* desde a segunda metade de 1950. Na tentativa de se manter no setor de impressos periódicos, o projeto de Velloso visou transformar as páginas da revista *A Divulgação* em depósito de um conjunto generoso de imagens daquele contexto, com a cobertura de uma pauta menos privilegiada nas suas concorrentes: os eventos da elite paranaense.

A transição de periódico cultural para uma revista de coluna social, contudo, não se fez sem sobressaltos e foi frequente a presença de textos cuja função era defender o novo campo de atuação d' *A Divulgação*, sinal de que havia alguma resistência local à nova agenda. Destaque-se que para muitos profissionais do periodismo impresso o *colunismo social*, assim como o periodismo *feminino*, era tarefa encarada como menos importante, no campo do jornalismo, quando comparados, por exemplo, ao debate político.²⁷² Velloso, ciente de que as mudanças no periódico o aproximavam cada vez mais desses gêneros ditos “menores” do universo dos impressos, argumentou que as redações dos periódicos formaram os primeiros intelectuais brasileiros, razão pela qual

²⁷¹ VELLOSO, Arnaud Ferreira. Fragmentos de um arquivo. *A Divulgação*, Ano XI, p. 01, Ago. 1957.

²⁷² É preciso, contudo, esclarecer que se para muitos profissionais da imprensa escrever sobre modas, receitas ou festas não era algo valioso, outros tantos perceberam o potencial de lucro e o impacto social que tais programas possuíam. Ao longo do século XIX, na primeira metade do século seguinte e, principalmente, a partir de 1960 muitos periódicos se dedicam a cobrir esses segmentos do mercado e, é preciso destacar, obtiveram significativo sucesso no mercado. No mais, estudos pontuam que os colunistas sociais foram bem sucedidos em atualizar o material que produziam e introduzir outros debates nas suas notas. Para Souza, “Com a industrialização, uma nova elite deixava para trás o baronato rural do café e despontava nas areias de uma até então idealizada Copacabana. O Brasil se urbanizava, e nos salões da sociedade, canapés, cascatas de camarão e jantares suntuosos davam o tom. As colunas sociais fizeram a crônica dessa elite, que sonhava em ser cosmopolita e deixar para trás o subdesenvolvimento. Silenciada em grande parte durante a ditadura Vargas, a esfera pública nacional não resistiu aos encantos de uma incipiente indústria cultural, representada pelas estrelas do rádio e do cinema, e gritou por mais entretenimento nos meios de comunicação. [...] As fronteiras entre o que era assunto público e privado – mais fortes até meados do século, foram aos poucos se rompendo. Nossos colunistas, ao misturarem os assuntos privados àqueles antes reservado às editoriais de política e economia, sem o saber estavam criando uma fórmula diferente de colunismo.” SOUZA, Rogério Martins de. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Rio de Janeiro: Escola de Comunicação (ECO), UFRJ, 2009. p. 222.

se devia enaltecer tais espaços e valorizar aquilo que deles emergia, mas alertava para as mudanças sociais:

A vida social moderna, com sua agitada movimentação, tendo por cenários os bastidores da diplomacia, os ambientes seletos, os lares requintados, os clubes aristocráticos fez emergir um tipo novo de cronista – o social – a quem estão afetos os comentários e descrições. A mulher, em suma, com seus requintes de graça, elegância e distinção é centro de todas as atenções. Um bom cronista, para poder expressar artisticamente seu pensamento, deve ler bons escritores, estudar, meditar e observar, a fim de que possa adquirir um apreciável cabedal de conhecimentos e penetrar na urdidura sutil da arte literária. Deve ter personalidade, vestir-se bem, ser jovial e comunicativo, pontual nos compromissos e comedido em suas observações. Nada de futilidades. A indiscrição, o tom ridículo, o espírito galhofeiro, as intriguilhas [sic] são artifícios em voga entre os medíocres. Nunca repisar os mesmos acontecimentos, ou manifestar admiração fanática por grupos ou pessoas. Em matéria de crônica social a movimentação é tudo. Renovação perene de personagens. Esse gênero requer muito cuidado, pois só será brilhante quando a linguagem for simples, espontânea, despretensiosa, fluente, sem pruridos desnecessários. A vaidade tem um preço, que em crônica mundana, não se afere só por cifras. O conteúdo espiritual é o que importa.²⁷³

O longo trecho deste editorial indica a tentativa de justificar as mudanças em curso em *A Divulgação*, além de defender a crônica social que teria como marca a novidade, a movimentação, os ambientes de encontro. Ao cronista social, não bastava dizer o que aconteceu, era preciso dizer com estilo quase literário, sem ser invasivo. De maneira evidente, Velloso tentava valorizar essa forma de escrita, quem a produzia e quem a publicava.

O colunismo (ou crônica) social diz respeito à cobertura de eventos promovidos pela elite econômica, política e cultural de determinada sociedade. A despeito do papel secundário desse tipo de produto jornalístico, alguns colunistas adquiriram fama, prestígio e influência, pois agradavam a um grupo significativo de leitores. No Brasil, o surgimento dessa figura ocorreu na década de 1950, em consonância com as transformações da sociedade brasileira, que se industrializava, convivia com a introdução de bens de consumo duráveis, urbanizava-se a passos largos e na qual a influência do jornalismo, segundo os padrões norte-americanos, se fazia sentir.²⁷⁴

²⁷³ VELLOSO, Arnald Ferreira. 2 fatos em revista: cronista social. *A Divulgação*, ano XI, p. 01, Maio 1958.

²⁷⁴ Apesar de escassas, as pesquisas sobre o advento do colunismo social mencionam sua origem nos Estados Unidos e destacam a figura de Walter Winchell, um imigrante que consolidou na década de 1920 o gênero *gossip columns* (colunas de fofocas). Segundo Beatriz Dornelles, a inovação de Winchell não foi noticiar os acontecimentos supérfluos das elites norte-americanas, mas acrescentar aos relatos

Especialmente os círculos da alta sociedade experimentavam inédito otimismo e muitos periódicos, mesmo os mais austeros, abriram espaço para o que parecia ser um interesse generalizado: as festas elegantes, os casamentos chiques, os eventos fechados, as celebridades do cinema e do rádio, a vida privada de políticos e empresários eram (e são) uma boa forma de vender jornais e revistas.

Apesar da orientação de Velloso, o que se percebe é que ainda que os personagens mudem, as informações são quase sempre as mesmas. Diferente das páginas jornalísticas diárias, nas quais a informação precisa ser *verdadeiramente* nova, nas colunas sociais não há inovação temática, embora se conte com variedade de espaços e de sujeitos.

Em *A Divulgação*, a repetição dos eventos é notável, pois, a partir de 1955, contava-se com mais de uma seção destinada à temática. A mais perene de todas, *Enlace*, como o próprio nome sugere, apresentava os novos casais paranaenses, sempre com o cuidado de nomear os progenitores, destacar a profissão e a atuação pública dos noivos, as distinções econômicas e simbólicas.²⁷⁵ A repetição de sobrenomes nos casamentos indica quão endógena era a elite local, cujas fortunas provinham da agropecuária, do mundo empresarial e do universo político.

Em janeiro de 1955 surgiu a seção *A Divulgação Mundana*, sob a responsabilidade de Régis Teixeira, que já ocupara cargo administrativo no periódico. Na estreia, anunciava-se o que o objetivo era apresentar o movimento social de Curitiba

bajuladores, notas em tom sarcástico; rompia-se dessa forma a linha respeitosa e neutra que a imprensa deveria manter com seus personagens, embora, nem todos fossem alvo dos comentários mais ácidos. No Brasil, na década de 1940, Manuel Antônio Bernardes Müller, sob o pseudônimo de Jacinto de Thormes, seguiu os passos do norte-americano e, ao narrar as banalidades da elite carioca incluiu comentários provocativos, além de mencionar personagens que não pertenciam aos grupos tradicionais. Entre o primeiro e o segundo, uma diferença é fundamental: Winchell tinha origem econômica menos favorável e, portanto, precisou, ao menos no início da carreira, dosar e direcionar suas críticas mais duras; Manuel Antônio pertencia ao quadro da elite carioca e fazia sua crítica com mais liberdade. Sobre isso ver: DORNELLES, Beatriz. *Características de produção da Coluna Social ao longo do século XX: dos EUA ao RS*. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/GTMIDIMP_DORNELLES-%20Beatriz.pdf. Acesso em: 23 de Jun. 2016.

²⁷⁵ A primeira aparição da seção *Enlace* ocorreu no número de Abri.-Maio de 1949. Entre essa data e janeiro de 1954, somente oito casamentos foram relatados pelo periódico, sempre entre pessoas de família de grande destaque na sociedade paranaense; a partir de janeiro de 1954 e até novembro de 1965, 140 cerimônias ocuparam as páginas do periódico. Para distinguir entre os matrimônios realmente significativos, do ponto de vista do periódico, adotou-se como estratégia abrir a seção *Enlace* com o subtítulo “*Enlace do mês*” que cobria o casamento de maior magnitude, ao qual seguiam outros menos relevantes. No geral, a revista oferecia cobertura fotográfica da cerimônia, principalmente, da noiva, com destaque para o vestido e joias utilizadas. Contudo, havia também notícias curtas com o nome dos noivos e data da cerimônia.

aplaudindo “[...] quando couberem palmas – mas criticando também.”²⁷⁶ A despeito da intenção do responsável, que também respondia pela crônica social no jornal *O Dia*, não houve críticas, mas notas sobre incontáveis festas em clubes e residências, os nascimentos, os batismos, os quinze anos, os cartões-postais remetidos do exterior.

A Divulgação Mundana desapareceu em julho de 1957, mas antes mesmo do seu fim, outras seções cumpriam função similar, a exemplo de *Aconteceu* que surgiu em junho de 1955, *Pirilampos* em novembro de 1956 e *Movimento Social*, em agosto de 1957.²⁷⁷ Todas apresentavam o mesmo padrão, notas de um parágrafo com a data, o evento, os convidados de destaque e um ou outro comentário mais detalhado. Para satisfazer eventuais curiosidades do público, detalhavam-se os eventos relatados sucintamente nas seções em reportagens recheadas de fotos que ocupavam boa parte do periódico.²⁷⁸ A partir de 1958, o colonismo social estava estabelecido, em definitivo, no periódico e a influência do modelo norte-americano pode ser medida pelo título de algumas seções, como *High Society* (publicada a partir de Março de 1958) e *Society Drops* (de Julho de 1958)²⁷⁹

A opção pela coluna social foi destacada por Lester, responsável pela seção *Pirilampos*, em setembro de 1956 em *Será um mal a crônica social?* O autor informava aos leitores que, a despeito do que se dizia normalmente, a crônica social não era mais uma das inovações modernas e negativas que se processavam na sociedade brasileira; tratava-se de um tipo de jornalismo histórico e, para comprovar, referiu-se ao jornal *A cidade* que, na década de 1920, divulgava a “[...]” *jeunesse dorée*”, de Curitiba, uma tardia “*belle époque*”, que causava sensação [...].²⁸⁰ Porém, argumentava que o colonismo social havia morrido no Paraná, embora tivesse sobrevivido no Rio de Janeiro e lá se constituía, então, num dos aspectos mais destacados dos impressos periódicos. Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued, *vedetes* das colunas sociais, lançavam à

²⁷⁶ TEIXEIRA, Régis. A Divulgação mundana. *A Divulgação*, Ano IX, p. 39 e 41, Jan. 1955.

²⁷⁷ Para a fase de transição, registra-se que além de Régis Teixeira, Lester e Scarlett assinaram as seções destinadas à cobertura social. O primeiro assinava a seção *Pirilampos*, a segunda assinava *Aconteceu*.

²⁷⁸ Um dado precisa ser considerado: entre janeiro de 1955 e dezembro de 1957, a revista publicou 361 reportagens, das quais 152 tinham como interesse os eventos sociais. Trata-se de um valor considerável e que não deixa muitas dúvidas a respeito da nova condição da revista.

²⁷⁹ Sobre as seções dedicadas a cobrir os eventos da elite local, é importante destacar que geralmente eram duradouras, embora não fossem publicadas em todos os números da revista. Além das citadas, existiam outras como: *Paranaguá Social* (Maio 1960), *Londrina Social* (Maio de 1960), *Calil Simão aponta as senhoras mais elegantes do Paraná* (Abril de 1960), *Pontos altos dos acontecimentos sociais* (Maio de 1960), *Divulgando* (Setembro de 1961), *Dino Almeida informa* (Março de 1962), *Ala jovem* (Maio de 1963), *Flagrantes sociais* (Março de 1964), *Anotei e divulgo* (Abril de 1964), *Carlos Yung comenta* (Junho de 1964).

²⁸⁰ LESTER. Será um mal a crônica social? *A Divulgação*, Ano XI, p. 16 e 32, Set. 1956.

luz nomes desconhecidos e obscureciam trajetórias de destaque, ainda que houvesse quem os tomassem por *tagarelas frívolos e levianos*, a despeito do “trabalho honesto conjugado com movimento, ação e eficiência.”²⁸¹

Personagens similares aos citados por Lester, colunistas de destaque também figuraram em *A Divulgação*, depois de 1960. Carlos Jung, Calil Simão e o mais famoso de todos, Dino Almeida, tiveram seções na revista que levavam seus nomes no título. Todos os três seguiram carreira no colunismo social e ainda hoje são reconhecidos no Paraná pela influência que exerceram na sociedade e na imprensa local, principalmente, na década de 1970. Suas seções em *A Divulgação*, contudo, não apresentavam nada que as diferenciasse das demais publicadas ali, ou seja, a marca autoral registrada nos textos de Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued não se percebia, ao menos naquele momento.

Diante do sucesso alcançado pelo colunismo social em outras paragens, não admira, portanto, que na *terra das araucárias* houvesse editores interessados no êxito que as notas rápidas alcançavam junto ao público. Afinal, esse era um projeto que favorecia, além dos proprietários de revistas e jornais, os membros das elites locais interessados em divulgar seu seletor estilo de vida e acrescentar aos bens materiais que já possuíam a imagem pública de sucesso e de promotores de experiências cultas.

As colunas sociais permitem mapear a ascensão e a queda das elites locais, evidenciar permanências e mudanças, ou seja, investigar as intrincadas relações que permeiam as dinâmicas sociais. Indivíduos que, favorecidos pela tradição e pela situação econômica, configuravam um círculo de relações que demandava predicados dos que aí almejam ingressar.

Ainda que se possa supor a existência de conflitos internos que permeavam o grupo dos colunáveis, esses desapareciam quando os indivíduos eram retratados nas páginas dos periódicos, pois o que sobressaía era a imagem do conagraçamento. Jean-Fraçois Tétu, ao analisar jornais que circulavam em pequenas regiões da França, pondera sobre essa imagem pacífica construída por e para as elites:

O que mais choca quando de uma leitura atenta das páginas locais é a ausência quase total de conflitos que, entretanto, constituem uma dimensão central da vida desses grupos, como se tudo o que é o objeto de uma disputa real de poder se encontrasse neles afastado em prol do espetáculo da concordância, que encontra nas manifestações culturais ou festivas seu símbolo mais significativo.

²⁸¹ Lester. 1956, *Op. cit.* p. 32.

Nessas páginas, a informação parece, desta forma, querer ser certificadora, demonstrativa, banalizante [sic] e promocional.²⁸²

O autor acrescenta, ainda, que esse tipo de produto jornalístico lida, no momento de sua construção, com diversos conflitos conhecidos do colunista e daqueles que são por ele retratados, do que resulta um esforço no sentido de planificar a narrativa e apagar quaisquer rugas que possam evidenciar, mesmo sem propósito, as disputas que ocorrem no interior do conjunto retratado. Ao homogeneizar a narrativa e evidenciar o sucesso do evento, referenda-se o *status quo* e se fornece outro tipo de poder para as elites que, além de deterem força financeira e política, apresentam-se como unificadas e pacificadas. Ainda que esses periódicos tivessem leitores entre os retratados, é preciso admitir a enorme circulação desses conteúdos entre outros grupos que não participavam das reuniões noticiadas, tampouco compartilhavam das rotinas privadas dos colunáveis. A maioria das informações que circulavam cotidianamente nas páginas de jornais ou revistas eram (e ainda são) construídas com base em uma complexa relação com o problema da veracidade do que se narrava e, a despeito de se admitir o peso das tendências e interesses, é possível supor uma intenção geral de aproximar-se do real. A situação não era a mesma no colunismo social:

Colunas sociais estão sempre nas *bordas do real*. Elas registram ações, eventos, opiniões, é claro. Mas, ao fazê-lo, subtraem o alicerce sócio espacial que lhes dá sentido amplo e reconduzem, mediante uma operação retórica, ações, eventos e opiniões para os domínios de uma espécie de sobre-realidade [sic]. Como se sabe, de acordo com uma das auto definições correntes entre seus produtores, elas são espaços de *magia* e *sedução*. Não estarei contando piada se disser que o jargão cai como luva. O mundo retratado pelos colunistas não possui o mesmo *estatuto de realidade* dos demais objetos de descrição midiática. Ele é, simultaneamente, a “verdadeira vida” e algo que está nas fimbrias da ficção.²⁸³

As *bordas do real* não deixavam de ter valor como dados culturais dotados de historicidade, a exemplo dos *estilos de conduta*, formas de aprovação e reprovação de determinado comportamento, laços que uniam indivíduos e famílias e a amplitude dessas relações e os limites espaciais dessas elites. Não menos importante foi o papel pedagógico e de mediação cultural ocupado por esses impressos. Tais possibilidades

282 TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell. *O Jornal: Da Forma ao Sentido*. Brasília: EduUNB, 2012. p. 440-441.

283 GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais. *Revista de História Regional*, v. 4, n.2, pp. 51-52, Inverno 1999.

estão disponíveis nas páginas de revista *A Divulgação*, uma vez que se conta com registros de diversos colunistas e reportagens relativas aos pontos de encontro das camadas abastadas paranaenses na década de 1950, o que não era uma exceção, mas estava em sintonia com tendência do periodismo nacional.

É certo que o columnismo social tinha no público feminino seu alvo predileto. Isso não significa que homens não se interessassem por essas notas, mas havia uma dupla perspectiva que inseria o columnismo social no quadro dos interesses femininos: de um lado, embora tivessem conquistado espaço político e educacional, as mulheres ainda eram vistas como intelectualmente inferiores aos homens e seus interesses continuavam, supostamente, restritos ao lar, daí se concluía que estavam pouco atentas aos densos debates políticos, econômicos, às relações exteriores ou à produção cultural, enquanto as *fofocas* eram tomadas como da alçada feminina.²⁸⁴

A predominância das colunas sociais, aliadas a outras seções, firmavam um projeto distinto para *A Divulgação*, ao mesmo tempo em que definiam um novo público que, até então, não havia sido privilegiado pelos responsáveis pela revista. Escrever quase que exclusivamente para mulheres envolveu mudanças na concepção editorial, com a diminuição do espaço destinado à publicação de discussões políticas, econômicas, literárias e o favorecimento de seções a respeito de modas, beleza, festas, filhos, entre outros. Ainda que seja de se enfatizar, que nos primeiros anos, havia algumas dessas seções para atender as esposas e filhas dos leitores priorizados pela revista *A Divulgação*, essas eram pouco representativas em termos quantitativos.

Da política migra-se para festas, vestidos, matrimônio, lar, marido e filhos. Entretanto, a passagem dos anos 1950 para a década seguinte comportava outras representações sobre o que significava *ser mulher* e *A Divulgação*, pela ação de Isolda Maria Carnascialli Velloso, promoveu uma tímida, mas significativa inovação.

²⁸⁴ A fofoca, no sentido contemporâneo, não é prerrogativa de mulheres e existem esforços consistentes de pesquisadores para desconstruir tal estereótipo. Contudo, o estereótipo que se pretende desconstruir tem lastro histórico e foi elaborado em função de contextos sociais e culturais específicos. Uma análise que prioriza o processo de elaboração da relação fofoca/mulheres pode ser encontrada KARTZOW, Marianne Bjelland. *Gossip and gender: other of speech in the pastoral epistles*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 14 Fev. 2016. A autora reforça que o recurso à linguagem da fofoca funcionava como forma de participar da vida pública, tradicionalmente restrita às mulheres. Assim, foi nas trocas informações orais e fluídas que se construíam códigos de conduta, fomentavam sociabilidades e sensações de pertencimento, e algumas mulheres encontravam uma forma de atuar socialmente, a partir de um poder localizado, mas, igualmente orientador e punitivo.

Cabe destacar que, no Paraná,²⁸⁵ foi somente no início do século XX que títulos como *Revista Moderna* (1916), *Sulina* (1919-1921) e *Senhorita*²⁸⁶ - cujos conteúdos vinculavam-se mais diretamente ao público feminino - se afirmaram.²⁸⁷ Outras revistas não femininas, como a *Olho da Rua* (1907-1911), *Ilustração Paranaense* (1927-1930), *Gran-Fina* (fundada em 1940, deixou de circular em data incerta), *Panorama* (surgiu em 1951 e circula até hoje) e a própria *A Divulgação* - na sua primeira fase - traziam receitas, dicas de moda, orientações sobre a organização do lar e os cuidados com a família, sem que fosse esse o seu principal objetivo. Mesmo assim, difundiam uma dada imagem do feminino e demarcavam as características tidas como apropriadas.

Panorama também mantinha, na segunda metade da década de 1950, as seções *Correio do Coração*, assinada por Dona Vera-Lúcia, uma espécie de conselheira sentimental que orientava jovens e senhoras a respeito de questões sentimentais, e *Panorama Feminino*, que objetivava divulgar as novidades da moda, da organização doméstica e, vez por outra, aconselhar as leitoras. Uma breve análise do conteúdo *feminino* veiculado pela revista *Panorama* aponta o cuidado em enfatizar a responsabilidade da mulher frente ao bem estar da família: “Lembre-se de que ele [o marido] tem sempre algum motivo para ficar zangado. Não o perturbe. Se chegar cansado e mal humorado do trabalho, ofereça-lhe uma massagem, um bom jantar. Lembre-se de que qualquer reação fora disso, poderá servir para acusar-lhe de ser uma

²⁸⁵ No segmento dos impressos femininos, a situação paranaense apresentou descompasso em relação a outros centros, onde desde a primeira metade do século XIX já existiam periódicos dedicados às mulheres. Segundo BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 37, o primeiro periódico feminino foi *O Espelho Diamantino*, fundado no Rio de Janeiro, em 1827. Ao se considerar que a imprensa, no Brasil, teve autorização institucional para funcionar somente com a chegada da corte em 1808, não há uma diferença fundamental de datas entre a fundação de periódicos gerais e aqueles dedicados ao público feminino. Situação diversa ocorreu no Paraná que, como se viu, só foi ter periódicos femininos no século XX e, mesmo nesse momento, foram poucos os projetos nesse segmento.

²⁸⁶ Segundo o projeto *Revistas Curitibanas*: “*Senhorita*: Revista lançada em Curitiba em julho de 1920, dirigida por Rodrigo Junior e Heitor Stockler, *Senhorita* destacou-se como um periódico voltado ao público feminino. Impressa no formato de 22x17cm e com tinta de cor sépia, a revista era comercializada ao preço de 600 réis o exemplar. A diagramação da página inicial assemelha-se mais a um jornalzinho, sem imagens, com o título ladeado por vinhetas ornamentais e alinhado numa faixa superior da página, e o restante do conteúdo disposto em duas colunas justificadas. Contém poemas, textos sobre assuntos de interesse feminino, publicidades e humor. Quanto às imagens no interior da revista, há desde elementos decorativos, fotografias de pessoas do meio social curitibano até ilustrações humorísticas acompanhadas de textos, compondo pequenas anedotas sobre questões de gênero. As ilustrações não estão assinadas.” Disponível em: <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/ordemalfabetica.php#> Acesso em: 19 maio 2016.

²⁸⁷ Além de *Senhorita*, recentemente foi apontada a existência do jornal curitibano *A Mocinha* “folha dedicada às moças”, cujo único exemplar preservado (n.º04, Mar. 1888), está no abrigo do Acervo de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Não se conta com maiores informações. DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

destruidora de lares, pois ninguém aguentará um casamento com alguém assim.”²⁸⁸ Embora os conselhos sejam apresentados por uma mulher (a acreditar que Dona Vera Lúcia de fato existia e que o gênero correspondesse ao nome), prevalecia a perspectiva submissa interditando, inclusive, a criação artística. Contudo, nos anos 1960, *Panorama* abandonou esse tipo de temática e passou a dedicar-se, quase que exclusivamente, à pauta política, num movimento oposto ao que se observa em *A Divulgação*, que acabou por se dedicar ao colonismo social e ao universo *feminino*.

3.3 *A Divulgação* feminina: temas abordados na diacronia

A primeira seção dirigida ao público feminino em *A Divulgação*, *A Mulher no lar e na sociedade*, data do último número de 1949, portanto, pouco mais de um ano depois da fundação do periódico. Sob a responsabilidade da redação, conforme indicação do sumário, os textos traziam conselhos sobre lar, receitas de beleza e culinária e sugestões de como as mulheres deveriam se comportar nos espaços públicos – ônibus, bondes, praças – indício de que já não era possível ignorar sua presença para além do mundo privado. Em *Livros*, por sua vez, comentava-se brevemente os lançamentos, que poderiam interessar ao público feminino, com o cuidado de indicar a faixa etária a que se destinava a obra: “Entre o amor e o pecado por Katleen Windor. NOTA: Não recomendamos a leitura desse livro para menores de idade ou senhoritas, apesar de ser de fundo histórico. [...] Para moças: Perfis de mulher de José de Alencar.”²⁸⁹ Além disso, vale sublinhar que a revista, já naquele momento, abria espaço para a contribuição feminina: Rosy de Sá Cardoso assinava a seção *Sociais*, e autoras como Marita França, Cleusa Velloso e Graciette Salmon publicavam textos variados.²⁹⁰

²⁸⁸ *Panorama*, 1957, p.15 Apud SANTOS, Jasmine A. H. *Quem é a mulher paranaense?* Fragmentos de um perfil identitário na revista *panorama* (1950-1980); disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/GTMIDIMP_SANTOS-%20Jasmine%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/GTMIDIMP_SANTOS-%20Jasmine%20(3).pdf) Acesso: 23 Jun. 2016. A autora não tem preocupação com uma problematização historiográfica, mas desenvolve um trabalho importante de recolhimento desses “fragmentos” responsáveis pela constituição de uma determinada, e suposta, identidade feminina.

²⁸⁹ *A Mulher no lar e na sociedade. A Divulgação*, Ano II, p. 21, n. 24-25, Nov. Dez. 1949.

²⁹⁰ Rosy de Sá Cardoso era, é bem verdade, responsável por uma produção considerada de menor relevância e exigência intelectual. Como dito acima, notas sociais e jornalismo feminino foram considerados por muitos anos um tipo jornalismo menor. Contudo, Rosy publicou também alguns contos, Marita França escrevia textos sobre História; Cleusa Velloso densas análises sociológicas e Graciette Salmon um amplo conjunto de poemas, sinal de que a produção intelectual feminina gozava de certo prestígio e reconhecimento em *A Divulgação*; contudo, essas publicações não faziam frente ao conjunto de textos assinados por homens.

Algumas notas mais audaciosas surgiam vez por outra. Em meados de 1950, próximo ao período da eleição, um pequeno parágrafo conclamava as mulheres à participação política e orientava-as a respeito de quem deveriam escolher no pleito: “Mulher paranaense! Manifesta tua vontade soberana nas urnas, a 3 de Outubro, votando nos candidatos que podendo [sic] defender as tuas mais justas reivindicações no tocante aos direitos políticos.”²⁹¹

A luta pelos direitos políticos das mulheres passava pela delicada questão do divórcio, com *A Divulgação* alinhando-se, uma vez mais, às propostas mais conservadoras. Na seção *Página Acadêmica*, dedicada a comentar assuntos relacionados à Universidade Federal do Paraná, na edição de Jan.-Fev. de 1952, entrevistaram-se dez jovens acadêmicos a respeito da questão e todos manifestaram-se contra a aprovação do divórcio, sob argumentos como religião, desmantelamento da família vista como a estrutura básica da sociedade, abandono dos filhos, *involução moral*. Alguns ressaltaram que a separação não deveria ser a primeira opção.²⁹²

Contudo, a despeito da homogeneidade das respostas, é inegável que a própria decisão de entrevistar já indica que a tensão estava instalada. É sintomático que dos dez entrevistados, seis eram mulheres e cursavam medicina, odontologia, engenharia, direito e filosofia, profissões que, em décadas anteriores, lhes seriam vedadas. O acesso à educação formal e à especialização profissional construiu um novo cenário possível para a atuação feminina e abriam portas que dificilmente seriam fechadas.

O primeiro indício do interesse mais profundo pelo público feminino, por parte dos responsáveis pela *A Divulgação*, foi o surgimento, em maio de 1956, de capas com novo padrão estético: o rosto de jovens paranaenses passou a estampar o frontispício do periódico. O novo recurso das capas visava, por um lado, fixar um perfil dessas mulheres a partir do reforço da impressão de beleza; por outro, abria a possibilidade de identificação quase imediata das leitoras com o periódico. A face do periódico era também a face da jovem mulher paranaense. As mulheres consumidoras passavam a ser privilegiadas pela revista.

²⁹¹ A mulher no lar e na sociedade: Mulher paranaense. *A Divulgação*. Ano III, p. 28, Jun. Jul. Ago. 1950. O direito ao voto feminino, que havia mobilizado mulheres, políticos e impressos a partir do século XIX, foi alcançado no Brasil na década de 1930, porém, isso não significou uma mudança radical nas condições socialmente construídas para as mulheres.

²⁹² SECUNDINO JR., Otávio. Página acadêmica. *A Divulgação*, Ano V, pp. 32-33, Jan.-Fev. 1952.

A presença de jovens foi dominante na revista e, entre 1955 e 1958, seções, como *Modas* (a partir de setembro de 1956), ofereciam ao público, especialmente às debutantes, dois croquis assinados pelo estilista Arnaldo José, acompanhadas de títulos relativos ao universo feminino (encanto, delícia), com orientações sobre os tecidos e outros detalhes a respeito da confecção do modelo; *A mãe elegante*, surgida um mês antes, destacava as jovens mães por sua beleza e elegância, além disso, as notas sobre bailes da sociedade *Thalia*, *Clube Curitibano*, *Clube Concórdia* e outros, priorizavam, via de regra, as debutantes

A valorização da juventude e da beleza não era propriamente uma novidade, mas foi na década de 1950 que a propaganda ajudou a forjar uma nova prescrição da feminilidade.²⁹³ A maternidade e a vida doméstica continuavam a ser importantes orientações do comportamento natural feminino, *sem história*, conforme sugestão de Carla Bassanezi Pinky.²⁹⁴ No entanto, o que se percebe foi o aumento da preocupação em orientar o comportamento das *jovens*, ensiná-las como deveriam agir para serem *moças de família* e não *moças levianas*. A virgindade (não o ato sexual), os primeiros flertes, a entrada no mundo social via bailes de debutantes, o nível necessário de instrução, as prendas importantes de serem aprendidas eram as pautas mais frequentes e, pode-se inferir, dirigiam-se às jovens mulheres, posto que essas poderiam seguir, por falta de orientação, caminhos tortuosos. Esse cuidado com a juventude, principalmente com a juventude feminina informa sobre os elementos que preponderavam naquela organização social e relacionava-se com a sensação de crise de valores, propiciada pela emergência de novas propostas culturais, isso num momento em que a sociedade brasileira conhecia significativas mudanças.

Após o final da II Guerra Mundial, emergem novos lugares sociais para as mulheres, notadamente para as das classes médias. Muitas trabalhavam para suprir a falta de braços masculinos em fábricas e empresas; outras destacaram-se como

²⁹³ Denise Bernuzzi Sant’Anna aponta: “Ora, a partir da década de 1950, os conselhos de beleza e inúmeras publicidades declaram sem hesitação que ‘toda mulher tem o direito de se tornar bela e tão bela quanto suas artistas prediletas’. Tratava-se não apenas de uma promessa. Era um aviso, um alerta, algo que mudaria o modo de ser feminino. Menos do que um dom, glamour e beleza, mostrava a imprensa, são os resultados de uma conquista individual e de um trabalho que não tem hora para acabar. ‘Hoje é feia somente quem quer’.” SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpo e beleza: sempre e bela*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. 2013, *Op. Cit.*, p. 115.

²⁹⁴ “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação” BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: PRIORI, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 610.

pensadoras do período de crise e ousaram questionar o destino tradicional que lhe eram impostos (matrimônio e a maternidade), o que não era inédito na experiência das mulheres, afinal, existem numerosos relatos de trabalhadoras, principalmente a respeito daquelas que pertenciam as camadas mais carentes da população. As circunstâncias de submissão conheceram inflexão graças, entre outros fatores, à estruturação do parque industrial, o avanço dos bens de consumo, a urbanização e a entrada no mercado de trabalho, o que abria outras possibilidades de experiência.

O cinema, o rádio e as fotonovelas inseriam e contribuía para construir sensibilidades e subjetividades. A valorização do amor como guia na escolha do futuro marido reorganizava os antigos arranjos matrimoniais, ao mesmo tempo em que colocava, de maneira sutil, a possibilidade de as jovens exercerem certa autonomia. Além disso, muitos filmes colocavam em questão valores sociais e louvavam a juventude *rebelde* e *sem causa*, que fornecia novos modelos de comportamento. Nesse contexto, não admira que se considerasse urgente tutelar as jovens, que estavam, mais do que nunca, sob ameaça diante das opções que se lhes apresentavam.

As tensões entre os espaços tradicionalmente ocupados pelas mulheres e a questão das novas representações da feminilidade relacionadas a ideais de juventude/beleza,²⁹⁵ podem ser esmiuçadas a partir da terceira fase do periódico *A Divulgação*, momento em que uma mulher de *mais idade* assumiu um cargo de direção na revista. A questão de quais espaços sociais as mulheres deveriam ocupar e quais características deveriam ser valorizadas passou a se insinuar de maneira mais frequente na revista e, como de costume, coube inicialmente a Arnauld F. Velloso refletir sobre o tema:

²⁹⁵ Alda Britto da Motta enfatiza que as formas como a infância, a juventude e a velhice constituem o tecido social são historicamente construídas; os lugares sociais ocupados por sujeitos a cada novo ano de vida são, igualmente, fruto mais das interações sociais do que do envelhecimento biológico do corpo. Para autora: “É que historicamente a sociedade, a par de ter-se desenvolvido tendo a idade - e o sexo/gênero - como critérios fundamentais de organização e integração social, principalmente de participação na divisão do trabalho, foi construindo, ao mesmo tempo, formas organizativas outras que redundaram em discriminação, marginalização ou exclusão igualmente baseadas na idade - assim como em critérios relativos ao gênero. E de tal forma que, na modernidade, a vida social apresenta-se impregnada de etarismo (*ageism*). Tanto quanto de sexismo. Apenas o preconceito/discriminação contra a idade se apresenta de forma menos perceptível, mais sutil que o sexismo, porque mais naturalizado pela evidência dos registros da passagem do tempo nos corpos. E os corpos são de várias idades, em suas diferentes transformações e possibilidades, individuais e sociais.” MOTTA, Alda Britto. A atualidade do conceito de geração na pesquisa sobre o envelhecimento. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200005 Acesso em: 08 Ago. 2016.

Na consagração dos feitos dos homens, raramente se encontra uma singela referência à emulação que ele, herói de todos os dramas, recebe da companhia de todas as horas. É um lapso lamentável o silêncio sobre a participação decisiva da mulher na conquista de tantos ideais. Sem embargo, ela é o anjo tutelar que colabora diuturnamente em todos os episódios da luta cotidiana. É, sem dúvida, a maior responsável pelos triunfos nas procelas da existência. Quando a pátria rende homenagem a um herói, a um mestre insigne, a um cientista emérito, a um político sagaz nas citações nenhuma referência existe sobre as supremas inspiradoras de tantas conquistas.²⁹⁶

O texto, publicado em junho 1957, pode ser interpretado como uma autocrítica, pois esse *lapso lamentável*, esse *silêncio* constante a respeito da atuação das mulheres nas conquistas de toda ordem era ainda mais problemático na medida em que Arnauld F. Velloso, o editor-proprietário d'*A Divulgação*, casado desde o início dos anos de 1940, com Isolda Carnascialli Velloso, jamais havia reconhecido a atuação da esposa nas suas conquistas.²⁹⁷ No mês seguinte, tal reconhecimento veio com Isolda assumindo o cargo de Supervisora Artística e Social do periódico e, pode-se afirmar, que essa novidade era, por si só, um indício da nova situação feminina.

Não foi possível estabelecer as razões que a levaram a deixar os bastidores e figurar na portada de *A Divulgação*, porém, é fato que não se tratavam de razões de ordem financeira. É mais plausível supor que ocorreu uma negociação doméstica frente ao interesse da esposa de administrar, de fato, o periódico, quiçá desgostosa com o papel secundário que desempenhava. Não é despropositado supor, também, que administrar *A Divulgação* fosse uma forma de Isa ocupar-se, depois de haver criado as duas filhas do casal.

O fato é que a partir de julho de 1957, Isa C. Velloso figura no expediente, ocupando o último lugar na hierarquia da apresentação, sendo o seu o único nome grafado em letras menores.²⁹⁸ As informações sobre Isa são escassas, muitas retiradas da

²⁹⁶ VELLOSO, Arnauld F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XI, p. 01, Jun. 1957.

²⁹⁷ Em janeiro de 1965, ou seja, mais de sete anos após a publicação do editorial citado acima, Arnauld Ferreira Velloso recebeu o título de cidadão honorário de Curitiba em evento no Palácio Rio Branco. Muitas personalidades políticas, econômicas e literárias estiveram presentes na cerimônia em que foram louvados os feitos do militar baiano em terras paranaenses; o título lhe foi concedido em função de sua atividade no setor da imprensa, considerada de grande relevância para o desenvolvimento do Paraná. Após receber o título, Velloso discursou e demonstrou grande felicidade pelo reconhecimento público, e em “um singelo ato de amor e reconhecimento”, presenteou, ainda no púlpito, a esposa com o diploma entregue pelo prefeito Ivo Arzua. Marchsini Jr. Título de cidadão Honorário de Curitiba para Arnauld F. Velloso. *A Divulgação*, Ano XVIII, n. 200-202, n.p., Jan. 1965.

²⁹⁸ A lista seguia a seguinte ordem: a) Diretor: Arnauld F. Velloso, b) Colaboradores com nomes que variavam em função do número, c) Cronistas: Edla Luci, Ernani G. Correa, João Régis, d) Fotos: reportagens fotográficas de *A Divulgação*, d) Supervisão Artística e social: Isa C. Velloso. Depois do

própria revista.²⁹⁹ Filha de duas tradicionais famílias paranaenses (Carnasciali pelo lado paterno e Westermann pelo lado materno) foi educada por freiras e, após a Primeira Guerra Mundial, frequentou o Colégio Progresso, tendo sido educada em português e alemão. Graduou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, porém, não há menção sobre a área específica de formação, além disso, frequentou, graças às relações familiares, os círculos intelectuais paranaenses e manteve contato direto com nomes como Romário Martins e David Carneiro. Contudo, há indícios de que seu casamento com Arnauld Ferreira Velloso motivou rompimento familiar, em função da condição do pretendente que era afrodescendente, o que lhe privou das vantagens que o sobrenome e a condição financeira lhe garantiam, apontando para a determinação de uma mulher letrada e capaz de se rebelar contra convenções sociais.

Isa dedicou-se à família, mas também aos negócios do marido, tanto que o ajudou a estruturar o periódico, que tomou quase duas décadas de suas vidas, e foi a responsável pela negociação do maquinário adquirido para a revista em 1953, para o que foi fundamental o domínio da língua alemã. Pouco dada à vida pública, mantinha, entretanto, relações com políticos e empresários do estado e menos com figuras da elite tradicional, além de ter especial interesse por atores de teatro nacionais e receber, em sua casa, nomes como Paulo Autran e Tônia Carrero.

Nos primeiros anos, seu nome não constava como colaboradora, ainda que seja lícito suspeitar que Isa sustentasse, de alguma maneira e indiretamente, a publicação, por meio de atuação nos bastidores. Foi a partir de sua entrada no periódico que *A Divulgação* consolidou-se como periódico voltado ao público feminino, posto que temas, que anteriormente não tinham espaço específico ganharam seções, cujas temáticas revelam o público: *Modas* (Junho de 1957), *Passarella* (Junho de 1957), *A mãe do ano* (Junho de 1957), *Desfiles* (Agosto de 1957), *Álbum de Família* (Agosto de 1958), *A Jovem do mês* (Agosto de 1958).³⁰⁰ Além dessas seções, com a entrada na Isa na equipe administrativa, tornaram-se frequentes as entrevistas com mulheres, bem como textos a respeito da educação dos filhos.

nome de Isa seguiam dados de endereço e contato, ainda os mesmos dos primeiros números da publicação.

²⁹⁹ Ao que tudo indica, Isolda preferia levar uma vida discreta e o perfil aqui traçado é devedor de reportagens, seções e notas publicadas na própria revista *A Divulgação*. Destaco aqui a pequena nota biográfica publicada na seção Sublimes Inspiradoras. CORREA, Ernani G. Sublimes inspiradoras. *A Divulgação*, Ano XI, p. 24, Jan. 1958.

³⁰⁰ Foram destacadas somente as seções surgidas dentro do período de um ano após a entrada de Isolda Carnasciali Velloso na administração do periódico.

Em termos estritamente quantitativos, a prioridade continuou a ser os eventos da elite paranaense, muito provavelmente em razão dos benefícios financeiros que tais pautas rendiam ao periódico.³⁰¹ No mais, abandonou-se a publicação de artigos longos, com mais de duas páginas, em prol da inserção de seções, notas e reportagens, que davam a impressão de atualização constante dos temas e não exigiam leitura atenta e demorada. E foi nas seções que Isa incluiu uma nova representação da mulher, que não priorizava o lar e os filhos, mas a formação cultural e intelectual de senhoras e, mais tarde, a atuação profissional feminina, conforme revela a análise.

A primeira inovação a ressaltar foi o destaque dado a diferentes perfis femininos. Se anteriormente valorizava-se a jovem, antes e nos primeiros anos após o casamento, em dezembro de 1957, a seção *Sublimes inspiradoras*, assinada por Ernani G. Correa, foi apresentada como iniciativa inédita no periodismo paranaense. Um mês antes, quando a seção foi anunciada, Arnauld F. Velloso destacou o novo espaço com breve texto no qual ensaiou uma interpretação das trajetórias femininas:

No curso da história, desde a mais remota antiguidade, a mulher tem desempenhado papel relevante em todos os setores da atividade. Como esposa e como mãe, no lar e na sociedade, até mesmo nos campos de batalha, tem ela dado provas de seu heroísmo, de sua abnegação. Existe vasta e contraditória literatura sobre a mulher. Muitos autores colocam-na em posição de suprema arquiteta dos fatos históricos. Outros negam-lhe méritos. É uma personagem contraditória, injustiçada mesmo. Mas a verdade é que a mulher, aqui e alhures, ontem como hoje, no desempenho de sua espinhosa missão tem se revelado sobretudo sublime.³⁰²

Foi entre os extremos que se procurou colocar *A Divulgação*, com a pretensão de dar conta da real atuação feminina. A nota de apresentação da seção alertava: “Não somente a beleza, o charme, a elegância com que tão bem sabem se portar. Mas outra faceta... [...] Algo sobre seus gostos, preferências, trabalhos em prol da assistência

³⁰¹ Em editorial de Julho de 1959, Velloso uma vez mais narrou as dificuldades que assaltavam os periódicos sociais. A partir de um apanhado histórico, evidenciava que a maioria dos periódicos com tais características haviam sucumbido poucos números após o lançamento, por falta de renda. Os valores obtidos mediante assinatura, venda avulsa e publicidade, segundo o editorialista, não eram suficientes para que esses periódicos sobrevivessem no mercado. Como *A Divulgação* conseguiu sucesso? Para Velloso, a razão foram as matérias pagas, ou seja, aquelas reportagens que eram contratadas por segmentos cultos da sociedade que, conscientes das vantagens da divulgação de seus eventos, contratavam os serviços da imprensa. Finaliza afirmando: “É preciso que se diga que uma revista social só pode ser mantida pela sociedade.” VELLOSO, Arnauld F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XII, p. 01, Jul. 1959.

³⁰² VELLOSO, Arnauld F. Dois temas em revista. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Nov. 1957.

social, gotas de espírito, leituras, clubes, viagens...”³⁰³ É difícil afirmar se, de fato, se tratava de iniciativa inédita no conjunto dos impressos estaduais, mas marcava, sem dúvida, um movimento inédito no interior do próprio periódico.³⁰⁴

A seção ocupava quatro páginas e sempre trazia uma fotografia, acompanhada de nota biográfica e uma entrevista em que essas mulheres relatavam seus gostos, interesses e projetos. Ao todo, 27 mulheres foram apresentadas ao público até janeiro de 1959, quando a seção foi extinta; todas eram casadas e os dados biográficos mencionavam o nome do marido. De saída, poder-se-ia supor que o título indicava que as selecionadas fossem fonte de inspiração para seus maridos e cujas vidas não despertavam interesse por si mesma. Entretanto, o tom das questões priorizava os gostos pessoais, a individualidade o que, de certa forma, lhes restituía a importância apagada e as transformava em potenciais inspiradoras para outras mulheres.

Para ultrapassar a ideia de que essas senhoras tinham uma existência sombreada pelos laços matrimoniais, *A Divulgação* deu-lhes espaço e permitiu que expressassem seus interesses particulares. O gosto pela leitura, teatro, viagens, cinema e atividades filantrópicas sugere que essas mulheres tinham experiências que ultrapassavam a vida doméstica. Ao invés de apresentações que valorizassem o lar, evocava-se termos relacionados ao universo intelectual: “[...] extremamente culta, autora de diversos livros e de um sem número de crônicas [...] a expressão máxima do intelecto feminino destas paragens”.³⁰⁵

A maternidade e o matrimônio não eram diretamente confrontados, mas integrados a outras atividades do universo feminino, o que pluralizava as possibilidades, abertas às mulheres mais velhas, casadas e com os filhos adultos, senhoras (da elite, é verdade) que poderiam entregar-se a outros prazeres. Eis o público a que se dirigia a revista.

Isa Carnascialli Velloso também figurou no quadro das *Sublimes inspiradoras* e foi a única que nada disse a respeito dos seus gostos. Deixou a EGC, o responsável pela seção, a missão de descrevê-la e elencar seus predicados: apego à família e a inscrição

³⁰³ CORREA, Ernani G. Sublimes inspiradoras. *A Divulgação*, Ano XI, p. 10, Dez. 1957.

³⁰⁴ Desde setembro de 1954, a revista apresentava a seção *Os que realizam o progresso no Paraná* e a partir de setembro de 1957, *O nome do mês* veio a lume. As duas tinham como objetivo destacar nomes importantes no setor industrial, comercial, artístico e político. Em todas as oportunidades de publicação, a revista dedicou-se a apresentar homens que deveriam inspirar a ação dos conterrâneos. *Sublimes inspiradoras* escolhia como modelos as mulheres.

³⁰⁵ CORREA, Ernani G. Sublimes inspiradoras. *A Divulgação*, Ano XI, p. 24, Jan. 1958.

no restrito círculo das mulheres cultas e letradas. A despeito de, oficialmente, estar ocupada com as atividades da revista, tal aspecto não foi mencionado.

Em fevereiro de 1959, *Sublimes inspiradoras* deixou de figurar no periódico e, em seu lugar, surgiu, no mês seguinte, *Elas enaltecem está galeria...*, que mantinha inalterado o projeto de tornar públicos os interesses das grandes damas da sociedade paranaense. A fórmula era praticamente idêntica, mas, avançava no que respeitava aos interesses femininos. As entrevistadas discutiam e não somente listavam seus interesses literários, musicais, artísticos e esportivos, ainda que muitas confessassem não poder fundamentar suas opiniões, enquanto outras se arriscavam a negar o caráter artístico das vanguardas no campo das artes plásticas, reafirmando o gosto pelos clássicos, cujo valor havia sido provado no passado. Outro tema dizia respeito aos melhores modelos educacionais, evidenciando que a *mulher paranaense* no singular, correspondia, de fato, a mulheres de uma dada camada social cujas experiências ora eram compartilhadas, ora apontavam para distinções internas, ainda que essas não chegasse a afrontar a ordem e a prática social dominantes, pois todas opinavam a partir de um espaço que lhes era consagrado, o lar.³⁰⁶ A pauta relativa à atuação profissional da mulher surgiu em maio de 1961, na seção *Elas também governam*, que teve vida curta (foi publicada somente em três ocasiões), mas colocou a questão a partir da mesma fórmula, ou seja, consultar a opinião do seletor grupo que figurava nas páginas do periódico.

Se é evidente que o trabalho feminino esteve longe de se iniciar após 1945, foi nesse período, notadamente no final dos anos de 1950, que houve incremento da presença feminina no mercado de trabalho, situação que tem forte ligação com o processo de urbanização:

A partir da década de 1960, a empregabilidade feminina crescerá de forma sistemática tornando-se constante, intensa e diversificada. Vários elementos contribuirão para tanto. A redução do poder de compra e o arrocho salarial colocaram o xeque a sobrevivência e capacidade de consumo das famílias, levando as mulheres de setores populares ao mercado de trabalho. Mudanças comportamentais (trazidas pelos movimentos feministas e de contracultura) alimentaram novas expectativas femininas, despertando o desejo de autonomia financeira e de realização profissional nas mulheres de classe médias.³⁰⁷

³⁰⁶ É importante ressaltar que a valorização de experiências distintas das mulheres paranaenses mantinha inalterado o corte de classe. Não houve, em momento algum, menção a mulheres das camadas populares..

³⁰⁷ MATOS, Maria Izilda. BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

Em 1950, 15,8% da força de trabalho urbano era formada por mulheres, e, na década seguinte, o montante subiu para 18,3%,³⁰⁸ indicando crescimento modesto, o que não altera seu peso simbólico na ordenação das relações de gênero. Para Carla Bassanezi Pinsky, na metade do século XX enfatizaram-se posições contrastantes em relação à ocupação dos postos de trabalho:

[...] quando a tendência a uma maior participação feminina em no trabalho assalariado parecia um fato incontestável, vozes se ergueram para manter a mulher “no seu devido lugar”, mostrando os efeitos negativos da emancipação feminina: “Em nome da liberdade econômica ou de um simples capricho”, a mulheres “abandonam o lar”, aumentam o desemprego dos homens, “reforçam o luxo e a vaidade”. E não é só a sociedade que perde com isso, as mulheres também saem prejudicadas – ao “abraçar as vantagens materiais” de uma profissão, comprometem a feminilidade, o respeito dos homens e os “privilégios de seu sexo”; renunciam aos agrados e carinhos e dão à sua existência “um sentido vão e estéril”; deixam o aconchego do lar para adentrar em “um mundo competitivo e cruel”. A “mulher que trabalha” frequentemente, é “infeliz” e “frustrada”.³⁰⁹

Às protagonistas desse processo irreversível restava equacionar, de alguma forma, esses lugares, ou seja, o historicamente ocupado e o que surgia como possibilidade nova. Em *A Divulgação*, elas opinavam sobre a sua profissionalização e é pertinente destacar alguns trechos: “[...] o feminismo é um movimento social vitorioso”, “A mulher, em suma, na administração tem demonstrado ser um verdadeiro e inestimável sucesso”,³¹⁰ “Entendo que a participação da mulher em todas as atividades da vida moderna é um imperativo da época em que vivemos”, “[...] a mulher em paridade com o homem, deve exercer cargos político-administrativos”, “Não há motivos que impeçam a mulher de exercer cargos políticos e administrativos se está convenientemente preparada e capacitada para isso”,³¹¹ “[...] as mulheres [podem] ocupar altos cargos administrativos, com sucesso, aliás já comprovado em vários países do mundo”.³¹²

Se, no que respeita à sociedade de maneira geral, não havia posição unânime sobre a questão, na revista, a situação parecia ser outra, pois todas as entrevistadas

³⁰⁸ MADEIRA, Felícia. SINGER, Paul. Estrutura do emprego e do trabalho feminino no Brasil: 1920-1970. *Cadernos Cebrap*, n. 13, São Paulo, 2013.

³⁰⁹ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. 2013, Op. Cit.

³¹⁰ Elas também governam... *A Divulgação*, Ano XIV, n.p., Maio 1961.

³¹¹ Elas também governam... *A Divulgação*, Ano XIV, n.p., Jun. 1961.

³¹² Elas também governam... *A Divulgação*, Ano XIV, n.p., Ago. 1961.

acreditavam, no início da década de 1960, que não havia algo de essencial e fundamental que as separasse do mundo do trabalho. Ocupada por personalidades da elite local, cujas opiniões eram respeitadas, a seção era também um termômetro do que esse grupo pensava. Em março de 1962, surgiu *Liderança Feminina*, que visava dar a conhecer a trajetória de profissionais, fechando, dessa forma, o circuito aberto pela primeira seção mencionada.

A princípio, o espaço ficou restrito às atividades filantrópicas, tal como assistência à infância e juventude,³¹³ sob o argumento de que era preciso enaltecer a trajetória de mulheres que enfrentavam os problemas do mundo moderno. As escolhidas para inaugurar *Liderança Feminina* foram Nice Braga e Dalila Lacerda, esposas do governador do Paraná e do reitor UFPR, respectivamente. A primeira presidia a *Legião Brasileira de Assistência*, organização que contava com 32 postos no Paraná e, além de fornecer alimentos e roupas, oferecia cursos profissionalizantes para as crianças e adolescentes carentes. A segunda dirigia a *Liga das Senhoras Católicas do Paraná*, projeto que organizou um restaurante popular, propiciava consultas médicas, eventos culturais, cursos de formação para mulheres (costura), além de doação de gêneros alimentares e vestuário. Nos dois casos, para gerir essas grandes organizações, era necessário conhecimento administrativo, ponto que as duas entrevistadas enfatizaram. Embora o argumento fosse a importância de se ajudar ao próximo, atividade *sempre louvável* das mulheres, não se tratava de ação figurativa, mas de atuação demandava profissionalismo, ainda que não configurasse a submissão às regras do mercado de trabalho propriamente dito.

Não tardou, porém, para que outros casos figurassem na seção. Em maio de 1962, foi a vez de Cecília Maria Westphalen que declarou: “Eu sou historiadora, isto é, exerço minhas atividades no campo da ciência histórica. De maneira que somente me sinto bem dentro dele.”³¹⁴ Ao menos para ela, não era mais o lar, o matrimônio e a maternidade que importavam, mas o trabalho especializado que lhe garantia a sobrevivência, ainda que numa atividade que tinha a marca do feminino, o ensino, ficando a diferença por conta das exigências da carreira universitária.

Ao todo, 22 mulheres foram entrevistadas e, diferentemente do que aconteceu nas seções anteriores, não se tratava de referi-las como esposas deste empresário ou

³¹³ Liderança feminina: Nice Braga, Dalila Lacerda. *A Divulgação*, Ano XV, n. 168, n.p., Mar. 1962.

³¹⁴ Liderança feminina: Maria Cecília Westphalen. *A Divulgação*, Ano XV, n.p., Maio 1962.

daquele político, mas sim enquanto administradoras de centros assistenciais, empresárias,³¹⁵ advogadas,³¹⁶ em alguns casos com teses defendidas,³¹⁷ literatas,³¹⁸ médicas,³¹⁹ entre outras profissões. Muitas sequer mencionaram sua situação civil, indício de que os *modelos rígidos* referidos por Carla Bassanezi,³²⁰ ao menos neste caso, já não tinham a mesma força. Tornadas como modelo para outras mulheres, contribuíram para evidenciar que os espaços possíveis de serem ocupados pelas mulheres eram plurais, sem se limitarem ao padrão de submissão tradicional que lhes reservava apenas o mundo privado.

Contudo, não é possível sustentar que essas mulheres defendiam um projeto estruturado na subversão dos espaços femininos. Se se desviavam levemente do padrão, faziam-no a partir da prática cotidiana, da experiência possível naquele contexto social. E, nesse sentido, cumpre destacar que Isolda Maria Carnascialli Velloso, possivelmente, não estava preocupada em questionar a ordem estabelecida, mas justificava a sua trajetória: mãe, esposa e devotada ao lar, branca e pertencente à elite, casou-se, contra a vontade da família, com um homem negro, sem herança cultural ou financeira no Paraná. Atuou ao lado do marido em *A Divulgação* e foi naquelas páginas que, como *Supervisora Artística e Social*, deu visibilidade a experiências femininas similares à sua. Com exceção de sua participação na seção *Sublimes inspiradoras*, ainda no primeiro ano com cargo explícito na revista, Isolda não tornou a ocupar as páginas da revista,

³¹⁵ Liderança feminina: Cyrene Machado de Souza (vice-presidente da Metalgráfica Merhy S/A). *A Divulgação*, Ano XV, n. 187, n.p., Out. 1963.

³¹⁶ Liderança feminina: Dra. Sarah Augusta Resende (Advogada, com mais de dez anos de carreira). *A Divulgação*, Ano XV, n. 179-180, n.p., , Fev.-Mar. 1963.

³¹⁷ Liderança feminina: Rozy Pinheiro Lima (Advogada). *A Divulgação*, Ano XVII, n. 191-192, n.p., Fev.Mar. 1963. Rozy Pinheiro Lima falou sobre sua trajetória de formação profissional e enfatizou o fato de ter se doutorado pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil com a tese *A mãe e o direito civil*. Além disso, Rozy foi a primeira deputada mulher no Paraná, entre 1947 e 1950, eleita pela UDN.

³¹⁸ Liderança feminina: Marita França (advogada militante, escritora, jornalista e poetisa). *A Divulgação*, Ano XV, n. 182, n.p., Maio 1963. Liderança feminina: Maria de Lourdes Gomes (poetisa e responsável pela APAE Curitiba) *A Divulgação*, Ano XV, n. 183, n.p., Jun. 1963.

³¹⁹ Liderança feminina: Dra. Elisa Chechia (médica obstetra, Presidente da Associação Brasileira das Médicas, autora de livros sobre psicologia e trabalhos de medicina). *A Divulgação*, Ano XV, n. 175, n.p., Out. 1962.

³²⁰ *A era dos modelos rígidos* é o título de um capítulo do livro *Nova História das mulheres no Brasil*. No texto, Carla Bassanezi Pinsky aponta as principais representações da feminilidade que vigoravam na metade do século XX: a mulher casta, a moça de família, a boa esposa, a boa mãe, a dona de casa ideal, trabalhadora e trabalhadora são alguns dos projetos de mulher veiculados especialmente pela imprensa naquele período. Por serem rígidos, tais modelos deixavam pouco espaço de ação para as mulheres, embora, seja necessário sublinhar que se tratavam de prescrições abstratas e não de experiências efetivas. Em oposição a esses modelos e a partir da segunda metade da década de 1960, a autora localiza um *Era dos modelos flexíveis*, momento no qual o corpo feminino passa a ser alvo de debate menos restritivo e novos papéis são valorizados: a mulher cidadã, companheira, consumidora, por exemplo. Sobre isso, ver os dois últimos capítulos da *Nova História das Mulheres no Brasil*, obra já referenciada acima.

figurando apenas no expediente. Mesmo assim, não é possível deixar de notar que foi a partir de sua presença efetiva na publicação que essas experiências femininas ganharam visibilidade.³²¹

Entretanto, é bom não perder de vista que o tema do trabalho ocupou espaço quantitativamente restrito, ainda que seja notável que, no periódico, se tenha explorado (e valorizado) senhoras que estavam entre o lar e o mercado de trabalho. Pode-se argumentar que se tratavam, em muitos casos, de atuações extensivas da maternidade, relacionados historicamente ao *inato* comportamento materno das mulheres, mas se havia permanência, existiu também a ruptura, com a simbólica possibilidade de reinvenção do lugar feminino no tecido social. Não era, é bem verdade, um projeto feminista: nem *A Divulgação*, nem Isolda, nem nenhuma das entrevistadas definiu-se como feminista. Contudo, seria igualmente errôneo alinhar o periódico aos impressos femininos mais tradicionais; de fato, *A Divulgação* optou pelo entremeio.

Sobre essa experiência de imprensa feminina empreendida pela *A Divulgação* é preciso pontuar que a revista voltava-se, sobretudo, para mulheres da elite e, portanto, ocupou-se de evidenciar as angústias de parte desse grupo. Não questionou a atuação no mercado de trabalho de mulheres que, por força das necessidades econômicas, já estavam há muito ocupando as ruas, as cozinhas, os mercados, as escolas de educação básica, entre outros mundos do trabalho. As condições cotidianas dessas mulheres não se revestiam do *glamour* das senhoras apresentadas nas páginas de *A Divulgação* e o *glamour* era ingrediente importante do periódico.

3.3 Do auge à crise: os anos finais

A segunda metade da década de 1950 e os anos iniciais da década seguinte foram, como se pode verificar até aqui, um período de grandes transformações internas, a indicar, por um lado, instabilidade e, por outro, seu auge financeiro, afinal, desde

³²¹ Maria Celeste Mira, quando analisa a revista Cláudia como parte do Grupo Abril, cita uma pesquisa de Joke Hermes a respeito do papel da imprensa feminina na construção de um “eu ideal” para as consumidoras desses impressos. Esse “eu ideal” corresponderia a uma série de características que pertenciam separadamente às mulheres: boa cozinheira, dona de casa atenta, capaz de organizar a vida profissional e a doméstica, mãe responsável, profissional destacada. Além disso, há um “aprendizado emocional” feito a partir da leitura de outras experiências femininas. Nas palavras de Celeste “É como as leitoras justificam o seu interesse pelas histórias de vida contadas por outras pessoas: elas são lidas como algo que ‘poderá acontecer comigo’ e, se acontecer, ‘saberei como agir’.” De certa forma, o esforço d’*A Divulgação* em promover as experiências femininas no universo profissional funciona como um “aprendizado emocional” para as suas leitoras que poderiam perceber no êxito das personagens retratadas no periódico, a possibilidade de sucesso para elas mesmas. MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril*. Tese (Doutorado em Sociologia). Campinas: UNICAMP, 1997. p. 71

fevereiro de 1957, a revista era apresentada como propriedade da *Editora A Divulgação* e, em junho de 1959, havia dado início à construção de uma sede própria.

O parque gráfico, adquirido no início da década de 1950, executava naquele momento serviços variados, imprimindo folhetos, cartazes, rótulos, jornais de pequeno porte e revistas de clube, de modo a usar toda a potencialidade da maquinaria e assegurar outra fonte de lucros. Além disso, a editora contava com um departamento fotográfico próprio, responsável por registrar os eventos da elite local, publicados no periódico, e produzir material audiovisual para o comércio local.

Para Benedito Juarez Bahia, a aliança entre editoras e impressos periódicos foi um fenômeno editorial que, a partir de 1970, estabeleceu-se de modo definitivo no mercado brasileiro e foi relevante para o desenvolvimento do setor de revistas, pois permitiu aos seus proprietários alguma estabilidade financeira, na medida em que, além de assinantes, vendas avulsas e publicidade, contava-se com recursos provenientes da impressão de outros materiais.³²² Talvez como resultado dessa estabilidade financeira, em junho de 1959, *A Divulgação* deixou seu primeiro endereço na Rua Dr. Muricy, onde funcionou por mais de uma década, e foi para uma sede própria. Em editorial, Velloso vaticinou:

Em Curitiba plantamos o marco primitivo da fundação da revista. A culta população da cidade sempre nos dispensou magnífica acolhida. Aqui havemos de estrutura-la com pedra e cal, para que possamos divulgar incessantemente, numa profissão de fé paranista as belezas da terra e as realizações do homem paranaense.³²³

Além do editorial, ampla reportagem deu conta do lançamento da pedra fundamental da nova sede, na Rua Mateus Leme, área nobre de Curitiba. O texto informava que o prédio antigo não tinha mais condições de suportar a estrutura gráfica que contava, àquela altura, com clichêria completa e amplo maquinário. Na nova sede, editora e revista funcionariam integradas: no térreo, o setor de impressão, nos andares superiores, a administração da revista e da editora. Interessante notar que, sob a pedra fundamental, foi enterrada uma espécie de cápsula do tempo, com diversos periódicos e moedas em circulação do estado. A novidade era, na perspectiva de Velloso, um marco na história do grupo e foi no simbolismo de uma cápsula do tempo que ele materializou o esforço de manter intactos os registros mais imediatos daquele presente que iniciava

³²² BAHIA, Benedito Juarez. 2009. *Op. Cit.*, pp. 398-406

³²³ VELLOSO, Arnould F. 1 fato em revista. *A Divulgação*, Ano XII, n. 136, p. 01, Jun. 1959.

um novo tempo. À cerimônia compareceram o prefeito de Curitiba, Major Itiberê, representantes do Governo do Estado, do Centro de Letras do Paraná, da Federação das Indústrias do Paraná e da Federação do Comércio, que foi registrada em filme e exibida em 53 cinemas dos estados do Paraná e de Santa Catarina.³²⁴

Comparada a outros grupos editoriais surgidos na mesma década, a situação da editora *A Divulgação* era modesta, mas interessa notar que o modelo editora/imprensa periódica tinha no Paraná um representante. Ao estudar a evolução técnica do jornalismo brasileiro, Juarez Bahia evidencia, em números, o sucesso que propostas similares alcançaram na segunda metade do século XX:

Em 1952, o lançamento de *Manchete* pela Bloch é indicador do fenômeno editorial que vai adquirir contornos definitivos nas décadas seguintes. Gráficos Bloch já imprimiam mais de trinta revistas infantis para outras empresas jornalísticas na sua Webendorfer, primeira rotativa *offset* do Brasil. Outra editora, a Abril, imprime nessa época revistas em quadrinhos e revistas femininas que totalizam 82 mil exemplares.³²⁵

Embora distantes em termos estritamente numéricos, a ascensão de um novo modelo administrativo, aliado ao novo contexto social, ao aumento das rendas publicitárias, à emergência de novos públicos consumidores e à profunda segmentação do setor, permitiu consolidar e diversificar o setor dos impressos periódicos.

Para *A Divulgação*, contudo, esse modelo não foi suficiente e, a partir de 1960, os editoriais indicavam dificuldades na administração da publicação, com as constantes reclamações e denúncias de Arnauld Ferreira Velloso, que se ressentia da falta do apoio governamental. Nesse momento, a transição do governo estadual desenhou outra realidade para a publicação. Nos governos Moysés Lupion (1947-1950; 1956-1960), *A Divulgação* gozava de certos favores monetários e, frequentemente, publicava reportagens oficiosas a respeito das atividades empreendidas pelos secretários estaduais, evidenciando um acordo com o poder que também incluía manter silêncio das denúncias

³²⁴ Sobre esse documento audiovisual não foi possível localizar maiores informações. Consta, na reportagem, que a filmagem foi feita pela produtora *Flag*. A *Flag* era, na verdade, uma empresa que produzia o *Flag Jornal*, um programa de cunho jornalístico, transmitido nos cinemas locais. Na ocasião do lançamento da pedra fundamental da revista e editora *A Divulgação*, tais profissionais foram contratados para registrar os momentos do evento e transmitiram o resultado em 53 cinemas de Santa Catarina e Paraná (segundo informações da própria revista). Nova fase para a revista “*Divulgação*”. *A Divulgação*, Ano XII, n. 136, pp. 10-13, Jun. 1959.

³²⁵ BAHIA, Benedito Juarez. 2009. *Op. Cit.* pp. 398-399. Na sequência do texto, o autor apresenta dados que indicam o crescimento considerável desses projetos; no que respeita à Editora Abril: “Nos anos de 60, a divisão de fascículos vende 350 milhões de exemplares e, nos primeiros anos 70, as revistas pioneiras já haviam gerado outras, com uma tiragem de 15 milhões de exemplares mensais.”

contra o governador. Quando Lupion deixou o cargo, Ney Braga o substituiu prometendo coibir os atos ilícitos de Lupion, o que, de saída, colocava os antigos apoiadores em situação difícil.³²⁶

Nos primeiros meses, Velloso procurou, sem sucesso, estabelecer alguma aproximação com Ney Braga,³²⁷ mas, gradativamente, a tensão entre o periódico e o novo governador ficou explícita como se pode perceber no seguinte editorial:

Ninguém desconhece o poder extraordinário da imprensa. A sua missão social é preponderante e dispensa qualquer argumento. Da boa imprensa depende, em ampla escala, sobretudo a educação do povo num país caracteristicamente subdesenvolvido como o nosso. [...] É muito natural, portanto, que os homens de governo tanto na esfera federal como na esfera estadual dispensem todo o apoio aos diferentes órgãos de imprensa. Esse apoio, como é lógico, representa a compra de espaço. O poder público promove, assim a divulgação de seus empreendimentos de caráter coletivo, como o fazem os homens de negócios na promoção de venda de seus produtos. Mas, por absurdo que pareça, o que se verifica no Paraná, com raras exceções, é a ostensiva preferência por jornais e revistas de fora, que para aqui afluem, periodicamente, sugando polpudas verbas em detrimento da imprensa local. Vultuosas importâncias são canalizadas para fora do estado sem resultado algum positivo. É dever fundamental do governo, através de seus órgãos competentes, estimular a circulação dos veículos de imprensa escrita. [...] Com que segunda intenção procura insistentemente o governo difundir suas iniciativas fora das fronteiras do estado? Ao invés disso, devia promover a integração dos próprios elementos de difusão dentro da unidade federativa, através de uteis e interessantes promoções educativas. Ventilar lá fora por preços astronômicos cometimentos rotineiros da administração pública afigura-se exibicionismo. O prestígio do estado junto ao poder federal se aquilata pelo seu potencial econômico, pelo expressivo índice de produtividade de seu povo. Toda propaganda visando a consecução de um cargo eletivo, seja para o senado ou para a câmara, torna-se inócua fora dos limites do Estado. Portanto, a imprensa regional deve contar com a indispensável compreensão do bom governante, para que se torne cada vez mais sadia e eficiente, como elo poderosa de ligação entre o poder público e o povo.³²⁸

O novo governador reviu a política de verbas publicitárias, o que gerou as primeiras reclamações da parte de Velloso que, contudo, manteve-se comedido em seus

³²⁶ Ney Braga, por meio do Decreto 8.616, aprovado após mudanças no Tribunal de Contas colocou à disposição antigos colaboradores do governo Lupion que tinham cargos públicos no Estado. A lista de “cassados” incluía colaboradores assíduos da revista *A Divulgação*, como: Hagibe Chede, Vasco Taborda Ribas, João Batista Brandão de Proença; além de Joaquim de Almeida Peixoto, Cláudio de Macedo Lopes, Carlos Dondeio Júnior, Nivon Weigert, Fábio Pinheiro, Jairo Budante, Renato Barreto de Siqueira. Além disso, o novo governador ordenou que se avaliasse a situação de todas as secretarias do Estado e que se instalasse um inquérito para investigar atos de corrupção de Lupion.

³²⁷ No final do primeiro capítulo, apresentam-se os movimentos de aproximação empreendidos por Velloso em relação a Ney Braga.

³²⁸ VELLOSO, Arnould F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XV, n. 169, p. 01, Abr. 1962.

comentários.³²⁹ No entanto, tal postura foi abandonada no excerto citado, no qual Velloso atacou a decisão de direcionar tais gastos para impressos de circulação nacional. Embora credite a certo exibicionismo do governador, a escolha de periódicos cujo raio de atuação era mais amplo sugeria, na visão do editorialista, interesses secretos, talvez relacionados com intenções políticas menos regionais.³³⁰

Além das verbas provenientes dos anúncios oficiais (agora perdidas), *A Divulgação* obtinha renda das matérias pagas do colunismo social, dos anúncios publicitários frequentes, além de sustentação financeira proveniente do vínculo com a *Editora A Divulgação* e das vendas avulsas e para assinantes.³³¹ No entanto, outros fatores dificultavam a continuidade do empreendimento.

No início dos anos de 1960, em razão da Resolução nº204 da Superintendência de Moeda e Crédito, a subvenção do Estado Federal para importação de papel foi cortada. A medida, aliada a outras propostas, tinha como intenção enxugar gastos

³²⁹ VELLOSO, Arnould Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XIV, n. 162, p. 01, Set. 1961.

³³⁰ Em editorial de janeiro de 1963, quando comentou as medidas cambiais que acabavam com subvenção pública para importação de papel, Velloso novamente criticou duramente o governador Ney Braga; no texto, reproduzido a seguir é perceptível que havia algum desentendimento entre o editorialista e o governador paranaense. Também é de se notar que Velloso informa a preferência do administrador por periódicos de características pouco recomendáveis, indício da censura subjacente que regulava os impressos em tempos de experiência democrática e que era perpetrada pelos próprios jornalistas: “Os mais nocivos atuam nas altas esferas sociais, políticas e econômicas. Um deles, desde o início do atual governo nos moveu guerra surda e pertinaz, sempre atrás da cortina, fria e calculadamente, sem motivo plausível algum, pois sempre louvamos sinceramente, em nossas colunas, o trabalho honesto e dinâmico, o espírito realizador do atual governante do Paraná, desde os primórdios de sua vida pública, com farto e variado noticiário ilustrado que faz parte de nossos arquivos. E nem por isso desejamos reivindicar nada, pois só lhe fizemos justiça. “Pari-passu”, sempre se mostrou mesquinho para com esta revista, por suas atitudes incompreensíveis, veladas e ostensivas, negando-lhes um pouco daquilo que sempre distribuiu farta e generosamente a numerosos veículos da imprensa falada e escrita daqui e de fora, alguns deles de características pouco recomendáveis. Esse elemento, cujo nome deixamos de mencionar em atenção à boa ética, hoje não pertence ao setor da divulgação que soube transformar em trampolim para obter novo e vantajoso cargo. E muita gente ingênua ainda pergunta, sem se aperceber do vultuoso investimento de capital que exige uma obra como esta e dos percalços de toda ordem que se lhe apresentam: “por que tantas revistas se extinguem no Paraná?”. Homens, como esse, sem vibração e desprovidos de espírito paranista, felizmente em pequeno número, integram uma legião ainda atuante em nosso Estado e que se poderia muito acertadamente denominar de “fecha revista”.” VELLOSO, Arnould F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XV, n. 178, p. 01, Jan. 1963. Na biografia de Moysés Lupion, feita sob encomenda da família do ex-governador, afirma-se: “A nova chefia do executivo paranaense financiou não só a imprensa local como jornais, rádios, TVs e revistas das duas maiores cidades brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro) manchetes de suas ações contra os desmandos do ex-governador. [sic]. LEITE JÚNIOR, Hormeyll T. ESCOBEDO, Marcel Luiz. Moysés Lupion: civilizador do Paraná. Curitiba: Imprensa oficial, 2006. p. 226.

³³¹ As informações retiradas da página de expediente da revista *A Divulgação*, nos dois primeiros anos de 1960 apontam para os seguintes dados: A revista contava com representantes nas principais cidades do país, embora fosse nomeado somente Antônio Pedro de São Payo que, no Edifício Itú, localizado na Avenida 13 de Maio, respondia pela revista no Rio de Janeiro. Citavam-se, ainda, como representantes exclusivos para publicidade J.M. Ferreira e Serviços de Imprensa LTDA, cujos contatos no Rio de Janeiro e São Paulo, eram devidamente apontados. O exemplar avulso custava Cr\$ 30,00 e quando era adquirido atrasado, Cr\$ 35,00. Havia a possibilidade de assinar a revista por um ano, Cr\$ 500,00, ou dois anos, Cr\$ 1000,00. A tiragem era, então, oito mil exemplares.

públicos e, a partir de sua efetivação, *A Divulgação* passou a apresentar-se em papel de baixa qualidade; em algumas ocasiões, papel cartão ou folhas muito finas, similares ao papel seda, foram utilizadas, com comprometimento evidente da impressão final.

Em janeiro de 1963, Velloso comentava os efeitos drásticos das medidas cambiais vigentes naquele momento, que elevavam os preços do papel e, em consequência, os custos de manutenção dos impressos. Para o editorialista, era absolutamente contraditório que em um país onde o analfabetismo predominava, justamente os projetos educativos, encampados por jornais e revistas, fossem os preteridos pela administração pública. Em tempo, acrescentava:

O veículo revista é o que sofreu maior impacto, pois a qualidade do papel que emprega é superior, sendo seu preço mais elevado. Mas os homens que se acham no poder desconhecem a extensão do golpe que acabam de deferir. Se não desconhecem pelo menos primam pela omissão. [...] poucos compreendem o significado de uma boa revista, não lhe auscultando a essência, não percebendo a sua ressonância espiritual que transpõe fronteiras. Muito pior que os apáticos e os incrédulos, são certos tipos que procuram deter a qualquer preço o curso de uma obra deste jaez.³³²

O conjunto de circunstâncias foi gradativamente desestabilizando a publicação d'*A Divulgação*, com o comprometimento evidenciado na inconstância da periodicidade e com uso de papel de baixa qualidade. Em outubro de 1963, Velloso confessou que a revista já não dava nenhum lucro: “E de que fonte imaginam os ingênuos, que nos viriam os recursos para a manutenção, em bases econômicas, da revista? Imprensa é uma indústria como tantas outras, porém o nosso ramo é ainda mais oneroso porque emprega matéria prima estrangeira. Um só exemplar da revista nos custa Cr\$200,00 e nós a vendemos a Cr\$100,00”.³³³ O negócio de quase duas décadas já não se sustentava e ao escancarar a situação, Velloso anunciava que, caso a situação não se alterasse, *A Divulgação* não mais circularia.

A crise interna do periódico provavelmente impactou nas vendas, uma vez que a revista teve seu preço de venda avulsa e das assinaturas elevado entre 1962 (quando os cortes do governo estadual e federal se efetivaram) e 1965 (quando deixou de circular). Em dezembro de 1962, os exemplares avulsos eram vendidos a Cr\$40,00, a assinatura anual era de Cr\$ 500,00; no ano seguinte, um exemplar custava Cr\$ 100,00 e Cr\$ 1.200,00, para a assinatura anual. O aumento se tornou absolutamente mais drástico em

³³² VELLOSO, Arnould F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XV, n. 178, p. 01, Jan. 1963.

³³³ VELLOSO, Arnould. *A Divulgação*, Out. 1963

1965: em janeiro, já não se mencionavam os valores de venda avulsa, somente assinaturas por um ano Cr\$ 2.500, por dois anos Cr\$ 5.000,00; no final do ano, a revista havia saído da prensa somente em cinco ocasiões e os valores eram Cr\$5.000,00 para assinatura anual e Cr\$10.000,00, para bianual. Nesse número, o exemplar avulso foi vendido a Cr\$ 300,00.

O golpe civil-militar apareceu, num primeiro momento, como a solução para a economia nacional e a revista não se furtou a saudar o feito e enfatizar a atuação feminina no processo:

Foi decisiva a participação da mulher nesse empolgante episódio democrático. No lar, na escola, nas lojas, nos escritórios, nas oficinas e nos campos, em todos os recantos do nosso território, ela encarnou a própria alma da nação, os próprios anseios do povo brasileiro, num edificante movimento cívico que ficará para sempre inscrito, com letras de ouro, nas páginas da nossa história. Agora podemos pensar em reformas, necessárias ao nosso, sem demagogias e guinadas para a esquerda, respeitando nossas instituições e leis [...]. O Brasil em festa saúda o novo presidente da república.³³⁴

Velloso depositou as melhores expectativas no novo governo, talvez acreditando em novas oportunidades que lhe permitissem, enfim, enfrentar a crise na revista. Em meio às notícias de casamentos e festas em Curitiba, publicou-se a opinião de membros da elite curitibana sobre o que chamou de “vitória da democracia”, sinal de que Velloso não era o único otimista³³⁵ Na seção *A Divulgação Política*, dedicada a comentar os eventos políticos locais, saudavam-se as propostas de reorganização partidária:³³⁶

Pouco a pouco, a situação foi se delineando. De regime transitório, o golpe afirmou-se como projeto de longo prazo.³³⁷ Não tardou para que as medidas do novo governo afetassem em definitivo os rumos do periódico.

³³⁴ VELLOSO, Arnould F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XVII, n. 193, p. 01, Abr. 1964.

³³⁵ Elas e eles falam sobre a vitória da democracia. *A Divulgação*, Ano XVII, n. 193, n.p., Abr. 1964. O parágrafo de abertura da seção esclarecia tratar-se de personalidades locais, cuja opinião consubstanciava o caráter revolucionário dos episódios de 31 de março - 01 de abril. Foram entrevistados: Nice Braga, Rozy Pinheiro Lima, Rubens Requião, Luiza Gomm, Sara Augusta Rezende, Dalila Lacerda, Oscar Schrappe Sobrinho, Cel. Alípio, Elias Karam, Ostoja Roguski, José Luiz Guerra Rego, Paulo cruz Pimentel, Adeodato Arnaldo Volpi, Ósmário Zilli.

³³⁶ VELLOSO, Arnould F. A Divulgação política. *A Divulgação*, Ano XVII, n. 193, p. 01, Abr. 1964.

³³⁷ “Parece ser fato consumado a prorrogação do mandato do presidente Castello Branco por um prazo aproximado, de dois anos. Uma decisão que, afinal, tem muita lógica e muito senso. O país não suportaria ato contínuo à revolução, ao início de uma campanha eleitoral para a disputa da presidência, uma campanha que, fatalmente, pelas condições em que teria que ser feita, iria possibilitar a eclosão de uma série de revides, recalques e de acusações. Uma campanha, afinal, destinada a causar nova temporada de violência, situação evidentemente inadmissível, principalmente diante do panorama econômico-financeiro que estamos observando e que, retrata, perfeitamente bem, o mar de dificuldades que envolve o país. Daí,

Novo impacto, desta vez mais sério e violento, acaba de sofrer a imprensa escrita em nosso país. Foi sumariamente cancelada a subvenção cambial e, conseqüentemente, dobrou o valor do dólar para efeito de importação do papel estrangeiro. Não desejamos entrar no mérito da questão, no aspecto técnico da medida restritiva oficial. Pretendemos, apenas, tecer algumas considerações sobre os reflexos desfavoráveis da nova orientação no setor da imprensa escrita. [...] Convém frisar que em numerosos países do mais alto nível de civilização os respectivos governos concedem, sob a forma de ajuda ou subvenção, certas facilidades aos jornais visando a redução dos preços de venda avulsa, possibilitando assim sua maior circulação. Tudo quando o governo venha a investir a favor da educação do povo deve ser considerado como capital colocado a juros excelentes. Ainda mais em nosso país, que apresenta impressionante índice de analfabetos, mal crônico que vem se agravando através de sucessivos presidenciais, sem esperanças de uma solução radical e definitiva. Há flagrante contradição na atitude dos homens de governo, pois se de um lado se procura impedir que a imprensa cumpra a sua missão fundamental, consubstanciada na educação das massas, de outro surgem campanhas de alfabetização, objetivando reduzir o número de brasileiros que vegetam à sombra da ignorância. [...] Muitos desconhecem a extensão do golpe que acaba de ser desferido.³³⁸

Uma vez mais, o projeto de Velloso estava ameaçado diante da necessidade de auxílio público para importação de papel. Velloso voltou à carga evidenciando os efeitos drásticos das medidas ditas “revolucionárias”.³³⁹ Para o proprietário, sem o auxílio governamental para a aquisição de papel estrangeiro, a situação das empresas era insustentável. Além dos textos a respeito desse tema, a seção *Divulgação Política* afirmava que a “revolução” havia perdido a oportunidade de levar a cabo as reformas políticas planejadas e que a vitória da democracia mostrava-se ameaçada.³⁴⁰ E mais, no início de 1965, chamou de “difícil, complexa e, sobretudo, perigosa” a decisão do presidente de manter os pleitos eleitorais diretos para os governos estaduais.³⁴¹ Qualquer expectativa de melhoria na situação econômica do periódico, via-se malograda diante das medidas do novo governo.

a admissão, tácita, de uma prorrogação de mandato, apesar de nenhuma disposição, de parte do Presidente Castelo Branco, em aceitar o aumento do período de governo para o qual foi eleito.” A *Divulgação política*. A *Divulgação*, Ano XVII, n. 194, n.p., Maio 1964.

³³⁸ VELLOSO, Arnald Ferreira. 2 fatos em revista. A *Divulgação*, ano XVII, n.º 195, p. 01, jun. 1964.

³³⁹ “A manufatura complexa de um do livro especializado, com o emprego de mão de obra cara, impede que o editor sustente o elevado preço de produção. O corte do subsídio do papel duplicou o custo do livro para os editores. Todas as iniciativas governamentais visando ao financiamento de nosso parque editorial têm fracassado, por absoluta falta de um plano objetivo e eficiente. O grande prejudicado é o homem nacional que não condições para instruir-se e desenvolver sua cultura.” VELLOSO, Arnald Ferreira. 2 fatos em revista. A *Divulgação*, ano XVII, n.º 196-197, p. 01, Jul-Ago. 1964. Note-se que, mais uma vez, a periodicidade mensal era quebrada.

³⁴⁰ BLASI, Aloysio. A *Divulgação política*. A *Divulgação*, ano XVII, n.º 196-197, Jul-Ago. 1964.

³⁴¹ BLASI, Aloysio. A *Divulgação política*. A *Divulgação*, ano XVIII, n.º 203-204, Fev.-Mar. 1965.

Além do peculiar momento político, da impossibilidade financeira de importar papel sem auxílio governamental, o contexto da imprensa nacional não favorecia a continuidade d'*A Divulgação*. Velloso já havia apontado a concorrência de periódicos de circulação nacional quando mencionou a preferência do governo paranaense em anunciar em revistas de fora do Paraná. A preocupação com um público definido pela região em que o periódico circulava era, nos anos de 1960, algo a ser superado. Victor Civita, criador da Editora Abril, estabeleceu contato com os responsáveis pela publicação de revistas no Estados Unidos e impôs uma nova maneira de se dirigir ao leitor: embora apelasse para a segmentação, uma publicação de sucesso deveria garantir que os leitores dos mais diversos lugares encontrassem sinais de identificação com o periódico. “Falar com gente do país inteiro”, conforme o conselho de John Mack Center³⁴² a um funcionário de Civita, era uma maneira de conquistar mais leitores, mas também uma forma de atrair anunciantes, interessados em mostrar seus serviços para um mercado cada vez mais amplo. Maria Celeste Mira, ao analisar o impacto do Grupo Abril e a trajetória de quatro das suas grandes revistas (Cláudia, Quatro Rodas, Realidade e Veja) constrói um panorama do mercado naquele período em que se percebe a elevação das exigências para aqueles que quisessem atuar (ou continuar atuando) no setor. Inovações tecnológicas, novas abordagens temáticas, segmentação do mercado, mas sobretudo, o esforço em circular nacionalmente anunciavam um novo momento para o periodismo impresso brasileiro.

Para uma revista de pequeno porte e com temas tão regionais, era impossível concorrer com publicações de circulação nacional. Para enfrentar o novo contexto, uma remodelação foi anunciada em entrevista ao jornal paranaense *Gazeta do Povo* de novembro de 1965, conteúdo que foi reproduzido na primeira página de *A Divulgação* (espaço que desde 1947 acolhia os editoriais e artigos de Velloso). Questionado sobre sua atuação na imprensa, ele lembrou que há mais de duas décadas contribuía em periódicos de circulação local e nacional e citou *Cultura Política*, *Nação Armada*, *Observador Econômico e Financeiro*, *A Noite Ilustrada*, entre outros, como exemplos. Mencionou, ainda, sua atuação em campanhas cívicas, quando em nome do governo e do Comando da Região Militar lecionou em defesa do nacionalismo e da imigração integrada, ocupando colégios e estações radiofônicas. Perguntado a respeito de A

³⁴² CÔRREA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 227.

Divulgação, uma vez mais, pontuou os problemas que assolavam os periódicos do país, mas indicou certo otimismo ao afirmar:

Nossa revista vai iniciar, dentro em breve, uma nova fase, com modificações substanciais não apenas em seu aspecto gráfico, como em seu conteúdo, passando a realizar promoções de caráter social, econômico, político e turístico. Dará maior impulso ao setor turístico, a chamada indústria sem chaminés, de vez que o turismo se apresenta para o Paraná como uma fabulosa fonte de receita, por si só suficiente para reerguer financeiramente o nosso Estado, colocando-o em plano de relevância no cenário brasileiro. Essas promoções periódicas despertarão, sem dúvida, maior interesse no seio da grande corrente de leitores, acentuando-se que nossa publicação terá ampliada sua penetração em regiões de fundamental importância socioeconômica.³⁴³

Não existem indícios de que o projeto tenha se efetivado e o exemplar de novembro de 1965, que reproduzia a entrevista, foi o último publicado. *A Divulgação* deixou de circular sem que os leitores, fossem muitos ou poucos, recebessem qualquer tipo de aviso ou explicação. Quando concedeu a entrevista, possivelmente, Velloso tivesse confiança de que efetivaria as mudanças planejadas e que seu periódico, reinventado, continuaria no mercado. Sua experiência na imprensa, marcada por constantes atualizações, talvez o tenha levado a ter tal posição.

A leitura do texto deixa a sensação que Velloso resumiu a trajetória do periódico como uma forma de despedida. *A Divulgação* foi muitas revistas, acompanhou a transição da imprensa brasileira, debateu a identidade paranaense, a política nacional, o destino das mulheres, entre muitos outros temas. Acompanhou o país na sua “experiência democrática” e registrou, a exemplo de suas congêneres, um país que se modernizava política, econômica e culturalmente. Mais do que isso, narrou, em texto e fotografia, essas experiências no Paraná. Sua trajetória permite investigar, ao mesmo tempo, os deslocamentos na história da imprensa brasileira e paranaense, constituindo-se em uma fonte preciosa para a escrita da história.

³⁴³ *A Divulgação*, Ano XVII, n. 210-211-212, p. 01, Nov. 1965.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na História da imprensa, a perenidade de uma publicação sugere que seu conteúdo encontrou receptividade entre os seus leitores, o que é um indício, ainda que indireto, de sucesso. Muitos projetos, a exemplo da *A Revista da Semana* (1860-1876) e *A Revista do Brasil* (1916-1925), tiveram seus nomes inscritos nas antologias da imprensa nacional por diversas razões, dentre as quais, se destaca a longevidade. Contraditoriamente, a despeito da longa circulação d'*A Divulgação*, a publicação não conta com fortuna crítica significativa. Como explicação, é possível aventar a hipótese de que a relação amistosa mantida entre o periódico e os governadores paranaenses, principalmente Moysés Lupion, tenha comprometido a imagem de neutralidade que a revista propalava. No entanto, essa explicação esbarra no fato de que para muitos – fossem profissionais da imprensa ou os responsáveis pelos impressos – os favores do poder público representavam uma das poucas fontes de renda constantes.

Neste trabalho, tais contradições, longe de diminuir o interesse pelo objeto em análise, funcionaram como incentivo para que o quadro histórico em que *A Divulgação* emergiu fosse problematizado, num exercício que procurou, de maneira insistente, tratar o objeto em suas múltiplas perspectivas e em suas relações com o mundo no qual circulou. Não houve a intenção de assegurar um lugar especial para Arnould Ferreira Velloso e seu projeto, mas um esforço de avaliar criticamente o papel que a publicação desempenhou no seu tempo.

O primeiro fio de análise foi a história da imprensa periódica, especialmente, a paranaense. O exercício, de cunho bibliográfico, demonstrou que essa imprensa foi marcada por projetos editoriais cujos focos principais eram a política e a crítica literária, escolhas que não eram diversas das levadas a cabo em outras regiões do Brasil. Contudo, as iniciativas não eram numerosas se contrapostas ao que ocorria em São Paulo, por exemplo, além do fato de desaparecerem pouco tempo depois do lançamento, o que não impediu que a imprensa periódica local desfrutasse de reconhecimento, posto que desempenhava papel fundamental para a construção da identidade regional.

No Brasil, da primeira metade do século XX, conheceu profundas transformações nas técnicas de estruturação dos periódicos, com a implantação de novas tecnologias de impressão e o início de administrações de cunho empresarial, cujo exemplo foi *O Cruzeiro*, iniciativa de Assis Chateaubriand que alcançou sucesso inédito junto ao público e se transformou em matriz para programas levados a cabo em outras

regiões, que esperavam repetir a exitosa trajetória, como se observa no caso de *A Divulgação* e *Panorama*.

No entanto, *A Divulgação*, além de guardar semelhança com suas congêneres de maior sucesso, circulou num contexto cultural específico, no qual se destacava o movimento paranista. Surgido no final de 1920 e liderado por Romário Martins, a proposta visava promover imagem positiva do Paraná com o intuito de se consolidar uma identidade local. Enquanto movimento articulado, o paranismo durou pouco, mas, suas ideias se disseminaram entre a intelectualidade até pelo menos os anos de 1940. Em 1946, Dalton Trevisan fundou *O Joaquim*, revista que promoveu crítica profunda ao paranismo e seus heróis e, foi nesse contexto, que surgiu *A Divulgação*.

A análise dos aspectos materiais da revista – metodologia indispensável ao trato com impressos – revelou semelhanças com as grandes publicações nacionais: capas atraentes, diagramação bem trabalhada, amplo repertório imagético e amplitude temática sugerem que seus organizadores estavam atentos ao que se produzia em outros centros brasileiros. Por outro lado, no instante de seu lançamento, todos esses elementos foram postos a serviço da retomada das propostas paranistas, o que dotava a publicação de características muito peculiares.

Tal retomada era uma resposta não somente à afronta de intelectuais que agora criticavam a posição ufanista assumida por Romário Martins e seus seguidores, mas aliava-se às demandas contemporâneas de parte dos paranaenses, quando da emergência de um novo contexto político que colocou novos desafios para a região. Entre 1947 e 1955, *A Divulgação* abriu largo espaço para as pautas relativas à política e ao território e povoamento, que ocuparam parte considerável dos esforços analíticos, tanto que avultado conjunto de artigos foi dedicado a debater as transformações no interior e na capital. Embora ocorressem discordâncias internas quanto às vantagens das inovações que se apresentavam, o periódico ofereceu sustentação intelectual às propostas encabeçadas pelos governadores do período, evidenciando o quanto a sua neutralidade não passava de um mero discurso.

A revista também abrigou intelectuais ligados ao IHGPR e ao CEB, cujas contribuições intentavam difundir uma leitura do pretérito que insistia nos grandes feitos e heróis do passado. Pouco atentos aos mecanismos disciplinares da História, esses articulistas e suas produções gozavam de legitimidade local e, julgavam que a leitura positivada do passado era capaz de responder às angústias do tempo.

Porém, o tom ufanista da revista não encontrou a receptividade esperada junto ao público, pois, diante da concorrência com periódicos como *Panorama* – que se pautava por outros valores – o programa de Velloso parecia pouco atrativo, daí a necessidade de encontrar outros caminhos. As modificações introduzidas na publicação foram de natureza as mais diversas: a partir de 1955, a aparente neutralidade foi deixada de lado em favor da luta contra a continuação de governos afinados ao varguismo. Além disso, essas críticas colocavam em relevo questões da política nacional, tema que, até aquele momento, não figurava entre os interesses dos responsáveis pela publicação.

A partir de 1955, a intenção de permanecer ativa e competitiva no mercado, deu a tônica do programa d'*A Divulgação*. Assim, observa-se a busca de um novo nicho, que colocou a revista no segmento do colunismo social, com a predominância de temas como festas da elite, casamentos, nascimentos, batizados, concursos de misses, cujas ocorrências gozavam de ampla cobertura em todos os números publicados, sempre acompanhadas de registro fotográfico dos ilustres locais. Não havia mais espaço para artigos semelhantes aos que ocuparam suas páginas até 1955. Tal saída, ainda que inusitada quando se considera os primeiros anos de circulação, explica-se pelo fato de a cobertura da vida social paranaense ser paga pelos que nela eram protagonistas. Note-se ainda, que havia sintonia com práticas que se disseminavam também em outros veículos da grande imprensa, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo.

A única agenda que concorreu em pé de igualdade com o colunismo social foi relativa à temática feminina: decoração de interiores, dicas de etiqueta, modas, cuidado com os filhos, literatura condizente com o suposto perfil intelectual das leitoras também sobressaíam-se. Acrescidas à cobertura social, todas essas seções sugerem que *A Divulgação* era, àquela altura, uma revista feminina, embora, não se apresentasse dessa maneira. Usualmente, os assuntos femininos foram tratados de acordo com o modelo que regravava outros periódicos do mesmo segmento, mas *A Divulgação* manifestou posições inovadoras no quadro dos impressos voltados às mulheres.

A partir da entrada de Isolda Maria Carnascialli Velloso na administração da revista, houve uma tímida, mas significativa, inovação que contribuiu para a inserção da ideia de autonomia feminina frente às condições de submissão do chamado sexo frágil. Não se questionava o matrimônio e a maternidade, mas se afirmava que essas não deveriam ser as únicas ocupações femininas. O trabalho fora do lar poderia ser saudável e aconselhável, posto que as mulheres possuíam as mesmas habilidades masculinas. Contudo, a proposta era bem restrita, pois se tratava de colocar a questão da

profissionalização feminina pensada no âmbito das elites curitibanas, o que apesar de limitado em termos sociais, merece registro na medida em que a prática ainda era relativamente rara na imprensa do gênero.

A despeito das mudanças, *A Divulgação* não sobreviveu às circunstâncias da década de 1960: a nova situação política, a perda de apoio monetário dos governos locais e o surgimento de grandes projetos editoriais reordenaram a sociedade e também a imprensa brasileira. Sem ser capaz de responder aos novos desafios, a revista deixou de circular.

Interessante notar que, após a análise sistemática do periódico, foi possível distinguir seus perfis editoriais e analisar as mudanças mais significativas, o que permitiu ampliar as conclusões de alguns estudos, que não foram além dos primeiros anos da publicação. Ainda que tenha se transformado profundamente, a preferência pelos assuntos do Paraná prevaleceu o que, no entanto, não permite afirmar que a revista difundiu os valores do movimento paranista durante todo o tempo de circulação. O trato minucioso com a fonte foi essencial para que esse percurso fosse matizado e se atribuíssem as devidas cores a cada momento.

É importante registrar que, em 1973, Arnould Ferreira Velloso voltou a editar *A Divulgação*. Na página que trouxe o expediente, alertava-se que a revista estava no seu 25º ano de circulação e prometia-se: “Nosso esforço se desenvolve no sentido de reeditar as brilhantes edições deste tradicional órgão de imprensa paranaense, na fulgurante fase em que desfrutou da posição de liderança como a melhor revista do sul do país.”³⁴⁴ Entretanto, não é difícil notar que a revista se assemelhava a um catálogo publicitário das grandes empresas paranaenses e era distribuída a um público selecionado, deixando a sua venda proibida. Dessa nova fase, somente foram localizados dois exemplares.

A Divulgação comprometeu-se com um grupo específico de intelectuais e deu voz aos seus interesses e interpretações. Ainda que não seja possível precisar exatamente as razões de sua radical mudança, é certo que ela respondeu a um conjunto de questões, algumas de ordem doméstica e que não puderam ser claramente identificadas, como a entrada da esposa do proprietário na redação e o discurso sobre o feminino que passou a difundir ao lado do colonismo social, mas outras se prenderam às

³⁴⁴ VELLOSO, Arnould Ferreira. A guisa de prefácio. *A Divulgação Paranaense*, Ano XXV, p. 01, Jan.-Fev.-Mar. 1973.

alterações na conjuntura política e às mudanças próprias no processo de produção dos impressos periódicos. Seu itinerário permite avaliar algumas perspectivas tanto do debate intelectual regional, quanto da história da imprensa; análise que é obrigatoriamente limitada, diante da impossibilidade de se recuperar toda a complexidade das experiências de outros tempos.

FONTES CITADAS

A Divulgação no conceito de paranaenses ilustres: Ângelo Lopes. *A Divulgação*, Ano I, n. 01-02, p. 9, Nov.-Dez. 1947.

A Divulgação no conceito de paranaenses ilustres: Moysés Lupion. *A Divulgação*, Ano I, n. 01-02, p. 5, Nov.-Dez. 1947.

A Divulgação política. *A Divulgação*, Ano XVII, n. 194, n.p., Maio 1964.

A Divulgação, Ano I, n. 01-02, Nov. - Dez. 1947.

A Divulgação, Ano XVII, n. 210-211-212, p. 01, Nov. 1965.

A Divulgação, p. 32, Jul. 1953.

A Mulher no lar e na sociedade. *A Divulgação*, Ano II, p. 21, n. 24-25, Nov. Dez. 1949.

A mulher no lar e na sociedade: Mulher paranaense. *A Divulgação*. Ano III, p. 28, Jun. Jul. Ago. 1950.

A Polônia de hoje. *A Divulgação*, ano II, n.º 19-20-21, p. 11-12, Jun.-Jul.-Ago. 1949.

ANGELO, Sotero. Mocidade do Brasil. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 41, Jun. 1954.

Anúncio publicitário da Velox Propagadora. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 49. Mar. 1954.

Ao eleitorado consciente. *A Divulgação*, Ano X, p. 28, Ago.-Set. 1955.

Aspectos modernos de Curitiba. *A Divulgação*, Ano I, Nº. 02, p. 11. , Fev.Mar. 1948.

AUGUSTO, José. Jesus e a caridade. *A Divulgação*, Ano IX, p. 15, Nov.-Dez. 1954.

BARROS, Homero de. Centenário do Paraná. *A Divulgação*, Ed. Especial, p. 129 *Et. Seq.*, Dez. 1953..

BLASI, Aloysio. A Divulgação política. *A Divulgação*, Ano X, p. 18, Abr. 1956.

BLASI, Aloysio. A Divulgação política. *A Divulgação*, Ano X, p. 19, Maio 1956.

BLASI, Aloysio. A Divulgação política. *A Divulgação*, ano XVII, n.º 196-197, Jul-Ago. 1964.

BLASI, Aloysio. A Divulgação política. *A Divulgação*, ano XVIII, n.º 203-204, Fev.-Mar. 1965.

BORGES, Durval. Icílio Saldanha (pequenas notas biográficas). *A Divulgação*, Ano VIII, p. 44, Jan. 1954.

BRAGA, Homero. Cavando pequeninas sepulturas. *A Divulgação*, p. 15, Fev.-Mar. 1948.

BRAGA, Homero. Cem anos de atraso. *A Divulgação*, n.º. 12-13, p. 07, 1948.

BRAGA, Homero. Criança: o problema número um. *A Divulgação*, n.º. 05-06, p. 19-20, 1948.

BRAGA, Homero. O melhor imigrante. *A Divulgação*, Ano II, p. 08, Jun.-Jul.-Ago. 1950.

BROCA, Brito. O Drama de José do Patrocínio. *A Divulgação*, Ano VII, p. 30-32, Out. 1953.

CALMON, Pedro. Curitiba: cidade única. *A Divulgação*, Ano I, n.º03-04, p. 04, Fev.-Mar. 1948.

CARNEIRO, David. A emancipação política do Paraná: como comemorar o centenário do 19 de dezembro de 1853. *A Divulgação*, Ano I, n.º01-02, p. 10, Nov. – Dez. 1947.

CARNEIRO, David. A noção positiva de civismo. *A Divulgação*, Ano III, p. 32, Set. – Out. –Nov. 1950.

CARNEIRO, David. A tradição e Juca Teodoro. *A Divulgação*, Ano IV, p. 11, Maio-Jun. 1951.

CARNEIRO, David. Ângelo Sampaio (ilustre vítima de Canudos). *A Divulgação*, Curitiba, ano III, n.º 31-32-33, p.03, Jun.-Jul.-Ago. 1950.

CARNEIRO, David. Bandeiras curitibanas e paulistas. *A Divulgação*, Ano V, p. 35-36, Jan.-Fev. 1952.

CARNEIRO, David. Da necessidade de proteção aos monumentos que atestam nossa velha cultura. *A Divulgação*, Ano IV, p. 08, Dez. 1950, Jan. – Fev. 1951.

CARNEIRO, David. Discurso em homenagem a Romário. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, V. XXIII, p. 29, 1974.

CARNEIRO, David. Homens e palavras: as frases do general Carneiro para defini-lo. *A Divulgação*, Ano I, p. 07-08, Ago.-Set.-Out. 1948.

CARNEIRO, David. Homens e palavras: as frases do general Carneiro para defini-lo. *A Divulgação*, Ano I, p. 07-08, Ago.-Set.-Out. 1948.

CARNEIRO, David. O Combate Cormorant. *A Divulgação*, n.º. 14-15-16, p. 03-04, Jan.-Fev.-Mar. 1949.

Cícero. Curitiba eterna. *A Divulgação*, Ano IV, p. 22, Dez. 1950 Jan.-Fev. 1951.

Cidade Alto Paraná. *A Divulgação*, Ano I, n.º 12-13, p. 24, Nov.- Dez. 1948.

Como deter o credo moscovita. *A Divulgação*, Ano IV, p. 49, Set.- Out. 1951.

CORREA, Ernani G. Sublimes inspiradoras. *A Divulgação*, Ano XI, p. 24, Jan. 1958.

CORREA, Ernani G. Sublimes inspiradoras. *A Divulgação*, Ano XI, p. 10, Dez. 1957.

Definição da URSS traduzido do The Ukrainian Bulletin (publicado em 01 de Maio de 1948). *A Divulgação*, Ano I, n.º 05-06, p. 34, Abr.- Maio 1948.

DESLANDES, Mário. Lisboa, capital de um grande Império. *A Divulgação*, Ano V, p. 39, Jan.-Fev. 1952.

DESLANDES, Mário. Portugal de ontem e de hoje. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 32, Abr. 1954.

Diários pessoais de Arnauld Ferreira Velloso, composto de anotações, recortes de jornais e revistas, convites, correspondências, páginas soltas com depoimentos, entre outros.

Discurso de posse de Moysés Lupion, de 12 de março de 1947, reproduzido na íntegra em: LEITE JÚNIOR, Hor-Meyll. ESCOBEDO, Marcel Luiz. *Moysés Lupion: civilizador do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

DOMIT, Elias. A Sicília. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 40, Jun. 1954.

Editorial. *Panorama*, p. 01, n.º 01, 1951.

Elas e eles falam sobre a vitória da democracia. *A Divulgação*, Ano XVII, n. 193, n.p., Abr. 1964.

Elas também governam... *A Divulgação*, Ano XIV, n.p., Ago. 1961.

- Elas também governam... *A Divulgação*, Ano XIV, n.p., Jun. 1961.
- Elas também governam... *A Divulgação*, Ano XIV, n.p., Maio 1961.
- Engenheiro Westermann. *A Divulgação*. Ed. Especial, p. 35, Dez. 1953.
- Explicação. *A Divulgação*, n.º 09-10-11, p. 01, Ago.-Set.- Out.1948.
- FRANÇA, Aluizio. A Fundação de Curitiba. *A Divulgação*, Ano III, nº 28-29-30, p. 06, Mar.-Abri.- Maio 1950.
- FRANÇA, Serafim. O prestígio da cor. *A Divulgação*, Ano II, n.º 17-18, p. 16, Abr.- Maio 1949.
- GOMES, Raul. Alfredo Andersen, pai da pintura paranaense. *A Divulgação*, Ed. Especial, p.62-63, Dez. 1953.
- GOMES, Raul. França e uma parada de suas glórias. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 40-41, Jan. 1954.
- GUIMARÃES FILHO, Acir. Curitiba. *A Divulgação*, Ano III, n.º 32-33, p. 25, Jun. – Jul. – Ago. 1950.
- HAYGERT, Aroldo Murá G. O Paraná em Revista. *Revista Ideias*: política, economia e cultura do Paraná. Disponível em: <http://revistaideias.com.br/ideias/content/o-parana-em-revista> Acesso em: 12 de abril de 2014.
- JOBIM, José. O Brasil de hoje e de amanhã. *A Divulgação*, ano I, n.º 03-04, p. 52-54, Fev.- Mar. 1948.
- Jornais e revistas publicados no Paraná (1854-1900). *O Sapo*, ano III, nº. 17, maio 1900.
- LACERDA, Dulcídio T. Histórico da Ligação Ferroviária Riozinho- Guarapuava. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 14, Set. 1954;
- Lei 175/1962, processo 215/1962 aprovado pela Câmara Municipal de Curitiba.
- LEITE, Francisco. João Batista Brandão de Proença: o 1º professor do Paraná. *A Divulgação*, Ano I, nº. 05-06, p. 27-30, Abr.-Maio 1948.
- LESTER. Será um mal a crônica social? *A Divulgação*, Ano XI, p. 16 e 32, Set. 1956.
- Liderança feminina: Cyrene Machado de Souza (vice-presidente da Metalgráfica Merhy S/A). *A Divulgação*, Ano XV, n. 187, n.p., Out. 1963.
- Liderança feminina: Dra. Elisa Chechia (médica obstetra, Presidente da Associação Brasileira das Médicas, autora de livros sobre psicologia e trabalhos de medicina). *A Divulgação*, Ano XV, n. 175, n.p., Out. 1962.
- Liderança feminina: Dra. Sarah Augusta Resende (Advogada, com mais de dez anos de carreira). *A Divulgação*, Ano XV, n. 179-180, n.p., , Fev.-Mar. 1963.
- Liderança feminina: Maria Cecília Westphalen. *A Divulgação*, Ano XV, n.p., Maio 1962.
- Liderança feminina: Maria de Lourdes Gomes (poetisa e responsável pela APAE Curitiba) *A Divulgação*, Ano XV, n. 183, n.p., Jun. 1963.
- Liderança feminina: Marita França (advogada militante, escritora, jornalista e poetisa). *A Divulgação*, Ano XV, n. 182, n.p., Maio 1963.
- Liderança feminina: Nice Braga, Dalila Lacerda. *A Divulgação*, Ano XV, n. 168, n.p., Mar. 1962.

- Liderança feminina: Rozy Pinheiro Lima (Advogada). *A Divulgação*, Ano XVII, n. 191-192, n.p., Fev.Mar. 1963.
- LINHARES, Temístocles. O mate diante do plano SALTE. *A Divulgação*, Ano I, n.º 12-13, p. 09, Nov. Dez. 1948.
- LUZ, N. A pintura onírica de Marc Changall. *A Divulgação*, Ano IV, p. 26-27, Maio-Jun. 1951.
- MARANHÃO, Carlos Roberto. Este você já conhece. *Panorama*, Ano XVIII, n. 190, Jul. 1968.
- MARTINS, Romário. O Paraná na propaganda da república. *A Divulgação*, Ano I, n.º 01-02, p. 05, Nov.- Dez. 1947.
- MCMAHON, Francis. A catholic looks at the world. *A Divulgação*, Ano I, n.º 05-06, p. 36, Abr.- Maio 1948.
- MELLO, Orlando de Oliveira. Senso de equilíbrio. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 45, Jan. 1954.
- MELO E SILVA, Ulisses de. A História como ciência. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 23, Abr. 1954.
- MILLARCH, Aramis. *Colunismo III*: quando chegou a hora das sociedades de bairros. Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/colunismo-iii-quando-chegou-hora-das-sociedades-de-bairros> Acesso em: 05 Jan. 2016.
- Munhoz da Rocha Netto, no ministério da agricultura. *A Divulgação*, Ano IX, p. 09, Abr. Maio 1955.
- Nossa capa. *A Divulgação*, Jun. 1956.
- Nossa Capa. *A Divulgação*, n.º 26-27, Jan.-Fev, 1949.
- Nova fase para a revista “Divulgação”. *A Divulgação*, Ano XII, n. 136, pp. 10-13, Jun. 1959.
- O alvo visado não é governador. *A Divulgação*, Ano XI, pp. 03-08, Out. 1957.
- O Capitão povoador de Curitiba. *A Divulgação*, Ano I, n.º. 09-10-11, p. 13-14, Ago.-Set.-Out. 1948.
- O Dia*, p. 4, jan. 1947.
- O eleitorado consciente. *A Divulgação*, Ano X, p. 28, Set. 1955.
- O norte do Paraná em revista. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 45, Fev.-Mar. 1948.
- O Paraná recuperou Moysés Lupion. *A Divulgação*, p. 04-08, Fev.1956.
- O que falta em Curitiba? *A Divulgação*, Ano V, p. 24, Mar.- Abr. 1952.
- O trigo paranaense na economia nacional. *A Divulgação*, Ano I, n.º03-04, p. 23, Fev.-Mar. 1948.
- O Uruguai e o seu comércio exterior. *A Divulgação*, Ano I, n.º 01, p. 53, Nov.-Dez. 1947.
- OLIVEIRA, Osmann de. O perigo vermelho. *Panorama*, n. 56, p. 05-07, Jan. 1957.
- OSVALDO, Piloto. A Criação da província do Paraná. *A Divulgação*, Ed. especial, p. 07 Et. Seq., Dez. 1953.
- Ouvindo a palavra do Secretário da agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Paraná. *A Divulgação*, Ano I, n.º. 1, p. 36, Nov.-Dez. 1947.

Página anticomunista. *A Divulgação*, Ano I, n. 05-06, p. 36, Abr. Maio 1948.

Panorama, p. 31-32, Jun.1956.

Panorama, p. 43, Fev. 1960.

Panorama, p. 90, Jul.1962.

PARANÁ, Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 4ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Bento Munhoz da Rocha Netto governador do Paraná. Curitiba, 1954, p.11.

PÉRICLES, Raul. O sentido paulista de produção. *A Divulgação*, Ano II, n.º 17-18, p. 15, 1949.

PILOTO, Valfrido. A crua realidade nacional. *A Divulgação*, Ano IX, p. 15, Fev. 1955.

PILOTO, Valfrido. Curitiba, a vertiginosa. *A Divulgação*, ano V, p. 32-33, Set.- Out. 1952.

PILOTO, Valfrido. Manoel Eufrásio Correia. *A Divulgação*, Ano V, p. 41, Set.- Out. 1952.

PILOTO, Valfrido. O Cosmorama de sombras. *A Divulgação*, Ano X, p. 07, Out. 1955.

PILOTO, Valfrido. Pelas curvas da História do Paraná: A espada e a lei. *A Divulgação*, Ano V, p. 39, Maio-Jun. 1952.

PILOTO, Valfrido. Uma geração e sua tarefa. *A Divulgação*, Ano IX, p. 09, Jul. 1955.

Plano Hidroelétrico paranaense Moysés Lupion. *A Divulgação*, Ano II, n.º 17-18, p. 25, Abr.-Maio 1949.

Política imigratória. *A Divulgação*, Ano I, p. 11-12, Nov.- Dez. 1947.

Revista em revista. *A Divulgação*, p. 39, Mar. 1958.

ROSA, Laudemiro Lúcio da. Fatores da nacionalidade. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 43, Maio 1954.

SECUNDINO JR., Otávio. Página acadêmica. *A Divulgação*, Ano V, pp. 32-33, Jan.-Fev. 1952.

SILVA, Francisco P. da. David Carneiro. *A Divulgação*, Ano IV, p. 31, Set.-Out. 1951.

Súmula das principais realizações do Governo do Estado do Paraná, no primeiro ano de sua administração. *A Divulgação*, Ano I, n.º 03-04, p. 07, Fev.-Mar. 1948.

Súmula das principais realizações do Governo do Estado do Paraná, no primeiro ano de sua administração. *A Divulgação*, Ano I, n.º 01-02, p. 07, Fev.-Mar. 1948.

TEIXEIRA, Régis. A Divulgação mundana. *A Divulgação*, Ano IX, p. 39 e 41, Jan. 1955.

Terra do Paraná: dádiva de deus para o Brasil. *A Divulgação*, Ano IV, p. 49, Nov.-Dez. 1951.

Título de cidadão Honorário de Curitiba para Arnould F. Velloso. *A Divulgação*, Ano XVIII, n. 200-202, n.p., Jan. 1965.

TOLEDO, Lafayette de. Imprensa paulista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. III, p. 301-521, 1898.

TÓSCA, Eugênio. Um extenso apostolado e uma primorosa clichéria. *A Divulgação*, p. 39, Set.-Out.1952.

- TOURINHO, Luiz Carlos Pereira. Introdução. In: PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*.1. Curitiba: IHGEP, 1976.
- TREVISAN, Dalton. A Geração dos vinte anos na ilha. *O Joaquim*, p. 03, n.º 9, 1947.
- TREVISAN, Dalton. Minha Cidade. *O Joaquim*, n.06, p. 18, 1948.
- TREVISAN, Dalton. Oh! As Ideias da Província. *O Joaquim*, n.º 1, p. 09, Abr. 1946.
- Tupinambá. *A Divulgação*, Ano I, n.º 12-13, p. 30, Nov.- Dez. 1948.
- Um ano de labor fecundo. *A Divulgação*, Ano I, n.º02-03, p. 05, 1948.
- VELLOSO, Arnaud F. Café e urbanismo, *A Divulgação*, p. 01, Nov.-Dez. 1952.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. Fragmentos de um arquivo. *A Divulgação*, Ano XI, p. 01, Ago. 1957.
- VELLOSO, Arnaud F. 1 fato em revista. *A Divulgação*, Ano XII, n. 136, p. 01, Jun. 1959.
- VELLOSO, Arnaud F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XI, p. 01, Jun. 1957.
- VELLOSO, Arnaud F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XII, p. 01, Jul. 1959.
- VELLOSO, Arnaud F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XV, n. 169, p. 01, Abr. 1962.
- VELLOSO, Arnaud F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XV, n. 178, p. 01, Jan. 1963.
- VELLOSO, Arnaud F. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XVII, n. 193, p. 01, Abr. 1964.
- VELLOSO, Arnaud F. Colonização do Norte. *A Divulgação*, Ano I, n.º 07-08, p. 02, Jun.-Juç. 1948.
- VELLOSO, Arnaud F. Divulgando. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Jul. 1956,
- VELLOSO, Arnaud F. Dois temas em revista. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Nov. 1957.
- VELLOSO, Arnaud F. Nosso primeiro aniversário. *A Divulgação*, Ano II, n.º 14-15-16, Jan.-Fev.-Mar. 1949.
- VELLOSO, Arnaud F. Sorriso e diplomacia. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Jan. 1956.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. 1 fato em revista. *A Divulgação*, nº: 153-154. Dezembro de 1960, janeiro de 1961.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, ano XIV, n.º 162, p. 01, Set. 1961.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, ano XVII, n.º 195, p. 01, jun. 1964.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, Ano XIV, n. 162, p. 01, Set. 1961.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, ano XVII, n.º 195, p. 01, jun. 1964.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*, ano XVII, n.º 196-197, p. 01, Jul-Ago. 1964.
- VELLOSO, Arnaud Ferreira. 2 fatos em revista: cronista social. *A Divulgação*, ano XI, p. 01, Maio 1958.

- VELLOSO, Arnould Ferreira. 2 fatos em revista: exemplar comemorativo. *A Divulgação*, Ano XI, p. 01, Out. 1958.
- VELLOSO, Arnould Ferreira. A guisa de prefácio. *A Divulgação Paranaense*, Ano XXV, p. 01, Jan.-Fev.-Mar. 1973.
- VELLOSO, Arnould Ferreira. Centro cívico: marco de uma época. *A Divulgação*, Ano IV, p. 01, Maio-Jun. 1952.
- VELLOSO, Arnould Ferreira. Divulgando. *A Divulgação*, Ano X, p. 01, Jul. 1956.
- VELLOSO, Arnould Ferreira. Divulgando. *A Divulgação*, n.º 01-02, p. 03, Nov.-Dez. 1947.
- VELLOSO, Arnould Ferreira. Divulgando. *A Divulgação*, p. 01, Jul. 1956.
- VELLOSO, Arnould Ferreira. Uma cidade em marcha. *A Divulgação*, Ano III, p. 01, Set.- Out. Nov. 1951.
- VELLOSO, Arnould. *A Divulgação*, Out. 1963
- VELLOSO, Cleusa Ferreira. Sociologia e História. *A Divulgação*, Ano VIII, p. 17-32-46, Jan. 1954.
- VELLOSO, Cleusa Ferreira. Sociologia e literatura. *A Divulgação*, Ano IV, p. 32, Set.- Out 1951.
- VELLOSO, Iza Maria Carnascialli. Entrevista concedida, por e-mail, a Gilvana Gomes. 03 de fevereiro de 2015.
- VERGAL, Arnaldo. Problemas da cidade. *A Divulgação*, Ano IX, p. 41, Jun. 1955.
- VERGAL, Arnaldo. Problemas da cidade. *A Divulgação*, Curitiba, Ano V, p. 39, Set., 1954.
- VERGAL, Arnaldo. Redenção política. *A Divulgação*, Ano X, p. 26, Out. 1955.
- VERGARA, Luiz. Telegrama de Getúlio Vargas a Arnould Ferreira Velloso. 09 de Março de 1940.
- VIEIRA, Arlindo. O problema do analfabetismo. *A Divulgação*, n.º. 05-06, p. 43-46. 1948.
- VILLAR, Frederico. A arte de viver. *A Divulgação*, Ano I, n.º 09-10-11, p. 04, Ago.-Set.-Out. 1948.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco. In: GOMES, Ângela Castro (Org). *Vargas e a crise de 50*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

ABREU, Alzira Alves. *A imprensa em transição*. O jornalismo brasileiro em transição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ALVES, Luiz Felipe. *Os anos 50 e 60 nas páginas de Panorama e Paraná em Páginas*: o conservadorismo da imprensa paranaense no contexto da guerra Fria. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2009.

ANDRADE, José H. Fischel. O Brasil e organização internacional para os refugiados. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Vol. 48, n.º 01, pp. 60-96, Brasília, 2005.

ARRUDA, Gilmar. Rios e governos no Estado do Paraná – pontes, "força hidráulica" e a era das barragens (1853-1940). *Varia História*, v.24 n. 39, Belo Horizonte Jan. – Jun. 2008.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. Cultura histórica: territórios e temporalidades historiográficas. *Saeculum*, V. 16, p. 27, Jan.-Jun, 2007.

BAHIA, Benedito Juarez. *História da imprensa brasileira*: Jornal, história e técnica. 5. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. *A busca de valores identitários*: a memória histórica paranaense. Tese (Doutorado em História) – Curitiba: UFPR, 2007.

BARONE, Luciana Estevam Bueno. *O paranismo e as artes visuais*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Florianópolis: UFSC, 2009.

BASTOS, Elide Rugai. *Cultura Política e o projeto do Estado Novo*. Intelectuais e Estado. Disponível : <http://books.google.com.br/books?id=gYHXn86OQ9cC&pg=PA123&lpg=PA123&dq=elide+rugai+bast> Acesso: 16 Dez. 2013.

BATISTELLA, Alessandro. *O partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)*. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2016000100257 Acesso: 15 Out. 2016.

BATISTELLA, Alessandro. O Paranismo e a invenção da identidade paranaense. *Revista História em Reflexão*, Dourados, UFGD, v. 6, n. 11, p. 01-13, jan.-jun, 2012.

BATISTELLA, Alessandro. *O Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre: UFRGS: 2014.

BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea. *Varia história* [online]. V.32, n.º60, p. 819, 2016.

BEGA, Maria Tarcisa. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção da identidade regional*. Tese (Doutorado em Sociologia) – São Paulo: USP, 2001.

BELTRAMI, Rafael C. de C. *Da Poesia na Ciência*. Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, uma história de suas ideias. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2002.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Por uma história cultural*. Lisboa : Editora Estampa, 1998. pp. 349-364.

Biografia de Romário Martins. Disponível: <http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/biografia-de-romario-martins/76>
Acesso: 03 Jan. 2017.

BOSCHILIA, Roseli T. *Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) – Curitiba: UFPR, 1996.

BUFREM, Leilah Santiago. *A Editora Guaira: contribuições ao debate*. In: Ass. Cultural Avelino Vieira. (Org.). *História da literatura no Palácio*. Curitiba: Ass. Cultural Avelino Vieira, 1995.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A revista como fonte de pesquisa. In: BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.

CAMPOS, Paulo Jorge Corrêa. *Repressão e tortura no lead: A participação dos Diários Associados contra o consenso de uma memória oficial do primeiro governo Vargas (1945-1950)*. Disponível: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300362459_ARQUIVO_PauloJorgeCorreaCampos.pdf Acesso: 08 Ago. 2014.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. PRADO, Maria Ligia Coelho. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo. Alfa-Ômega, 1980.

CAROLLO, Bráulio. *Alfredo Agache e sua visão de urbanismo*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CARVALHO, André de Souza. *Curitiba: imagem do planejamento ou planejamento da imagem?* Monografia (Graduação em História). Curitiba: UFPR, 2008

CASTRO, Emerson. Meio século de História a ser contada. *Jornal Alcar*, Ano 3, n. 14, Abril de 2014. Disponível: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-13/mais-de-meio-seculo-de-historia-a-ser-contada>. Acesso: 27 Dez. 2015.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

COLNAGHI, Maria Cristina Colnaghi. *Colonos e Poder: a luta pela terra no sudoeste do Paraná*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR 1984. p. 94-95.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. O paranismo e o processo de produção historiográfica paranaense: o episódio do Cerco da Lapa. *Revista de História Regional*, p. 151-190, Inverno 2017.

CÔRREA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 227.

DE LUCA, Tania. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo, Editora Unesp, 2011,.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Brasil: 1954 - Prenúncios de 1964*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200013 Acesso em: 23 jun. 2016.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752008000100008&script=sci_arttext Acesso: 18 maio 2015.

DORNELLES, Beatriz. *Características de produção da Coluna Social ao longo do século XX: dos EUA ao RS*. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/GTMIDIMP_DORNELLES-%20Beatriz.pdf Acesso em: 23 de Jun. 2016.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DUDEQUE, Irã Taborda. *Espirais de Madeira: Uma história da arquitetura em Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

ELIAS, Norbert. *Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *História, historiador e identidade profissional*. Sobre a história do Curso de História da Universidade Federal do Paraná. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 27, nº 54, p. 295-315, jul.-dez. 2014.

FERNANDES, José Carlos. *Quando os jornais mudam de roupa*. Disponível: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/quando-os-jornais-mudam-de-roupa-bme9c4jt6ihmfnp4fwnpfwsn6>. Acesso: 10 Jun. 2015.

FERRARINI, Sebastião. *Círculo de Estudos Bandeirantes documentado*. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 84-85.

FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. pp. 112-114.

FREITAG, Liliane da Costa. *Extremo - Oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação*. Tese (Doutorado em História) – Franca: Unesp, 2007.

GIMÉNEZ, Andréa Beatriz Wosniak. *O medo da “Revolução social” na “Terra dos Pinheirais”*: Imaginário anticomunista na sociedade curitibana, 1947-1964. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2003.

GOMES, Amanda Litzinger. O voto integralista no Paraná: uma análise das eleições presidenciais de 1955. In: CODATO, Adriano Nervo. SANTOS, Fernando José dos (orgs.) *Partidos e eleições no Paraná: uma abordagem histórica*. CURITIBA, Suplemento: PARANÁ ELEITORAL. Edição Comemorativa: 60 anos - Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. 2006.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais. *Revista de História Regional*, v. 4, n.2, pp. 51-52, Inverno 1999.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008 Acesso: 24 Set. 2016.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*, v. 01, n.º 01, p. 05-27, Rio de Janeiro, 1988.

HAHN, Fábio André. MORIGI, Josimari de Brito. A fronteira em questão: estudo da ocupação de Mamborê/PR. *Revista Território & Fronteira*, v. 08, nº. 01, p. 256-275, Jan.-Jun. 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

IRKIV, José Erondy. Romário Martins e a Historiografia paranaense. *Educere. Revista da Educação*, n. 2, p. 123-132, Jul.-Dez. 2002.

GOENDER, Jacob entrevista à Waldir José Rampinelli. *O PCB e sua atuação nos anos 50*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100013 Acesso: 30 Out. 2016.

KAMINSKI, Rosane. Revistas Curitibanas: 1900-1920. Disponível em: <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/apresentacao.php> Acesso: 03 Abr. 2017.

KARTZOW, Marianne Bjelland. *Gossip and gender: other of speech in the pastoral epistles*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books> Acesso em: 14 Fev. 2016.

LEITÃO, Sylvia Ramos. Gênese do discurso do planejamento urbano em Curitiba: bases políticas, filosóficas e técnicas. *Paranoá*, n.º 13, p. 129-135, Brasília, 2014.

LEITE JÚNIOR, Hor-Meyll T. ESCOBEDO, Marcel Luiz. Moysés Lupion: civilizador do Paraná. Curitiba: Imprensa oficial, 2006. p. 226.

MACEDO, Michele Reis. O “nós queremos” na capital da república: trabalhadores, luta por direitos e transição democrática de 1945. In: FERREIRA, Jorge (Org). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2014.

MACHADO, Daiane Vaiz. *O percurso intelectual de uma personalidade curitibana: David Carneiro*. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2012.

MADEIRA, Felícia. SINGER, Paul. Estrutura do emprego e do trabalho feminino no Brasil: 1920-1970. *Cadernos Cebrap*, n. 13, São Paulo, 2013.

MAGALHÃES Filho, Francisco de B. B. de. *Da construção ao desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense*. Tese (Doutorado em Sociologia) - São Paulo: USP, 1999.

MARCHETE, Tatiana Dantas. *A trajetória de Brasil Pinheiro Machado e a construção da historiografia regional do Paraná no território acadêmico; 1928-1953: do poema ao modelo historiográfico*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, São Paulo, v. 22, n. 01, 59-79, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso: 20 Dez. 2016.

MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo. Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: EDUSP/FAPESP. 2001.

MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Disponível: https://umhistoriador.files.wordpress.com/2012/03/martius-carl-friedrich_como-se-deve-escrever-a-histc3b3ria-do-brasil.pdf Acesso: 23 Set. 2016.

MATOS, Maria Izilda. BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MELLO, Silvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná... Livre circulação da palavra nos albores da República*. Tese de Doutorado (História) – Florianópolis: UFSC, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, nº45, pp. 11-36, 2003.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril*. Tese (Doutorado em Sociologia). Campinas: UNICAMP, 1997. p. 71

MOTA, Lúcio Tadeu. A construção do “vazio demográfico” e a retirada da presença indígena da história social do Paraná. Disponível: file:///C:/Users/User/Downloads/A_Construcao_do_Vazio_Demografico_e_a_re.pdf Acesso: 13 Dez. 2016.

MOTTA, Alda Britto. A atualidade do conceito de geração na pesquisa sobre o envelhecimento. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200005 Acesso em: 08 Ago. 2016.

MOURA, Rosa. ULTRAMARI, Clovis. Retrospectiva demográfica e simulação de tendências: região metropolitana de Curitiba – 1950/2010. Disponível: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1988/T88V02A07.pdf> Acesso: 21 Dez. 2016.

MYSKIW, Antônio Marcos. *Curitiba, “República das Letras”* (1870/1920). Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 2, n. 3, Dourados Jan. – Jun. 2008. Disponível: http://www.historiaemreflexao.ufgd.edu.br/historiaemreflexao_ed3/Curitiba_republica_das_letras.pdf Acesso: 21 maio 2015.

O polêmico JJ Seabra. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-polemico-j-j-seabra/9952> Acesso em: 02 fev. 2015.

OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares. *Joaquim contra o paranismo*. Dissertação (Mestrado em Estudos literários). Curitiba: UFPR, 2005.

Partido Comunista Brasileiro. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/PartidoComunista> Acesso: 30 Out. 2016.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado*; cultura e imaginário no Paraná da I República. 2 ed. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Dissertação (Mestrado em História) – Curitiba: UFPR, 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. 2013, Op. Cit.

PRIORI, Ângelo et al. *História do Paraná: Séculos XIX e XX*. Maringá: EDUEM, 2012. Disponível: <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-1.pdf>. Acesso: 13 jun. 2015.

PRIORI, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Clientelismo, corrupção e publicidade: Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?* Disponível:

<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/336/217> Acesso: 27 Jul. 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Jornalismo, literatura e política*. Estudos Históricos, n. 31, p. 147-160, Rio de Janeiro, 2003. Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2186/1325>

RIZZO, Deise das Graças. *Saneamento e sertão: discursos médicos, política sanitária e colonização no Paraná*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2012.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: IN-CM, 1985, p. 154

RODRIGUES, Jaqueline do Santos. *Postos de Puericultura – Fundação O Dia: Educação das mães, saúde dos filhos (Curitiba 1940-1942)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curitiba: UFPR, 2013.

ROSEVICS, Larissa. *O Instituto Histórico e Geographico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: UFPR, 2009.

SALTURI, Luis Afonso. *Gerações de artistas plásticos e suas práticas: sociologia da arte paranaense das primeiras décadas do século XX*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Curitiba, UFPR, 2007.

SALTURI, Luis Afonso. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. *Revista Periféria: revista de recerca i formació em antropologia*, nº. 11, p. 11-22, Dez. 2009.

SANCHES NETO, Miguel. *A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Campinas: UNICAMP, 1998.

SANTOS, Jasmine A. H. *Quem é a mulher paranaense? Fragmentos de um perfil identitário na revista panorama (1950-1980)*; disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/GTMIDIMP SANTOS-%20Jasmine%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/GTMIDIMP%20SANTOS-%20Jasmine%20(3).pdf) Acesso: 23 Jun. 2016.

SCHWARTZ, Jorge. PATIÑO. Roxana. Introducción. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, pp. 647-650, jul./dez. 2004.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. (org). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SKIDEMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, Fabricio Leal de. *Nação e Herói: A trajetória dos intelectuais paranistas*. Dissertação (Mestrado em História) - Assis, UNESP, 2002.

SOUZA, Rogério Martins de. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Rio de Janeiro: Escola de Comunicação (ECO), UFRJ, 2009. p. 222.

STEIN, Marcos Nestor. “*O oitavo dia*”: produção de sentidos identitários na colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Tese (Doutorado em História) – Florianópolis: UFSC, 2008.

SVARÇA, Décio Roberto. *O Forjador: ruínas de um mito, Romário Martins (1893-1944)*. Dissertação (Mestrado em História) - Curitiba: UFPR, 1993.

SZESZ, Christiane Marques. O conceito de região: discurso e representações do Paraná. In: IV Encontro Regional de História, 1995, Londrina, *Anais do IV Encontro Regional da Associação Nacional de História*. s.l.: s.n. p.293-323.

TEIXEIRA, Selma Suely. *Teatro em Curitiba na década de 50: História e significação*. Dissertação (Mestrado em Letras). Curitiba: UFPR, 1992.

TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell. *O Jornal: Da Forma ao Sentido*. Brasília: EduUNB, 2012. p. 440-441.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Da escrita de “bastidores” à mensagem publicada: revistas culturais e correspondências na trajetória editorial Francisco José de Oliveira Viana. *Revista de História Regional*. v. 12, n.º 2, p. 10, Inverno, 2007.